

Livro 1 da série Corações Apaixonados





Barbara Stefane

**Dois
corações
Mil
confusões**

**2º Edição
2019**

Rio de Janeiro

**DOIS CORAÇÕES, MIL CONFUSÕES
2º EDIÇÃO**

Copyright ©2019 by

BARBARA STEFANE

**Todos os direitos reservados e protegidos
pela lei 9.610 de 19/02/1998.**

**Nenhuma parte desse livro, sem
autorização prévia da autora por escrito,
poderá ser reproduzida ou transmitida,
seja em quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos, gravação ou quaisquer
outros.**

**Esta é uma obra fictícia, qualquer
semelhança com pessoas reais vivas ou
mortas é mera coincidência.**

**Revisão: Barbara Stefane
Arte da Capa: Bianca Medusa
Diagramação: Shirleyde Mota**

**Barbara Stefane
Dois corações, mil confusões / Barbara
Stefane – 2ª EDIÇÃO – 2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente á Deus, por sempre estar ao meu lado me ensinando seus caminhos.

Agradeço à minha mãe Maria das Graças, aos meus irmãos Junior, Maiara e Pâmela, à minha cunhada Thaís, ao meu sobrinho Cauã e ao meu namorado Everton Lira. Amo vocês família, muito obrigada pelo apoio!

Agradeço minha amiga Juliana Lugão e aos meus queridos irmãos do "Ministério Unidos Pela Fé", por me apoiarem, dando forças para prosseguir.

Agradeço a cada amigo que me apoiou nas minhas participações na Bienal do livro RJ 2015 e 2017. Galera, vocês são demais!

Agradeço á cada um dos meus leitores por todo carinho que sempre recebo. Muito obrigada mesmo, sem vocês esse sonho não seria possível.

Obrigada Bianca Medusa pela dedicação e pela paciência ao criar essa capa linda para o meu livro, você é nota dez!

Obrigada á todos vocês que dedicaram horas para ler minha obra.

Mil beijos no coração!

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra às pessoas mais importantes da minha vida, meu pai Valdir (in memorian), minha mãe Maria das Graças, meu sobrinho Cauã e ao meu namorado Everton.

Para sempre serei grata á vocês, por chegar onde eu cheguei.



Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

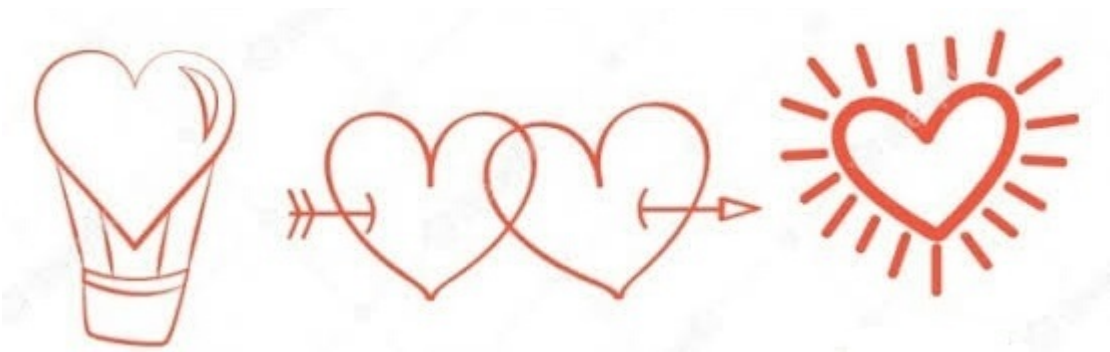
Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38



PRÓLOGO

BABI

Fim de expediente, graças ao bom papai do céu! Peguei minha bolsa, me tranquei no banheiro e me arrumei para ir á casa do Gabriel.

Ao deixar a escola, caminhei até o ponto do ônibus. Ainda bem que o busão não demorou. Entrei, aproximei meu cartão da maquininha, e passei pela roleta com todo estilo, mas...

— Minha bolsa ficou presa! — me desesperei, fazendo força para soltá-la. Quero nem imaginar a minha cara.

Nesse ônibus, não tinha trocador para me ajudar. E os passageiros? Ninguém nem se levantou. Uns garotos adolescentes sentados na últimas cadeiras, faziam hora com a minha cara.

Puxava minha bolsa com toda força, até que... O motorista deu a partida de maneira brusca e esse ato, me fez voar longe, com bolsa e tudo. Caí deitada no meio do busão. É, tem coisas que só acontecem comigo.

Ali, deitada no chão, algumas pessoas se levantaram para me acudir e me ajudar a levantar. Ok, quando eu precisei de ajuda com a bolsa, ninguém se dispôs a me ajudar.

Me levantei, sentei morta de vergonha, e passei as mãos para limpar minha roupa que ficou completamente russa. Puxei o ar e pensei: “Calma linda, você vai ver o Gabriel. Coloca um sorriso nesse rosto e pensa nele”! Assim me consolei e aliviei o meu “micasso” tamanho família.

O trânsito estava intenso... Lento... Parecia estar tudo contra mim. Muito tempo depois, finalmente cheguei! Puxei a campainha e o ônibus

parou. Desci e fui andando bem rápido até a casa do meu amor. Andei tão depressa, que meu pé acabou entrando dentro de um buraco.

— AAAAiiiiiii!!! – gritei de dor. Torci meu pé. — O que mais pode acontecer pra esse dia ficar pior? – pensei alto.

Um carro passou por cima de uma poça d'água, despejando um jato em cima de mim.

— Pra quê eu fui perguntar? – choraminguei, olhando desacreditada para minha roupa.

Me arrumei e fiquei tão bonitinha para ver o Gabriel, e olhem o trapo que estou. Mas tudo bem, eu não vou desistir. Eu e ele ainda riremos muito de tudo isso. Mesmo mancando, segui meu caminho.

Minutos depois, ao chegar á casa do Gabriel, vi sua mãe sentada no jardim chorando muito. Olhei para o lado e vi Rafael e Mattheus encostados na parede com cara de desolados.

Com os nervos á flor da pele, suor brotando em minha testa, mãos tremendo e os batimentos cardíacos descontrolados, fui até eles.

— Mattheus, Rafael... O que está acontecendo aqui? – perguntei sentindo um intenso embrulho no estômago.

— Você não ficou sabendo?

— Sabendo do quê, Mattheus? – meu coração apertou.

— O Gabriel, ele... — Rafael respirou fundo e ficou em silêncio por longos e eternos segundos...



Capítulo 1 - Realidade sonhada

BABI

Havia uma igreja linda, grande e enfeitada com flores. Em seu corredor, um tapete vermelho anunciava que aconteceria uma grande comemoração.

Iniciou-se a marcha nupcial. Os muitos convidados ficaram de pé para me receber. Dessa vez eu não estava sentada no banco como

telespectadora, eu era a linda noiva que entrava na igreja acompanhada do meu pai, e ia de encontro ao meu noivo, que já me esperava com um belo sorriso no rosto.

Ao chegar ao altar, meu pai beijou a minha testa e me entregou ao felizardo.

O pastor então, deu início à cerimônia de casamento. Depois de falar por alguns minutos, ele pegou as alianças, as abençoou, nos entregou e fez as tão esperadas perguntas.

Meu noivo disse sim.

Eu disse sim.

Tudo estava perfeito! Quando iríamos trocar o beijo que selaria nossa união, um alarme chamou a atenção de todos.

Seria esse barulho, uma campainha? Um alarme de incêndio?

Nãaaaaao!!!!!!!!!!!!!!

Era meu despertador, que anunciava que estava na hora de acordar para ir trabalhar.

E a bomba?

Era segunda-feira!

— Não! Não! Não! Eu não acredito que já amanheceu, que meu fim de semana acabou e que meu casamento era... Um sonho!

Após me lamentar bastante, me levantei contra a minha vontade depois de socar inúmeras vezes o meu travesseiro, para descontar nele a minha visível irritação.

Fui direto para o chuveiro, para tentar me reanimar.

— Eu queria estar casada com o amor da minha vida, mas olha só minha realidade... Tenho que ir trabalhar! – resmunguei.

Depois do banho, me vesti, tomei café e rumei em direção ao meu trabalho. Sou professora de Educação Infantil e o estresse é mil!

Andava pela rua apressada, pois já estava atrasada. Minha sorte, se é que pode ser chamada de sorte, é que meu trabalho fica a mais ou menos á quinze minutos de distância da minha casa.

Seguia meu caminho em passos largos, quando me deparei com uma vizinha que eu nem falo direito, muito mal digo "oi".

Pra você ver como vizinho é intrão, ela nem me deu bom dia, já foi logo perguntando: — E aí Babi, quando sai o casamento?

— Quando Deus quiser. — dei essa resposta e continuei andando.

Minha vontade era dizer: — “Não te interessa!”, mas eu ia dizer isso para a pobre senhora fofoqueira, que só queria saber da minha vida? Que raiva! Detesto esse tipo de pergunta, ainda mais quando sabem que nem namorado eu tenho mais.

Concluindo minha vida: Eu tenho 19 anos, estou solteira, ainda moro com os meus pais, mas pelo menos tenho um emprego e saúde e é isso que importa, né? Bom... Ter um namorado também não é nada mal hahaha.

Como resultado de um sonho frustrado e de um diálogo sem pé nem cabeça, cheguei ao trabalho indisposta e nesse dia nada ajudou. As crianças estavam super agitadas, alguns pais reclamavam de coisas bobas na agenda e a diretora ficou pegando no meu pé por conta disso.

Que dia chato! Só queria que ele passasse bem rápido, para eu poder ir pra casa.



Capítulo 2 - Gabriel

Segunda- feira!

O dia ainda nem amanheceu direito, e eu já estou com a minha guitarra compondo e ensaiando, sentado na cama até então desarrumada.

Tudo parecia tranquilo, até o meu pai aparecer para perturbar meu juízo. Ele invadiu o meu quarto sem nem ao menos bater na porta.

— Você já está com essa guitarra? – esbravejou o véio.

— Me deixa, tá legal? Não vem me encher a paciência! – pedi irritado.

— Sua vida é só música, música e música. Não larga essa guitarra um só minuto.

— Não sei porque o senhor está tão preocupado. Essa é a minha vida, pode respeitar? – falei olhando bem nos olhos dele e é claro, sem largar a guitarra.

Meu pai fitou os olhos em mim, com aquela expressão de fúria. Juro que pensei que ele fosse me bater. Mas ao contrário disso, ele respirou fundo e berrou:

— Você tem 22 anos e não faz nada além disso! Eu paguei sua faculdade esse tempo todo e você não deu a mínima!

— Eu nunca quis fazer medicina, fiz por pura pressão e o senhor sempre soube disso. — rebati.

— Eu dou o meu sangue para colocar a clínica da nossa família pra frente, e você nem faz caso do meu esforço! — colocou o dedo na minha cara, liberando uma chuva de saliva.

O encarei, e nada comovido com essas palavras, tive que mandar uma real: — É o seu sonho, segue em frente com ele. Eu prefiro o meu. Pode sair do meu quarto, por favor?

— Bom dia tio, bom dia primo. O café já está na mesa. — Victor entrou no meu quarto, interrompendo a discussão.

— Bom dia, Victor. — meu pai o cumprimentou e continuou parado exatamente onde estava.

Victor me olhou com olhar de cumplicidade e continuou: — Tia Elizabeth já está lá esperando pelo senhor.

Meu pai olhou pra mim com certo desprezo e se retirou resmungando.

— Valeu, Victor. Sempre você pra me salvar das inconveniências do meu pai.

— Pra isso que servem os primos. Te vejo lá embaixo.

— Já vou descer.

Tudo o que eu mais quero, é ganhar a vida com a minha música. Meu maior sonho é ser um músico profissional. Por isso, para seguir com meu objetivo, tranquei a faculdade no quinto período e essa minha decisão era

inaceitável para o meu pai. Amo estar com a minha banda, compor, tocar, cantar... E infelizmente, ele não me compreende.

Apesar da minha idade, não tenho plano nenhum de construir uma família. Depois de tudo que passei, essa é uma ideia que nem passa pela minha cabeça. Conheço várias garotas legais, mas nenhuma me interessa para iniciar um relacionamento sério. No momento, só estou focado na minha banda, que se chama “Reluz” e não quero saber de compromisso amoroso.

Depois do café, eu e o Victor fomos para a casa do Mattheus, juntamente com o Rafael, para ensaiarmos as novas músicas da “Banda Reluz”. Ensaíamos sempre na garagem da casa dele, que era bem organizada e equipada. Tinha até revestimento acústico.

— Ôh galera, essa nova música está mais pra rock, do que pra pop. — informou Matheus, enquanto ajeitava os pratos da bateria.

— Estou curtindo demais essa ideia de tocarmos nesses dois estilos. — disse Rafael.

— Nossa Reluz está evoluindo. — concordei, posicionando minha guitarra.

— E por que você está com essa cara, Gabriel? — perguntou Matheus. — Está todo cabisbaixo.

Puxei o ar e disse o motivo do meu desânimo: — Meu pai.

— Novidade! — Rafael revirou os olhos. — Ele nunca vai te deixar em paz?

— Eu já falei para o Gabriel arrumar um emprego estável, alugar um apê e sair debaixo das asas dos pais dele. — Victor falou.

— Olha, pra falar a verdade, eu não tô nem aí para o que meu pai fala. Se ele quiser aceitar, tudo bem, mas se não quiser, não faz a mínima diferença.

Eu falei isso da boca pra fora, só para me fazer de forte. Claro que me preocupo com o que meu pai pensa e queria muito que ele me apoiasse e estivesse junto comigo.

— Uma hora ou outra, ele terá que aceitar suas escolhas. —
Mattheus comentou.

— É assim que eu penso. Agora vamos esquecer meu velho e tocar?

— Vamooooos!!!! — Victor se empolgou.

— Vamos fazer o que fazemos de melhor! — eu disse na mesma empolgação.

— Somos pop e rock!!!!

— Grita mais baixo, Rafael. — tapei um dos ouvidos.

Nós quatro rimos.

Fizemos aquele somzaço!

Era o Mattheus na bateria, Rafael no teclado, Victor no baixo e eu na guitarra. Eu e o Victor dividíamos o vocal. Curtimos bastante pelo resto da tarde.

Ser músico é a minha vida. Quando toco e canto, posso sentir minha alma se misturar a cada tom, a cada nota... Eu e a música somos um.

O som da bateria são os batimentos do meu coração, o som do teclado é a minha paz de espírito e o som da guitarra diz exatamente tudo o que eu quero dizer...



Capítulo 3 - O encontro

BABI

Para esfriar a cabeça depois de um dia de trabalho, nada melhor do que tomar sorvete. Fui com minha irmã á sorveteria para jogar papo fora, longe dos olhares dos nossos pais. Escolhemos nossos sorvetes e sentamos em uma mesa para conversar.

— Ainda bem que você inventou de sair de casa, só assim pro nossos pais me deixarem sair á noite. — Pam bufou irritada.

— Mana, quando você fizer dezoito anos isso passa. — eu disse naturalmente.

— Daqui a dois anos! — ela revirou os olhos. — Dois anos aturando as neuras daqueles ultrapassados.

— Ei, não fala assim deles!

— Só você pra aturar, mas você nem liga, né? Já está livre e nem aproveita essa liberdade. Porque você não arruma um namorado?

— Pam, você sabe muito bem o que eu passei com o Leandro...

— Esquece aquele traste e vai viver! Mana, ele não te merece, nunca mereceu.

— Mas eu ainda gosto dele. — abaixei a cabeça entristecida.

— Você tem que conhecer outro cara e se desprender do Leandro de uma vez.

— Eu sei, mas... Eu não quero namorar com qualquer um e passar pela mesma decepção de novo. Quero um cara especial, que me faça muito feliz. — viajei suspirando.

— Babi, é só namoro! Se não der certo, termina. Simples!

— Não é assim, Pam. — debati.

— É assim sim! É só namoro, Babi, homens perfeitos não existem. Então, se você continuar com essa ideia de encontrar o cara especial vai continuar sozinha.

Ai! Ai! Depois dessa, preferi mudar de assunto. Ela não me entende! O carinha perfeito pra mim existe sim e eu vou encontrá-lo, mas agora decidi guardar esses pensamentos apenas pra mim mesma.



BABI

Perto da minha casa havia um galpão cultural e eu fazia parte do coral que cantava os mais diversos estilos musicais. Os ensaios aconteciam às quartas e sextas, aí tinha aquela parada toda de tenor, soprano, contralto... Eu não entendia muita coisa sobre música, mas achava lindo

cantar no coral. Eu participava também, porque não gostava de ficar o tempo todo em casa e a galera de lá era legal.

Um empecilho para ensaiar era dor de garganta. Mesmo sentindo essa dor chatinha em plena quarta-feira, fui e fiquei sentada nas cadeiras só assistindo ao ensaio.

— Nossa, eles cantam muito bem. — uma voz masculina falou ao meu lado.

— Cantam mesmo. — concordei sem tirar os olhos do palco.

— Me desculpa, nem dei boa noite.

— Não tem problema. — falei sem dar a mínima.

— Tem vontade de entrar para o coral? — a voz perguntou.

— Já faço parte. — respondi um pouco sem paciência, porque eu queria prestar atenção na música, mas a voz não deixava.

— Você costuma conversar sem olhar para as pessoas?

— Não, é que... — voltei meu olhar para a tal voz e... PARA TUDO! Que deus grego é esse? Que cara lindo! Loirinho de cabelos escorridos, olhos azuis escuros como o mar...

— Não respondeu minha pergunta. — ele falou me olhando com uma cara, como se eu fosse de outro planeta.

Opa! Voltei para Terra! Tenho certeza que eu estava boquiaberta, com fisionomia de bocó.

— O que você perguntou mesmo? — ri um pouco sem graça, me recompondo da surpresa.

— Deixa pra lá. — ele virou o rosto e fixou os olhos no palco.

Ah não! Deixa pra lá nada! Quem quer puxar assunto agora sou eu! Tenho que concertar as coisas, esse gatinho não pode me achar mal educada.

— Você... — tentei dizer, só tentei.

— Oi, bem vindo ao nosso projeto! – Marcelo, um dos coordenadores, me interrompeu.

— Valeu. – o loirinho respondeu com um sorriso tão lindo...

— Quer que eu te apresente nossos outros trabalhos?

— Claro.

O loirinho se levantou e foi com ele e eu... Eu fiquei chupando o dedo pra parar de ser tonta. O vi sumir da minha vista porta á fora. Será que o verei outra vez?

GABRIEL

Noite de quarta-feira e eu ocioso em casa, sem nada pra fazer. Soube de um projeto legal que tem coral, artesanato, teatro, danças e fui visitá-lo. Tomei um banho, me vesti, peguei minha BMW na garagem e fui.

Chegando lá, o som do coral cantando me chamou a atenção e eu nem sou apaixonado por música né, foi pra lá que eu segui.

Sentei ao lado de uma morena linda, cabelos pretos com mexas loiras e um corpo frágil... Pena que educação não era o ponto forte dela. Depois conheci o restante do projeto e achei bem interessante, vou começar a frequentá-lo.



— Então agora você encontrou um novo hobby...

— Rafael, quanto menos tempo em casa olhando pra cara do meu pai, melhor. E o projeto é bem legal, sabe. Pensei até na possibilidade da Reluz dar uma forcinha por lá.

— Forcinha do tipo...? – Matheus perguntou.

— Apresentações beneficentes. — respondi.
— Não é má ideia. — Victor concordou.
— Vou considerar o assunto. — Mattheus se fez de difícil.
— Considerar? — franzi a testa. — Pelo que eu saiba, essa banda é democrática.
— Ah para! Vocês nem me deixam curtir o meu posto de líder da banda. — ele riu, nós rimos.

BABI

Quinta-feira! Contagem regressiva para o final de semana, ou melhor, para a sexta-feira. Será que aquele loirinho vai lá no projeto de novo? Nossa, ele é tão lindo! Por incrível que pareça, ele fez a imagem do idiota do Leandro sumir da minha cabeça.

Na sexta-feira á noite minha voz estava melhor e eu fui para o galpão pronta para ensaiar. Nos apresentaríamos em três semanas num evento no próprio galpão. O líder fez a playlist da apresentação e sorteou um dos participantes do coral para escolher uma música. Sempre nas apresentações, ele dava a oportunidade para os integrantes escolherem uma música e separar os vocais. Eu fui a sorteada da vez e escolhi a música ***"Right Here Waiting" do Richard Marx.*** Coloquei o Pedro, que tinha a voz masculina mais linda que eu já ouvi, para fazer os solos.

Me senti importante ensaiando o coral e fiquei ansiosa pelo dia da apresentação. Ensaiávamos três horas por dia, durante as semanas que antecediam o evento, e posso dizer que ficou tudo lindo. Ai que orgulhinho!

Em um dos ensaios, olhei para a platéia, vi que algumas pessoas que fazem parte do projeto nos assistiam, inclusive aquele loirinho lindo que

falou comigo e eu fui mal educada. Eu precisava consertar as coisas com ele.

— Oi. — me aproximei dele sem graça, quando ele já estava de pé se retirando do auditório.

— Oi. — ele respondeu indiferente.

— Gostou do ensaio? — forcei um sorriso, sendo simpática.

— A música é muito linda, mas o rapaz que faz o solo tem que colocar mais emoção.

— Como assim? O Pedro se saiu muito bem.

— Ele tem a voz legal, mas além de não colocar sentimento, ele fugiu um pouco do tom. Nesse caso, você deveria...

— Oi? Você está querendo me ensinar a ensaiar? — me irritei de verdade.

— Não é isso, é que...

— Você é maestro por acaso?

— Não, mas...

— Boa noite! — dei-lhe as costas e me afastei.

Onde já se viu? Eu estava certa em não ter educação com aquele loiro metido. O que tem de lindo, tem de prepotente. O líder achou ótimo,

todo mundo elogiou, mas aquele intrometido tinha que dar opinião onde não foi chamado. Que saco!

GABRIEL

Cara, é sério que ouvi isso? Eu só queria ajudar. O cara estava fora do tom e geral achando lindo. É verdade mesmo quando dizem que as pessoas não estão preparadas para ouvir opiniões sinceras.



Capítulo 4 - Right Here Waiting – Esperando bem aqui

BABI

Cheguei em casa no nível máximo da revolta. Aquele loiro idiota conseguiu me tirar do sério, e eu estava tão feliz... Entrei no meu quarto e bati bem forte a porta.

— Ei, vai derrubar a parede? – Pam veio atrás de mim.

— Ele é um ridículo! – joguei meu par de sandálias pelo chão, imaginando que estava as arremessando na fuça daquele tonto.

— Tá falando de quem? Do Leandro?

— Não. – cruzei os braços. — Estou falando de um loiro convencido que veio querer me ensinar a fazer o meu trabalho.

— Se eu fosse você, dava logo um fora e ignorava.

— Foi isso que eu fiz.

— Não é o que parece. Mana, você estava bem, continue bem. Em todos os lugares aparecem pessoas metidas que querem saber mais do que os outros.

— Eu estou com os nervos à flor da pele por causa da apresentação...

— Vai ficar tudo bem, Babi. Relaxa mulher!

Abri um meio sorriso.

Os dias se passaram e os ensaios continuaram á todo vapor. Aquele loiro lindo, porém convencido, assistiu a alguns ensaios, mas não se meteu em mais nada. Se mancou que ninguém pediu a opinião prepotente dele. Eu não dirigi minha palavra á ele e ainda bem que ele também me ignorou. Mas ele tão lindo... Pena que se acha tanto!

Mais alguns dias se passaram e... Chegou o grande dia! Vivaaa!!! Convidei minha família e alguns amigos para me prestigiarem.

Coloquei um vestido preto com brilhantes prata, como minha sandália de salto agulha e fiz cachos nos meus cabelos. A maquiagem estava caprichada também, me produzi toda para a minha noite de gala.

Estava tudo pronto, tudo ok, mas...

— Cadê o Pedro? – perguntei quando Thiago, primo dele, chegou sozinho ao galpão.

— Ele já está vindo, daqui a pouco chega aqui.

— Tá bom. – respirei aliviada.

Todos os assentos do grande auditório foram ocupados. O espetáculo musical começou com 35 minutos de atraso e Pedro não apareceu. Minha música seria a quinta na lista das apresentações e na segunda, eu já estava suando frio.

Quando iniciou-se a terceira música, fui para trás do palco telefonar para o Pedro, mas não consegui. O celular dele estava fora de área ou desligado. Meu deus! Acabou a terceira música e houve uma pausa de dez minutos. Que ótimo! Ganhei mais tempo. Continuei telefonando e... Nada!

— Thiago, cadê seu primo? – perguntei angustiada.

— Babi, eu não sei. – ele deu um gole num copo de água. — Quando saí de casa ele disse que já estava vindo, não sei porque ainda não chegou.

Puxei o ar para me acalmar e fui falar com o líder.

— Fica calma, Babi. Vou colocar o coral para cantar a quarta música e vou tentar entrar em contato com os pais dele.

O líder organizou a galera no palco e iniciou-se a quarta música da noite. Enquanto o coral cantava, ele foi para trás do palco para tentar saber do Pedro. Eu o segui.

Para meu alívio, ele conseguiu falar com alguém da família do Pedro. Minutos de tensão... Quarta música acabando e nada do Pedro! O líder ainda ao celular levou as mãos á cabeça. Depois desligou o telefone, veio até mim e...

— COMO ASSIM O PEDRO NÃO PODE VIR???? – dei um chique dos grandes quando recebi essa notícia.

— Ele torceu o pé e...

— Pra quê existem muletas? – eu disse nervosa. — Não é possível, ele não pode fazer isso comigo, não pode!

— Eu posso cantar.

Essa voz atrás de mim... Eu conheço essa voz.

— O quê? – me virei e olhei desacreditada pr’aquele loiro irritante.

— Eu - posso - cantar. – ele repetiu pausadamente.

— Isso eu já ouvi, mas a resposta é não!

— Não? – ele ergueu as sobrancelhas. — Eu assisti todos os ensaios, me liguei nas paradas do coral e também, eu conheço essa música.

— Não basta conhecer, tem que saber os tons, a pronúncia em inglês...

— Eu sei o tom e a pronúncia em inglês. – ele falou com firmeza.

— Você não ensaiou, não pode sair cantando assim.

— Babi, não temos opção, o Pedro não virá. Ou confiamos nele, ou não apresentaremos sua música. – o líder disse.

— É Babi. – o loiro chato abriu um sorrisinho.

— Babi é para meus amigos. – fechei a cara.

— É mesmo? – ele me ironizou.

— E então, o que vai ser? – o líder perguntou. — A quarta música já acabou.

— Minha família toda está aqui e eu serei marcada por um desastre. – choraminguei.

— Prometo que não será um desastre. – o loirinho olhou pra mim.

— Nunca te vi cantar.

— Vai ver agora.

Ele pegou o microfone e foi para o palco. Eu congelei dos pés á cabeça. Ele começou a cantar... Lindamente lindo! Eu disse que a voz

masculina mais bonita que já ouvi era do Pedro, porque ainda não tinha ouvido esse loirinho cantar. Ele fez o solo transmitindo muita emoção e sentimento. O coral fez o refrão.

Eu me arrepiei! Á partir da segunda parte da música, ele cantou alguns trechos olhando pra mim. Quando cantou:

***"Oh, can't you see it baby
pode ver querida
You've got me goin' crazy"
deixando louco?"***

***"Oh! não
Que está me***

Ele me olhou fixamente e deu uma piscadinha. Céus, o que está acontecendo comigo? Meu coração acelerou de uma maneira que nem pelo Leandro acelerava assim.

***"Wherever you go
que vá***

"Onde quer

***Whatever you do
que faça***

O que quer

***I will be right here waiting for you
aqui esperando por você***

Estarei bem

***Whatever it takes
que aconteça***

O que quer

***Or how my heart breaks
machuque meu coração***

Ainda que

***I will be right here waiting for you."
aqui esperando por você."***

Estarei bem

Depois que o coral acabou de cantar, a platéia aplaudiu de pé. Foi melhor do que eu imaginei, muito melhor!

— De nada. — ele veio até mim me ironizando.

Engoli todo meu orgulho e o agradeci: — Muito obrigada. — dei uma pausa e o elogiei. — Ficou muito lindo.

— É. — ele se limitou a dizer.

— E porque... — curiosa, respirei fundo, criei coragem e perguntei: — Por que você cantou olhando pra mim?

Ele me olhou nos olhos, sorriu e respondeu: — Pra te deixar ¹**crazy**, baby. — deu uma piscadinha, bancando o sedutor.

Que convencido! Antes que eu pudesse rebater, a galera do coral pulou em cima dele para comemorar a performance perfeita.

GABRIEL

Que garotinha complicada, essa Babi! Com certeza tem as piores impressões de mim e eu não dei motivo nenhum para isso, mas vê-la corada, não teve preço. Senti que consegui provocá-la com meu jeito de cantar e de falar.

No geral, fiquei feliz com o resultado da apresentação.

Parece que o destino armou tudinho para eu estar ali e não o Pedro. Consegui mostrar meu valor, depois de ser tão diminuído, mas jamais usarei isso para esfregar na cara de ninguém.

¹ Crazy – Louco (a)



Capítulo 5 – O tio das crianças

BABI

— Filha, parabéns! – meu pai me abraçou assim que pisei os pés na sala de casa. Meus pais foram embora primeiro, eu fui depois.

— Obrigada! – sorri.

— Foi um espetáculo! – minha mãe também me abraçou.

— Mana, sua apresentação lacrou, foi um arraso! – Pam pulou empolgada.

— Aquele seu amigo canta bem demais. – minha mãe comentou. — Ele é cantor profissional?

— Eu não sei. Ele substituiu o Pedro de última hora, não sei quase nada sobre ele, ele é novo no projeto.

— Mana, vamos para seu quarto, você está muito cansada.

Percebi a pretensão da Pam, desejei boa noite aos meus pais e fui. Sempre que minha irmã age desse jeito, é porque quer saber de alguma

coisa.

Assim que entramos no meu quarto, perguntei: — O que você quer saber, Pam?

— Por acaso aquele gatinho lindo que cantou, é o cara que te deixou toda nervosinha?

— É ele mesmo. — revirei os olhos. — Ele me tira do sério.

— Qual é o nome daquele maravilha?

— Sabe que eu não sei. Ele é tão prepotente, que nem me interessei em saber o nome dele. — afirmei indiferente.

— Tinha que ter um defeito né? Mas é tão lindo, canta tão bem...

— Não é pra tanto. — dei os ombros.

— Você não enxerga isso porque tá com ranço dele.

Eu estava mesmo com ranço dele, porque o que ele tinha de lindo, tinha de metido e convencido.

GABRIEL

— Está tudo bem? — perguntei ao Victor logo que cheguei em casa e o vi sentado no sofá da sala pensativo.

— Está, tá tudo ótimo.

— Mesmo? — o encarei desconfiado.

— Estava pensando na minha mãe. Sei que já faz dois anos que ela se foi, mas... — ele suspirou e disse emocionado: — Ainda é difícil demais.

— Eu entendo.

— Não, você não entende, Gabriel. Você tem seu pai e sua mãe ao seu lado, então não precisa dizer que me entende na tentativa de fazer eu me sentir melhor.

Confesso que fiquei sem palavras. Eu realmente não entendia nem a metade da dor que ele sentia por não ter mais seus pais por perto.

— Desculpa primo, eu só...

— Está tudo bem, Victor, você disse a verdade. As portas dessa casa estão sempre abertas a qualquer momento que precisar.

— Eu sei. É graças ao seu apoio e dos meus tios que eu tenho conseguido seguir em frente.

— Olha... Um dia isso vai passar. Sabe, eu tenho aprendido que nem a dor é para a vida toda, sempre existirá um motivo, um alguém que te faça querer viver.

Ele concordou com a cabeça, depois de respirar fundo.

— Vou estar no meu quarto, caso precise de mim. — avisei.

— Valeu.



BABI

Como de costume, depois que saí trabalho no final da tarde, fui pra casa, tomei um banho, comi um lanchinho e fui para o galpão. Para minha surpresa, Caio, o responsável pelo coral das crianças, me esperava, ao lado daquele loiro exibido.

— Oi Babi, estávamos esperando por você. — Caio falou.

— Estavam é? Pra quê? — perguntei sem entender o motivo disso.

— Bom é que nosso amigo aqui... — ele apontou para o cara chato. — Além de cantar muito bem, entende de música.

— É mesmo? Nossa, que legal! É a melhor novidade que eu ouvi hoje. — sorri com uma ironia, que somente o metidinho percebeu e me devolveu o mesmo sorriso irônico.

— Legal né? — Caio falou. — Eu pedi pra ele ensaiar as crianças para a próxima apresentação.

— Ok, e por que eu tenho que saber disso? — perguntei ainda sem entender.

— Então, como você é professora de crianças, achei que poderia dar uma forcinha á ele.

— Como é que é? — até arregalei meus olhos depois dessa. Nem morta que eu vou ficar junto com esse “cheio de si”. — Acho que não vou ter tempo... — comecei a inventar minhas desculpa, mas Caio me interrompeu.

— Qual é Babi, contamos com você. Lembra do desastre que foi a última apresentação das crianças? Faz uma forcinha, eles querem tanto participar de novo...

Um dos meus grandes defeitos, é não saber dizer “não” e ainda mais pelo modo como Caio falou. Ele estava falando pelo bem das crianças e eu certamente me sentiria como a bruxa má se não aceitasse.

— Tudo bem, então. — concordei engasgada.

— Ótimo! — Caio sorriu. — Vou deixar vocês conversarem.

"Ei, não precisa não!" — tive vontade de gritar quando Caio saiu.

— Você não ficou muito feliz com isso não, né? — o exibido perguntou.

— É tão notório assim? — revirei os olhos, ajeitando a alça da bolsa em meu ombro. — E quando começam esses ensaios?

— Hoje e já que vai me ajudar, você podia ser mais maleável.

— Ah é, eu te devo um favor.

— Eu não estou te cobrando por ele, na verdade, eu cantei porque eu quis.

“Quis se exhibir pra geral né”? – quase falei, mas engoli essas palavras e lembrei de perguntar: — Qual é seu nome?

— Jura que você quer saber?

— Se você me perguntou isso, deve ter um nome no mínimo muito estranho.

Ele riu e perguntou: — Tipo qual?

— Geraldo, Joseildo, Mirosmar...

— Se dona Elisabeth tivesse feito isso comigo, eu me jogaria da ponte Rio-Niterói. — rimos e ele falou: — É Gabriel, meu nome.

Estendi a mão pra ele e disse: — Prazer, Gabriel, eu sou...

— Babi para os amigos. — ele completou.

— É. — confirmei com um sorriso.

— Vem cá, antes de saber meu nome, como você se referia á mim?

— Como loiro metido.

— Loiro metido? — Gabriel riu e eu confirmei com a cabeça, perguntando: — E você, se referia á mim como?

— Na verdade, nunca falei de você, só queria saber se você falava de mim, sabe...

— E- eu - eu... — gaguejei, me recompondo em seguida. — Eu falei de você só uma vez pra minha irmã e foi só pra deixar clara minha irritação por um cara que se acha o tal.

— Por que você pensa essas coisas de mim?

— Pergunta pra você mesmo.

GABRIEL

Até onde eu sei, não dei motivos para a Babi pensar o que pensa de mim. Mas vai entender a cabeça dessas garotas complicadas, né? Por

sorte, esse diálogo nada amigável terminou, porque as crianças começaram a chegar e nós fomos para a sala dos ensaios infantis.

Só não fiquei mais tenso pra ensaiá-las, porque a Babi estava comigo. As crianças se acomodaram nas cadeiras e começaram a me encarar.

— O que eu faço, Babi? — cochichei no ouvido dela.

— Se apresenta e depois pergunta o nome e a idade deles.

Os encarei, respirei fundo e fiz o que a Babi falou.

— Oi, eu sou o Gabriel e vou ensaiar vocês para uma apresentação.

— Tio Gabriel. — Babi me corrigiu.

— Essa parada aí. — ri, continuando: — Então, vou ajudá-los a fazer uma excelente apresentação, mas primeiro, preciso saber o nome e a idade de vocês.

Um pouco mais soltos, eles começaram a se apresentar. Havia mais ou menos doze crianças com idade entre nove e quatorze anos.

— E você, qual é o seu nome? — perguntei para um dos meninos que não falou nada, quando chegou a sua vez.

Ele ficou me encarando e continuou sem pronunciar uma palavra sequer.

Me virei para a Babi e perguntei sussurrando: — Qual é o problema dele?

— Ele não gosta de falar. Ele... Costuma ficar sozinho, no canto dele. — ela respondeu no mesmo tom.

Confesso que aquilo me deixou encucado e me despertou o desejo de saber um pouco sobre o menino.

Depois das apresentações, os coloquei no palco e pedi que um por um cantasse alguma música que soubesse. Uns um pouco retraídos, outros mais desinibidos... Deu pra observar o tom de voz de cada um e pensar em algo para a apresentação deles.

Quando esse processo acabou, já estava na hora deles irem para casa. Me despedi e os liberei, só não liberei o menino que não disse nada. Ele se levantou para sair e eu o chamei: — Ei, você, espera! — Babi me olhou surpresa e eu continuei falando com o menino que parou e veio até mim.

— Quer conversar? — perguntei.

Ele me olhou por uns segundos e se sentou. Vi aí um sinal positivo para engatar uma conversa. Eu e a Babi nos sentamos ao lado dele, um de cada lado.

— Por que você está assim? — eu quis saber, observando seu semblante entristecido.

— Eu... — ele começou a dizer quase chorando.

— Quer beber uma água? — Babi perguntou.

— Não. — ele respondeu e ficou em silêncio.

— Olha, nós somos seus amigos, tá? Pode conversar com a gente sem problemas. — eu disse.

— Eu... — ele tornou a dizer parecendo estar um pouco mais tranquilo. — Eu me sinto triste toda vez que venho aqui.

— Se sente triste? Por quê? — Babi perguntou. — Alguém te fez alguma coisa?

— Não é isso. — ele falou.

— Quer nos contar por que se sente assim? — Babi acariciou seus cabelos, mas ele travou novamente.

— Que tal começar nos dizendo seu nome? — sugeri. — Os amigos sabem o nome um do outro.

— Gustavo. — ele balbuciou.

— Somos parceiros de letra inicial, meu nome é...

— Gabriel. — ele me interrompeu. — E o dela é Babi.

— Olha Babi, ele sabe nosso nome. — eu ri para deixar a conversa mais leve, mas Gustavo não riu.

— Nem sempre bancar o engraçadinho ajuda, Gabriel. — Babi me repreendeu. Eu preferi ignorar esse comentário e continuar falando com o menino.

— Então Gustavo, vai nos dizer porque se sente triste?

— Preciso ir ao banheiro. — ele se levantou e foi na direção do banheiro.

— Tá vendo Gabriel, você deixou o garoto constrangido.

— Eu? — me surpreendi.

— Sim, você. Não acha que está o pressionando demais?

— Só estou tentando ajudá-lo.

— Acho que está fazendo isso da maneira errada.

— Sério? Há quanto tempo vocês estão aqui no galpão lidando com essas crianças e nunca perceberam que esse menino precisa de ajuda? Você é professora, vive rodeada por crianças e deveria saber. — me alterei um pouco.

Percebi que a Babi não gostou nada do que eu disse. Ela já estava pronta pra me dar uma resposta, quando ouvimos o Gustavo dizer: — Voltei.

— Que bom que você voltou. — eu disse tentando sorrir, para que ele não percebesse a vibe negativa que ficou no ar.

Gustavo não se sentou. De pé, de frente para nós, ele finalmente resolveu se abrir.

— Eu tenho treze anos e... Não tenho os amigos que eu queria ter.

— Como assim? — perguntei.

— Eles têm uma banda e não me deixam participar porque eu não tenho uma guitarra. Aí eu venho aqui pra aprender a cantar pelo menos,

quem sabe assim eles me deixam ser vocalista... Um dia.

Aquilo me comoveu profundamente. Me vi no lugar daquele garoto há alguns anos atrás, quando eu sonhava em fazer parte de uma banda com os meus amigos.

— SÉRIO Gustavo? Mas... Você sabe tocar guitarra? – a conversa ficou apenas entre eu e ele.

— Mais ou menos. Eu fazia um curso numa igreja perto da minha casa.

— Legal! E se eu te disser que conheço alguém que também sonhava tocar numa banda e conseguiu realizar seu sonho?

— Mesmo? Pode me apresentar pra essa pessoa? Gosto de ter inspirações.

— Prazer! – estendi minha mão.

— Você? – seus olhos brilharam e ele me cumprimentou. — Você é músico?

— Pode se dizer que sim. – sorri.

— Cara, que maneiro! – ele sorriu deslumbrado.

— Né? – abri mais um sorriso.

— E eu... Posso te ver tocar com sua banda?

— Claro, teremos muitas oportunidades. Chega mais cedo no próximo ensaio.

— Por quê?

— Não seja curioso, Gustavo, no dia você vai ver.

— Tá bom. Tchau tio Gabriel.

— Vai com cuidado.

Gustavo foi embora sorrindo de orelha á orelha. Ver o sorriso daquele menino que outrora estava triste, alegrou meu coração e me fez

ganhar o dia. Me levantei ainda extasiado, por conseguir levar alegria á alguém.

— Gabriel! — Babi me chamou. Juro que até esqueci que ela estava lá.

— Fala. — me virei pra ela.

— Me desculpa por...

— Tá tranquilo, Babi, eu erreí também pelo modo como falei, então estamos quites.

— Você foi ótimo, nunca vi o Gustavo tão feliz como hoje.

— Eu vou dar uma guitarra de presente pra ele. — falei decidido.

— Nossa, ele vai ficar doido.

— É. — ri. — E vou ajudá-lo no que eu puder. Vou ensinar pra ele o que ele não sabe.

— Você é uma boa pessoa.

— Você também é, só precisa ser menos chata.

— Você é um saco! — ela revirou os olhos e nós rimos.

— Já tô indo, quer uma carona até em casa?

— Não, eu não vou agora. Tenho que resolver alguns assuntos do coral.

— Ok, a gente se esbarra por aqui.

— Beleza.

Fui para meu carro e no caminho até minha casa, me concentrei no que eu tinha pra fazer no dia seguinte.

BABI

Até que não foi tão horrível assim ajudar o Gabriel com o ensaio das crianças. Ele na verdade teve uma atitude linda e... Talvez eu esteja errada sobre o que pensava á respeito dele.



Capítulo 6 – Criatura cega

GABRIEL

— Primo, posso saber por que você me tirou do meu cochilo da tarde? – Victor reclamou bocejando.

— Você já vai ver. Preciso que me ajude com uma coisa. – respondi enquanto dirigia.

— Quer ajuda com o quê?

— Para de resmungar, Victor, já disse que você vai ver.

Estacionei o carro próximo á uma loja de instrumentos musicais.

— Chegamos. – avisei, retirando o cinto de segurança.

Eu e Victor descemos do carro e batemos a porta quase ao mesmo tempo.

— Vem cá, você me tirou de casa, pra vir na loja de instrumentos musicais? Tá de brincadeira, né Gabriel? Por que não chamou o Rafael ou o Mattheus?

— Se eu soubesse que você ia ficar cantando no meu ouvido, teria chamado mesmo.

— Vai comprar algum instrumento ou só vai ficar babando nas vitrines?

— Vou comprar uma guitarra. – respondi.

— Mas a sua ainda está nova.

— Não é pra mim.

— É pra quem?

— Para um menino que tem o sonho de ser músico como nós.

— Nossa, muito nobre da sua parte.

— Isso é uma ironia? – olhei pra ele sem entender.

— É um elogio, primo. Que bom que você gasta o dinheiro dos seus pais com coisas úteis.

— Prefiro fingir que não ouvi isso. – eu falei chateado, enquanto olhava as vitrines.

— Que tipo de guitarra estamos procurando? – ele perguntou.

— Então, preciso da sua ajuda pra isso. Lembra daquela guitarra que você tinha para iniciantes? Era muito melhor do que a que eu tinha.

— Eu sei comprar, né primo? – Victor falou se gabando.

— Por isso que preciso da sua ajuda.

— Chamou a pessoa certa. – ele sorriu. — Vamos ajudar o moleque a construir o sonho dele.

Com a ajuda do Victor, comprei a melhor guitarra para iniciantes. Não me importei com o preço, porque sei que vou receber muito mais ao ver a alegria do menino.



— Oi tio Gabriel. – ouvi essa voz, quando estava sentado numa cadeira, na sala de ensaios infanto-juvenil.

— Oi. – levantei o rosto e vi o Gustavo.

— Estou atrasado?

— Não, claro que não. Também acabei de chegar.

— E cadê o pessoal? – ele olhou para os lados.

— Eles começarão a chegar... — conferi as horas no meu relógio de pulso. — Daqui á uns trinta minutos para o ensaio.

— Estava falando do pessoal da sua banda.

— Do pessoal da minha banda? — sem entender o que ele queria dizer, prossegui: — Eles não virão aqui hoje.

— Você me pediu pra chegar cedo, achei que era pra ver sua banda tocando. — ele parecia estar decepcionado e eu tratei de colocar um sorriso em seu rosto.

— Eles não virão, mas eu tenho uma coisa muito melhor pra você.

— O que é?

Me levantei, fui atrás das cadeiras e peguei a guitarra.

— Uau, uma guitarra! — seus olhos brilharam. — É linda! Vai me ensinar a tocar? É sua?

— Não, na verdade ela é sua. — a entreguei pra ele.

— Minha? — o queixo dele caiu.

— Sua. E eu vou te ensinar tudo o que você não sabe.

Para minha surpresa, Gustavo começou a chorar.

— Ei, o que foi? — perguntei assustado.

— Agora vou poder entrar pra banda. — ele soluçou.

— Claro que vai, e eu vou te transformar num super guitarrista! O que você acha?

Meu coração quase saiu pela boca, quando ele me abraçou e declarou: — Eu te amo, tio Gabriel.

Profundamente comovido com esse ato inesperado, retribuí o abraço e as palavras: — Eu também te amo, Gustavo!

— Vou lavar meu rosto e já volto. — ele disse emocionado, colocando a guitarra encostada no pé de uma mesa.

— Nossa, isso foi lindo! — Babi se aproximou de mim, assim que Gustavo saiu.

— Há quanto tempo está aqui?

— Também cheguei cedo, tio Gabriel. — rimos. — Eu não perderia isso por nada.

— Olha, em um único dia com essas crianças, eu aprendi muita coisa. É tudo tão... Mágico!

— E vai aprender muito mais.

Trocamos sorrisos e tivemos nossa conversa interrompida, quando Gustavo retornou.

— Eu já voltei. — ele disse serelepe.

— Ótimo! Quer ver do que a sua guitarra nova é capaz?

— Mas é claro!

Sentamos na cadeira e eu pedi: — Me mostra o que você sabe.

Gustavo tirou algumas notas. Ele não era completamente leigo, mas tinha muito o que aprender. Essa era uma missão para o tio Gabriel! Hahaha.

Quando deu o horário do ensaio, as crianças começaram a chegar e eu e a Babi começamos a ensaiar com eles, uma música para a apresentação.

No final do ensaio, Gustavo veio falar comigo.

— Eu posso mesmo levar essa guitarra pra casa?

— Claro, é sua.

— Eu ainda não tô acreditando.

— Mas pode acreditar. — sorri. — Traz nos próximos ensaios, que te ensino mais algumas coisas.

— Beleza. Tchau tio!

— Tchau!

Gustavo foi embora pulando, com a guitarra na mão.

— Sabe, eu te achava metidinho, chatinho, cheio de si... — Babi se aproximou de mim.

— Vai valer a pena eu ouvir uma coisa dessa? Vai vir um elogio depois disso?

Nós rimos e Babi continuou: — Então, eu estava errada.

Parei na frente dela, segurei nas suas mãos, olhei em seus olhos e perguntei: — E sobre o que mais você estava errada?

— Como assim? — ela abriu um sorriso desentendida.

— Confessa, vai, sei que você me acha lindo.

— O-o quê?!? — Babi ficou corada.

— Você não está abrindo o jogo? Então...

Babi revirou os olhos e falou achando graça: — Não! Eu não te acho nem um pouco bonito.

— Ai, essa doeu! — ele riu zoando.

— Você é a criatura mais inoportuna que eu já conheci. — Babi puxou suas mãos das minhas.

— E você é a criatura mais cega que eu já vi. Vê se pode não me achar gato? Isso é inaceitável!

— Gabriel, para com esse assunto, até parece que você pensa que eu... — ela perdeu a fala.

— Que você...?

— Nada, esquece.

— Pode dizer, Babi.

— Eu não tenho nada pra dizer, Gabriel — ela se engasgou.

Me aproximei e disse: — Tem certeza?

— Aff! Quer parar de ser convencido! — ela se estressou.

— Não sou convencido, só sinto que você me quer sempre por perto.

— Pois você sentiu errado!

— Por perto que eu falo, é como amigo, você é que está levando para o outro lado.

— Muito engraçadinho você. Nem somos amigos. — ela disse tentando se acalmar.

— Estamos no caminho para sermos, a não ser que você queira ser outra coisa.

Ela se engasgou de novo, mas rebateu: — Acha que eu quero ser sua namorada?

— Eu não disse isso. Se não formos amigos, você pode ser minha colega, inimiga, ou até mesmo minha paciente.

— Você se acha o galã né? — ela ficou indignada. Eu estava conseguindo tirá-la do sério.

— Não me acho, eu sou! Considere-se uma garota de sorte, muitas queriam estar aqui no seu lugar, conversando comigo.

Ela parecia não acreditar no que estava ouvindo, mas não deixou barato: — Você é muito fútil, sabia? Chega a ser irritante.

— Desculpe se eu te decepcionei gracinha, mas eu sou assim mesmo.

Babi ficou com fisionomia triste e desolada. De cabeça baixa, balbuciou: — Pensei que você era um carinha legal.

Eu caí na risada e disse: — Eu tô te zoando. Não sou assim, é sério. Você tinha que ver a sua cara.

— Ah, mas que palhaço! — ela riu. — Isso não teve graça.

— Por que está rindo então?

— Não tô mais. — ela ficou séria. — Mudando de assunto, eu queria te ver tocando com a sua banda.

— Um dia você verá, prometo.

— Vocês podiam tocar nesse próximo evento. O Gustavo vai amar.

— O Gustavo ou você?

— Nós dois.

— Eu vou falar com meus brothers, se eles concordarem, tocaremos sim.

— Show! Tô na torcida pra que eles concordem. – Babi vibrou.

— Parabéns pelo ótimo trabalho que vocês estão fazendo. – Caio se aproximou de nós.

— Na verdade, é o Gabriel que está fazendo. – Babi me deu os méritos.

— Nós dois. – eu corrigi.

— As crianças estão amando os ensaios, e você, Gabriel, leva jeito pra coisa. – Caio disse.

— Graças á você descobri essa habilidade. – sorri.

— Eu sabia que não iria me arrepender.

Eu sei que todo mundo gosta de receber elogios, e não é que eu não goste, mas eu fico um pouco sem graça quando os recebo em excesso.



Capítulo 7 – A sorveteria

GABRIEL

Mais uma apresentação da Banda Reluz! Viajamos para Manaus para participarmos de uma série de eventos pela cidade. Nossa banda foi convidada por um conhecido do Mattheus que trabalha com eventos.

Avisei no galpão que ficaria alguns dias fora e assim a Babi teria que assumir os ensaios das crianças sozinha.

Durante duas semanas, fizemos várias apresentações por lugares diferentes da cidade. Para a última apresentação, preparamos músicas mais trabalhadas, já que ficamos sabendo que haveriam caças-talentos por lá.

Ao fim da apresentação...

— Foi impecável! — Victor falou, logo que descemos do palco. — E podem confiar, porque de música eu entendo.

— Olha gente, será que aquele cara que vem ali é um dos olheiros? — Rafael apontou discretamente com a cabeça, para um homem de terno que vinha em nossa direção.

— Parece que sim. — Mattheus sussurrou.

— Boa noite! — o homem nos cumprimentou com um aperto de mãos, quando se aproximou. — Meu nome é Carlos, sou produtor musical da gravadora “Bravoz”.

Depois de o cumprimentarmos e também desejar-lhe boa noite, ele dirigiu a palavra ao Victor.

— Você que é o líder da banda?

— Não, o líder é Mattheus. — Mattheus acenou, quando Victor o apontou.

— Mas é com você mesmo que eu quero falar. — o homem afirmou.
— Pode me acompanhar?

— Claro. — Victor abriu um sorriso e o seguiu.

— Ué, essa eu não entendi. — Rafael começou a dizer, enquanto eles se distanciavam. — Se o líder é o Mattheus, porque ele quis falar com o Victor?

— Talvez seja porque ele é o vocalista. — Mattheus respondeu.

— Mas eu acho que ele deveria conversar com a banda toda. — dei minha opinião.

— Relaxa galera, o Victor é inteligente, sabe conversar sobre esse tipo de assunto. — Mattheus observou.

Esperamos por bastante tempo, até Victor retornar com uma fisionomia nada alegre.

— O que houve? — perguntei apressado. — Não gostaram da nossa música?

— O contrato é inflexível? — Mattheus tentou um palpite.

— São exigentes demais? — Rafael também arriscou o dele.

— Não é nada disso. — Victor passou a mão pelo rosto desolado.

— O contrato é pago e o valor é muito alto? — eu falei de novo.

Victor respirou fundo e começou a dizer: — Na verdade, eu consegui um contrato.

— Mas cara, isso é ótimo! — Rafael vibrou.

— Se conseguiu o contrato, por que está com essa cara? — desconfiei.

— Eu disse que eu consegui um contrato, eu. — Victor ressaltou o "eu". — Eles querem gravar um CD solo comigo. — esclareceu.

— Então a Reluz não participa desse contrato...

— Não Rafael, apenas eu.

— Bom, eu... Entendo e estou feliz por você. — Mattheus falou. — Parabéns, te desejo muita sorte nessa nova caminhada...

— Eu disse não. — Victor o interrompeu.

— Como é, Victor? Você tá marolando? Como assim você disse não para um contrato desse?

— Primo, eu gosto da Banda Reluz. Se eu seguir carreira solo, acabou essa banda pra mim.

— Mas você não acha que vale a pena arriscar? – Rafael perguntou.

— Eu confesso que fiquei balançado, mas nós estamos aqui, juntos num único objetivo e um bom capitão não abandona o navio. E também, sei que a Reluz não sobrevive nem um dia sem mim, então...

— Ah cara, eu já estava pronto pra te dar um abraço e você vem bancar o convencido? – Rafael riu.

— Victor, ser humilde faz bem, tá? – eu ri também.

— Brother, você desperdiçou uma chance de ouro.

— Pois é né, Mattheus, e eu espero não me arrepender. O que deu em mim pra preferir aturar uns caras chatos como vocês, podendo seguir carreira solo e virar o "Pop Star da América"?

— Tem gente que não muda nunca. – eu disse e todos nós rimos.



BABI

Fiquei um pouco triste por não ter visto o loirinho nos dias posteriores. Caio me avisou que ele ficaria fora por uns dias, mas não falou por quanto tempo, então sempre que havia ensaio eu ia toda produzida na esperança de vê-lo e nem eu entendi o motivo. Passaram-se duas semanas e eu fiquei sem graça de perguntar ao líder se ele tinha notícias dele.

Mais uma sexta-feira chegou e eu fui ensaiar com o coral. Num dos intervalos do ensaio, fui beber água. Enchi o copo, virei meu corpo distraída e dei uma trombada no... Loirinho! Nem preciso dizer que a água foi toda em cima dele, né?

— Me desculpa. — foi só o que consegui falar.

— A sua lista de desculpas só tá crescendo. Me deve duas. — ele falou, olhando a camisa branca molhada no peitoral.

— E como eu faço pra pagar? — perguntei sem graça, abrindo um sorriso tímido.

— Não sabia que a senhorita tinha censo de humor.

Eu precisava conversar com ele, queria conhecê-lo melhor. Então, decidi fazer-lhe um convite: — Quer ir á sorveteria?

— Como um pedido de desculpas?

— Aceita ou não?

— Hoje? — ele perguntou.

— Se você puder.

— Te espero depois do ensaio.

— Combinado. — sorri.

Ele fez gesto de continência e se distanciou de mim. Sem estar se achando o tal, ele parece que é legal e também é... Lindo demais!



BABI

Quando o ensaio terminou, o loirinho já me esperava na porta do galpão.

— Vamos? – ele perguntou.

— Vamos. – respondi.

— Meu carro está estacionado ali...

— Não precisamos ir de carro, a sorveteria é logo ali na frente e também vai pegar mal né, eu entrar no seu carro sozinha com você.

— Claro, tá certo.

Fomos andando e sem exagero, chegamos á sorveteria em dois minutos. Escolhemos o nosso sabor de sorvete e nos sentamos numa mesa para conversar.

— Você mora aqui por perto? – perguntei.

— Não é perto, mas também não é muito longe. E você?

— Moro na próxima rua. – gesticulei.

— Hum...

— Você canta muito bem. É o vocalista da sua banda? – continuei rendendo assunto com ele.

Ele me olhou por alguns segundos e respondeu num tom modesto:

— Um dos vocalistas e guitarrista.

Nossa! Além de lindo, ele é músico! Ai que emoção! Claro que não deixei transparecer minha cara de abobalhada. Eu acho.

— Eu curto essa parada de banda, sabe. Você toca outros instrumentos?

— Além da guitarra eu toco baixo e teclado.

Ele é fascinante! Lindo, simpático, músico... Perfeitinho!

— E que estilo de música vocês tocam?

— Pop e rock, e antes que você me pergunte, o nome da banda é “Reluz”.

Sorri sem graça e me retratei: — Ah, me desculpe pelo interrogatório.

Ele sorriu com bom humor e disse: — Tá tudo bem, repórter. —
sorrimos e ele emendou: — Agora é minha vez, pode ser?

— Claro, é mais do que justo né?

— Verdade. Bom senhorita, você é professora, não é?

— Sou professora de Educação Infantil.

— Show!

— É uma profissão bastante cansativa, mas tem suas recompensas. É bom saber que faço algo que pode ajudar a construir o futuro de alguém, além de ser ótimo estar rodeada por crianças, elas são puras e sinceras.

— Concordo. Sempre admirei meus professores, acho incrível a dedicação que eles têm para ensinar outras pessoas. É um dom muito bonito. Sua profissão é daquelas que podem mudar o mundo. Parabéns!

— Obrigada!

Own! Sinto que ser professora me fez ganhar alguns pontinhos.

— Você ficou bastante tempo sumido do galpão. — mudei de assunto.

— É que eu estava ocupado demais.

A primeira impressão que tive do Gabriel, foi precipitada. Ele é um carinha legal pra caramba e eu sentia que ainda precisava me desculpar pelo modo como o tratei.

Fixei meus olhos no sorvete, e comecei a falar, meio sem graça: —
Então... Gabriel... Eu queria me desculpar por...

— Tá tudo bem, guria. Não precisa se desculpar não.

— Eu precisava, sério. — olhei pra ele. — Fui muito mal educada com você.

— Já está se redimindo. — ele falou, me dando uma má notícia em seguida. — Babi, agora eu tenho que ir, está ficando tarde e eu ainda tenho que buscar meu carro lá no galpão.

— Eu também tô indo nessa. — infelizmente.

— Quer que eu te leve em casa? — perguntou o lindinho sendo cavalheiro.

Por mais que eu quisesse, acho muito importante ser uma garota mais reservada. Eu mal o conhecia, então não podia aceitar. Não nesse dia.

— Não, não precisa se incomodar. — recusei educadamente. — Já vou indo. — coloquei minha bolsa no ombro e me despedi: — Tchau.

— Tchau. Vai com cuidado.

Eu já estava trilhando o caminho de casa, quando parei, me virei, e o chamei: — Gabriel! — ele se virou pra mim e eu perguntei: — Você vai aparecer no próximo ensaio? — tinha que garantir isso né? Vai que ele some de novo.

— Vou sim. — ele abriu um sorriso de leve.

— Tá bom então. — sorri. — Bye! — acenei.

— Até! — despediu-se dando uma piscadinha cheia de charme.

GABRIEL

Pra primeira conversa descente, até que as coisas fluíram muito bem. Babi é uma garota legal, divertida e não ficou se jogando pra cima de mim como muitas fazem. Conseguiu tirar a má impressão que eu tinha sobre ela

Retornei ao galpão, peguei meu carro e parti pra casa. Senti que essa noite, essa conversa, valeu muito á pena.



Capítulo 8 - Ai, meu core!

BABI

Fui pra casa com o coração em puro batuque. Pensei no Gabriel praticamente a noite inteira. Tenho que parar com essa mania de gamar rápido demais em alguém, mas com o Gabriel isso não era possível. Ele é gato demais!

Minhas principais perguntas mentais são: Será que consegui apagar a má impressão que ele tem de mim? Será que um cara lindo como ele, poderá se interessar numa garota sem graça como eu?

Depois de fazer essas perguntas irrespondíveis, resolvi ir dormir, pois tinha que acordar cedo no dia seguinte. E também, pra quê criar tantas expectativas? Quem me garante que eu o verei outra vez?

— Caramba, você não escuta não? — Pam entrou no meu quarto revoltada.

— Oi? — não entendi nada.

— Estou batendo na porta o maior tempão e você nem responde. —
ela estava brava.

— Desculpa, eu não ouvi.

— Não ouviu? Por que está com essa cara de abobalhada? Parece até
que viu o passarinho do rabo verde.

— Não é nada. — disfarcei, colocando meus cabelos por trás da
orelha.

— Aposto que viu o Leandro.

— O Leandro? Claro que não! Eca! — revirei os olhos com repulsa.

— Quem mais te deixaria com um sorriso bobo assim? Mana, você
diz que não quer mais, mas pelo visto você e o Leandro vão acabar
voltando. Você não esquece dele mesmo, né?

Não respondi, preferi ficar em silêncio.

— Eu queria saber se amanhã você pode me ajudar a estudar para a
prova de História. — Pam explicou o motivo de ter ido até meu quarto.

— Claro, ajudo sim.

— Boa noite e tenha bons sonhos com o Leandro.

Ela saiu do meu quarto e eu respirei aliviada. No momento não quero
comentar sobre o que eu sinto, até porque eu nem sei se esse sentimento
é real e muito menos se serei correspondida.

GABRIEL

Já no meu quarto, deitado na minha cama, pensava no novo
repertório que começaria a ensaiar com a Reluz. Iríamos participar de
vários eventos e precisávamos estar afiados. O problema foi que não
consegui me concentrar totalmente na banda, não sei porque, mas os
meus pensamentos não paravam de se direcionar à Babi. Pra falar a

verdade, fazia tempos que eu não me interessava numa garota, minha rotina sempre foi demasiadamente corrida e eu dava prioridade à música.

Abri os olhos quando os primeiros raios de Sol começaram a invadir meu quarto. Me levantei depois de ficar deitado pensando na vida, até a preguiça passar.

Após o banho, tomei um café rápido e segui para a casa do Mattheus, para mais um ensaio da banda Reluz. Já posicionados, começamos a tocar e a cantar a música que apresentaríamos á noite.

— Tá bom, quem é a garota? – Mattheus largou as baquetas em cima da bateria e me direcionou seu olhar.

— O quê? – franzi a testa sem entender.

— Pra você errar três notas seguidas, só pode estar pensando em alguém. – Victor me encarou.

— Foi mal galera, vou manter a concentração.

— Não tem a ver com a Karina, ou tem? – Mattheus perguntou.

— Por que vocês cismaram que eu tô pensando em alguém? Ando preocupado com tantas coisas...

— Mas a concentração na música você só perde, quando está no mundo marasmento do amor. – falou Victor.

— Isso não tem nada a ver.

— Como se não conhecêssemos você. – Rafael fez coro com eles.

Praticamente colocado contra á parede, decidi abrir o jogo: — Ela é linda, mas é cabeça dura demais, então...

— Então esquece, você não precisa de outra Karina na sua vida.

— Também não precisa falar assim, Mattheus. Comparar a Babi com a Karina é forte demais, porque pra ser como a Karina, a pessoa tem que

ser sem caráter e não podemos pensar isso de uma garota que eu nem conheço direito.

— Brother, faz o seguinte: Se achar que vale a pena, investe, se não, pula fora. — Rafael aconselhou.

— Vamos continuar ensaiando, temos uma apresentação hoje, lembram? — falei mudando de assunto.

Mattheus, Victor e Rafael são meus melhores amigos, mas quem decide sobre minha vida sou eu. Melhor eu ensaiar e esquecer disso por enquanto.

BABI

Ai que saco! Hoje não consigo me concentrar no meu trabalho, porque a cada momento lembro do Gabriel cantando ***“Right Here Waiting”*** e piscando pra mim, dizendo que queria me deixar ***“crazy”*** e me deixou ***“crazy”*** mesmo. Mas acho que um cara lindo como ele, deve ter um bando de garotas atrás babando, então é melhor eu parar de me iludir.

— Tiaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!!

— O que foi? — voltei á realidade. — Para de gritar, Gabriel!

— Meu nome não é Gabriel, é João Pedro, e o Felipe me bateu! — ele cruzou os braços chateado.

Melhor eu voltar ao meu trabalho e tentar tirar um pouco da cabeça a imagem do “Loiro pop star”, afinal, preciso trabalhar direito.



Capítulo 9 - Com você

GABRIEL

Estar com minha banda me faz esquecer de todos os meus problemas, pelo menos temporariamente. Sinto que meus sonhos ganham força, sinto que tudo vai melhorar e isso me mantém de pé, depois de tudo o que passei e ainda passo.

— Vou ter que trocar de novo a escala no trabalho por causa da nossa apresentação do fim de semana. — Matheus comentou. — Trabalhar como segurança no aeroporto é osso.

— Osso é trabalhar na oficina, debaixo do sol quente o dia inteiro e no final do dia, ter graxa até atrás das orelhas. — Rafael rebateu.

— Sorte quem tem é o Gabriel, não precisa trabalhar por fora pra pagar as contas...

— Não sou eu que tenho dinheiro, são meus pais e isso não me facilita em nada, você sabe muito bem disso, Victor. Eu prefiro trabalhar do que ouvir as piadinhas do meu pai, e só não comecei ainda porque não consegui nada.

Com uma flanela na mão, tirando o pó de sua bateria, Mattheus disse: — Temos que conseguir fazer mais apresentações por mês, mas mesmo assim essa vida de músico é muito incerta.

— Imagino o dia em que vamos conseguir viver apenas da música. — comentei.

— Mudando completamente de assunto... — Rafael começou a dizer:
— Não sabia que a Karina tinha quebrado o braço.

— Karina? — fiquei surpreso.

— É... — Rafael coçou a cabeça sem jeito, deixando claro que não queria me contar isso, soltou por puro acidente.

— A Karina voltou? — perguntei ainda perplexo.

— É brother, voltou. — Mattheus disse num tom de desdém.

— Vocês falaram com ela? — eu quis saber.

— Não, estávamos dentro do carro. — Rafael esclareceu.

— Isso muda alguma coisa? — Mattheus me lançou um olhar de reprovação.

— Não, Mattheus. A Karina não merece nem meu pensamento.

— Então tá... — Victor pronunciou num tom como se não acreditasse no que eu havia dito.

Eu era apaixonado pela Karina e mesmo depois do que ela fez, era muito difícil esquecê-la. Não sabia se de fato um dia poderia tirá-la do meu coração e essa dúvida acabava comigo. Eu precisava seguir a minha vida para não correr o risco de voltar a ter a Karina nela.

O que eu precisava era conhecer alguém. Na verdade, eu já conheço...

NAQUELA NOITE...

As coisas não estavam fluindo como eu queria com a Babi, também pudera né, ela era um pouco complicada e de garotas complicadas eu estava fugindo, mas ela... Ela consegue mexer comigo de um modo que eu não sei como explicar.

— Oi. — cumprimentei, quando a vi saindo do galpão.

— Oi. — ela respondeu um pouco retraída.

— E aí, como você está? — perguntei sorrindo.

— Estou ótima e você?

— Bem.

— Veio passear? Hoje não tem ensaio para as crianças. — ela enrolou uma mecha de cabelo com o dedo.

Na verdade eu tinha ido vê-la, mas nem pensei numa desculpa para essa pergunta inesperada. Gaguejando um pouco, respondi: — Eu, é... Vim falar com o Caio sobre a apresentação, mas ele já foi embora.

— O Caio nem veio.

— É mesmo. — ri sem graça e tratei de mudar logo de assunto: — Quer dar uma voltinha? — convidei. Queria conhecê-la melhor.

— Eu adoraria.

Deixei o meu carro estacionado lá mesmo, na porta do galpão. Caminhando é muito mais proveitoso, até porque, eu duvido que ela aceitaria sair por aí de carro sozinha comigo. Pude perceber pelo seu jeito

todo tímido, que ela parecia ser uma garota muito reservada, apesar de querer parecer durona.

BABI

Será que o Gabriel está a fim de mim? Deve estar né? Ou será que não? Talvez minha vontade desesperadora de desencilhar, esteja me fazendo ver coisas. É muito convencimento meu achar que ele só veio aqui hoje pra me ver.

— E como você está, tio das crianças? Está gostando dessa dinâmica toda?

Ele deu uma risada.

— Sim, eu curto desafios.

— Você sabe que terá uma hora em que as crianças ficarão agitadas, não sabe? Então... Boa sorte! — desejei rindo.

— Ah, não estraga meu barato! — ele riu. — Eu estou empolgado, sabia?

— Foi mal. — sorri.

— Você está nessa parada comigo pra me dar um help, já que domina essa área.

— Claro, até que está sendo divertido. As crianças se apegam muito rápido, você percebeu né, então é normal você receber cartinhas, florzinhas e biscoitos babados.

— Posso comer os biscoitos babados, mas você fica com as florzinhas.

— Divisão justa. — rimos. — Além da música, você trabalha com mais alguma coisa?

— Pode se dizer que eu sou quase um médico.

— Uau! – fique surpresa. — Por isso que você disse que eu poderia ser sua paciente. – lembrei. — Tá terminando a faculdade?

— Aconteceram algumas coisas e eu tranquei por enquanto.

— Essa é uma profissão muito bonita também.

— É sim. – Gabriel concordou.

— Você parece que leva jeito pra ser médico.

— É, talvez. Mora com seus pais?

— Moro sim. Infelizmente ainda não sou independente na parte financeira. – lamentei.

— Não precisa ficar constrangida. Eu também moro com os meus e aposto que sou mais velho que você.

— Tem quantos anos? – perguntei curiosa.

— Vinte e dois, e você?

— Dezenove.

— Tá novinha ainda e se seus pais forem de boa, não precisa ter pressa de morar sozinha.

— Meus pais são ótimos e pra falar a verdade, esse não é um assunto que eu costumo pensar.

— Esse é um assunto que penso bastante.

— Tem problemas com seus pais? – fixei os olhos nele.

— Com o meu pai.

— Deve ser complicado.

— É bem difícil.

— Se quiser conversar sobre isso comigo qualquer dia... – ofereci minha ajuda como uma boa amiga.

— Claro, obrigado. Vem cá, por que você nunca me deixa te levar em casa?

— Fico com medo. – respondi sem sorrisos.

— De quê? — Gabriel levantou a sobrancelha desentendido.

— De você ser um psicopata maníaco.

Ele deu uma gargalhada e afirmou: — Não acredito que você percebeu. Pensei que eu conseguia esconder.

Caímos na risada, e eu curiosa, quis saber: — Por que me fez essa pergunta? Não está acostumado a ter suas caronas recusadas?

— Eu não estou acostumado a oferecer minha companhia a alguém até em casa.

— Ah tá. Então eu posso me considerar uma garota de sorte...

— Se você acha que ter um cara suspeito de ser psicopata ao seu lado, pode ser considerado como sorte, então você tem sim.

— Desculpa. — eu ri sem graça. — Eu estava brincando.

Sorrimos bastante, e ele pediu: — E aí, posso te levar em casa hoje?

— Hum... Deixa eu pensar... — queria dar uma de difícil, sabe, nem que fosse por uns míseros segundinhos. — Pode!

— Aleluia! — ele festejou sorrindo. — Então vamos?

— Vamos.

Voltamos para o galpão e entramos no carro.

Alguns minutos depois...

— É aqui. — avisei, ao passarmos em frente a minha casa.

— Bem perto né?

— É. Olha, não foi minha intenção te chatear. Eu só queria criar um clima mais animado, para podermos nos sentir mais á vontade um com o outro e quebrar de vez aquele ranço que estávamos criando. Me desculpa qualquer coisa.

— Tá tudo bem, gostei de conhecer seu lado divertido. — Gabriel sorriu.

— Que bom. — respirei aliviada. — Eu já vou indo, boa noite.

Já estava saindo do carro, quando ele pediu: — Babi, espera! Você tem face, zap... Ou alguma coisa do tipo?

— Me dá a sua mão.

Ele esticou a mão, eu peguei uma caneta em minha bolsa e anotei o meu perfil do face e o número do meu zap.

— Agora eu tenho mesmo que ir. — informei abrindo a porta.

— Eu também. Até amanhã.

— Até. Sonhe com os anjinhos. — desejei.

— Sonhe comigo. — Gabriel disse brincando.

— Ah, claro que não! Não quero ter pesadelo. — brinquei.

Ele sorriu, me deu língua, e se foi. Foi tudo de bom conversar com ele essa noite.



Capítulo 10 - Paixonite aguda

BABI

Cheguei em casa com o coração em disparate. Minha irmã estava na sala assistindo TV e quis saber o motivo da minha demora e alegria.

— Ih Pâmela, quantas perguntas! Só fui dar uma voltinha com um amigo.

— Amigo, sei... – ela riu desconfiada.

— Seu problema é levar tudo pro outro lado.

— Eu saio com meus amigos e não chego em casa assim, radiante.

— Não posso mais ficar feliz não, é? – dei os ombros.

— Pode ué, mas essa felicidade aí, com certeza tem haver com esse tal “amigo”. – Pam gesticulou as aspas.

Nossa, como ela é chata! Tudo o que eu quero é dormir e sonhar com meu loirinho.

— E se tivesse? Tem algum problema? – cortei querendo terminar o assunto. Gosto de conversar com ela, mas nesse momento não estava a fim.

— Nenhum. Vai ser feliz, porque você já passou da idade.

— E você também. Boa noite!

Já estava indo, quando ela quis continuar rendendo assunto.

— Boa noite maninha, e lembre-se que eu sou três anos mais nova que você.

— Aff! Grande coisa! – revirei os olhos.

— E ele é bonito? – Pam perguntou interessada.

Suspirei abobalhada e respondi: — É lindo!

Ela jogou a almofada do sofá em mim e gritou satisfeita, por descobrir o que queria saber: — Ah eu sabia que tinha crush na parada. Eu conheço ele?

— Não, não conhece. – menti, porque se eu revelasse que era o loirinho, ela me encheria ainda mais de perguntas.

— Então me diz quem é! Qual é o nome dele? Como ele é?

— Depois te conto, mana. Vou dormir porque já está ficando tarde e amanhã acordo cedo.

— Mas Babi...

Ignorei a curiosidade da minha irmã, entrei no meu quarto e eu fui dormir... Pensando nele!

GABRIEL

Cheguei em casa um pouco cansado e fui tomar um banho antes de dormir. Ainda vestia minha camisa, quando alguém bateu na porta.

— Entra. – falei.

— Sou eu.

— Victor. Não sabia que estava aqui.

— É, meu tio me ligou e pediu pra eu passar o final de semana aqui ao invés de ficar sozinho. — ele entrou e fechou a porta.

— Já que você e ele se entendem tão bem, você podia convencê-lo a me deixar em paz.

Victor coçou a cabeça, como se estivesse se preparando para me falar algo que ele considerava importante: — Primo, não é por nada não, mas...

— Mas...?

— Gabriel, na boa, se eu estivesse no seu lugar eu daria mais ouvidos á seu pai. — Victor falou de uma vez.

— Como assim?

— Eu concluiria a faculdade de medicina. Primo, essa é uma oportunidade única, você tem condições de fazer faculdade, enquanto muitos não tem. Olha, pensa bem, nós queremos muito e lutamos diariamente para a Reluz dar certo, mas e se não der? Tipo, nós temos que ter uma carta na manga, um plano B. Em que você vai trabalhar se a Reluz falhar?

— Não preciso de um plano B e muito menos de um plano C, tenho certeza que a Reluz vai dar certo. — respondi com segurança.

— Gabriel, é no plano B que seu pai pensa quando confronta com você. Ele quer o seu melhor. — Victor falava num tom, como se fosse meu conselheiro.

— Estou com sono, não quero mais falar sobre isso, Victor. — me joguei na cama pra ver se ele se mancava e parava de falar. Essa conversa já estava me chateando.

— Então boa noite.

— Pra você também.

Ele saiu do meu quarto e eu finalmente pude dormir.

Na manhã seguinte acordei me sentindo bem, como há muito tempo não me sentia. Desci e fui tomar café com a minha mãe, que já estava sentada á mesa me esperando.

— E aí filhinho, dormiu bem? – perguntou ela com um largo sorriso no rosto.

— Otimamente bem. – devolvi o sorriso.

— O que aconteceu pra você estar tão alegrinho?

— Nada, mãe.

— Me conta Bielzinho. É alguma garota?

Detesto esse jeito de minha mãe me tratar. Me sinto um idiota.

— Mãe, primeiro para com esse negócio de Bielzinho, e segundo, é mais ou menos isso.

A senhora ficou tão eufórica, que chegou a bater palmas: — Ai que legal! Espero que dê tudo certo entre vocês, e que...

Eu, é claro, tive que controlar a situação: — Não exagera, mãe! Ela é só uma garota que estou conhecendo. – esclareci enquanto passava manteiga no pão, ainda de pé.

— O amor começa das melhores amizades.

— Não no meu caso. – cortei.

— Coraçãozinho difícil de se apaixonar, e eu entendo o motivo, depois de tudo o que aconteceu, mas meu instinto de mãe não me engana, você está caidinho por essa garota.

— Não viaja, valeu senhora? – ri zoando.

— Quando irei conhecê-la?

Nem tive tempo de responder, meu velho já desceu as escadas me esculachando.

— É só isso aí que você sabe fazer né? Ficar com sua banda inútil e viver historinhas fajutas de amor. — esbravejou pondo-se de frente pra mim.

— Henrique, não fale assim com ele. — pediu minha mãe com voz mansa.

— Não defenda esse garoto, Elizabeth! Eu já estou irritado com ele há tempos. Esse rapazinho só se preocupa com ele mesmo.

Estava tentando engolir quieto, mas não conseguia ouvi-lo falando de mim assim e aceitar.

— Olha pai, eu te agradeceria muito se o senhor parasse de se meter na minha vida. — falei num tom moderado, largando a faca na mesa.

O velho se irou, aumentou a voz e disse fazendo gestos bruscos com as mãos: — Eu sempre te dei tudo, e você nunca fez nada pra me retribuir!

O encarei e disse com fisionomia séria: — Acontece, que eu não te pedi nada.

O clima ficou super pesado, e minha mãe, sempre ela, tentou acalmar os ânimos alterados.

— Gabriel, não responda seu pai! — ordenou. — E você Henrique, deixe o nosso filho em paz. — pediu levantando-se e afastando o velho de mim.

— Você o protege, né? Por isso que ele é assim, mimado, faz o que quer e não está nem aí pra nada.

— Tio, tio, tio... — Victor desceu as escadas, já entrando no assunto. — Olha como o dia está lindo, respira fundo e relaxa um pouco, vai fazer mal á sua pressão.

— É bom ter um sobrinho que se preocupa comigo, enquanto quem deveria, não está dando a mínima. — ele olhou pra mim, claramente me alfinetando.

— Acho que eu não estou ajudando muito. — Victor coçou a testa sem graça.

Sem ter mais o que dizer, pra continuar rendendo assunto, meu pai quis jogar a culpa de tudo o que estava acontecendo, em cima da minha mãe: — Se hoje o Gabriel é assim, a culpa é sua Elizabeth!

— A culpa não é dela. — a defendi. — Eu faço o que eu gosto, e o senhor ao invés de se preocupar com sua vida, quer se meter na minha, me controlar e fazer do seu jeito. — me revoltei.

Por fim, ele se deu por vencido, mas antes, teve que me dar o último golpe: — Pra mim chega! — falou num tom alterado. — Tenho que ir trabalhar. Não vale a pena perder nem mais um minuto do meu tempo, com um filho inútil como você!

Meu pai me deu as costas e saiu. Ele não sabe como essas palavras me fizeram mal. Me senti um nada. Minha mãe, como sempre, veio me amparar.

— Filhinho, não dê importância ao que seu pai disse. Ele está de cabeça quente. — acalmou-me enquanto afagava meus cabelos.

— Está tudo bem mãe, não se preocupe.

— Olha, eu só quero te ver feliz, tá bom? Estarei sempre aqui pra te apoiar em tudo o que você fizer.

Ela me abraçou e eu retribuí com um abraço mais forte e um beijo no rosto.

— Obrigado mãe, isso era tudo o que eu precisava ouvir. Obrigado por ficar ao meu lado.

— Sou sua mãe, e te amo muito! Não importa o que você faça.
Sempre foi um ótimo filho e sei que isso não mudará nunca.

— Pode ter certeza disso mãe. A senhora é o amor da minha vida.

— Me desculpem, não foi minha intenção piorar as coisas.

— Você não tem culpa pela falta de educação do meu pai, Victor.

— Gabriel... — dona Elizabeth chamou minha atenção.

— Foi mal.

Sorri para ela e fui para o meu quarto, até perdi a vontade de tomar café. As palavras da minha mãe fizeram eu me sentir um pouco melhor, mas o que meu pai disse, me deixou pra baixo pelo resto do dia.

Na noite daquele mesmo dia, fui ao ensaio do coral. Chegando lá, vi que a galera jovem aguardava o início do ensaio na calçada do galpão. Estacionei meu carro do outro lado da rua e fui até eles para cumprimentá-los.

— E aí Gabriel! Que bom que você veio. — animou-se um dos rapazes.

— É, o líder de vocês me convidou.

— Com a voz linda que você tem, gatinho, não era pra estar em outro lugar. — uma das meninas me mandou uma piscadinha.

Apenas sorri de leve. O meu estado de espírito, não permitia grandes reações.

— Você está bem? — perguntou outra menina, notando minha face desolada.

— Não muito. Eu vou ficar no meu carro esperando o ensaio começar. Quando a Babi chegar, peçam pra ela ir lá falar comigo, por favor.

— Tudo bem. — respondeu um rapaz simpático.

Entrei no meu carro e comecei a refletir sobre minha vida, enquanto esperava pela Babi. Precisava muito vê-la naquele momento.

BABI

Cheguei ao ensaio e vi o pessoal reunido na calçada da galpão. Os cumprimentei com um “Boa noite”, e antes que eu pudesse perguntar pelo Gabriel, que me garantiu que viria, Ângelo foi logo me dando um recado: — Babi, o Gabriel chegou e está ali, dentro do carro.

— E o que ele está fazendo lá sozinho? – estranhei. – Por que não está aqui com vocês?

— Ele disse que não está se sentindo muito bem, e só quer conversar com você.

— Sério? – perguntei animada e ao mesmo tempo desconfiada.

— Sim. Ele pediu pra você ir até lá.

— Por que será hein? – zoou Fernando colocando pilha.

— Vão conversar á sós... – reforçou Jonas rindo.

Eu, por ser um pouco tímida, fiquei corada e pedi: — Gente, para! Por favor, não fiquem falando essas coisas perto dele.

Os garotos ficaram lá rindo, esbanjando infantilidade e as meninas, não gostaram nada disso. Elas os olhavam com cara de asco e pra mim então...

Preocupada com o que poderia estar acontecendo, fui até o carro do Gabriel. Bati na janela de leve, ele abaixou o vidro, sorriu pra mim e abriu a porta. Eu entrei, sentei no banco do carona e quis saber de tudo.

— Oi, vim assim que recebi o recado. O que aconteceu?

— É o meu pai. – respondeu cabisbaixo.

— O que aconteceu com ele? – me preocupei.

— Foi comigo, na verdade.

— Não entendi.

— Bom ele... Ele não me compreende, sabe? Tudo na minha vida tem que ser como ele quer. Ele quer que eu seja médico e eu quero ser músico.

Discutimos feio hoje por causa disso e ele praticamente acabou comigo.

— Nossa, que tenso! Por que vocês não tentam se entender?

— Eu já tentei, mas com ele é impossível.

— Eu não sou muito boa em dar conselhos.

— Tudo bem, eu só queria conversar com alguém.

— Logo comigo? – fiquei surpresa.

— É que eu... Confio em você.

Nos olhamos nos olhos e sorrimos de modo amigável.

Ele confia em mim! Nossa! Isso me fez ter que pensar rápido em alguma coisa produtiva para dizer pra ele sobre o assunto em questão.

— Olha Gabriel... Não desiste do seu sonho, tá legal? Uma hora vocês irão se entender e você vai ver que tudo dará certo.

— Pra quem não é boa em dar conselhos, até que você se saiu bem.

— ele elogiou abrindo um sorriso.

— Obrigada. Espero ter te ajudado. – sorri sem jeito.

— Ajudou, com certeza.

Que bom que não dei mancada com o loirinho. Ele podia pelo menos me dar um beijinho de agradecimento.

Após finalizar o assunto, ficamos meio sem palavras, até porque ele ainda estava pra baixo. Escutei uma música que vinha de dentro do galpão e comentei: — Parece que o ensaio já começou.

— É verdade. Vamos então.

Saímos do carro, entramos no galpão e começamos a ensaiar uma música meio lenta, porém muito legal.

Esse ensaio foi um tanto constrangedor, porque algumas meninas ficaram olhando pra mim de banda e ainda ficaram de cochichos. Tudo isso era ciúmes da minha amizade com o Gabriel.

GABRIEL

Até que o ensaio foi maneirinho, gostei bastante de participar. Só que após o ensaio, no quintal do galpão, me senti um astro de cinema. Todas as garotas vieram falar comigo.

- Oi Gabrielzinho. – disse uma com voz manhosa.
- Oi. – respondi.
- Eu sou Tamara.
- Juliana.
- Ellen.
- Kelly.
- Tudo bem meninas? – as cumprimentei com um sorriso.
- Melhor agora. – respondeu Tamara.
- Sua voz é linda! – elogiou Juliana.
- Obrigado. – agradeci constrangido com tanta bajulação.
- Vem cá, você e a Babi tem alguma coisa? – perguntou Ellen.
- Não que eu saiba. – respondi encabulado.
- Bom saber! – festejou Kelly.
- Você é lindo, sabia? – paparicou Tamara.
- Obrigado, você também é linda. – nem é, agradeci e retribui o elogio na educação, e ela ficou lá se derretendo.

Pelo comportamento delas, juro que pareciam garotinhas de 12 anos querendo chamar minha atenção, era tanta imaturidade que eu já estava com vontade de correr dali. A Babi bem que podia me salvar, mas ela estava ocupada conversando com o líder.

Para minha salvação, meu celular tocou.

— Só um minutinho, meninas. – me afastei delas e atendi a ligação do Rafael. Depois que falei com ele, encerrei a ligação e comuniquei a todos os presentes: — Galera, eu tenho que ir.

— Que pena! – lamentou Ellen.

— Tchau gente, foi muito bom ensaiar com vocês.

Me despedi de todos com um aperto de mãos. Pedi licença ao líder, depois de cumprimentá-lo e me despedi da Babi por último, mas foi com um abraço demorado e um beijinho no rosto.

— Olha, eu tenho que ir. Entra no zap depois. – pedi.

— Tá, pode deixar.

— Ah, e... Muito obrigado pelo conselho.

— Não foi nada. Até mais tarde. – sorriu de modo terno.

— Tchau linda!

BABI

Linda? Ele me chamou de linda! Me derreti enquanto lamentava o fato de vê-lo ir embora. Foi só ele sair, para os meninos começarem a zoação.

— Tchau linda? Aí tem...

— Ih Jonas, não viaja, somos apenas amigos. – desconversei.

— Ok, ele apertou a mão de todo mundo, mas você, ele beijou, abraçou...

— Está com ciúmes Fernando? Queria ganhar um beijinho dele também? – zoei.

— Sai fora mana! Só estou dizendo que o carinha, está a fim de você.

Apesar de querer que isso fosse mesmo verdade, tentei encerrar esse assunto, em vão. — Vocês confundem tudo.

— É, vocês confundem tudo! É claro que ele não está a fim dela. – se meteu Kelly, deixando claro que não estava gostando nada, nada dessa história.

— Ele não está a fim é de você. — afirmou Pedro taxativo, provocando a fera.

— Amiga, fica com ele. Ele é tão lindo e simpático! — derreteu-se Renata, única que torcia por mim e ele.

— Podemos mudar de assunto? — pediu Juliana irritada.

— Ótima ideia. — concordei.

— Só uma última perguntinha: Você gosta dele, Babi? — quis saber Jonas.

— Eu gosto dele, como gosto de vocês. — sorri.

— Isso não é resposta! Sabemos que aí tem alguma coisa.

— Ah, pensem o que quiserem, Pedro! — me dei por vencida.

— Galera, chega de assunto e vamos embora. — pediu o líder já pegando a chave do portão do galpão.

Então, cada um foi para sua casa e fim de interrogatório! Esses garotos parecem mais um bando de adolescentes bobões, não é não?

Mais tarde, já em casa, chamei o Gabriel no zap. Eu estava morrendo de vontade de conversar com ele e tinha um bom pretexto.

“Oi Gabriel, td bem?”

“Oi Babi, eu tô bem ss e vc?”

“Tudo legal. Vc ficou sabendo que no sábado irá acontecer algumas apresentações no galpão, neh?”

“Eu fiquei sabendo ss, o Caio comentou cmg.”

“Então, o Marcelo me pediu pra te perguntar se vc e sua banda podem se apresentar.”

“Assim, em cima da hora? Eu vou ter que conversar com meus brothers pra ver o q eles acham.”

Ok. Tomara que topem.”

Gabriel sumiu do zap por alguns minutos, mas quando voltou, trouxe uma boa notícia: Ele e sua banda se apresentariam no sábado.



Capítulo 11 - Ao som da sua voz

Noite de sábado, dia do evento no galpão.

BABI

Gabriel e sua banda chegaram cedo ao galpão para ajustar seus instrumentos. Ele estava Lindo! Gato! Perfeito! Os rapazes de sua banda também eram muito gatinhos. Me encantei!

O loirinho estava bastante ocupado, então eu sentei e fiquei na minha. Decidi não incomodá-lo. Só trocamos um tchauzinho de longe.

O relógio começou a marcar 19h. Rapidamente o galpão encheu e não sobrou lugar pra ele ao meu lado. Então, ele e os rapazes da sua banda, ficaram lá nas cadeiras da frente.

O evento se iniciou e houve apresentação de ballet, de capoeira, de street dance... A Banda Reluz foi a quinta atração a se apresentar. Numa mistura de pop com rock, eles ar-ra-sa-ram! Gabriel e seu amigo baixista, dominaram no vocal. O loirinho também encantou á todos com seu solo de guitarra. Eles tocaram, cantaram e encantaram!

Foi show! Show! Muito show! Fiquei fascinada! Pena que eles cantaram só três músicas.

O evento prosseguiu e antes do fim, a galera pediu aos gritos que a Banda "Reluz" cantasse uma música romântica para fechar a noite.

GABRIEL

Nossa, foi emocionante ouvir a galera gritar o nome da nossa banda e pedir mais uma música. Subimos no palco e antes de nos apresentar, fomos para trás das cortinas, para combinar o que iríamos cantar.

- A única música romântica que temos pronta é "Eu sei".
- Não. Tem que ter outra, Mattheus.
- Só que não temos, Gabriel. Essa música é boa e fácil e nós...
- Não vai dar. — fiz gesto negativo com a cabeça.
- Gabriel, dá um tempo! Não começa com seus showzinhos...
- Vocês podem cantar sem mim, Victor. Encontro vocês no estacionamento.

Dei-lhes as costas e me afastei. No caminho, esbarrei com a Babi.

BABI

Fui atrás da banda para poder vê-los de perto, conhecê-los, porém, estranhei o fato de Gabriel estar saindo de lá.

— Gabriel, está tudo bem?

— Está sim, Babi. — ele respondeu, parecendo estar bastante tenso.

— Você não vai cantar?

— Agora não, mas o Rafael e o Victor cantam bem melhor que eu.

— Mas...

— Eu só preciso tomar um ar.

Ele saiu tão rápido, que se eu quisesse alcançá-lo, teria que correr. Sem entender nada, me aproximei discretamente da banda e ouvi o que diziam.

— Então... Você faz o vocal, Victor.

— O Gabriel não pode dar chique e dizer que não pode cantar, toda vez que alguma música lembrar sua ex.

— Deixa isso pra lá, vamos cantar porque o pessoal está esperando.

Eles ultrapassaram as cortinas e começaram a apresentação. O meu coração apertou com o que eu ouvi. Essa música faz o Gabriel lembrar da sua ex...

Quando a música começou, a letra me deixou ainda mais quebrada:

Eu sei

Tudo pode acontecer

Eu sei

Nosso amor não vai morrer

Vou pedir aos céus

Você aqui comigo

Vou jogar no mar

Flores pra te encontrar...

(Música "Eu sei" - Papas na língua)

No final, geral que estava presente no evento, se ajuntou em cima deles para parabenizá-los e os bajular. Depois do que ouvi, a noite acabou pra mim, então resolvi ir embora.

GABRIEL

Quando desci do palco na última apresentação, fui andar pelo quintal do galpão a fim de refletir. Definitivamente não dá pra manter a minha vida movida á Karina. Isso precisa acabar!

Viajando nas minhas reflexões, vi Babi passar e ir em direção á saída.

— Babi, espera! – gritei, indo até ela. – Já está indo embora?

— Estou, grande astro.

Eu sorri e perguntei: — Por quê?

— Porque... Tenho que lavar louça.

— Hum? – franzi a testa.

— Minha mãe fez uma tabela de afazeres domésticos, sabe, então hoje é meu dia de ir pra pia, por isso não posso demorar. Não é legal lavar louça tarde da noite.

Será que isso é verdade? Eu ri e rebati: — Mas ainda está cedo.

— É mesmo. – ela concordou, conferindo a hora em seu relógio de pulso. – Amei a apresentação da sua banda, foi excepcional.

— Acha que eu não sei que você curtiu? Você estava vidradinha na nossa música.

Ela deu uma risadinha e disse: — Por acaso você cantou olhando pra mim?

Rimos e eu mudei de assunto.

— Vem comigo, eu quero te apresentar aos meus brothers.

A Peguei pela mão e fomos para onde eles estavam. O pessoal que os cercava, graças á deus, já havia se dispersado.

— Galera, essa é a Babi. Babi, estes são Rafael, Victor e Mattheus. — os apresentei.

— Oi gente! — ela mandou um tchauzinho tímido.

BABI

— E aí Babi, tudo beleza? — cumprimentou Rafael, um rapaz moreno, alto, de cabelos lisos com fios desalinhados.

— Tudo. — respondi.

— Oi Babi. — disse Victor, o rapaz de pele branca e cabelos ondulados na altura dos ombros.

— Oi. — falei.

— É um prazer te conhecer, Babi. — saudou Mattheus, que tinha os olhos puxadinhos, lembrando um japinha.

Eu e Mattheus nos cumprimentamos com um aperto de mãos e trocamos um abraço, durante a apresentação.

Amei conhecer os amigos do Gabriel, que eram tão simpáticos quanto ele.

GABRIEL

O bobalhão do Rafael, como de costume veio no meu ouvido fazer suas habituais gracinhas.

— Caramba brother, se deu bem. A mina é mesmo uma gata! Quando vai se declarar pra ela?

— Me declarar? — eu ri. — Está cedo demais pra isso, não acha?

Enquanto eu e o Rafael conversávamos, Babi trocava umas ideias sobre música com o Mattheus. Já estavam bastante entrosados, para quem acabou de se conhecer.

— Tá vendo mano, se você ficar nesse lenga, lenga, o Mattheus vai tomá-la de você. — alertou Rafael, dando tapas em meu ombro.

Eu, é claro, discordei: — Nada a ver, eles só estão conversando, seu doente! E além do mais, eu não tenho nada com ela.

— Mas sei que quer ter. Você olha pra ela do mesmo modo que olhava pra Karina.

— Karina... — pronunciei esse nome constrangido e pedi: — Por favor, não me lembre dela.

— Só acho que já está na hora de você tomar um novo rumo em sua vida e esquecer de vez o que passou. Eu já vou indo, e vê se aprende a cuidar melhor da gatinha ali.

— Eu vou me lembrar disso.

— Vambora Mattheus. — chamou Rafael.

— Vamos! — respondeu ele, se voltando para a moreninha para, despedir-se: — Babi, foi mesmo um prazer te conhecer.

— Igualmente.

Cara, eles se abraçaram de novo! Não creio!

Após a despedida calorosa, Mattheus e Rafael levaram os instrumentos para o carro do Mattheus, e eu os ajudei.

— Vai ficar aqui? — perguntou Mattheus.

— Só mais um pouquinho. Vou embora depois. — respondi. — Cadê o Victor?

— Já meteu o pé, disse que estava com pressa. — Rafael falou. — Até mais, brother.

— Até.

Eles entraram no carro e já estavam partindo, quando Rafael colocou a cabeça pra fora da janela e gritou: — Não esquece do que eu te disse!

— Pode deixar. — ri sem graça.

Do jeito “discreto” como ele gritou, foi normal os olhares se voltarem pra mim.



— Quer que eu te leve em casa? – perguntei para a Babi, quando voltei para dentro do galpão.

— Não, não precisa se incomodar.

— Não é incomodo. Podemos conversar um pouquinho e tal... Se você quiser.

— Ok, vamos então.

Sorri e disse: — Vamos pimpolha.

— Pimpolha? – ela ficou surpresa, ensaiando um sorriso.

— Ah, é um apelido carinhoso que pensei pra você.

— E o que significa? – ela perguntou visivelmente curiosa.

— Depois eu te explico.

— Ah tá, com certeza você vai inventar algum significado. – Babi riu.

— E vai ser melhor ainda. – dei uma piscadinha.

— Só quero ver.

Rimos.

Nos despedimos do pessoal, peguei meu carro e fomos.

Já dentro do carro...

— O Mattheus é bem legal né? – Babi comentou parecendo estar fascinada.

— Com certeza. Ele é como o meu irmão mais velho. – não tão velho. Uns quatro anos mais ou menos.

— Ele estava me contando sobre a banda, me falou sobre os instrumentos... Muito interessante!

— É, a nossa história é única, sabe. Passamos por muita coisa. Ele não te contou nem a metade, qualquer dia eu te conto. — eu disse mantendo os olhos na pista.

— Tudo bem. Você toca todos os instrumentos?

— Toco guitarra, baixo e teclado.

— O Mattheus toca sete instrumentos. Incrível né? — Babi deslumbrou-se.

Não aguentava mais ouvi-la falando dele, então me auto promovi: — É normal, eu pretendo tocar mais de dez.

— Eu acho incrível! — ela suspirou viajando.

— Vamos mesmo ficar só falando das habilidades extraordinárias do Mattheus? — perguntei sem ser grosso, tirando por uns míseros segundos, os olhos da estrada.

Confesso que já estava enciumado com isso. Como ela pode ficar fascinada por ele assim, do nada?

Ficamos em silêncio por alguns instantes, e ela me olhou como se tentasse decifrar o que eu estava pensando. Depois, mudou completamente de assunto.

— Como está sua relação com seu pai?

— A mesma coisa, não nos falamos direito há tempos.

— É muito triste um filho não se dar bem com o pai. — lamentou.

— A culpa é dele! Se ele fosse um pai melhor, isso não estaria acontecendo.

— Mas você já tentou entender o lado dele?

— Não e nem quero. Ele não tem razão em nada do que diz.

— Mas Gabriel...

— Babi, eu não quero falar sobre isso. — cortei sendo um pouco rude.

— Tudo bem. Pode me levar pra casa? — ela pediu.

— Claro.

Como era bem perto do galpão, a casa dela já havia chegado há tempos, mas como estávamos conversando, passei direto e fiquei dando umas voltas pelas ruas próximas.

Fiz o retorno e rapidinho chegamos. Mas eu não queria que a noite terminasse assim.

— Boa noite. — desejou ela.

— Pra você também.

Babi estava tirando o cinto de segurança pra sair do carro, daí eu vi que era uma boa hora para consertar as coisas.

— Babi, eu não fiquei chateado com você, eu só não me sinto á vontade falando do meu pai. Falar dele sempre me deixa irritado. — me justifiquei com a fala calma.

— Tá tudo bem, eu te entendo.

Após me retratar, resolvi prolongar o assunto para ter a certeza de que estava mesmo tudo bem: — Você trabalha aqui perto?

— Sim, é numa escola na quadra D.

— Acho que eu sei onde fica. — comentei, já perguntando: — Quer ir ao cinema comigo amanhã?

Ela sorriu e pensou tanto, mais tanto, que eu pensei que a resposta seria não. Depois de uns eternos segundos de espera pela resposta, ela olhou pra mim e aceitou não muito empolgada: — Sim, eu aceito. Faz tempo que não vou ao cinema.

— Tem uns filmes ótimos em cartaz.

— É, eu sei. Sobre filmes eu entendo.

— Então eu te pego no trabalho e a gente vai. — sugeri me aproximando, pondo o braço sobre o banco em que ela estava sentada, só pra ficarmos bem pertinho.

— Me buscar no trabalho? — Babi perguntou surpresa, acomodando-se de frente pra mim.

— É, algum problema?

Ela deu uma risadinha e disse: — Você não pode me buscar lá.

— Por que não? — eu quis saber desentendido.

— Porque não! — enfatizou. — No fim do meu expediente, eu fico descabelada, suja e feia e eu não vou para o cinema parecendo um espantalho de plantação.

Eu ri e sugeri: — Eu te busco, te trago em casa e você se arruma.

— Não é melhor você me buscar aqui?

— Sabe, eu sempre fui fã de espantalho de plantação e adoraria ver um vivo.

Caímos na gargalhada.

— Eu posso apostar que você não vai até lá, mas... Em todo caso, vou levar roupa extra e maquiagem.

— Que isso Babi, você é linda de qualquer jeito.

Pude vê-la corar na hora. No primeiro instante, ela ficou sem palavras. Após se recompor, um pouco retraída, ela agradeceu: — Obrigada!

— Eu sei que você não está levando muita fé que eu vou ao seu trabalho, mas vamos fazer assim, se eu não for, faço o que você quiser.

— O que eu quiser? — Babi perguntou pretensiosa.

— Não sei se devo confirmar isso, mas é. Eu tô falando sério.

Ela ficou um pouco pensativa e pediu: — Posso te fazer um pergunta?

— Quantas você quiser. — galanteei jogando meu charme.

— Tá todo gentilzinho hoje, o que houve?

Você na minha vida! Foi o que tive vontade de responder, mas respondi: — Tô normal, eu sempre sou assim. Quando ajo diferente, é só pra te irritar.

— E que graça tem em me irritar?

— É tão bom... — confessei rindo e emendei: — O que você ia me perguntar?

— Deixa pra lá. Eu já vou indo, boa noite.

— Boa noite, até amanhã.

Ela saiu do carro e entrou em casa. Cheguei à conclusão de que a Babi era mesmo diferente das outras garotas que já conheci. Ela é toda comportada, doce, toda na dela... E seu jeitinho tímido a fazia especial, me deixava ainda mais encantado por ela, e eu sendo o cara respeitador que sempre fui, me identifiquei muito com ela.



Capítulo 12 - No escurinho do cinema...

BABI

Fui para o meu quarto confusa. O que será que o Gabriel quer comigo? Ele hoje ficou todo pra baixo porque lembrou da ex e agora quer me levar ao cinema. Está claro que ele quer esquecê-la, com a bobona aqui.

E eu... Mesmo sabendo disso, aceitei sair com ele porque... Acho que estou me apaixonando e posso ajudá-lo a tirar sua ex da cabeça, mas no fundo sinto que posso me machucar feio e estou com muito medo disso.

Porque ao invés de ficar de conversinha com ele, eu não vim pra casa e lavei a louça, hein? É porque não tinha louça nenhuma pra eu lavar, foi só uma desculpa mal inventada para evitá-lo, coisa que não consegui.

No dia seguinte, no trabalho...

— Crianças, sentem! – pedi tentando não berrar.

Nunca os vi com tanta agitação. Um corria pra um lado, outro corria para o outro... E o pior, eles não estavam me obedecendo por nada. Que pesadelo!

Quer saber, façam o que quiserem! Não quero me estressar hoje, não hoje.

“Gabriel...” – suspirei pensando nele. “Será que ele vem? Incrível como eu me acalmo só de pensar nele. É uma pena que ele só me vê como uma amiga”. – lamentei.

Cinco horas da tarde...

Fim de expediente! Eu não sabia se queria que ele viesse, ou se queria que ele não viesse. Estava nervosa pacas! Tentava me tranquilizar em vão. Fui ao banheiro, ajeitei meu cabelo, passei perfume e batom. Esperei minhas colegas de trabalho, para sairmos juntas.

Expectativa! O portão se abriu e quando eu saí... O Gabriel estava lá! A tremedeira foi inevitável, mas acho que consegui disfarçar. Só acho.

Ele estava em frente á escola, em pé, encostado na sua BMW de braços cruzados. Fiquei muito feliz ao vê-lo, e ele abriu um sorriso daqueles, quando me viu.

Fui até ele, sendo acompanhada pelas minhas colegas.

— Oi, você veio mesmo. – falei animada.

— É, parece que sim.

Sorrimos, e eu o apresentei á elas, que olhavam fixamente para ele.

— Gabriel, essas são minhas colegas de trabalho. Meninas, esse é o Gabriel.

— Prazer meninas! – disse ele simpático.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mãos.

— O prazer é nosso. – respondeu Evellyn risonha.

— Babi, por acaso ele é seu namorado? – perguntou Verônica, visivelmente interessada.

— É sim. – respondi sem pensar.

Elas olhavam pra ele descaradamente, estavam babando. Por um lado, as entendo, não tem como não olhar para um cara lindo, sarado e perfeito como esse gatinho. Mas por outro, estava me mordendo com tanta falta de senso do ridículo. Agora, mais do que nunca, fiquei feliz por ele ter vindo me buscar.

— Esse carrão é seu, Gabriel? – perguntou Diana, deslumbrada.

— É sim. – ele respondeu, olhou pra mim e perguntou: — Podemos ir, amor? – entrou na pilha.

— Vamos! – “Está mais que na hora, pensei”. — Tchau meninas, até amanhã.

— Até. – responderam em coro.

Gabriel, como legítimo cavalheiro, abriu a porta do carro pra mim. Eu entrei, ele entrou e deu partida.

— Acho que suas amigas gostaram de mim. – comentou, com aquele sorrisinho convencido que sempre me irritava.

— É sério mesmo que você já vai começar? – cortei a dele.

— Tá bom, parei, namorada! – riu.

— Desculpa por isso, é que...

— Você ficou enciumada, eu te entendo.

— Será que você pode, por favor esquecer essa história? – pedi sendo educada. Eu não sabia lidar com situações desse tipo, sem ficar constrangida.

— Ok, fato esquecido.

— Não achei que você viria. – mudei completamente de assunto.

— Eu nem notei que você achou isso. – ironizou.

Sorrimos de leve.

— E aí, como foi o seu dia? – perguntei.

— Normal, tranquilo. Ensaiei umas músicas com minha banda, para um concurso que vamos participar.

— Que legal! E quando é?

— Semana que vem.

— Nossa, já está bem perto.

— Nem me lembre. – Gabriel franziu a testa demonstrando estar tenso. — Só de pensar já fico nervoso.

— Vocês são ótimos, vai dar tudo certo.

— Obrigado pela força! E o seu dia, como foi?

Revirei os olhos e disse: — Foi péssimo! Não quero nem lembrar.

Demos risadas.

— E o nosso cinema, ainda está de pé? – Gabriel perguntou me encarando, depois de estacionar em frente á minha casa.

— Claro. – confirmei sorrindo.

— Ok, então venho te buscar às oito, pode ser?

— Tudo bem. Bye, bye.

— Até mais, pimplha.

— Para Gabriel! Só aceito que me chame de pimplha, depois que me disser o significado. — contestei fazendo charme.

— Á noite eu te explico, eu juro. — ele riu.

— Melhor, acho que vou procurar no dicionário.

— Não precisa, meu significado é muito mais fofo. — jogou um beijinho.

— Ah é? Quero ver. Então vou indo nessa, vai pensando num significado bem bonito.

— Pode deixar!

Saí do carro, entrei no meu quarto procurando minha melhor roupa, e iniciei minha super produção, mas sem exageros.

GABRIEL

Às 08h30min da noite, na fila da bilheteria...

— Que filme vamos ver? — Babi perguntou.

— O que você quiser. — galanteei.

— Beleza. — ela direcionou o olhar para os visores que informavam os nomes dos filmes e os horários das sessões.

Babi escolheu o filme e eu comprei os ingressos.

— Temos uns minutos á toa até a sessão de 9h15 começar. — comentei.

— Então vamos dar umas voltinhas aqui pelo shopping, Bielzinho.

— Bielzinho, não! — rebati. — Já basta minha mãe me chamando assim.

Caímos na risada.

Nos sentamos num dos banquinhos que ficavam no terceiro piso do shopping e ficamos conversando até o início da sessão. A noite estava fria,

então nos sentamos bem próximos, com uma perna deitada sobre o banco e outra perna apoiada no chão, assim ficamos de frente um para o outro.

— Posso te fazer um pergunta? — coloquei meu braço sobre o assento, ficando assim mais á vontade.

— Pode.

— Quantos namorados você já teve?

— Dois. — Babi respondeu.

— E não ficou com nenhum deles?

— Eu nunca tive sorte no amor, sabe. — ela abaixou a cabeça por uns instantes, voltando seus olhos para mim novamente. — Eu... tenho o sonho de me casar e... Quero guardar minha virgindade até o casamento, então é um pouco complicado encontrar alguém que pense como eu. Não precisa concordar comigo, sei que os homens não pensam assim.

— Nossa! — me surpreendi.

— O que foi? — ela arregalou os olhos.

— É muito lindo esse seu jeito de pensar. — sorri admirado. — Babi, quem perdeu foram eles e não você. Eles não te valorizaram como você merece.

— É assim que eu penso.

A Babi realmente abriu seu coração pra mim, estamos começando a criar um vínculo de confiança. Ela é... Tão especial, tem um pensamento tão puro... Acho que eu estou começando a esquecer de verdade a Karina.

Nos olhamos nos olhos por alguns segundos, mas ela cortou o clima que pintaria, com uma pergunta: — Mas e você? Como anda sua vida amorosa?

Sorri e respondi: — Eu sei que não quero me casar tão cedo.

— E por que não?

— Porque ainda tenho muitos sonhos pra realizar e quando eu tiver uma família, vou viver pra eles, não só pra mim. Então tenho que fazer tudo o que pretendo, na minha vida de solteiro.

— Gostei do seu modo de pensar. — falou com um sorriso. — E quantas namoradas já teve o senhor?

— Uma.

— Uma????

— Por que a surpresa?

— Ah, porque... Até que você é bonitinho. — ela elogiou engasgada.

Abri um meio sorriso e expliquei: — Nós ficamos juntos por quatro anos. Chegamos até a ficar noivos.

— Caramba, então a parada era mesmo séria. E por que terminaram?

— Queríamos coisas diferentes, aí cada um seguiu seu caminho.

— Isso foi há muito tempo?

— Tem mais ou menos um ano.

— Ainda gosta dela? — Babi quis saber, parecendo estar receosa.

Eu sorri e provoquei: — Por quê? Está com ciúmes?

Ela ficou corada e debateu um pouco nervosa: — Ih, não começa, Gabriel! A conversa estava séria, até você vir com esses seus comentários fora de hora.

— Ficou bravinha? — provoquei fazendo biquinho.

— Fiquei! — Babi respondeu sem rir.

— Fica calma. Pra sua felicidade, não sinto mais nada por ela.

— Minha felicidade? Se enxerga meu filho! — Babi disse revoltada.

— Deu pra notar que você ficou bem alegrinha com a minha resposta. — alfinetei.

Ela me olhou fixamente, e perguntou: — Por que está tão eufórico? Você quer que eu esteja feliz por isso?

— Até que você fica lindinha, nervosinha. — desconversei.
— Não muda de assunto! — ela segurou de leve em meu queixo.
— Só estou te elogiando. — sorri.
— Muito engraçadinho! Pena que eu não tenho nenhum elogio pra você. — ela rebateu a provocação, cruzando os braços.
— Com certeza tem, só não quer me dizer.
— Pior que não. Como posso ter elogios pra uma pessoa tão irritante como você? — justificou com um sorrisinho debochado.
— É, posso até ser irritante, mas você curte muito ficar comigo, senão não teria aceitado o meu convite.

BABI

Sempre que Gabriel me provocava, eu ficava tentando entender se da parte dele vinha amizade ou interesse. Na luta para conquistá-lo e ter uma chance com ele, confessei: — Não sei o porquê, mas... Gosto da sua companhia.

Ele sorriu, segurou na minha mão e retribuiu minhas palavras: — Também gosto da sua.

Bastante nervosa, quebrei de novo o clima que estava para nascer, com uma pergunta pra lá de idiota: — Vai me dizer ou não o significado de pimplha?

— Ah sim! Significa “garota chata”.
O empurrei de leve e disse rindo: — Seu sem graça!
— Você quer que signifique o quê? — ele riu.
— Nada, Bi-el-zi-nho. — falei para provocá-lo, só porque sabia que ele não gostava.
— Isso foi golpe baixo. — Gabriel reclamou.
— Apreendi com você. — rimos.

— Agora vamos, vai começar o filme. — ele disse.

Nos levantamos e enquanto caminhávamos, Gabriel contornou meu ombro com seu braço. Entramos na sala onde o filme seria exibido e nos acomodamos juntinhos na cadeira do cinema.

— Até que está sendo legal o nosso passeio. — eu comentei.

— Está mesmo.

Nos entreolhamos e Gabriel acariciou meu rosto e meus cabelos. Nos aproximamos e eu pude sentir sua respiração. O momento estava lindo e intenso, queria muito que nosso primeiro beijo acontecesse logo e se repetisse por várias e várias vezes. O senti bem próximo de mim e a cada toque dele, meu coração batia mais forte, como nunca bateu antes.

Fechamos os olhos, juntamos nossos lábios, mas quando iríamos nos beijar, eu travei.

Parecendo desolado, Gabriel abriu os olhos e perguntou: — O que foi?

— Eu... Eu e você somos amigos, né, então... Eu não costumo sair beijando meus amigos por aí.

— Tá certo, claro. Desculpa. — ele se retratou constrangido.

— Tá tudo bem.

Para quebrar o clima chato que ficou, ele me olhou de modo carinhoso e disse: — Na semana que vem, é o aniversário de quinze anos da minha prima, será no mesmo dia em que vou me apresentar com a minha banda no concurso. Você quer ir comigo?

— Eu adoraria. — aceitei sorrindo.

Por mais que eu quisesse muito beijá-lo e ficar juntinho com ele, não consegui. Ele me disse que esqueceu de sua ex, mas pela sua reação ontem durante a apresentação de sua banda, eu vi que não. Não queria beijá-lo

sabendo que talvez ele estivesse pensando nela. Não podia correr o risco de ficar ainda mais gamada no Gabriel e no fim... Ele voltar pra ela.

Assistimos ao filme em silêncio e conversamos muito pouco quando ele me levou em casa.

A noite teria sido perfeita, se meu tão sonhado beijo com o Gabriel acontecesse, mas como eu não precisei de grandes esforços para concluir...: Estava praticamente óbvio que ele ainda amava a sua ex noiva.

Se ele pensasse em mim como penso nele, não deixaria a noite acabar assim. Gabriel, como eu amaria ter você na minha vida!



Capítulo 13 - Nossos momentos

GABRIEL

Já no meu quarto, deitado na cama, pensava nela. Não conseguia tirá-la da minha mente nem por um minuto, pena que ela não me corresponde. Tudo o que eu mais queria nesse momento era ficar com a Babi, abraçá-la e fazê-la muito feliz.

No dia seguinte, Rafael veio á minha casa buscar um CD que ele havia me emprestado. Aproveitamos para bater um papinho na sala.

— Ainda não acredito que você me fez vir aqui mano. — Rafael reclamou.

— Eu disse que levaria na sua casa. — respondi, entregando-lhe o CD.

— Você já disse isso umas dez vezes e sempre que vai lá, diz que esqueceu.

— Foi mal brother. — me desculpei, querendo me esquivar de uma conversa. Queria muito refletir sozinho.

— Você não tá muito bem hoje. — afirmou Rafael me encarando mais de perto. — O que houve?

— Nada demais. — desconversei, não queria tocar no assunto àquela hora, mas se tratando de uma pessoa insistente como o Rafael, isso não funcionava.

— Ah não? — desconfiado, cruzou os braços, fitou os olhos em mim e perguntou: — E como foi seu encontro com a Babi?

Incrível, como ele sabia exatamente tudo o que se passava comigo. Então resolvi me abrir com ele, afinal é o meu melhor amigo.

— Tudo bem, você venceu. É por causa dela que estou assim.

— O que aconteceu? Não deu certo? — questionou apreensivo.

— Cara, eu juro que pensei que ela estava a fim de mim, mas ontem comprovei que não.

— Comprovou como? Ela te disse isso?

— Não precisou dizer, foi notório. — respondi decepcionado.

— Pelo que você falava, também achei que ela estava na sua.

— Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Que ela na verdade gostou do Mattheus. — dei minha suposição.

— Do Mattheus? — surpreendeu-se levantando as sobrancelhas. — Então era isso mesmo?

— No sábado depois que nos apresentamos no galpão, a levei em casa e durante o caminho ela só queria falar sobre ele, parecia que estava hipnotizada.

— Não! Tá falando sério? – indagou desacreditado.

— Estou. Você tinha que ver como ela falava dele. Estava encantada, achou o máximo tudo o que ele disse e não me deu um pingão de atenção. Daí, fui forçado a cortar o assunto, só assim ela parou de falar nele.

— Brother, não acredito! Será mesmo que é isso?

— Tenho quase certeza que sim. – mordeu os lábios preocupado.

— E o que você vai fazer?

— Vou manter nossa amizade normal, pra ver qual é a dela. – cocei a testa.

— Vai contar isso pro Matheus?

— Não, ele não precisa saber disso. Sei que ele sabendo que eu estou interessado na Babi, não dará ideia pra ela, mas... É melhor esse assunto ficar só entre a gente.

— É verdade, quanto a isso não se preocupe.

— Cara, ela me deixa doidinho. – confessei suspirando, sem saber o que fazer.

— Relaxa Gabriel, o fato dela ter achado o Matheus o máximo, não quer dizer que esteja a fim dele. – afirmou Rafael tentando tranquilizar a situação.

— Pode até ser, mas... Antes a sentia tão perto, e agora a sinto tão distante...

— Comece a demonstrar que está interessado e seja mais carinhoso com ela, você vai ver que vai funcionar direitinho.

— Você acha?

— Pode confiar cara! De assuntos do coração, eu entendo.

— Sei... – sorri.

— E escreve o que eu estou dizendo: Ela gosta de você.

Ele afirmou isso com tanta certeza, que até me senti melhor.

Uma semana depois...

GABRIEL

Finalmente chegou à tarde de sábado, dia do tão esperado concurso. Concorreríamos com outras nove excelentes bandas. Alguns amigos nossos, inclusive a Babi, foram nos prestigiar e nos dar força e apoio.

O local do concurso era um galpão enorme, onde foi montado um extenso e espaçoso palco. Estava lotado de gente, o que aumentava ainda mais a tensão.

Eu e meus amigos estávamos no estacionamento tirando os nossos instrumentos do carro, quando a Babi chegou e foi nos cumprimentar.

— E aí meninos, como estão? – ela perguntou sorridente.

— Oi Babi, nós estamos bem. – respondeu Mattheus.

— Estamos tensos, porém muito confiantes. – falou Victor, controlando a preocupação de forma visível.

— Que bom que você veio nos apoiar. – disse Rafael olhando pra mim e eu entendi sua ironia na parte do "Veio nos apoiar", quando na verdade ele queria dizer que ela veio dar somente á mim o seu apoio.

— E você Gabriel? – quis saber Babi, se mostrando preocupada comigo.

— Estou muito nervoso.

— Gabriel, nós vamos levar os instrumentos lá pro galpão. – avisou Mattheus, indo com Rafael e Victor.

— Ok. – concordei sorrindo. Que bom que eles se tocaram e nos deixaram á sós, sem eu precisar ficar gesticulando.

— Tenta se acalmar, Gabriel. Vocês vão se sair bem.

— Acontece, que erramos a música no último ensaio. – afirmei inseguro.

— Mas hoje vocês irão conseguir e serão melhores do que todos.

— Espero que esteja certa.

— Eu estou.

Babi se aproximou de mim, alisou o meu rosto e para minha surpresa, me deu um beijo selinho bastante prolongado.

Depois, me olhou nos olhos, desejou boa sorte e se foi.

Não entendi nada! Foi tão inesperado, que até fiquei sem ação.

Confesso que amei essa atitude dela, daí tive a certeza de que não era bem o Mattheus que a interessava.

BABI

Nossa, ainda não acredito que fiz isso! É claro que não pode ser chamado de beijo, mas só o fato de ter tocado nos lábios dele com os meus, me deixou piradinha. Minha mente começou a trabalhar, imaginando como seria bom um beijo de verdade nesse loirinho.

Espero que ele não tenha se importado, e que essa minha atitude não o afaste de mim. Mesmo ele ainda sentindo algo por sua ex, sinto que posso mudar esse sentimento.

GABRIEL

Cerca de 50 minutos depois, deu-se início á primeira fase ao vivo da competição. As outras etapas eliminatórias foram realizadas através de CDs e vídeos que foram enviados para avaliação. Muitas bandas ficaram pelo meio do caminho, e ali só estavam as dez consideradas melhores.

A primeira banda se apresentou e não empolgou muito. A música apresentada por eles era lenta demais e os integrantes não deram aquele toque diferencial, o que deu um gelo na galera que assistia as apresentações.

A segunda banda detonou! Pude sentir que eram concorrentes fortíssimos. Inovaram no vocal, nas batidas... Confesso que fiquei bastante apreensivo com esta performance que foi praticamente perfeita.

Nós fomos os sétimos a nos apresentar e conseguimos superar as expectativas. Cantamos e tocamos a música ***“Depois da guerra” da banda Gospel Rock “Oficina G3”***. Fizemos melhor do que nos ensaios (em minha opinião). Misturamos o pop com o rock e a galera foi ao delírio, espero que os juízes também.

Entre as bandas que empolgaram e as que não mostraram nada demais, o nível estava médio.

A primeira fase dessa etapa do concurso eliminou cinco bandas. A “Reluz” felizmente continuou firme na briga.

A segunda fase rolou naquele mesmo dia e eliminaria mais duas bandas. Apenas três estariam na semifinal.

Essa fase foi assim: As cinco bandas classificadas se apresentaram novamente, com outra música. Após as apresentações, o nervosismo tomou conta de todos.

Nesta etapa, o nível das apresentações subiu muito, então era quase impossível saber qual das cinco passariam para a semifinal.

Um dos organizadores pegou o microfone para anunciar as três semifinalistas.

— Haja coração hein galera... Momento difícil esse! Eliminar duas bandas super talentosas. Mas não desanimem, esse não é o fim, é apenas o começo.

A cada palavra que ele dizia, minhas pernas estremeciam, eu suava frio e meu coração então... Por muito pouco não saiu pela boca. Respirei fundo e mantive minha atenção voltada pra ele.

— Bom, agora chega de enrolação. As bandas que tocarão na grande semifinal do concurso são: “Spirit”...

Vou morrer de nervosismo, só tem mais duas vagas...

— “Defensores da Fé” e...

Agora só resta uma vaga. Fala logo homem, pelo amor de deus! Não tenho nem mais unha pra roer!

— “Reluuuuuuz”! – ele puxou bem os “us” de Reluz.

Caramba, conseguimosooooos!!!! Fiquei extasiado, nunca comemorei tanto em toda minha vida. Era o primeiro passo para a realização do nosso maior sonho, já que o vencedor gravaria um CD por uma das melhores gravadoras do país.

Nossa comemoração foi tão exagerada, que eu nem consegui um tempinho pra falar com a Babi, era tanta gente nos cercando e nos abraçando, que ela só disse de longe: — Parabéns! – e foi embora.

A Reluz merecia estar na semifinal, passamos por tanta coisa, que não havia lugar melhor para estarmos.

Á noite, fui á casa da Babi buscá-la para o aniversário da minha prima. Ela estava linda, com um vestido azul escuro longo sem alça e de cabelos soltos... Nossa! Ela estava muito gata, mais gata do que já era.

BABI

Fiquei muito feliz porque a banda do Gabriel conseguiu passar de fase, pena que não consegui falar com ele, mas tudo bem, vamos ter tempo suficiente para conversar agora á noite.

Comprei um vestido exclusivamente para ir à festa e ficar bem linda. Valeu à pena, porque quando ele chegou para me buscar, pude ver seus olhos brilharem e não foi impressão minha, sem contar, que o loirinho

também estava lindo, de blusa social lilás bem clarinho de manga comprida (enrolada até o cotovelo, maior charme) e calça preta... Me derreti sem demonstrar.

Sorrimos um para o outro, entramos no carro dele e partimos para a festa.

— Sua banda arrasou. — elogiei puxando assunto.

— Obrigado. Nossa, eu estava tão nervoso...

— É, imagino. Mas eu sabia que vocês conseguiram, a melhor banda definitivamente não poderia ficar de fora da semifinal.

Trocamos sorrisos e continuamos conversando até chegar ao salão de festas. Chegando lá, estava tocando uma das minhas músicas preferidas:

“Um anjo veio me falar” do grupo ***“Rouge,”***.

Tão difícil entender o coração, e tantas vezes eu tentei

Acredito numa história de amor

Um sonho lindo (um sonho lindo), sei que vou viver...

Um anjo veio me falar

O amor chegou pra mim

Veio me mostrar

O sonho não tem fim...

(Música - "Um anjo veio me falar -

Composição: Rick Bonadio).

Não me contive e falei empolgada: — Nossa, eu não acredito!

— Que foi?

— Eu amo essa música.

Gabriel pegou na minha mão e convidou: — Vem, vamos dançar.

— O quê? É melhor não. — respondi um pouco tímida.

— Qual é o problema? Tem vários casais dançando. — ele apontou com a cabeça.

Pensei um pouco e acabei topando: — Ok, vamos!

GABRIEL

Fomos para a pista de dança e dançamos agarradinhos. Aproveitei essa oportunidade, tomei coragem e perguntei: — Por que você me deu aquele beijo hoje á tarde?

Sei que essa pergunta foi um tanto constrangedora, mas eu precisava saber, porque a resposta dela mudaria tudo...

BABI

Não pensei que ele fosse me perguntar isso. Fiquei tão atordoada, que até gaguejei: — Ah, foi, para... Foi só... Só pra te desejar boa sorte.

Ele sorriu e disse: — Adiantou.

— É, que bom né? — ri sem graça, colocando os cabelos por trás da orelha.

— É, e Não precisa ficar assim.

— Assim como?

— Toda vermelha... — ele riu.

— Eu não tô vermelha por causa disso, acho exagerei no blush. — contornei rindo e arrancando risadas dele. — Gabriel... — respirei bem fundo (tão fundo, que acho que por mais um pouco meu vestido arrebentava) e perguntei sem conseguir encará-lo: — Você ficou chateado comigo por causa daquele selinho?

— Não! Claro que não! — afirmou levantando meu queixo de leve. — Domingo é a semifinal do concurso e eu vou precisar de muita sorte.

— Quer dizer o que com isso? — meu coração acelerou.

Ele abriu aquele sorrisinho lindo e respondeu: — O que você quiser entender.

Sem conseguir assimilar bem o que ele disse, abaixei a cabeça e preferi não responder. Ainda me pergunto no que estou me metendo, porque tenho medo de que tudo o que está prestes a acontecer entre eu e ele, mude por causa do fantasma de sua ex, mas... Será que ele sente alguma coisa por mim?

A festa estava muito boa e linda em todos os detalhes. Estava decorada com arranjos enormes de flores naturais. As cores branco e dourado, que adornavam o ambiente, deixaram tudo ainda mais chique. Os convidados estavam todos elegantes. Luzes coloridas e fumaça ornamentavam a pista de dança.

GABRIEL

Babi não me respondeu porque pude notar que sua timidez não deixou, mas seu silêncio me disse muitas coisas. Nós continuamos dançando. Dançamos mais duas músicas bem juntinhos. Depois, fomos parabenizar minha prima, e aproveitei para apresentar á Babi alguns dos meus familiares. Meus pais não compareceram.

Ainda naquela noite, durante a festa, meu tio pediu meu carro emprestado para levar minha tia e meus primos em casa. Eu emprestei, o problema foi que o relógio começou a marcar onze horas da noite, e ele ainda não tinha voltado.

— Gabriel, eu tenho que ir embora. — Babi olhou as horas em seu celular.

— É verdade, e meu tio ainda não voltou com o meu carro. Ainda bem que sua casa é aqui perto. Vem, eu te levo.

— Tudo bem.

Fomos á pé. Eu amei a ideia porque assim ficaríamos mais tempo juntos.

— Gostou da festa? – perguntei enquanto caminhávamos.

— Bastante, pena que eu não pude ficar mais tempo. Meus pais ainda controlam meu horário só porque eu ainda moro com eles.

— Eterna bebezinha! – ri.

— Isso não tem graça.

Demos risadas, que logo foram interrompidas.

— Olha Gabriel, aquele é meu ex. – ela apontou com a cabeça, aparentando estar tensa.

Ele estava vindo em nossa direção abraçado com uma garota.

— E aquela é a namorada dele? – perguntei.

— É. Sempre que eu o encontro, ele está com ela. Ele sorri pra mim como se nem se importasse com o que eu sentia. – detalhou ressentida.

— Sabe o que você tem que fazer?

Ela parou de frente pra mim e perguntou: — O quê?

— Mostre que não se importa mais com ele. Mostre que não está nem aí.

— E como eu faço isso?

— Ignora, tenta não se importar.

— Ele já está se aproximando. – ela parecia estar nervosa.

— Posso quebrar seu galho hoje.

Coloquei as mãos sobre seu rosto e a beijei...

BABI

O Leandro... Por que ele tinha que aparecer e atrapalhar a minha noite? Na verdade a burra sou eu, que ao invés de seguir a vida, fico

remoendo o passado, tendo do meu lado um cara tão legal como o loirinho.

Não sei o que esse meu comportamento pode causar no Gabriel, caso ele esteja mesmo se interessando em mim, mas... Ele me surpreendeu! Me surpreendeu quando me beijou.

Ele sorriu, segurou delicadamente o meu rosto e me deu um beijo daqueles! Uau! Fiquei até sem ar. Foi tão intenso... Tão apaixonado... Tão longo... Foi um milhão de vezes melhor do que eu imaginei. Sem contar com o modo carinhoso como ele me abraçou e passou suas mãos sobre meu braço e meu pescoço.

Eu correspondi á esses carinhos o abraçando bem forte pela cintura. Acho que meu coração nunca acelerou nessa velocidade.

Nos olhamos olhos nos olhos depois do beijo, e eu como sou tonta, ao invés de deixar o lance prosseguir, abaixei a cabeça e disse um pouco retraída: — Ele já foi. Obrigada.

— Não foi nada.

Continuamos caminhando, mas ficamos um pouco sem graças um com outro. Eu me encarreguei de quebrar esse clima.

— É tão estranho... — forcei um sorriso.

— O quê? — Gabriel franziu o cenho, pondo as mãos no bolso da calça.

— Beijar você.

Sorrimos de leve e ele contestou: — Ah, não foi tão ruim assim.

— Foi ótimo. — falei ainda arrebatada pelo momento.

— Também acho.

Ele me deu o braço e seguimos bem próximos, mas não falamos mais nada. Uns minutos a mais caminhando, e chegamos à minha casa.

— Boa noite Babi.

— Boa noite Gabriel.

Ele me deu um beijo no rosto e se foi.

Tudo foi tão mágico nessa noite, que eu pensei estar num sonho.

Ao mesmo tempo em que fiquei feliz, também fiquei triste. Eu não quero que entre mim e o Gabriel aconteçam apenas lances. Quero tê-lo ao meu lado de verdade, e apesar do jeito como ele tem falado comigo ultimamente, tenho muitas dúvidas sobre o que ele realmente sente por mim. Tenho muito medo de estar me iludindo e me machucar no final.

Meus dois dilemas a respeito dele são: Ele ainda gosta de sua ex? Ele me beijou porque já queria isso á muito tempo ou só queria mesmo me ajudar?

Infelizmente, essa minha vontade de ter ele sempre comigo, não dependia somente de mim, se eu ao menos tivesse coragem pra tomar a iniciativa... Mas isso é uma coisa que eu não tenho, até porque tenho receio de ser rejeitada e dele ainda se afastar por se sentir pressionado.

GABRIEL

Depois de deixá-la em casa, no caminho de volta para a festa, refleti sobre tudo o que aconteceu hoje e percebi o quanto gosto da Babi. Sinto que ela me corresponde, pois pude sentir isso durante o beijo, porém ela ainda tem um pé no passado, porque ficou muito abalada quando reviu seu ex.

Decidi! Da próxima vez em que nos vermos, vou mandar uma real e deixar bem claro os meus sentimentos, antes que seja tarde. Quero assumir um relacionamento sério com ela, porque ela é uma garota que deve ser levada á sério.

Tive a consciência de que não seria qualquer um que ocuparia um coração tão meigo e sensível como o dela e sem querer me auto-promover,

sinto que sou o cara certo pra ocupá-lo, porque não sou um idiota
mulherengo como muitos outros que existem por aí.



Capítulo 14 - Revivendo o passado

GABRIEL

Ter uma conversa séria com a Babi! Foi com esse pensamento que fui para o ensaio das crianças. Eu precisava contar pra ela o que estava sentindo e saber se ao menos ela sentia o mesmo.

— Está pensando em quê? — Babi chegou por trás de mim.

— Oi Babi. — me virei pra ela com um sorriso. — Como você tá?

— Viva. — ela e eu sorrimos. — E você?

— Babi, nós temos que conversar sobre algumas coisas.

— Da apresentação?

— Não, na verdade...

— Tioooooos!!!! — algumas crianças entraram na sala de ensaios gritando, interrompendo minhas palavras.

É claro que não foi possível continuar a conversa, mas tudo bem, vamos ter tempo pra isso depois.

Ensaíamos as crianças e no final do ensaio, me aproximei da Babi para tentar falar com ela de novo. Espero que dessa vez eu não seja interrompido.

— Babi...

— Gabriel, eu tenho que ir embora. — ela falou rápido toda desengonçada, colocando a alça da bolsa no ombro.

— O que foi, aconteceu alguma coisa?

- Minha mãe acabou de me ligar, ela saiu e deixou a panela no fogo.
- Caramba, quer que eu te leve em casa?
- Não, obrigada, eu vou correndo. Assim chego mais rápido.
- Tá bom, então tchau...

Eu nem terminei a frase, Babi saiu na velocidade da luz. Justamente hoje que eu estava decidido a conversar com ela, nada deu certo, mas sei que oportunidades não irão faltar.

BABI

No dia seguinte á noite, eu estava em casa assistindo TV com a minha família, quando a campainha tocou e eu fui atender. Ao abrir o portão, tive uma surpresa: Era o Leandro, meu ex.

Minha primeira reação foi perguntar indignada: — O que você está fazendo aqui?

- Vim conversar com você. — ele fez cara de pobre coitado.
- Sobre? — cruzei os braços indiferente.
- Nós.
- Não temos mais nada. — cortei de forma rude, dando-lhe as costas.
- Mas podemos voltar a ter. — ele insistiu, me puxando de leve pelo braço. — Nunca deixamos de nos amar, é só você me dar uma nova chance para eu te provar isso.

Me revoltei com o que ouvi e rebati: — Você é muito cara de pau, né? Cadê a sua namoradinha?

- Não estamos mais juntos há tempos.
 - Não mente Leandro, ontem mesmo os vi juntos.
- Ele passou a mão na cabeça e explicou se esforçando pra me convencer: — Babi, aquela não era ela, era a minha irmã que veio passar as

férias aqui comigo.

Coloquei a mão na cintura e disse emburrada: — Ah tá, pensei que fosse ela.

— Eu vim num péssimo momento, não é? Pelo o que eu vi, você já está em outra.

Eu penso no Gabriel e gosto demais dele, mas fiquei tão balançada com a presença do Leandro aqui, se declarando, que me dei conta de que ainda não o havia esquecido, até porque a dúvida em relação ao loirinho tomava conta de mim. Então pensei um pouco, e resolvi consertar as coisas.

— Não! Não estou. O Gabriel é só um amigo.

— Gabriel é o cara que você estava beijando ontem? — Leandro perguntou enciumado.

— É, mas não temos nada sério, sabe. Foi só um beijo como outro qualquer.

Gente! O que deu em mim, pra eu reduzir a nada o meu tão sonhado beijo no loirinho? Só o Leandro mesmo... Não sei por que ainda sinto algo por ele.

— Ah sim... Então quer dizer que o caminho está livre?

— Está. — afirmei receosa.

Ele segurou na minha mão e propôs: — Vamos tentar outra vez?

— E — eu... Vou pensar. — prometi indecisa.

— Tudo bem, eu espero. Você sabe onde me encontrar.

Ele foi embora e eu fiquei muito confusa. Não sabia mais separar o que sentia pelo Gabriel e por ele. Achava tão certo meus sentimentos pelo meu novo amigo, mas acabei de constatar que não era tão certo assim, porque por mais que eu quisesse, no fundo o Leandro nunca saiu da minha mente. Sem saber o que fazer, resolvi telefonar para o Gabriel.

— Oi Babi, tudo bem? — ele me cumprimentou animado, ao atender.
— Mais ou menos. Você não sabe o que aconteceu.
— Não sei mesmo, você ainda não me contou. — Gabriel disse rindo.
— Meu ex namorado veio aqui na minha casa agorinha mesmo. —
relatei enquanto dava voltas pelo meu quarto, roendo as unhas.

— Pra quê?
— Ele veio conversar comigo sobre nós e... Me pediu uma chance.
— E o que você fez, Babi?
— Eu disse que iria pensar e decidi te ligar para saber sua opinião.
— Sério é? — ele pareceu surpreso.
— Eu precisava ouvir o conselho de um amigo.
— Bom, é... Você ainda gosta dele, né?
Respirei fundo e com o coração na mão, confessei: — Um pouco.
— Então fica com ele

O quê?!?!? Ele disse pra eu ficar com o Leandro? Mesmo depois do que aconteceu entre nós, ele só me queria como amiga. Com os sentimentos embaralhados, Relutei pra aceitar isso e contestei suas palavras:

— Mas Gabriel, ele fez tanta coisa comigo que...
Ele me interrompeu e disse: — É só uma chance, Babi. As coisas
podem ser diferentes.
— É, acho que você tem razão. — concordei cabisbaixa.
— Eu tenho que desligar agora, tá bom? Boa sorte pimplha, só
quero te ver feliz.
— Obrigada! Beijinhos.

Queria que a nossa conversa tivesse sido outra. Queria que ele me impedisse de ficar com o Leandro. Queria que ele me dissesse que sente o

mesmo que eu sinto, mas isso não aconteceu. Mesmo estando indecisa, se o Gabriel me pedisse pra ficar com ele, eu ficaria. Agora não me restam mais dúvidas... Gabriel não pensa em mim como eu penso nele.

Naquela mesma noite, após desligar o telefone, fui á casa do Leandro e dei a ele a chance que me pediu. Ele ficou super feliz. Como nos velhos tempos, demos umas voltinhas pelas ruas do bairro, só para colocarmos os assuntos e os sentimentos em dia. Até que foi bem legal.

GABRIEL

Quando vi que era uma ligação da garota que mexe com meus sentimentos, meu coração acelerou na velocidade máxima. Larguei minha guitarra e parei tudo o que estava fazendo, só para prestar toda minha atenção á ela.

— Oi Babi, tudo bem? — cumprimentei animado.

— Mais ou menos. você não sabe o que aconteceu... Meu ex namorado veio aqui em casa conversar comigo sobre nós e... Me pediu uma chance.

— E o que você fez, Babi?

— Eu disse que iria pensar e decidi te ligar para saber sua opinião.

— Sério é? — me surpreendi. — Bom, é... Você ainda gosta dele, né? — fiz essa pergunta não querendo muito ouvir a resposta, pois já imaginava o pior.

— Um pouco.

Por mais que me doesse dizer isso, senti que ela estava mesmo muito balançada pelo cara, e eu queria ser o único da vida dela. Daí, dei a minha opinião: — Então fica com ele.

Essa conversa tomou um rumo que eu não queria. Talvez, eu estivesse perdendo-a por falta de iniciativa minha ou talvez, fosse porque

ela nunca pensou em mim como eu queria que pensasse. Fiquei meio atordoado com o que houve, porque achei que entre nós rolaria mais que amizade.

Fui dar uma volta pela praça para esfriar a cabeça, e encontrei a Karina, minha ex noiva, de modo inesperado. Me surpreendi ao vê-la depois de tantos meses.

Ao me avistar, ela veio me abraçar cheia de sorrisos.

— Oi Gabriel, como você tá?

Sorri e retribui o abraço de forma carinhosa: — Estou ótimo e você? Quanto tempo não nos vemos.

— Muito tempo. E como vai a sua banda? Já arrumaram algum contrato? — perguntou interessada.

— Estamos na semifinal de um concurso que vale um contrato. — informei.

— Mais que legal! — Karina empolgou-se. — Você sabe que sou fã de vocês né?

— É fã, sinto te informar que você está perdendo nossos melhores shows.

Sorrimos, e ela resolveu jogar charme pra cima de mim.

— Ah, me dá um desconto, meu pupilo preferido. Ando muito ocupada. É faculdade, trabalho, trabalho, faculdade.

— Mas você termina esse ano, então terá mais tempo. — lembrei.

— Só termino no meio do próximo ano, repeti um período. — lamentou.

— Nossa, que chato!

— Que barra! Não aguento mais minha rotina, mas eu sou forte. — ela puxou o ar, mostrando o vigor que tem.

— Sempre foi. — elogiei.

Karina se aproximou de mim, mordeu os lábios e disse emotiva enquanto passava as mãos lentamente em meu peitoral: — Sabe Gabriel, às vezes sinto sua falta.

Fragilizado como eu estava, acabei retribuindo essas palavras: — Também sinto a sua.

Diante da minha afirmação, Karina olhou dentro dos meus olhos e declarou: — Acho que eu... Ainda te amo!

Devido á nossa proximidade, cenas do nosso passado vieram á tona, já que ela foi o primeiro amor da minha vida. Se aproveitando do clima que ela mesma criou, Karina me abraçou e me beijou. Eu correspondi.

BABI

Estava caminhando e tendo uma conversa animada com o Leandro. Durante o percurso, passamos pela praça e vi o que eu não queria ter visto nunca: O Gabriel estava beijando uma garota, e parecia estar bem apaixonado.

Na mesma hora comecei a me senti mal, minhas pernas enfraqueceram e eu achei que iria desmaiar. Fiquei tontinha e me sentei num banco.

— Amor, você está bem? — Leandro perguntou preocupado e assustado.

— Eu estou... — levei as mãos á cabeça. — Foi só um mal estar. — respondi tentando controlar meus imediatos sintomas.

— Deve ser queda de pressão. — ele falou, analisando meus pulsos.

— Talvez seja isso mesmo. — menti.

— Você não voltou a fazer aquelas dietas doidas que pesquisava na internet, né?

Preferi não responder, do que mentir de novo.

— Me leva pra casa? — pedi.

— Nós vamos agora e a primeira coisa que você vai fazer quando chegarmos, é comer alguma coisa.

Ele me apoiou em seus ombros, me segurou firme pela cintura e me levou até minha casa. Me senti culpada por isso, porque Leandro estava cheio de carinhos, todo atencioso e preocupado comigo, enquanto eu... Pensava no Gabriel.

GABRIEL

Durante o beijo, não senti absolutamente nada de especial pela Karina e confesso que fiquei muito feliz, foi como se eu tivesse me libertado dos sentimentos que me aprisionavam á ela.

Depois...

— Você ainda me ama, Gabriel? — Karina perguntou, alisando meu rosto.

— Karina, nós resolvemos seguir nossos caminhos, vamos continuar assim. — cortei de modo frio, dando um passo para trás.

— E os quatro anos que passamos juntos? Não valeram de nada pra você?

— Pra mim sim, pra você não. Foi você quem desistiu de nós, lembra?

— Mas eu me arrependi. — confessou lacrimejando.

Eu não a amava mais e acabei de constatar. Então mandei uma real pra encerrar de vez o assunto: — Tarde demais.

Já estava me distanciando, quando ela perguntou num tom magoado: — Gosta de outra?

Disse a verdade pra acabar com as ilusões dela, de que um dia poderíamos voltar a ficar juntos: — Exatamente! A gente se esbarra por aí.

Dei-lhe as costas e fui embora. Me desprendi desse passado que um dia me fez sofrer tanto.

No dia seguinte, fui ensaiar com minha banda, no mesmo local de sempre. Matheus se posicionou na bateria, Rafael no teclado, Victor no baixo e eu com minha guitarra.

Porém, antes do início do ensaio, contei-lhes sobre os últimos acontecimentos.

— Ontem encontrei com a Karina na praça.

— Com a Karina? E aí...? — quis saber Rafael.

— Nós nos beijamos.

— Você a beijou, mesmo depois do que ela fez? Primo, você não está bem. — Victor sacudiu meu ombro. — Esqueceu que a Karina praticamente acabou com você...

— Sei muito bem o que ela fez, Victor, não precisa me lembrar. — me chatee, me desvencilhando de sua mão.

— Pensei que você estava se interessando pela Babi de verdade.

— Eu estou interessado nela, Matheus, mas não sou correspondido. Ela não gosta de mim como eu pensava.

— Ou você tá usando essa desculpa pra se consolar com a Karina? — acusou Rafael.

— Eu não preciso de meios para justificar as minhas atitudes. — rebati irritado.

— Ui, ele ficou bravo.

— Cala a boca, Victor! — esses caras às vezes conseguem acabar com minha paciência.

— Mas a Babi chegou a dizer que não está a fim de você? — Mattheus perguntou, tentando me entender.

— Ela me trata como se eu fosse "A melhor amiga dela". — gesticulei as aspas. — Cara, nunca nenhuma garota me pediu uma opinião sobre ex namorado.

— Porque você nunca teve uma amiga. — Rafael falou.

— Pode até ser, mas se a Babi sentisse alguma coisa por mim, não pediria minha opinião quanto á isso.

— Vai ver ela só está te testando...

— Ela voltou com ele, Victor. — abri o jogo de uma vez.

— Uau! — Rafael arregalou os olhos.

— Nossa! — Mattheus ficou surpreso.

— Sinto dizer, mas a culpa é sua, primo.

— Victor...

— A mina tava na sua, mas você estava naquele mimimi com sua ex que não presta, e acabou não tomando a iniciativa.

— O Victor tem razão. Naquele dia que nos apresentamos no galpão e você se recusou a cantar a música romântica, a Babi ouviu nossa conversa depois que você saiu.

Por essa eu não esperava. Ainda tentando processar essa informação, perguntei: — E sobre o que vocês falaram exatamente, Mattheus?

— Na verdade, eu disse que você não pode dar chlique toda vez que uma música lembra a sua ex. — Victor esclareceu.

— E a Babi ouviu isso... — eu falei e eles confirmaram com a cabeça.

— Por que não me contaram antes?

— Na hora nós não sabíamos que a garota era a Babi, você ainda não tinha nos apresentado, e depois nós esquecemos de comentar, já que tava tudo caminhando bem.

— Estava, Rafael, estava.

— E por causa disso, você voltou com a Karina. — Victor se indignou.

— Eu não voltei com ela. Entre a Karina e eu não rola mais nada. — esclareci.

— Gabriel, amigo, faz o seguinte: Esquece a Babi só até sábado e por favor, se concentre somente na “Reluz”. — pediu Matheus.

Rafael completou dando palavras de força: — Não esquentar não, é claro que ela está a fim de você. Logo, logo vocês se entendem.

— Quem sabe...

— Vamos pensar em nós, ok galera? — Matheus falou. — No nosso CD.

— É, vamos mesmo porque se não conseguirmos, vou ter que trabalhar na clínica do meu pai.

— Relaxa Gabriel, nós vamos conseguir. — afirmou Victor confiante.



Babi chegou ao ensaio das crianças muito atrasada e nem pudemos conversar muito, porque o ensaio já havia começado.

Por mais que eu saiba que ela agora está comprometida, sinto que algo em relação aos nossos sentimentos não ficou esclarecido entre nós.

— Babi... — fui falar com ela depois do ensaio.

— Gabriel, me desculpa pelo atraso, é que eu fui sair com o... — ela travou.

— Com o...?

— Então, eu... Perdi muita coisa? — ela mudou bruscamente de assunto.

— Não, as crianças estão se saindo muito bem. Sinto que já estão prontas para a apresentação.

— Que ótimo. — ela sorriu olhando o celular, sem me dar a mínima.

— Gabriel, eu tenho que ir, minha carona chegou. Tchau.

— Tchau.

Estava óbvio que a Babi queria se manter longe de mim e eu preciso entender o porquê.

Como eu queria esquecer essas paradas de amor e focar somente nos meus sonhos. Dou razão ao Victor por ser tão fechado para essas coisas e no fundo eu gostaria de ser como ele.



Capítulo 15 - Banda Reluz

Tarde de sábado...

GABRIEL

Eu e meus brothers chegamos ao estacionamento do local onde aconteceria o grande evento das bandas.

Era um grande dia, selaria ali o meu futuro, e por mais que eu tentasse me manter focado no meu objetivo, não conseguia tirar a Babi do meu pensamento, até porque ela estaria presente, só não contava que iria acompanhada.

— Primo, da próxima vez que convidar sua mina para algum evento, inventa um convite individual pra não correr o risco dela trazer convidados. — Victor apontou discretamente com a cabeça para Babi, que vinha acompanhada por ele...

— Oi, mandem ver, hoje é o dia de vocês! — Babi incentivou animada.

— Obrigado fanática pelo Reluz. — agradeceu Rafael fazendo graça.

— Quando gravarmos nosso CD, você será a primeira a receber nosso autógrafo.

— Sério Matheus? Vou cobrar hein. — ela sorriu.

— Pode cobrar.

— Então tá.

— E se prepare para curtir o melhor show da sua vida. — Victor falou confiante.

— Eu sei que vocês arrasam. — Babi retribuiu.

Após esse curto diálogo, ela se lembrou de apresentar o tal.

— É gente... Esse é o Leandro, meu... Namorado.

A palavra “namorado” saiu um pouco engasgada.

— Leandro, esses são Rafael, Matheus, Victor e Gabriel. — Babi continuou.

— Pensei que não iria me apresentar aos seus novos amigos, amor. — disse o cara se achando.

Rafael, Victor e Mattheus o cumprimentaram. Na minha vez, ele apertou minha mão, deu um sorrisinho irônico e disse: — Ah, então você que é o amigo da Babi, né?

Com cara de pouquíssimos amigos, confirmei: — Sou.

Na certa, ele lembrou que era eu quem estava a beijando na outra noite.

Desde a hora em que Babi chegou, evitei ao máximo olhá-la. Não conseguia. De alguma forma, estávamos sem graças um com o outro.

Meio retraída, ela me perguntou: — Por que está tão quietinho hoje?

— Por nada não, é só o nervosismo.

— Ah tá, te entendo.

Definitivamente, não conseguia olhar pra ela junto com esse cara, então preferi não vê-la.

— Olha, vocês não deveriam estar aqui, esse estacionamento é exclusivo para os músicos. Por que não entram logo no galpão? Perderão os melhores lugares.

Babi me olhou sem entender o porquê de eu ter dito isso, mas concordou comigo.

— É, tem razão. Vamos Leandro. — ela deu a mão pra ele e se foi.

Assim que eles sumiram da nossa vista, meus brothers foram logo tirando pergunta.

— O que foi isso Gabriel? Você praticamente expulsou a menina.

— Ah, não exagera Mattheus. — discordei sem dar a mínima.

— É mesmo cara, você pisou na bola. — acusou Rafael indignado.

— Você está tendo uns comportamentos tão irreconhecíveis ultimamente... — Victor falou.

Sem paciência pra escutar esses sermões fora de hora, dei logo um corte nos três, com um pouco de mau humor, por sinal: — Eu prefiro que ela não esteja aqui, do que esteja com ele. Agora vamos nos concentrar na nossa apresentação, valeu?

— Vamos entrar lá e detonar. — encorajou-nos o sempre confiante, Rafael.

BABI

Dentro do galpão sentei ao lado do Leandro para esperar o início do concurso e comecei a refletir sobre as coisas. Estava na cara que o Gabriel não estava a fim de falar comigo. Com ciúmes do Leandro, tenho certeza de que ele não estava. Talvez fosse por causa da tal garota que ele beijou na praça. Só de me lembrar disso, me sinto mal.

Levantei e avisei ao meu namorado: — Eu já volto.

— Tá tudo bem?

— Claro, não se preocupe.

Fui para o quintal tomar um ar e coincidentemente esbarrei com o Rafael.

— E aê Babi, tá nervosa por nós?

Sorri e entrei na pilha: — É, tô até tomando um arzinho pra ver se passa. — me abanei com as mãos.

Sorrimos e ele perguntou: — Você está bem?

— Não pareço bem? Você é a segunda pessoa que me pergunta isso em menos de cinco minutos.

— Olha, se estiver assim por causa da forma como o Gabriel te tratou...

— Não, não é por isso. Eu sei que ele está tenso.

— Eu nunca o vi gostar de uma garota, como ele gosta de você.

Fiquei sem entender o que ele quis dizer e perguntei surpresa: — O quê?

— Ele pensa em você, fala de você...

— Ele só gosta de mim como amiga. — rebati, não sabendo ao certo, se consegui esconder minha decepção.

— Você é que pensa.

— E a garota que ele beijou outro dia na praça? — contestei. O Rafael é amigo dele e não sabe disso?

— Você viu é? — Rafael ficou surpreso com minha pergunta.

— Vi. — afirmei enciumada.

Ele ficou um pouco pensativo, como se estivesse escolhendo as palavras certas, mas logo depois me explicou: — Aquela era a ex noiva dele, Karina. Acredite, ele a beijou, mas não sente mais nada por ela.

Bom, se o amigo do loirinho está afirmando isso, é porque com certeza o Gabriel conversou sobre esse assunto com ele. Eu sorri animada e perguntei: — Tá falando sério?

— Claro, e dá pra notar que você também tem uma quedinha por ele, só ele que não vê.

— Demonstro tanto assim? — perguntei constrangida.

— Demasiadamente.

Sorri sem graça e disse: — Vou dar uma voltinha por aqui, depois a gente se fala.

— Ok, torça bastante por nós.

— Pode deixar.

Eu bem que queria continuar conversando sobre a vida amorosa enrolada do Gabriel, mas... Pega mal né? Meu namorado está aqui me

acompanhando, e eu conversando com um cara, sobre outro cara. Babi, o que está acontecendo com você?

Essa minha mania de fazer as coisas por impulso, acabam me prejudicando muito, eu não deveria ter voltado com o Leandro. Mas por outro lado, eu estava com medo de me envolver também com o Gabriel e me machucar. Pra falar a verdade, eu nunca sei o que fazer.

GABRIEL

Minutos antes de começarem as apresentações, eu, Rafael, Matheus e Victor demos uma volta pelo local do evento, para cumprimentar e conhecer outros músicos.

Em certo momento, percebi que tinha esquecido o celular dentro do meu carro e voltei ao estacionamento para buscá-lo. Chegando lá, me deparei com o Leandro, que já veio perguntando cheio de atitude: — Cadê a minha namorada?

Dei-lhe as costas e respondi indiferente: — Eu é que sei?

— Não se faz de desentendido.

— Se você não sabe tomar conta da sua namorada, não posso fazer nada. — critiquei enquanto abria a porta do meu carro e pegava meu celular.

— Ela não veio pra cá? — perguntou num tom moderado.

— Não. Porque ela viria?

— É, não vejo motivos pra ela vir aqui. E só mais uma coisa, carinha metido: Fique longe, bem longe da minha mina.

— Isso tudo é insegurança? — alfinetei dando um sorrisinho irônico, passando a chave na porta do carro.

— Mas é claro que não! — irritou-se. — Tenho plena convicção de que a Babi me ama.

— Então porque quer que eu me afaste dela? – franzi a testa, colocando meu celular no bolso da calça.

— Porque não gosto de você. Só por isso.

Ele já estava indo, quando eu não aguentei e tive que mandar uma real: — Se ela vier aqui falar comigo, eu aviso que você está a procurando.

Ele olhou pra mim irado, mas preferiu ir embora do que estender o assunto.

Juro que me arrependi de ter dito pra Babi ficar com ele, mas se ela quisesse mesmo ficar comigo, não pediria minha opinião sobre isso.

Enfim, chega de pensar nela, pelo menos por enquanto. Todo meu foco agora deve se voltar para a Reluz, meu futuro. Fechei os olhos e tentei esquecer nem que fosse por algumas míseras horas, tudo que pudesse tirar minha concentração. Esqueci meus problemas, esqueci meu pai, esqueci dela.

BABI

Caminhava sozinha, conversava apenas com minha mente e até me senti em paz. Reconheci que cometi um grande erro ao voltar com o Leandro, pois não era com ele que eu queria ficar. Porém, o que mais me martelava a cabeça, eram as palavras do Rafael. Achava tão improvável o que ele disse, que era difícil acreditar que fosse mesmo verdade.

Andei, andei, andei e quando me virei, avistei o Leandro vindo ao meu encontro.

— Amor, você demorou. – ele me deu um abraço.

— Só um pouquinho.

— Foi o suficiente pra me deixar com saudades.

Sorrimos e ele se aproximou para me dar um beijo. Na hora, eu desviei. Primeiro, não iria ficar beijando ele com o Gabriel por perto e

segundo, não conseguia mais ficar com ele.

Antes que ele tirasse pergunta devido á essa minha atitude, o peguei pela mão e disse: — Vamos, o concurso já vai começar.

Ele me acompanhou com cara de quem não entendeu nada.

GABRIEL

Iniciou-se o concurso. Cada banda tinha sua torcida. A primeira banda a se apresentar foi a “Spirit” que empolgou muito como na primeira fase.

A segunda foi a “Defensores da Fé”, que arrasou no metal.

A “Reluz” foi a terceira e última. Nossa apresentação foi tão boa que a galera se levantou e curtiu de pé.

Após essas apresentações, uma banda seria eliminada. Depois de uma análise minuciosa, a banda eliminada foi... “Defensores da Fé”. Os músicos deixaram o palco cabisbaixos, decepcionados, porém foram bastante ovacionados. Senti a tristeza deles, pois não é nada fácil sonhar e ver seu sonho ir embora estando tão próximo de realizá-lo, mas como só uma banda seria campeã, eu, Victor, Rafael e Mattheus, assim como os integrantes da banda “Spirit”, comemoramos muito, afinal, passamos para o tudo ou nada. Ali qualquer falha seria fatal.

Iniciou-se a tão esperada fase final...

Cada banda teve uns 15 minutos para conversar entre si e se preparar.

— Galera, concentração! Nós vamos conseguir. — afirmou Mattheus nos encorajando de modo confiante.

— Para isso precisamos de uma performance impecável. — ressaltei.

— Temos que dar o melhor de nós. — disse Rafael.

— Eu confio na gente, mas se não acontecer, não vamos desistir, me ouviram?

— Você está certo Mattheus, não podemos deixar nada nos abater. — concordou Victor.

— Estamos juntos nessa! — me animei.

Tiramos a sorte no “cara ou coroa”. A primeira banda a se apresentar foi a “Spirit”. A apresentação deles foi perfeita, não houve um só erro.

Chegou a nossa vez! Meu coração disparou, respiramos fundo e fomos.

A-R-R-A-S-A-M-O-S!!!!!!!!!! Fiz um solo incrível de guitarra, Rafael detonou no new metal, Mattheus fez um somzaço na bateria e Victor lacrou no baixo. Cantamos e tocamos a música **“Meus próprios meios”** da banda gospel **“Oficina G3”**

Quantas vezes os meus proprios meios

Me levaram a lugar nenhum

Cada passo dado era um erro

Que me afastava do objetivo

Buscar as coisas certas da maneira errada

É o mesmo que nadar contra a maré

Lutando pela nossas próprias forças

Já entramos na batalha derrotados...

Geral gritava para nós em coro:

“UH! JÁ GANHOU, RELUZ DETONOU!!!!!!!!!!!!!!”

Os jurados demoraram mais de dez minutos para tomarem a decisão final. Estávamos confiantes, porém cautelosos. Demos as mãos passando

forças um para o outro.

Depois dessa espera que parecia ser eterna, um dos organizadores pegou o microfone e anunciou o resultado final.

— Como vocês puderam ver, foi uma decisão muito difícil de ser tomada. Queremos parabenizar as duas bandas que nos proporcionaram esse belo espetáculo, mas infelizmente, apenas uma será campeã. Depois de vários empates, a tribuna de jurados chegou à conclusão de que a banda mais preparada para gravar um CD é a banda...

Suor gelado, frio na barriga...

— É a banda...

Juro que vou ter um troço aqui.

— É a banda....

Meu coração...

— É a banda...

Só falta acontecer igual os suspenses daqueles programas sem graça de TV, que no meio do ápice, corta para os comerciais.

— É a banda... SPIRIT!!!!

Houve uma explosão de alegria entre os integrantes e os torcedores da “Banda Spirit”.

Eu não acreditei no que ouvi. Senti o meu sonho de uma vida inteira desabar num único minuto. Tristeza indescritível!

À “Banda Reluz”, só restou lamentações.

— Demos o nosso melhor, não era nossa hora. – consolou-nos Mattheus.

— Não, não demos, porque se fosse o melhor, não teríamos perdido. – reclamou Victor.

— Isso foi injusto, merecíamos vencer. – protestou Rafael inconformado.

— É galera, me restou seguir o sonho do meu pai. — lamentei.

Vendo nosso desânimo, Mattheus tentou nos colocar pra cima: — Nossa história não acaba aqui, galera! Provamos a nós mesmos que somos capazes. Proíbo vocês de desistir.

— Ninguém aqui vai desistir, Mattheus, mas...

— Voltamos á estaca zero. — entristeceu-se Rafael, completando as palavras de Victor.

Sentei-me no chão meio sem forças e completei: — Nem acredito que isso está acontecendo.

Comovidos com nosso drama, os rapazes da banda “Spirit” nos cumprimentaram e reconheceram o quanto somos bons. Disseram que se sentiram lisonjeados por disputar com uma banda tão incrível quanto a nossa, mas isso pra mim não foi o suficiente para me sentir melhor.

O pessoal da gravadora conversou com a gente e disseram que em breve nos veremos. Confesso que ouvir isso me acalmou bastante.



Capítulo 16 – Vida que segue

BABI

Fiquei decepcionada com o resultado. A Banda “Reluz” foi em minha opinião indiscutivelmente a melhor. Vi o Gabriel indo para o quintal bastante triste, então dei um perdido no meu namorado (Foi fácil, pois havia muita gente á nossa volta) e fui lá falar com ele.

— Gabriel! – o chamei.

Ele parou ao ouvir minha voz e veio ao meu encontro.

— Babi. – sussurrou com o olhar triste, me abraçando bem forte em busca de consolo.

Eu como boa amiga, tentei dizer coisas que pudessem ajudá-lo naquele momento: — Não desista do seu sonho, por favor! Eu estou com você sempre, no que precisar.

Ele olhou pra mim, sorriu de leve e perguntou: — O que eu faria sem você?

Sorri de volta e rebati: — Você sempre viveu sem mim.

— Mas depois de te conhecer, é impossível ficar sem você na minha vida, pimpolha.

— Idem.

Nos olhamos por uns segundos de modo carinhoso e eu prossegui: — Se a gravadora fosse minha, vocês sempre seriam os primeiros.

— Acho que sei por que perdemos.

— Por quê?

Ele segurou minhas mãos e afirmou olhando em meus olhos: — Porque hoje você não me desejou boa sorte.

Entendi exatamente o que ele quis dizer e sorri feliz. Mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Leandro chegou pegando na minha mão e entrou bem na frente do Gabriel.

— Babi, até que enfim te achei meu amor. Onde você estava?

— Aqui. — respondi cabisbaixa, por ele ter interrompido o meu momento com o loirinho.

— Te procurei por todo lado.

Gabriel só observava a cena e olhava fixamente pra mim. Eu correspondi á esse olhar.

Ao perceber que eu não estava dando a mínima para o que dizia, Leandro se virou para o Gabriel, abriu um sorriso debochado e disse: — Oi Gabriel, você está aí. Sua banda até que é boa, foi uma pena não vencerem. Mas você sabe como são esses concursos, né? Só vencem os realmente melhores. Tchau.

Após dizer isso, ele se voltou pra mim, me abraçou e falou alto: — Vamos amor, vou te levar á um lugar.

Leandro me envolveu em seus braços e me levou de lá. Eu nem pude me despedir do loirinho.

GABRIEL

Nem consegui responder ao que ouvi, só conseguia pensar: “O que a Babi viu nesse cara chato e sem graça?”.

Acho que no fundo ele sabia que se eu entrasse na briga por ela, o venceria facilmente e é isso mesmo o que estou a fim de fazer.

BABI

O lugar que o Leandro me levou, foi a uma pizzeria. Pelo jeito como ele falou, pensei que iríamos á um jantar á luz de velas no restaurante mais caro da cidade.

Sentamos numa mesa próxima a uma janela e ficamos esperando nosso pedido. Eu não estava muito a fim de comer e muito menos de conversar.

— Você não está muito feliz né? — Leandro perguntou preocupado.

— Estou pensando nos rapazes, a “Reluz” merecia vencer. — afirmei ainda visivelmente inconformada com o resultado.

— Mas não venceram! — ele disse irritado, se acalmando em seguida e me fazendo um carinho nas mãos. — Esquece eles amor, vamos pensar em nós. Ficamos tanto tempo longe um do outro que eu nem sei como consegui.

— Você fala como se morresse de amores por mim. — rebati sem acreditar em nada do que ele dizia.

— Mas eu morro minha rainha. Trocar você pela Lisa foi o maior erro que eu já cometi na vida. Você ainda me ama como antes? — quis saber emotivo.

— Eu não sei. Sabe Leandro, eu já te amei muito, mas agora acho que não dá mais pra ser como era antes.

Ele arregalou os olhos e perguntou receoso: — Quer dizer o que com isso?

Fixei os olhos nele, puxei o ar e disse: — Quero terminar com você.

— O quê? — Leandro se surpreendeu. — Nem voltamos e você já quer terminar?

Respirei fundo e confirmei: — Sim.

— Mas por quê? — ele me olhou tentando entender, para segundos depois decifrar: — Ah, nem precisa dizer, é por causa daquele loiro sem graça do seu amigo, não é?

Penalizada, justifiquei minha atitude: — Eu achei que gostava mais de você do que dele.

— Se tinha dúvidas, porque não ficou logo com ele? — Leandro se irritou.

— Pensei que ele não me correspondia. — expliquei segurando as lágrimas. Não queria ficar com ele, mas me doía muito vê-lo sofrer, mesmo depois de tudo o que ele havia feito comigo.

— Quando os vi se beijando no sábado, percebi que era mais do que amizade.

— Me desculpe por te fazer passar por isso.

— Parece que você está se vingando de mim. — lamentou-se Leandro.

— Eu nunca faria isso com você.

— Não quero que fique com ele. — inconformado, ele contestou fazendo gesto negativo com a cabeça.

— Não cabe á você decidir. — afirmei com firmeza.

Revoltado, Leandro esbravejou batendo com toda força na mesa, chamando á atenção de todos ali presentes: — Me sinto um idiota!

Me levantei para ir embora, um pouco retraída pelos olhares voltados para nós. Mas antes de ir, desejei: — Torço sinceramente para que você tenha toda felicidade do mundo.

Fiquei muito comovida por deixá-lo assim. Não é de mim ter esse tipo de comportamento, mas não havia outra saída, senão estaria enganando á ele e ao meu coração.

GABRIEL

Depois de amargamos o segundo lugar, fomos para nosso local de ensaios a fim de analisarmos a nossa performance não tão perfeita.

— Precisamos descobrir o que fizemos de errado. — Mattheus andava de um lado para o outro inconformado.

— Na minha percepção, não tivemos nenhum erro.

— Mas tivemos. — discordei do Rafael. — Foi um erro mínimo, imperceptível para nós e para o público, mas crucial para os jurados decidirem.

— O Gabriel está certo. — Mattheus falou. — Se ao menos soubéssemos em qual mínima parte demos deslize...

— Eu tenho uma teoria. — Victor se jogou no sofá.

Nós três olhamos pra ele e perguntamos juntos: — Qual?

— Um dos caras da outra banda é parente de um dos jurados.

— Ah Victor, fala sério! — Rafael revirou os olhos.

Eu e Mattheus fizemos gesto de negação com a cabeça.

— Eu não estou brincando. — ele se levantou e nos encarou. — Sei que eu mesmo falei que não demos o nosso melhor, mas demos. Nós entramos decididos a vencer e... Não falhamos. A outra banda também não falhou.

— E a sua conclusão é...? — Mattheus perguntou curioso.

— Que deveria ter acontecido um desempate, e outro desempate, e outro desempate até uma das duas bandas realmente fracassar. Galera, na boa, vocês sabem muito bem disso. Esse concurso foi só para arrancar dinheiro de pobres sonhadores como nós, porque um concurso de verdade não é tão raso assim.

— Eu tô com o Victor. — Rafael falou. — Nós realmente não erramos. Vai ver isso já estava combinado...

— Vamos aprender a perder, ok brothers? — Mattheus parecia estar de saco cheio desse assunto.

Concordando com o Mattheus, comecei a falar: — Se pensarmos assim, Victor, nunca mais entramos em concurso nenhum. Eu tô quebrado, decepcionado, devastado, destruído...

— Ok Gabriel, a gente já entendeu.

— Deixa eu terminar, Rafael.

— Sinta-se á vontade.

— Então, eu... Fiquei mal mesmo, mas vejo isso como uma oportunidade para mostrarmos o nosso talento.

— É isso mesmo, Gabriel. Havia pessoas importantes lá do ramo musical e tenho certeza de que alguém se encantou com nosso som.

— Eu continuo achando que alguém da "Spirit" é parente de um dos jurados.

— Menos, Victor. – Matheus o repreendeu.

— E aí, querem sair pra curtir e esquecer a derrota? – Rafael perguntou.

Antes que alguém pudesse responder, meu celular tocou e era... Babi!

— Foi mal, galera, mas preciso atender.

Fui para um canto conversar com a Babi, e depois...

— Brothers, vou nessa, a Babi precisa de mim. – eu disse guardando meu celular no bolso.

— Precisa de você...? – Matheus me olhou.

— E o namorado dela? – Rafael perguntou.

— Eu não tô nem aí pra ele, a Babi quer me ver e é claro que eu vou.

— Vê se para de bancar o melhor amigo e pega a mina pra você. – recomendou Victor.

Nem respondi, abri a porta e fui em direção ao meu carro.



Capítulo 17 – Finalmente nós dois

BABI

Cheguei em casa, fui para o meu quarto, peguei meu celular e liguei para o Gabriel. Pedi que viesse à minha casa, pois queria muito conversar com ele. Pela sua voz, deu pra notar que ele não estava muito bem por tudo o que aconteceu com sua banda, mas gentilmente me atendeu, foi atencioso e disse que já estava chegando.

Cerca de vinte minutos depois, Gabriel chegou e nos sentamos lado a lado num sofá que ficava na varanda. Nos cumprimentamos com um abraço e um beijo no rosto, bastante carinhoso.

— Vim assim que me ligou. Aconteceu alguma coisa? — ele fixou seus olhos em mim.

Sem pensar duas vezes, respondi: — Terminei com o Leandro.

— Nossa, que chato!

— Desculpa eu ficar te importunando com meus problemas, quando você tem os seus.

— Tá tudo bem, os amigos existem pra isso mesmo. — ele segurou na minha mão e perguntou: — Como você está ?

— Estou bem. — abri meu melhor sorriso, para deixar bem claro que eu não estava sofrendo pelo Leandro.

— Por que você terminou com ele?

— Porque... Me dei conta de que não gosto mais dele como antes, sem contar que ele agora tá um saco.

— Concordo contigo.

Rimos e eu cortei de vez esse assunto.

— Agora chega de falar de mim. Como você está se sentindo?

— Olha, se eu falar que estou legal, vou estar mentindo. Estou muito decepcionado com o resultado. Nós ensaiamos muito, foram meses de preparação... Aí entre trezentas bandas, conseguimos ficar entre as cinquenta melhores, depois ficamos entre as dez e no fim, terminamos em segundo lugar. Isso é muito frustrante.

Me doía demais vê-lo assim tão triste, então tentei dizer palavras confortantes.

— Vocês foram ótimos, incríveis! Deram o melhor que podiam, são vencedores. Vencer duzentas e noventa e oito bandas não é pra qualquer

um, e não é só porque ganharam um não que vocês têm que desistir de tudo. Vocês têm muito potencial e na hora certa, cada coisa irá para o seu devido lugar.

— Tem razão, eu não tinha pensado assim. Conversar com você, sempre faz eu me sentir melhor. — Gabriel elogiou, sendo bem simpático.

Sorri e retribuí o elogio: — Engraçado, quando eu sinto que as coisas estão complicadas pra mim, melhora quando eu penso em você.

Acho que ele não esperava ouvir isso. Gabriel me olhou surpreso, e tentou se engraçar como sempre fazia: — Então quer dizer que você não me tira da cabeça?

Começamos a rir e eu rebati sem perder o rebolado: — É você que entra nela sem ser convidado.

— Ah é? E quem foi que me convidou pra vir aqui? — ele provocou.

— Então é assim? E quem me convidou pra ir à festa, ao cinema, ao concurso...? — sorri contando nos dedos.

— Na sua conta também tem a sorveteria, não esqueça. —

Gabriel tocou na ponta do meu nariz.

— Aquele dia foi só porque minhas amigas estavam ocupadas.

— Sei... E agora? Elas também estão ocupadas? — ele se inclinou pra perto de mim.

Cara, ele tem mesmo o dom de me irritar com essas expressões de ironia.

— Seu chato! Eu só queria saber como você está. — dei um tapinha em seu braço.

— Podia me ligar, mas não, você quis me ver pessoalmente. Sinto que minha presença é muito importante pra você. — Gabriel sorriu mordendo os lábios, bancando o sensual.

Queria confirmar o que ele estava dizendo, mas irritada (Só aparentemente) debati: — Seu convencido! Até parece que é verdade.

— E não é?

— Claro que não! Você que estava se jogando pra cima de mim com aquela parada de “boa sorte”. — fiz o gesto de aspas com os dedos.

— Pode até ser, mas foi você que inventou isso e me agarrou. —

Gabriel falou se auto promovendo, com o sorriso que eu julgo ser irritante e concluiu: — Mas eu te entendo, não me resiste né? — ele ainda deu uma piscadinha.

— Como é? — aumentei o tom de voz: — Eu não resisto á você? Pelo que eu me lembre bonitinho, você que me agarrou e me deu aquele beijão.

— Qual? Aquele que te deixou sem ar?

Nossa, o loirinho parecia que tinha o dom de me deixar sem graça.

— Para com isso, Gabriel. — pedi um pouco constrangida, rindo de lado.

— Tá certo, parei. Mas... Você curtiu, não é?

Sorri e afirmei: — E você também.

— Pode ter certeza disso.

Eu estava tão nervosa por estar tendo essa conversa com ele, que para não transparecer o nervosismo, perguntei: — Vem cá, você não vai me dizer nunca o que significa pimpla? Ah, lembrei, você já disse que significa “garota chata”.

GABRIEL

Eu não sabia se a Babi tinha me chamado para enxugar suas lágrimas como um amigo, ou se ela queria me deixar claro que o caminho para seu coração estava novamente livre. Como o Victor falou, se eu

quiser ter algo a mais com ela, tenho que parar de bancar o amiguinho ouvinte e tomar uma atitude.

Abri um sorriso e vi ali um ótimo momento para ser um romântico galanteador: — Não, pimpolha não significa isso não. No dicionário normal, é um significado qualquer, mas no meu significa... Garota linda, encantadora, que é capaz de acelerar o coração de qualquer homem.

Babi olhou pra mim e disse quase sem palavras: — Nossa! Isso é sério?! Então você acha tudo isso de mim?

Acariciei seu rosto e os seus cabelos e sussurrei em seu ouvido: — Posso te fazer uma confissão?

BABI

Meu coração estava em disparate. Ele começou a falar nesse tom romântico, e ainda passava a mão levemente sobre meu rosto.

— Pode. — permiti hipnotizada pelos lindos olhos azuis dele fitados nos meus.

— Eu gostei muito de saber que você terminou com o Leandro.

Corei na hora, pude sentir. Sem outra reação, perguntei olhando bem pra ele: — Por quê? — franzi a testa.

— Nem sei como te dizer isso, mas eu...

— Você...?!?!

GABRIEL

A abracei forte, aproximei meu rosto do dela e a beijei devagar, sentindo seus lábios macios, enquanto nossas línguas se entrelaçavam. Ela me correspondeu e trocamos um beijo longo e muito, muito apaixonado. Fiz o que já tinha que ter feito há muito tempo.

Depois do beijo, segurei o rosto dela, a olhei nos olhos e perguntei: — Ainda quer que eu termine a frase?

Ela parecia estar abobalhada, e um pouco sem ação, respondeu: — Sim.

BABI

Queria saber o que ele iria me falar, e meu coração por pouco não explodiu, quando o ouvi dizer olhando em meus olhos: — Eu estou muito apaixonado por você, mas se você não sentir o mesmo...

Nem o esperei terminar a frase, fui logo confessando: — Eu também.

— Você também...?

— Estou apaixonada por você e é muito, muito, muito, muito. — segurei em seu rosto, acrescentando: — Foi por esse motivo que eu terminei com o Leandro.

Gabriel sorriu e perguntou: — Está falando sério?

— Muito sério, não consigo parar de pensar em você.

— Então você... Quer ser minha namorada?

— Pensei que nunca iria me perguntar isso.

Me aproximei e eu que o beijei dessa vez. Como foi bom! Depois nos abraçamos e ficamos juntinhos. Foi muito melhor do que em meus melhores sonhos.

Entrei no meu quarto me sentindo nas nuvens. Eu e o Gabriel... Isso era o que eu mais queria, mas... Algo parecia estar errado, então fui no quarto da minha irmã conversar com ela.

— Mana.

— Que é? — Pam estava deitada de bruços na cama concentrada em algo no celular, e assim permaneceu sem me dar um pingo de atenção, mas eu continuei lá porque precisava desabafar.

Mordi o lábio apreensiva e perguntei: — Você acha estranho terminar um namoro e no mesmo dia começar outro?

Pam largou o celular na cama e olhou pra mim: — Oi?

— É estranho ou não? — fiz careta de tensão.

Com os olhos arregalados, Pam se sentou na cama me encarando:

— Me diz que não foi você que fez isso.

Puxei o ar e sentindo um tremelique danado nas pernas, confessei:

— Fui eu, na verdade.

Minha irmã se levantou e veio até mim, me olhando com uma cara...

— O quê? — franziu a testa. — Você? Como? Com quem?

— Ei, uma pergunta de cada vez! — dei-lhe uma trave e em seguida expliquei, ou melhor, tentei explicar: — Então, eu... Voltei com o Leandro...

— Voltou? — Pam me interrompeu pasma e me fuzilou com o olhar.

— E eu não fiquei sabendo?

— Não te contei nada porque eu sabia que você iria me criticar.

— É claro que eu iria. — ela abriu os braços indignada. — O Leandro sempre te faz de palhaça, mas enfim, você voltou com o Leandro, certo?

— Sim.

Pam começou a me rodear, analisando a situação: — Aí descobriu que ele continua não prestando e decidiu dar uma chance para o...

— Gabriel.

— O loiro insuportável? — Pam se surpreendia a cada palavra que eu dizia.

— Ele mesmo. — confirmei forçando um sorriso.

— Caramba, mana, o que você não está me contando? – ela cruzou os braços decepcionada. — Você detestava o loiro aguado e agora tá de love com ele?

— Na verdade, eu não o achava mais insuportável desde o dia em que ele salvou minha apresentação, e...

— E...?

— Nos tornamos amigos.

— Então fizeram amizade e perceberam que era mais que amizade.

— Exatamente. – suspirei.

— Por que voltou com o Leandro então? – Pam me olhou com repreensão no olhar.

— Porque fiquei confusa, achei que o Gabriel não me correspondia, aí...

— Terminou com o Leandro e agora tá com o ex insuportável.

— Isso. – confirmei constrangida.

— Mana, aquele cara é um gato! – ela suspirou com um sorriso de orelha a orelha. — Até eu trocaria o Leandro por ele. – deu os ombros.

— Pam, esquece isso, eu só... – meu semblante caiu. — Tô preocupada, sabe. Não esperei nem um mês.

— Pra você ver, sua fila corre mais rápido que o ²"*The Flash*". – Pam soltou uma risada. Ao ver que eu não ri e perceber que eu estava realmente me sentindo mal, ela resolveu me aconselhar: — Mana, agora tá feito, né? Você não vai terminar com o metidinho e voltar com ele depois de um ou dois meses, mas... Não faz mais isso. Se nossos pais souberem...

— Eles não sabem. Só você que sabe. Quero dizer, você, o Gabriel e provavelmente os amigos dele.

— Hum... Me lembre de nunca fazer isso. – ela se jogou na cama e pegou seu celular.

— Me lembre de nunca mais fazer isso.

Essa atitude era nova pra mim e eu não me sentia confortável quanto á isso porque sempre fui muito conservadora, mas... É vida que segue.

² **The Flash – Super herói da DC Comics**



Capítulo 18 - Você na minha vida

GABRIEL

Assim que saí da casa da Babi, entrei no meu carro e antes de começar a dirigir, peguei meu celular para dar uma olhada e me surpreendi com o número de mensagens no grupo da "Banda Reluz", direcionadas á mim.

"E aí brother, como foi com a mina?"

"Se quiser ficar com ela, aja igual homem."

"Gabriel, como foi sua conversa com a Babi?"

"Assim que se resolver com ela, me manda um zap."

Ignorei um monte, parece que esses caras não tem o que fazer. Um pouco cansado, apenas respondi: "Estou namorando com a Babi" e silencieei o grupo.

No dia seguinte, busquei minha namorada em casa e fomos ao parque fazer nosso primeiro passeio juntos.

— Fazia anos que eu não ia á um parque de diversões. — Babi comentou animada.

— A última vez que fui á um parque, tinha uns sete anos de idade. — demos as mãos.

— Gabriel... — ela parou na minha frente, parecendo estar preocupada com alguma coisa.

— Fala.

— Bom é que... Não sei como te perguntar isso.

— Pode perguntar, Babi, não precisa ficar tensa. Antes de sermos namorados, éramos amigos.

Ela ficou me olhando sem palavras, parecia estar criando coragem para entrar no assunto.

— Vem, vamos sentar um pouco aqui. — peguei na mão dela e a levei até um banquinho colorido de madeira. — Consegue falar agora?

Ela me olhou por uns segundos, antes de começar a dizer: — Eu só queria saber se o seu conceito sobre mim mudou depois do que eu fiz.

— Como assim? — franzi o cenho.

— Eu terminei com o Leandro ontem e ontem mesmo eu comecei a namorar com você, então...

— Jura que você tá preocupada com isso?

— Mudou ou não, Gabriel? — Babi estava mesmo falando sério.

— Claro que não, minha flor. Você e aquele cara nem combinavam. — eu ri para fazê-la sorrir e sentir-se melhor. — A felicidade tem pressa né e agora estamos juntos, então esse detalhe é o que menos importa.

— Foi um erro eu ter voltado pra ele. — se lamentou, justificando: — Eu achei que você não sentia nada por mim.

— Eu reconheço que parte disso foi culpa minha por não demonstrado meus sentimentos, mas já passou, amor. Vamos viver hoje, tá?

— Tá bom. — ela sorriu parecendo estar aliviada.

— Não se tortura mais com isso.

Rimos e trocamos um selinho longo.

— Vamos na roda gigante? — convidei para matar esse assunto.

— Tenho medo de altura.

— Eu seguro você.

Ela pensou um pouco, mas acabou concordando. Sentamos na cadeira bem juntinhos. Quando a abracei, senti que ela tremendo e suando frio.

— Nossa, você está gelada.

— Tô nervosa.

— Tô te pressionando né? Quer desistir?
— Não, sei que você vai me segurar. — ela pegou na minha mão.
— Se sentir medo, é só me dar uns beijinhos que passa. — abri um sorriso.

— Posso sentir medo durante todos os próximos minutos? — Babi perguntou pretensiosa.

— Pode começar a sentir á partir de agora.

A roda nem começou a girar e nós já estávamos nos beijando.

Quando caímos na real, a roda já até tinha parado.

Depois fomos na casa dos espelhos, no labirinto, no trem fantasma... Ela só não aceitou ir na montanha-russa e no kamikaze, e eu sabendo que ela tinha medo, não insisti.

Comemos algodão-doce, maçã do amor... Parecíamos duas crianças. Foi uma noite perfeita!

Para início de namoro, nos divertimos bastante e curtimos muito nosso primeiro dia juntos. Espero que as coisas nunca mudem entre nós, porque eu nunca estive tão feliz como estou agora, ao lado dela.

BABI

Eu e o Gabriel combinamos que na tarde de sábado, almoçaríamos na minha casa e na tarde de domingo, almoçaríamos na casa dele. Queríamos muito criar laços um com a família do outro.

Tarde de sábado...

O loirinho chegou na hora combinada: Meio-dia. O recebi no portão com um abraço apertado.

— Oi amor, chegou bem na hora.

— É, sou bastante pontual.

— Nota-se. Você está lindo. — elogiei colocando as mãos em seu peitoral e reparando seu jeito estiloso de se vestir, com uma camisa social azul marinho dobrada até o cotovelo, calça jeans preta, tênis e um perfume irresistível.

Ele sorriu e retribuiu: — Você também, princesa.

Impossível não rolar um beijo durante nossa troca de olhares. Como é bom beijar quando se está apaixonada, principalmente se essa pessoa for o Gabriel. Ele tem um beijinho doce e seus afagos em meus cabelos, rosto e nuca, me faziam ir às estrelas sem sair do lugar.

— Vamos entrar. — convidei após o momento love.

— Será que sua família vai gostar de mim? — ele perguntou parecendo estar receoso.

— Claro que vai. Vem.

Demos o braço e entramos. Meus pais e minha irmã já esperavam por ele próximos à mesa.

— Boa tarde! — Gabriel cumprimentou assim que os viu.

— Boa tarde meu filho, a Babi só vive falando em você.

— Mãe! — a repreendi e logo percebi um sorrisinho convencido nos lábios do Gabriel. Acabei rindo também.

— Mana, vocês formam um lindo casal.

— Obrigada, Pam.

— Sente-se rapaz. — pediu meu pai.

Nos sentamos todos à mesa e eu me sentei ao lado do meu namorado. Para sentir-se mais à vontade, Gabriel retirou seu celular do bolso de trás de sua calça e o colocou em cima da mesa.

Minha mãe fez um ensopado de frango delicioso. Conversamos durante o almoço, depois de nos servir.

— Então Gabrielzinho, o que você faz? – perguntou minha mãe tentando ser simpática, mas ficou super estranho ela chamá-lo assim.

— Eu sou músico. – respondeu com segurança, cortando o frango com o garfo e a faca.

— Foi uma pena não ter conseguido o contrato. – lamentou Pâmela, completando: — Soube que você também é médico.

— Sou, mas... Eu não exerço a profissão.

— Tá vendo mana, agora você pode ficar doente á vontade, com um médico desses...

— Menos, Pam! – pedi sem graça.

— Por que você não exerce a profissão? – quis saber meu pai.

Gabriel ficou um pouco pensativo, mas logo respondeu: — Porque... Ainda estou me preparando pra isso.

— Mas para o ramo da música você já está bem preparado, né? Você cantou muito bem naquela apresentação no galpão.

— Eu posso dizer que a música ocupa uma parte muito importante na minha vida. – ele respondeu passando muito sentimento. Realmente ele ama a música de uma forma bem intensa.

Entre uma pergunta e outra, o celular do loirinho começou a tocar. Como o aparelho estava em cima da mesa, olhei para o display e vi a foto de uma mulher loira e o nome escrito nele, era Karina. Pelo que eu me lembre, Rafael disse que a mulher que Gabriel havia beijado na praça se chamava Karina e tratava-se da ex noiva dele. Pra quê ela está ligando para o meu namorado?

— Dá licença. – Gabriel pediu. — Não demoro.

Ele se levantou e foi para o quintal atender. Fiquei um pouco enciumada, mas procurei não demonstrar.

Passaram-se uns minutos, Gabriel retornou e a conversa continuou. Entre os interrogatórios habituais para quem está se conhecendo, o almoço seguiu tranquilamente.

Depois, eu e ele saímos para dar umas voltinhas á pé, de mãos dadas, pelas ruas do bairro.

— E aí amor, o que você achou?

— Foi bem legal. – elogiou, completando com aquele sorrisinho irônico que só ele sabia fazer: — E o melhor, foi que eu nem precisei falar muito, eles já sabiam tudo sobre mim...

Eu ri e mantive o jogo de cintura.

— Eles sabiam porque sempre me ouvem falando com você ao telefone. – contornei em vão.

Ele fez aquela cara de convencido e rebateu: — Tá bom amor, não esquentar a cabeça não. Vou fingir que acredito.

— Não começa. – ri.

— Que foi? Tenho culpa se você pensa em mim o tempo inteiro?

— Tá aí se achando, mas nem sempre penso bem de você. – zoei.

— Como assim pimpolha?

— Te acho metido a bonito, irritante, convencido... – enumerei voltando o olhar pra ele. – Quer que eu fale mais?

— Quero, agora diz as coisas boas.

— Ok, hum... Deixa eu pensar... Não tem. – provoquei.

Ele sorriu e disse: — Tudo bem, eu sei que você pensa tanta coisa boa de mim, que fica um pouco constrangida em dizer, mas eu te entendo.

— Por que você é tão chato hein Gabriel?

Ele abriu um sorrisinho, me deu um beijo na cabeça e perguntou: — Amor, em qual momento da nossa amizade você começou a gostar de mim

como homem?

— Então, como você sabe, eu não suportava você.

— Novidade, eu nunca notei isso. — rimos.

— Aí você foi lá, salvou minha apresentação... Cantou de um jeito que realmente mexeu comigo e...

— Te deixei crazy, baby. — Gabriel sorriu.

— Também não vamos exagerar. — amenizei rindo. — E você?

— Quando te vi pela primeira vez, te achei linda e eu queria muito te conhecer melhor, mas só me apaixonei depois daquele dia em que fomos ao cinema, com aquela conversa que tivemos em que você confiou em mim e me contou como pensa. A partir dali comecei a ficar balançado por você, mas nunca imaginei que você estava a fim de mim, tinha horas que parecia que você não queria me ver nem pintado de ouro.

Dei uma risadinha e confirmei: — É, você está certo, mas... Amava estar com você.

— Eu sei que amava. — riu fazendo graça.

— Até o Rafael notou que eu estava na sua e você não.

— O Rafael? — ele se surpreendeu, levantando as sobrancelhas.

— Sim, ele disse que era notório que eu tinha uma queda por você e me disse que você sentia o mesmo.

— E quando vocês conversaram? — quis saber interessado e ainda perplexo.

— No dia do concurso das bandas.

— Eu... Te devo desculpas por aquele dia. — Gabriel disse querendo retratar-se.

— Tá tudo bem, esquece. Eu pensei que você tinha se comportado daquele jeito porque estava nervoso, mas agora eu entendi que na

verdade, o que você tinha era ciúme do Leandro. Não se preocupe, eu te entendo. – sorri, querendo irritá-lo, assim como ele sempre fazia comigo.

— Com ciúmes? Eu? Depois eu que sou o convencido né?

— No final das contas, foi bom sermos amigos. Agora sabemos tudo um sobre o outro.

— Quase tudo. – Gabriel sorriu me provocando.

— É mesmo é? Tem muita coisa sobre mim também que você não sabe e eu não vou te contar.

Ele me abraçou pela cintura e zoando me pediu com voz manhosa: — Me conta, meu amor!

— Não, você não merece. – ressalttei brincando.

Gabriel ficou de frente pra mim, segurou minhas mãos e propôs: — Tá bom, então qualquer dia desses, vamos fazer o dia dos segredos. Vou te contar tudo sobre mim e você me conta tudo sobre você. Combinado?

— Não sei! E se você for algum tipo de psicopata tentando descobrir meu ponto fraco? – hesitei falando num tom, como se fosse sério.

— A história do psicopata de novo? Mas agora eu sei onde você mora.

— Então eu vou fugir de você.

Comecei a correr. O loirinho sorriu, veio atrás de mim e rapidamente me alcançou, me segurando pela cintura.

— O psicopata te pegou. E aí, qual é seu último desejo?

Contornei seu pescoço com meus braços e perguntei: — Sabe beijar, senhor psicopata?

— Minha namorada Babi, diz que eu sou mestre nessa arte.

— Verdade? Então me mostra como é. – pedi aproximando meus lábios dos dele.

Gabriel aproximou o rosto, me admirou por uns segundos e nos beijamos muito! Demos uma paradinha para nos olharmos e nos beijamos de novo. Momentos mágicos...

Eu senti uma vontade imensa de perguntar ao Gabriel o motivo da ligação de sua ex noiva, mas estávamos tão felizes e eu tenho tanta confiança nele, que preferi não sufocá-lo com meu ciúme.



Capítulo 19 - De novo, meu pai

GABRIEL

No dia seguinte, foi a vez da Babi vir á minha casa. Fui buscá-la e ela não se atrasou nem um minuto.

— Isso tudo é vontade de me ver? – perguntei me engraçando, dentro do carro.

— Como assim? – indagou desentendida, enquanto passava batom se olhando em seu espelho.

— Você não se atrasou, isso é um verdadeiro milagre!

— Nem todas as mulheres tem a fama de andar atrasada, sabia? Mas se ser pontual te incomoda, da próxima vez vou te fazer esperar por mais de uma hora.

Ri e zoei: — Vai demorar tanto assim pra se montar?

— Eu nem te respondo. – ela debateu com um sorriso.

— Tudo bem, é normal eu te deixar sem palavras. – pilhei.

— Tá engraçadinho hoje hein Gabriel! Tem resposta pra tudo. – Babi reclamou com bom humor.

— A vida é uma festa, amor. – batuquei no volante.

— Não sabia que me namorar te dava a sensação de ter ganhado na loteria. — rimos. — Agora presta atenção no trânsito.

— Sim, senhorita. — fiz gesto de continência.

Seguimos até minha casa. Chegando lá, minha mãe a recebeu de forma simpática e carinhosa.

— Oi querida, então é você a mocinha que roubou o coração do meu bebê? — a abraçou.

Babi sorriu, retribuiu o abraço de modo carinhoso e disse: — É um enorme prazer conhecer a senhora.

— Nada de bebê, mãe! — pedi constrangido.

— Ah... Eu achei tão bonitinho! — contrariou Babi, só pra me irritar.

— Eu também acho. — concordou minha mãe, continuando: — Fiz bife á rolé. Vamos almoçar crianças?

Fomos pra mesa, nos servimos, e minha mãe procurou saber mais sobre a minha namorada.

— Mas e aí, me contem como se conheceram.

— Foi no galpão onde acontecem vários projetos comunitários. O Gabriel apareceu por lá, fizemos amizade e... As coisas foram acontecendo.

— Você ficam lindos juntos! — bajulou. — Você também trabalha com música, banda...?

— Não, na verdade eu sou professora.

— Que interessante, querida! — admirou-se ela, pra logo depois me entregar: — Sabe filha, vou te contar um segredinho: Quando o Rafael, o Victor e o Mattheus vêm aqui em casa, o Gabriel fala de você o tempo todo com eles.

— É mesmo querido? — ela sorriu de maneira irônica, fitando os olhos em mim e eu rebati na mesma ironia:

— Sim querida, mas não quer dizer que eu diga coisas boas.

Rimos e nos olhamos daquele jeito que só nós dois entendíamos, mas minha mãe esclareceu as coisas: — Filho, pode contar pra ela o que você diz. São só coisas boas e não precisa ficar envergonhado. Nós mulheres somos fãs do romantismo, não é mesmo Babi?

— É verdade. Mas tadinho, ficou todo tímidozinho, né amor? — ela riu, enquanto acariciava meus cabelos.

— Depois a gente conversa. — devolvi o sorriso.

Apesar desse constrangimento pelo qual minha mãe me fez passar, tudo corria muito bem até meu pai chegar do trabalho.

— Boa tarde Elizabeth. — desejou beijando o rosto da minha mãe.

Após esse gesto, ele voltou seu olhar para Babi e a cumprimentou com cordialidade: — Olá minha jovem, boa tarde!

Ela abriu um largo sorriso e retribuiu: — Boa tarde, senhor...?

— Henrique. — meu pai se apresentou.

— É um prazer conhecê-lo.

— Igualmente.

Babi se levantou, eles trocaram três beijos no rosto e um abraço. Depois, ele deu as costas e se retirou. Comemorei internamente, o fato dele não ficar com a gente para almoçar.

O velho já subia as escadas, quando minha mãe fez-lhe uma pergunta indevida para o momento:

— Não vai cumprimentar seu filho?

— Por mim tanto faz, não me importo mesmo. — respondi, logo sendo repreendido por dona Elizabeth.

— Gabriel! Isso é jeito de falar com seu pai?

— Tudo bem Elizabeth, filhos mal agradecidos e que não tem respeito pelos pais, tem esse tipo de comportamento. — murmurou bancando a vítima.

Fiquei irritado com essa reposta e debati num tom de voz um pouco mais alto que o normal: — Como um filho pode respeitar um pai que não se dá respeito?

— Gabriel, você não devia falar assim. — aconselhou Babi, sem jeito com essa situação constrangedora.

Mais uma vez bancando a vítima, meu pai disse com carinha de pobre coitado: — Tá tudo bem, minha filha. Com o Gabriel é o seguinte: Se você concordar com o que ele quer, serão felizes, caso contrário, agunte as consequências.

Minha mãe, visivelmente tão envergonhada quanto a Babi, interferiu: — Menos, tá bom, Henrique? Vocês parecem duas crianças discutindo.

— Vou para o meu quarto. — informou o velho, se retirando.

Após esse bate-boca, o almoço prosseguiu num clima tão chato, que logo terminou.

Depois, eu e a Babi saímos para caminhar e ficarmos á sós. Eu, logo na primeira oportunidade que tive, tratei de me retratar com ela.

— Amor, me desculpe por esse papelão que meu pai me fez pagar.

— Você também teve culpa. — ela me reprovou.

— O quê? — fiquei surpreso.

— Por mais que nossos pais estejam errados, são nossos pais e devemos respeitá-los.

— Mas você viu como ele me tratou? — me defendi tentando mostrar o meu lado.

— Ele deve estar magoado com você. — Babi concluiu se lamentando.

— Magoado comigo? — me espantei, desacreditado no que acabei de ouvir. — Não acha que é o contrário não? — perguntei indignado.

— Já tentou conversar com ele?

— Não e nem quero.

— Vocês têm que se entender, são pai e filho.

— Ele não me ouve. – expliquei.

— Tudo vai do jeito como você fala. Chama ele pra conversar e tentem fazer as pazes. – persuadiu preocupada com nosso relacionamento conturbado.

— Não damos certo, é melhor deixar assim. – finalizei irredutível.

— Ele deve se sentir tão triste...

Por mais que eu tentasse tirar essa ideia de sua cabeça, Babi insistiu tanto nisso, que acabei me irritando de verdade.

— Não acredito que você está do lado dele. – me chateei ficando de frente pra ela.

— Eu não estou, só acho que você é a pessoa certa pra consertar as coisas.

— Então em sua opinião, o errado sou eu.

— Caramba Gabriel, você não entende nada! – disse alterando o tom de voz, outrora sereno.

— Eu entendi que você só está olhando o lado dele, não o meu. – rebati no mesmo tom.

Ela olhou pra mim e mandou uma que me deixou desnorteado: — É, parece que seu pai tem mesmo razão. Quando alguém discorda de você, tem que aguentar as consequências.

Ao ouvir isso, no primeiro instante fiquei sem palavras, mas rapidamente me recompus e tentei contornar as coisas.

— Amor, não é isso. Eu só quero que você me entenda. Eu não sou assim, só fiquei um pouco nervoso. Me desculpe. – justifiquei.

— Tenta se acalmar, está tudo bem.

— Podemos esquecer o que houve? Por favor! – pedi, beijando-a na testa.

— Claro amor. – ela afirmou acariciando meu rosto de forma carinhosa.

Nos abraçamos e ao me ver, ficou tudo bem entre nós dois.

— Eu amo estar com você, Babi.

— Eu também, Gabriel.

— Me desculpe qualquer coisa, tá gatinha? – pedi afagando seus cabelos. — Sei que eu e meu pai deixamos uma péssima impressão...

— Já passou, não vamos mais lembrar disso.

— Você e eu é o que mais me importa. – a olhei nos olhos.

Babi passou a mão por minha nuca e me deu beijo selinho. Em resposta, a abracei forte e correspondei o beijo acariciando seus lábios com o meus.

Me senti aliviado por ter conseguido consertar a constrangedora situação. Após essa conversa, continuamos caminhando e não tocamos mais nesse assunto.

Logo depois que deixei a Babi em casa, fui embora e encontrei o Victor sentado na cadeira de balanço da varanda, lendo um livro.

— Chegou tarde para o almoço. – ironizei chateado.

— Ah fala sério, Gabriel! Nada a vê eu participar de um almoço seu com sua namorada. – ele fechou o livro e o largou na mesa.

— Você faz parte da família

— Mas esse lance era entre você, ela, seu pai e sua mãe. – ele rebateu, fixando os olhos em mim. — Pra você estar desse jeito, algo deu errado, não é?

— Sim e se você estivesse aqui, talvez me ajudasse a contornar a situação. — me recostei numa das pilastras da varanda.

— Hum... Então você meio que previu que algo ia dar ruim. O que houve?

— Meu pai... — comecei a contar a novas, mas fui interrompido.

— Parece que estou assistindo um replay. — Victor suspirou parecendo estar saturado dessas constantes brigas entre meu pai e eu. — O que aconteceu agora?

— Ele quase arruinou tudo. Acredita que ele começou uma discussão comigo na frente da Babi? — eu ainda estava indignado.

— Primo, na boa, essa rixa entre vocês já está passando dos limites. Porque você não...

— Normal todo mundo achar que a culpa é minha. — o interrompi, já sabendo o que ele iria falar.

— Gabriel, para de show, eu não disse isso. Eu ia dizer que você podia conversar com ele, para pelo menos chegarem á um acordo de paz. Seu pai quer o melhor pra você, primo. Ele tá preocupado com seu futuro.

— Bela forma de se preocupar com meu futuro, me envergonhando na frente da minha namorada. Depois é moleza geral falar que eu sou o filho rebelde.

— Eu vou te dizer uma coisa que talvez você não entenda. — ele se levantou, puxou o ar e começou a falar: — Olha... Eu daria tudo pra ter o meu pai aqui, se preocupando comigo, mesmo que isso me sufocasse. Independente das circunstâncias, eu preferia tê-lo por perto, então... Pensa nisso.

Victor entrou na minha casa me deixou um pouco pensativo, mas por mais que eu tentasse e me esforçasse bastante para tudo ficar em paz, meu pai nunca facilitava as coisas.



BABI

Era o primeiro ensaio do coral em que eu e o Gabriel íamos juntos na condição de namorados. O loirinho fez questão de entrar abraçado comigo e é claro que não me opus a isso. Minha irmã nos acompanhou.

— E aí, resolveram parar de lenga lenga e finalmente abriram o coração? – Pedro falou, assim que nos viu entrar no quintal do galpão.

— Uma hora isso tinha que acontecer. – Gabriel respondeu com um sorriso.

— Vocês formam um casal lindo! – Renata elogiou suspirando.

— Obrigada! – agradecei feliz. — Mas e vocês? – dividi o olhar entre Pedro e ela.

— Nós o quê? – Pedro franziu a testa.

Pam continuou o assunto: — Quando vão...

— Eu tenho que ir beber água. – Pedro a interrompeu e saiu de lá.

— Estão vendo como ele é, gente? – Renata reclamou. — O Pedro é muito sem iniciativa, tímido demais.

— Então toma a iniciativa você.

— Eu, Pam? – Renata arregalou os olhos.

— Sim, você. Eu quando estou a fim de um cara, não fico sentada esperando o tempo passar. Vai que aparece outra.

— É, você tem razão, mas eu vou pensar nisso. – Renata se afastou de nós.

— Peraí, Pam, eu ouvi bem? Como assim você se joga pra cima dos caras?

— Ah fala sério, Babi! Você não vai começar a bancar a minha mãe agora, né? – Pam cruzou os braços. — E eu não disse que me joga pra cima de ninguém, eu só falei que tomo a iniciativa.

— Garota de atitude! – Gabriel a aplaudiu.

— Obrigada cunhado! – Pam sorriu, olhando pra mim com cara de deboche, como se tivesse acabado de ganhar um prêmio pelo fato de Gabriel apoiá-la.

— Gabriel, não coloca pilha! – o repreendi.

— Cunhado, tenta colocar o século XXI na cabeça da minha irmã, pra ver se ela para de ser ultrapassada. – Pam revirou os olhos e entrou no galpão.

Gabriel deu uma risadinha.

— Não ri disso. – olhei pra ele.

— Tá bom, parei. – ele riu. — Mas e aí, quando vou ouvir sua voz?

— Você já está ouvindo, ué. – dei os ombros, me fazendo de desentendida.

— Estou dizendo cantando, engraçadinha.

— Nunca. – falei em rodeios.

— Nunca?

— Minha voz é horrível. – dei minha breve justificativa.

— Alguém te disse isso?

— Ninguém precisa me dizer, porque eu sei, mas não, ninguém me disse isso porque eu nunca cantei pra ninguém.

— Então você tirou essa conclusão por conta própria...

— Eu tenho ouvido, Gabriel, então sei muito bem que canto mal.

— E eu tenho alguma chance de te ouvir cantando um dia? – ele me olhou fazendo charme, na clara tentativa de me convencer.

— É claro que não, Gabriel. – ele não me convenceu.

— Só nós dois, sem público. – Gabriel insistiu, acariciando meus braços.

— Não. – permaneci irresistível às suas investidas.

— Nenhuma possibilidade? – ele fez um beicinho tão lindo, mas eu...

— Não.

— Sério? – ele perguntou desacreditado, como se fosse impossível alguém resistir seu charme.

— Você é cantor, músico, entende muito sobre música. É claro que não vou pagar esse mico na sua frente.

— Babi, eu não vou ficar te avaliando como um jurado do ³***“The Voice Brasil”***, eu só queria ouvir sua voz. – ele colocou uma mecha do meu cabelo por trás da minha orelha. — Mas eu não vou ficar te pressionando e enchendo sua paciência com isso. Um dia... Se você quiser, estou aqui pra te escutar.

— Tá bom. – abri um sorriso, recomendando: — Mas não espere muito por isso, porque eu realmente não canto bem e sinto vergonha, mas... Se um dia acontecer, será num momento especial.

Sorrimos e ele me deu um abraço, antes de entrarmos para o galpão.

³ The Voice Brasil – Show de talentos brasileiro.



Capítulo 20 – Nem tudo são flores

BABI

Sexta-feira de feriado, viva!!! Acordei bem cedo e o que eu mais queria era ver o Gabriel. Montei uma programação especial á dois e resolvi fazer uma surpresa para ele.

Vesti uma calça jeans preta, coloquei uma blusinha rosa sem manga, fiz uns cachos nas pontas dos meus cabelos, me perfumei e fiz uma

maquiagem suave. Chamei um táxi e parti para a casa do meu namorado lindo.

Pensei nele durante todo o caminho, mas quando cheguei lá, quem teve uma surpresa fui eu. Ele estava no portão de sua casa conversando com uma garota, a mesma garota que ele beijou na praça.

Perplexa, pedi para o motorista parar mais á frente, desci do carro, me escondi atrás de uma árvore e fiquei só os observando. Pena que pela distância, não dava pra escutar nada do que eles conversavam. Eu estava achando essa conversa animada ruim? O pior estava por vir, quando eles trocaram um abraço beeem apertado. Sem exageros, só faltou trocarem um beijo também. Eu não acreditei no que vi. Programação de feriado cancelada!

Fui pra minha casa com meu coração retalhado. Depois de tudo o que passamos juntos, nunca imaginei que o Gabriel pudesse fazer isso comigo. Desde o início, eu sabia que isso poderia acontecer, já que suas atitudes anteriores indicavam que ele não havia esquecido e eu me sinto culpada por ter me envolvido com ele, mesmo sabendo que as coisas poderiam acabar assim.

Gabriel pode até gostar de mim como diz, mas é ela que ele ama. Talvez eu tenha sido só uma distração ou uma porta de saída para que ele pudesse seguir com sua vida.

Agora está tudo esclarecido! Essa tal de Karina na verdade ligou para o Gabriel, para marcar alguma coisa, porque se não fosse por isso, ele atenderia a ligação na minha frente.

GABRIEL

Na manhã do feriado, acordei com a Karina na minha porta. Fui atendê-la pra ver o que ela queria comigo tão cedo. Conversa vai, conversa

vem... Depois de mais ou menos trinta minutos, terminamos o assunto, e ela foi embora. Daí, entrei na minha casa e voltei a dormir, pois estava morto de sono.

No início da tarde, fui para o ensaio da Banda Reluz. Ensaíamos constantemente porque temos que estar prontos para tudo.

— Brothers, antes de começar o ensaio, tenho uma excelente notícia.
— Mattheus começou a falar com um sorriso.

— E que notícia tão boa é essa? — Rafael perguntou.

— Por acaso descobriram que um dos músicos da banda “Spirit” é parente de um dos jurados, aí eles foram desclassificados e o primeiro lugar agora é nosso?

— Victor, não começa com suas viagens. — revirei os olhos.

— Fomos convidados para tocar semana que vem no “Garden Music”, vocês tem noção? — Mattheus falou num grande estado de euforia.

— Não! Jura??? Quer dizer que vamos tocar na casa de shows mais badalada do Rio de Janeiro? — meu coração até acelerou.

— Cara, isso é sério? — Victor arregalou os olhos.

— Estamos ficando conhecidos no ramo musical. — Rafael sorriu.

— E sabem qual é a melhor parte? — Mattheus continuou com a “série de boas notícias”. — O nosso cachê triplicou, isso quer dizer que...

— Estamos ganhando independência financeira com a música e muito em breve vamos poder dar um tempo nos nossos empregos que só tiram o nosso couro e pagam uma mixaria. — Rafael completou.

— Exatamente! — Mattheus confirmou.

— Eu sabia que a hora da Reluz chegaria. — senti a felicidade invadir meu peito.

— Agora galera, temos que continuar focados, para mantermos o bom nível que sempre tivemos.

— Manter o bom nível não, Mattheus. — Victor rebateu. — Temos que melhorar, chegar ao nível perfeição para começarmos a ganhar concursos importantes e não ficar nos contentando com o segundo lugar, porque a Reluz, como o nome já diz, foi feita pra brilhar.

— Concordo. — Mattheus balançou a cabeça em gesto positivo.
— Então vamos parar de conversa e fazer o nosso melhor som.

Cada um ocupou o seu lugar nos instrumentos e começamos o ensaio. Paramos para observar falhas quase imperceptíveis em algumas melodias e tratamos de consertá-las. A nossa Reluz está evoluindo e sinto que falta muito pouco para alcançarmos o nosso grande sonho.

Assim que terminou o ensaio, liguei para a Babi e a convidei para fazermos um passeio. Como a Babi disse que não estava em casa, combinamos de nos encontrar no local.

BABI

Por volta das 15h, Gabriel me ligou e me chamou para passear com ele na ³**“Quinta da Boa Vista”**. Topei, pois tinha que tirar aquela história á limpo. Porém, preferi ir sozinha, dei a desculpa de que eu não estava em casa e iria me encontrar com ele lá.

Quando cheguei, Gabriel já me esperava no portão de entrada e veio me cumprimentar cheio de sorrisos e abraços.

— Oi amor!

— Oi. — respondi de modo frio, me desviando do abraço que ele me daria.

— O que foi? — quis saber, aparentando estar preocupado. — Aconteceu alguma coisa?

— Você ainda pergunta? — perguntei controlando a irritação. Gabriel me olhou como se não estivesse entendendo nada e perguntou: — Como é?

— Não tem nada pra me contar? — dei a ele a chance de abrir o jogo, antes de revelar o que eu já presumia.

— Babi, sinceramente... Não faço a menor ideia do que você está falando. — aproximou-se visivelmente atônito com essa situação.

— Quer mesmo que eu te diga? — cruzei os braços.

— Se não for incômodo. — ele ironizou, colocando as mãos no bolso da calça.

Aumentei um pouco meu tom de voz e comecei a dizer com variedade de gestos: — Eu passei a noite programando o nosso feriado, iria te fazer uma surpresa. Fui à sua casa de manhã com frases românticas que eu fiz pra você e o que eu encontro? Você abraçado com outra.

Ele respirou fundo, passou uma das mãos em seu próprio rosto e se justificou: — Ela é só uma amiga minha, não é nada de mais.

— Ah é? Se ela é só uma amiga, porque você a beijou na praça? — questionei.

— Como ficou sabendo disso? — Gabriel perguntou surpreso.

— Eu vi!

— Mas nem estávamos namorando. Isso é neurose sua!

— Neurose? Por acaso você iria gostar de me ver abraçada com o Leandro no portão da minha casa?

— Babi... — ele puxou o ar. — Foi só um abraço, você está levando isso á sério demais. — afirmou tentando amenizar os fatos.

— Só um abraço... — eu disse, com o tom de voz mais baixo. — Ok, então pra quê ela te ligou no sábado? Fala, Gabriel! Foi pra marcar de dormir com você? Porque só isso justifica ela estar de manhã na porta da sua casa.

Gabriel me encarou perplexo, franziu a testa e disse chateado: — Olha... Eu nem vou te dar uma resposta pra esse absurdo.

— Claro que não vai, porque você sabe que não tem resposta, não é? Eu vou embora.

— É melhor, esfria a cabeça e depois a gente conversa.

Virei o rosto e não o respondi.

— Eu te levo em casa. — ele arfou pegando em minha mão.

Puxei minha mão bruscamente e finalizei: — Vou de táxi.

Dei-lhe as costas e fui embora muito pior do que quando cheguei.

Não, na verdade seria pior se... Ele confirmasse tudo o que eu penso.

GABRIEL

Juro que não entendi essa atitude da Babi. Cara, como ela pode ser tão mente fechada a ponto de pensar dessa forma?

Depois disso, só me restou ir pra casa bastante envergonhado, já que a geral que estava ali por perto, reduziu o passo só para prestar atenção no que estava acontecendo. Fiquei um pouco chateado com esse comportamento dela, mas quero esperar passar umas horinhas para tentar acertar as coisas.

BABI

Á noite, após passar o resto do dia pensando no Gabriel, fui á sorveteria, meu point preferido, para tentar me distrair, já que esquecê-lo era praticamente impossível.

Estava na fila esperando para ser atendida e bem na minha frente estava o Leandro. Ele olhou pra trás e falou comigo ao me ver. Se eu soubesse que ele estaria aqui, teria ido em outro lugar. Não queria encontrá-lo hoje.

— Oi. – ele me cumprimentou com um sorriso magoadado.

— Oi. – cumprimentei num tom sério.

— Está tudo bem com você? – Leandro mostrou que ainda se preocupava comigo.

— Sim. – respondi sorrindo, na tentativa de disfarçar a tristeza.

— Você não me parece bem.

Nos encaramos por alguns segundos e para minha salvação, meu telefone começou a tocar. Não queria contar pra ele o que havia acontecido.

— Eu... Vou atender minha ligação. – dei essa desculpa e assim evitei essa conversa que eu não queria ter.

Peguei meu celular no bolso da calça e vi que era uma chamada do Gabriel. Me afastei do Leandro e mais do que depressa atendi, mesmo sem ter um pinga de vontade de falar com ele naquele momento.

— O que você quer? – perguntei com frieza.

— Temos que conversar. – respondeu.

— Mas eu não quero falar com você agora.

— Por favor! – Gabriel pediu de modo gentil, completando: — Vem pra fora da sorveteria.

Olhei para a porta, o vi parado fora do carro e fui até lá.

— Como sabia que eu estava aqui? – perguntei surpresa, desligando meu telefone.

— Eu só sabia. Tem um tempo pra mim agora? – ele perguntou com cara de coitadinho, tentando aproximar-se de mim.

Me desviei dessa investida e meio sem paciência, respondi: — Vamos acabar logo com isso.

Entrei no carro, ele entrou em seguida e fomos para um lugar com pouca movimentação para conversar. Gabriel estacionou e conversamos dentro do carro mesmo.

— E aí já se acalmou ou ainda está nervosinha? – Gabriel abriu um sorriso, numa tentativa vã de deixar o ambiente mais leve.

— Dá pra ir direto ao assunto? – pedi deixando claro meu desinteresse naquela conversa. — Tenho mais o que fazer. – cruzei os braços.

Ele se aproximou, acariciou uma mecha do meu cabelo que caía sobre meu rosto e falou num tom carinhoso: — Babi, olha... Você está fazendo uma tempestade com uma coisa tão sem importância, amor.

Por mais que eu quisesse que essa aproximação prosseguisse e terminasse com a nossa reconciliação e um beijo, não consegui manter longe os pensamentos que me diziam que a qualquer momento esse lance que existe entre nós irá acabar, porque ele é apaixonado por outra mulher.

— Ela é sua ex noiva, não é? – perguntei me esforçando para não chorar.

Ele me encarou por alguns segundos e respondeu: — É, Babi, mas... – Gabriel abaixou a cabeça por um tempo e logo depois prosseguiu voltando a me olhar nos olhos. — Meu amor, a Karina não significa nada pra mim, e aquele abraço muito menos.

Não sei porque, mas nada do que ele dizia me convencia, só me deixava ainda mais triste.

— Então porque ela estava na sua casa tão cedo? Ela por acaso dormiu com você e estava indo embora?

— É claro que não! — ele arregalou os olhos espantado. — Ela só foi me pedir pra tocar no aniversário dela com a “Reluz”, mas como eu já sei das intenções que ela tem comigo, eu disse que não posso.

— E porque se abraçaram?

— Foi só um abraço de amigos.

Passei a mão sobre minha testa, tentando acreditar em suas justificativas baratas e muito magoada, perguntei: — Então vocês ainda se falam, não é?

Ele hesitou um pouco, mas respondeu entre os dentes: — Sim, mas é só às vezes. Eu evito ter muito contato com ela.

— E por que ela te ligou? — eu quis saber com o coração apertado.

— Pelo mesmo motivo que ela foi á minha casa. No telefone eu já tinha dito que não, então ela foi pessoalmente falar comigo.

— Olha, eu não quero ficar entre vocês e muito menos ser usada pra você esquecê-la.

— Se eu quisesse ficar com ela, eu ficaria com ela e não com você. O que eu tenho que fazer pra te convencer que eu só penso em você, só gosto de você, só quero ficar com você?

— Gabriel, eu...

— Mesmo assim não acredita em mim, não é?

Parecia tão superficial o que ele acabara de dizer, apesar de serem lindas palavras, mas eu sentia que no fundo ainda existia um sentimento escondido entre ele e sua ex, por isso, com o coração em pedaços, falei: — Não quero mais ser sua namorada.

Gabriel parecia não acreditar no que ouviu e imediatamente protestou: — Só por causa disso?

— Você não me passa segurança o suficiente para que eu leve esse namoro á diante, então eu prefiro me afastar agora do que me apegar demais á você e ficar num estado muito pior. — eu disse, não conseguindo mais conter as lágrimas.

— Babi... Você acha mesmo que eu faria isso com você? — ele passou o dedo por minhas lágrimas. — Acha que iniciaria um relacionamento se eu não tivesse certeza do que eu sinto?

— Eu conheço o Leandro por tanto tempo e ele fez isso comigo, por que você não faria?

— Porque eu não sou ele.

— Gabriel, eu acho melhor pararmos por aqui. — afirmei decidida, porém com o coração dolorido.

— Por ciúme, insegurança ou falta de confiança?

— Decepção. Mas essa decepção é comigo mesma por ouvir mais o meu coração do que a razão.

— Então... Terminou?

Hesitei um pouco antes de confirmar, mas fiz o que eu achava ser o melhor pra mim: — Sim.

— Tudo bem. — ele parecia estar conformado.

— Agora seu caminho está livre de novo.

— Meu caminho sempre esteve livre, Babi e eu... Tinha a opção de escolher entre vocês duas, mas foi com você que eu quis ficar e eu preciso que você entenda que eu não me arrependi e muito menos cometi um erro.

Só olhei pra ele e não falei nada. Esse meu silêncio, fez suas palavras seguintes soarem amargas.

— Mas olha, tá tudo bem, eu respeito sua decisão e agora até concordo que a gente tem que terminar, porque se você se sente insegura quanto aos meus sentimentos e não tem confiança em mim, eu não sou mesmo a pessoa certa pra você. E eu só... Sinto muito por ter terminado assim.

Sem ter mais o que dizer, ainda olhando pra ele, pedi: — Me leva pra casa?

— Claro. — ele se afastou de mim, posicionou-se no banco e deu partida.

No caminho até minha casa, permanecemos em silêncio. Nos olhávamos algumas vezes, mas logo desviávamos o olhar. Após uns minutinhos que pareciam ser eternos, enfim, chegamos.

Ao abrir o cinto de segurança para sair do carro, o forcei por várias vezes, mas ele não abria por nada, o que me deixou um pouco embaraçada.

— Ele está com defeito, deixa eu te ajudar.

Gabriel se aproximou de mim, me olhou nos olhos e eu retribui o olhar. Aproximamos nossos lábios e quando iríamos nos beijar, o clima se quebrou bruscamente quando senti que ele abriu a trava.

— Obrigada. — abaixei a cabeça e abri a porta.

— De nada. — foi só o que ele respondeu quando eu saí do carro.

Entrei em casa e fui direto para o meu quarto, ignorando meus pais e minha irmã que estavam reunidos na sala assistindo TV. Ainda bem que minha família estava tão entretida no que assistiam, que nem notaram que eu estava chorando, senão com certeza eles iriam me fazer perguntas até eu contar tudo em riquezas de detalhes.

Me deitei na cama destroçada e cheia de nós na garganta. Chorei oceanos aquela noite e nem consegui dormir.

Minha vontade naquele momento era telefonar pra ele e pedir que voltasse para nos acertarmos, mas as circunstâncias não permitiam.

³ “Quinta da Boa Vista” é um extenso parque arborizado, com lagos e chão coberto por grama. É composta também pelo Museu Nacional e um jardim zoológico. Fica localizada na cidade do Rio de Janeiro, no bairro imperial de São Cristóvão.



Capítulo 21 – Um racha na Banda Reluz

GABRIEL

Fui pra minha casa me sentindo muito mal. Por mais que eu fale pra Babi tudo o que sinto por ela, sei que serão palavras vãs, já que ela não acredita. Por que a Karina tem que bagunçar a minha vida, mesmo estando

fora dela? Mas a Babi... Deveria confiar mais em mim, porque se não existe confiança, é impossível manter um relacionamento.

Cheguei em casa e tudo o que eu mais queria era tomar um banho e me jogar na cama. Quando coloquei os pés na escada, ouvi vozes vindo do escritório do meu pai e de modo sorrateiro fui até lá. A porta estava entreaberta e pude ver o Victor lá dentro. Isso pra mim não era surpresa, porque o Victor e o meu pai sempre se deram bem.

A surpresa foi o assunto que conversavam: Eu. Isso seria bom se o Victor estivesse falando bem de mim, mas a conversa não era essa.

— Tá um pouco complicado, mas acho que vou conseguir convencê-lo a dar um tempo com a banda.

— Você tem que conseguir, Victor, nós temos um trato. O Gabriel te ouve, você só deve ter um pouco mais de paciência.

— Estou fazendo o possível, tio, mas o senhor sabe como é o meu primo. Ele é cabeça dura, não é de aceitar opiniões e muito menos interferências em sua vida, mas como o senhor disse, ele me ouve e sei que posso persuadi-lo a mudar de ideia. Tô me esforçando pra isso.

— Como recompensa pelo ótimo trabalho que está fazendo, vou te adiantar 20% do valor combinado. — meu pai pegou o talão de cheque numa das gavetas de sua mesa.

— Obrigado, tio.

— E caso ele não mude de ideia, você já sabe o que tem que fazer, né Victor?

— Sei e... Espero não precisar chegar tão longe.

Não! Era impossível acreditar no que eu acabei de ouvir. Fazendo o máximo para me controlar, abri a porta do escritório e perguntei tentando manter meu tom de voz normal.

— E o que você precisa fazer, Victor? — dividi meu olhar entre os dois.

Surpresos por me ver, os dois falaram meu nome ao mesmo tempo:
— Gabriel!

— Eu não consigo acreditar. — balancei a cabeça num gesto negativo, ainda perplexo. — Então vocês tem um complô pra me tirar da Reluz?

Victor se levantou e veio até mim tentando dar suas desculpas: — Não é isso, primo...

— Você é muito cínico, Victor, um traidor! — o interrompi aos berros, tamanha era minha revolta. — Como você pôde ser tão falso?

— Abaixa esse tom, Gabriel. — meu pai veio em minha direção.

— Eu não acredito, não acredito que vocês estão armando pra atrapalhar a minha vida. Eu não esperava isso de nenhum dos dois.

— Chega Gabriel! Para de fazer ceninha! Eu e o Victor estamos aqui para te ajudar.

— Pra me ajudar? — ri com ironia.

— Primo, é sério, eu não faria nada pra te prejudicar. — Victor andava tanto com o meu pai, que já estava até aprendendo a fazer cara de pobre coitado.

— O que você pretendia? Me tirar da Reluz pra assumir o meu lugar? E o pior, você estava recebendo dinheiro do meu próprio pai para tentar acabar com o meu sonho, com tudo que eu construí. Por isso que você insistia tanto naquela parada de que meu pai se preocupa com meu futuro. Agora me diz, Victor, o que você faria caso não conseguisse me convencer?

— Primo... — Victor parecia estar forçando choro. — A história não é bem assim.

— Victor, pode parar, suas lágrimas não convencem á mim e nem á ninguém. — arfei sem um pinga de paciência pra esse teatro.

— A culpa não é minha, e muito menos do Victor, Gabriel. A culpa disso ter chegado onde chegou, é sua! Você não tem sido um bom filho há bastante tempo, nunca valoriza o que eu faço por você. O Victor me contou sobre as suas armações pra pular fora da faculdade de medicina.

— Tio! – Victor o repreendeu, como se dissesse: “Para de me entregar”.

— A verdade tem que ser dita, Victor. – meu pai falou.

— E o que mais o Victor te contou? – perguntei desacreditado com tanta falsidade.

— Não tente colocar uma culpa que é sua nos outros, Gabriel. Se você tivesse pelo menos 1% do caráter que seu primo tem...

— Como é que é?

Literalmente meu pai conseguia me arrebentar, sem encostar um dedo em mim. Ele sempre me feria com palavras, mas ninguém percebia isso, porque o culpado era sempre eu.

— Tio, não precisa falar assim.

— Então eu sou o sem caráter, o vilão da história... Tá certo. – respirei fundo, olhei para o Victor e falei: — Victor, você está fora da Reluz.

— O quê??? Como assim, Gabriel?

— Você tem caráter demais para estar na banda, e a banda não é digna de ter alguém como você. – ironizei.

— Primo, não mistura as coisas.

— E para com esse bagulho de primo, porque isso me irrita. Vou agora mesmo comunicar que você está fora. – avisei, já me retirando de lá.

— Gabriel, volta aqui! – Victor veio atrás de mim.

Já na porta de saída, escutei meu pai gritar meu nome e o nome do Victor, porém, nenhum de nós dois voltou. Entrei no meu carro e a raiva

era tanta, que pisei fundo no acelerador. Pelo retrovisor, pude ver que Victor me seguia.

Dirigi em direção á casa do Mattheus, local onde a banda ensaiava e se reunia. Aproveitei o fato de que Rafael e Mattheus estariam lá trabalhando em novas composições, para tornar oficial a saída do Victor. Depois de tudo o que aconteceu, não conseguirei mais conviver com ele.

Entrei na garagem revoltado e bati a porta com toda força, após abri-la para entrar.

— Qual é brother, tá estressado? – Rafael se assustou com minha atitude.

— Seu primo veio com você? – Mattheus perguntou. — Precisamos da ajuda dele nessa composição.

— Eu o expulsei da banda. – comuniquei sem rodeios.

— O expulsou? Como assim? – Rafael ficou boquiaberto.

— Aquele falso dos infernos nunca mais vai tocar na Reluz e ponto final.

— Como é? Mas...

Mattheus e Rafael ainda tentavam processar essa informação, quando Victor adentrou na garagem no mesmo estado de nervos em que eu me encontrava.

— Isso é entre eu e você, não envolva a Reluz nisso.

— Vocês podem me explicar o que está acontecendo? – Mattheus pediu.

Apontei para o Victor e esclareci: — Esse cara contribui para o meu pai ficar contra mim.

— Você entendeu errado. – Victor tentou se defender.

— Não, eu entendi muito bem.

— Vamos conversar, só nós dois pra esclarecermos as coisas.

— Me poupe de suas justificativas vazias, Victor, eu já entendi muito bem tudo o que aconteceu e depois do que houve, definitivamente não podemos mais ficar juntos no mesmo lugar.

— E isso significa que... — Mattheus fixou os olhos em mim.

— Que eu quero o Victor fora da Reluz.

— Brother, não é assim. — Rafael se opôs. — Como o Victor falou, esse assunto é entre você e ele.

— Ah é? Ele não vai sair? Pois então eu saio.

— Gabriel, para de show...

— Estou falando sério, Rafael, ou ele ou eu. — afirmei irredutível.

— Sabe primo, eu não sabia que seu instinto de ser ridículo iria tão longe. — Victor parecia estar inconformado com minha posição em relação ao fato ocorrido.

— E aí, o que vai ser? — dividi meu olhar entre meus amigos, esperando uma resposta.

Rafael e Mattheus ficaram em silêncio, como se procurassem algo pra dizer, mas não encontravam as palavras certas. Depois de longos segundos, Mattheus perguntou: — Não dá mesmo pra deixarem a Reluz fora disso?

— Não! — respondi com firmeza.

Um novo silêncio se formou. Um silêncio ainda mais longo que o anterior. Irritado demais com essa atitude deles, comuniquei: — Á partir de hoje estou fora da banda.

— Não, Gabriel, qual é! Você não pode sair. — Rafael resmungou.

— Então o Victor sai. — fui taxativo.

Mattheus olhou para o Victor, puxou o ar e num tom de lamento, começou a dizer: — Victor, eu sinto muito...

— Ah, então é assim? Você sente muito? Eu estou a bastante tempo na banda...

— Sabemos disso, Victor, mas não temos outra opção. — Rafael olhou pra mim, como se esperasse eu amolecer, mas inflexível confirmei: — Não temos mesmo.

— Ok, então não interessa quem esteja certo, né? Vocês sempre serão um pelo o outro, enquanto eu... Sou a sobra.

Nós três permanecemos calados, e Victor continuou: — Eu quero ver o que vai ser da Reluz sem um baixista, compositor e vocalista de verdade, porque vamos concordar, as composições de vocês são uma droga e já que eu estou saindo da banda, estou levando minhas autorias junto. E vocês vão fazer o quê? Vão se virar com as músicas de artistas famosos ou verão no que dá as letras ruins que escrevem?

— Pega leve, tá? Não precisa falar assim.

— Pegar leve, Rafael? Vocês viram a injustiça que acabaram de cometer, tudo porque o “melhor amiguinho” de vocês é um estúpido imaturo? E você, primo? — Victor me encarou. — Quem segura a maioria dos solos sou eu, você vai conseguir segurar uma apresentação inteira sozinho, sem ficar tossindo pelos cantos?

— Some logo daqui! — me segurei pra não voar em cima dele.

— Parabéns pelo futuro brilhante que estão dando á essa bandinha e é bom não mudarem de ideia, porque eu nunca mais quero olhar pra nenhum de vocês.

Muito revoltado e contendo as lágrimas, Victor foi embora.

— Que besteira acabamos de fazer! — Mattheus levou as mãos á cabeça.

— Vamos dar nosso jeito. — eu disse para acalmar as coisas.

— Dar nosso jeito... — Rafael riu de forma irônica. — Não temos mais baixista, não temos mais músicas próprias e para não reduzirmos nosso tempo nas apresentações, eu vou ter que te ajudar no vocal.

— Era assim antes do Victor entrar. — debati.

— Mas ele entrou e a banda melhorou 100%, mas como você mesmo disse, daremos nosso jeito. — Mattheus jogou essa farpa.

— Você é o líder, Mattheus, poderia ter escolhido o Victor. E já que pelo visto vocês se arrependeram da escolha que fizeram, liguem para o Victor e chamem ele de volta. — falei chateado. — Como ele é três em um, nem perceberão que eu não estou mais aqui.

Sem ter mais o que fazer lá, entrei no meu carro e fui embora. Minha vontade naquele momento era desaparecer. A Babi não confia em mim, meu pai me acha sem caráter e para completar, eu não sou bom o suficiente para a minha banda, a coisa que mais me importa na vida.

Quando cheguei em casa, tudo o que eu queria era me deitar e refletir até pegar no sono, para acordar no dia seguinte na esperança de que o dia seria melhor. Eu nunca me senti tão sozinho como agora, porque não tenho ninguém pra conversar. Perdi minha namorada e todos os meus amigos ao mesmo tempo.

— Oi filho. — levantei a cabeça surpreso e vi meu pai entrando em meu quarto. Ele nem ao menos bateu na porta.

— Olha, se o senhor veio aqui pra dizer que eu sou um péssimo filho entre outras coisas, vou logo avisando que não tô com cabeça pra te ouvir de novo hoje. — avisei sem paciência, mantendo-me deitado.

Meu pai me olhou com olhar arrependido e me surpreendeu ao dizer: — Vim me desculpar pelo jeito como te tratei na frente da sua namorada. — se aproximou, sentando-se ao meu lado na beirada da cama.

Desacreditado com esse pedido de desculpas, já que ele jamais dava o braço a torcer, perguntei nada comovido: — Foi minha mãe que mandou o senhor se desculpar, não foi?

— Não. Eu reconheci meu erro e quero consertar as coisas.

— Agora isso não importa mais.

Mesmo eu o ignorando, ele continuou lá se justificando: — Eu estava de cabeça quente.

Achando aquelas palavras falsas e vazias, pois nada do que ele dissesse, apagaria o constrangimento pelo qual me fez passar, mudei completamente de assunto: — Vou começar a trabalhar no consultório semana que vem, como o senhor queria. Também vou retornar à faculdade. O senhor queria tanto que eu saísse da banda e... — suspirei forte. — Conseguiu.

— Fico muito feliz por isso. — ele abriu um sorriso de contentamento.

— Seu lugar está lá no consultório. Eu sempre te avisei que esse negócio de banda nunca daria certo...

— Já terminou? — perguntei irritado com esse comentário fora de hora. Eu já estava tão mal que ele não tinha que terminar de acabar comigo.

— Sim. — disse sorrindo, satisfeito com a notícia que eu acabara de lhe dar.

— Boa noite. — eu falei pra ver se ele se mancava e saía logo do meu quarto, mas não adiantou muito.

— E seu primo?

— Sabe, pai, só o senhor pensando no meu futuro já é o suficiente, não preciso que o Victor se preocupe com isso também. — respondi com sarcasmo.

— Mas vocês conversaram? Se entenderam?

— Acha mesmo que isso é possível depois do que eu ouvi? Claro que não! — me irritei um pouco. — E aliás, pode pagar pra ele o restante do que combinaram, porque ele realizou com sucesso o plano de vocês. — falei ressentido.

— Gabriel...

— Pai, pode sair? Eu tô com sono.

Ele saiu do meu quarto e eu concluí que a minha vida foi do céu ao inferno em pouquíssimas horas.



Capítulo 22 - Tão perto, tão longe...

GABRIEL

Quando acordei na tarde do dia seguinte, – é, acordei somente á tarde, pois passei a noite em claro, – meu celular estava bombando de mensagens do Rafael e do Mattheus, querendo falar comigo urgente.

Depois que tomei um banho, fui para a cozinha pegar uma fruta, para ir comendo durante o trajeto até a casa do Mattheus.

— Finalmente acordou, filho. – minha mãe falou assim que me viu.

— Uma hora isso tinha que acontecer. – sorri.

— Está tudo bem, Gabriel? — ela se aproximou de mim.

— Está sim, mãe. — abaixei a cabeça e comecei a mexer na fruteira, para que ela não olhasse diretamente pra mim, mas mãe sempre conhece seus filhos.

— Você parece estar abatido.

— É a rotina de ensaios que está puxada demais. — foi a única desculpa rápida que pensei.

— Sei que um dia todo seu esforço valerá a pena. — ela colocou a mão no meu ombro e disse: — Vai lá e arrasa, meu músico preferido.

Como resposta, dei-lhe um abraço bem apertado. Eu queria tanto que meu pai me apoiasse como ela...

Peguei uma maçã, entrei no meu carro e dei partida. Eu estava tão destruído, que já me sentia preparado para a conversa com meus brothers, independente do que fosse.

Estacionei meu carro e me dirigi ao local de ensaios. Quando abri a porta, Matheus e Rafael estavam lá, esperando por mim.

— Quem é vivo sempre aparece. — Rafael falou rindo, provavelmente para deixar o clima entre nós mais leve.

— Estava dormindo, vi as mensagens de vocês ainda pouco. — respondi num tom sério.

— Dormindo até quase três horas da tarde? Tá treinando pra morrer? — Matheus disse na mesma intenção que Rafael.

Olhei pra eles de cara fechada e comecei a expor os meus motivos:
— Bom... A minha namorada terminou comigo por falta de confiança, meu pai esfregou mais uma vez na minha cara que eu sou um péssimo filho, descobri que meu primo armava contra mim junto com meu pai, vocês

deixaram claro que não sou bom o suficiente para estar na Reluz, então...
Acho que tenho motivos suficientes pra ter insônia e...

— Peraí, em momento nenhum a gente disse que você não era bom o suficiente para estar na Reluz. — Mattheus me interrompeu.

— Mas deram a entender quando disseram que o Victor é um músico mais completo.

— A intenção não era te diminuir, Gabriel, nos desculpe. Dissemos palavras que não eram pra ser ditas e te chamamos aqui pra consertar as coisas. A Banda Reluz pode ficar sem o Victor, mas não pode ficar sem você.

Apenas assenti com a cabeça.

— Faço das palavras do Rafael, as minhas. — Mattheus concordou, continuando: — Nós somos seus amigos tá legal, está notório que você precisa desabafar e nós estamos aqui pra te ajudar no que for preciso.

Passei a mão pelo meu rosto, respirei fundo, sentei num banquinho e contei pra eles tudo o que havia acontecido comigo no dia anterior. Rafael e Mattheus me escutaram atentamente e participaram da conversa me dando conselhos. Coloquei pra fora tudo o que estava me fazendo mal e ao final, estava me sentindo um pouco melhor.

— Você tinha razão quando disse que não conseguirá mais conviver com seu primo, isso que ele fez foi sem justificativa. — Mattheus comentou.

— Sem contar que ele é super arrogante, esse lado dele eu não conhecia, mas... — Rafael olhou pra mim por uns segundos e perguntou: — Sua mãe não sabe disso, né Gabriel? Pretende contar pra ela?

— Não, claro que não! Isso nem me passou pela cabeça. Se minha mãe souber disso, o casamento dos meus pais vai entrar em crise e... Talvez isso acabe até em separação. Mesmo tendo feito o que fez, ele é meu pai e eu... Não posso destruir a união que eles tem.

— Claro, você tem razão. — Rafael concordou.

— E a apresentação no Garden Music? — perguntei receoso.

— Eu entrei em contato com eles e cancelei, mas não se preocupa com isso agora, a Reluz vai se acertar. — Mattheus respondeu.

Eu não estava com clima para ensaiar, na verdade, nenhum de nós três estávamos, então ficamos conversando sobre outros assuntos...

Assuntos que nos faziam rir e diminuir um pouco a tensão.

Uma semana se passou e após o fim do nosso curto namoro, eu e a Babi não nos falamos mais. Para encontrar com ela o mínimo possível, fui ao galpão apenas uma vez naquela semana para ensaiar as crianças, mas calhou de ser no mesmo horário em que ela estava ensaiando com o coral e ela não me ajudou com o ensaio. Acho que ela também estava fugindo de mim. A vi de longe e ela estava linda, mas preferi manter deixar as coisas como estavam.

Para a distância ficar ainda maior, conversei com o líder do projeto infantojuvenil e disse que após a apresentação que aconteceria no final de semana, não daria mais pra eu continuar ensaiando as crianças. Dei a desculpa de que minha rotina estava muito corrida e eu não tinha mais tanto tempo livre.

Ele aceitou de boa e ainda convidou a Reluz para se apresentar no evento. Como não tínhamos outro compromisso, eu aceitei. A Banda Reluz precisava de um retorno, precisávamos mais uma vez aprender a viver sem o Victor.

Chegou o dia do evento! Mesmo sem querer, eu e a Babi iríamos nos ver.

— Oi. — ela me cumprimentou sem sorrisos, quando chegou.

— E aí. — também a cumprimentei sem cordialidades.

Graças às crianças, o clima sem graça que ficaria entre a gente, foi quebrado. Eles vieram para cima de nós muitíssimo empolgados.

— Tio Gabriel, tia Babi, estamos nervosos com a apresentação. — disse uma das crianças.

— Fiquem tranquilos, tá bom. Vai dar tudo certo. — Babi respondeu.

— Tio Gabriel, eu estou ansioso pra ver sua banda tocar. Vou sempre me inspirar em você. — Gustavo disse com os olhos brilhando.

Cara, aquilo me emocionou. Ganhei a noite com o que ouvi e como resposta, abracei bem forte aquele menino franzino cheio de sonhos.

— Pelo visto, você é o famoso tio Gabriel. — falou uma voz feminina atrás de mim.

Me virei e contemplei uma mulher jovem, de semblante cansado.

— Sou eu sim. — sorri e a cumprimentei com um aperto de mãos.

— O Gustavo fala de você o tempo inteiro. Muito obrigada por apoiá-lo assim.

— Que isso, não foi nada. — respondi modesto.

— Foi sim. — ela deu uma pausa e lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. — O seu apoio mudou a vida do meu filho. Gustavo está mais feliz, mais confiante... Você é uma pessoa iluminada. — ela segurou na minha mão. — Obrigada por fazê-lo acreditar e... Muito obrigada pela guitarra que deu pra ele. Se eu puder te agradecer...

— Olha... Só de saber que eu ajudei a mudar a vida de alguém, é uma grande recompensa. É o melhor agradecimento que eu poderia ter.

Ela sorriu emocionada e perguntou: — Posso te dar um abraço?

— Claro.

Trocamos um abraço apertado, e ela foi se acomodar num dos assentos do auditório. Meu coração ficou alegre. Olhei para a Babi e vi que

ela me olhava parecendo estar orgulhosa de mim, porém, ela desviou o olhar e preferiu não dizer nada.

Posicionamos as crianças no palco e com auxílio da “Banda Reluz”, que acompanhou a música com instrumentos, cantamos a música **“Nunca deixe de sonhar”** do grupo KLB.

Há uma luz, em algum lugar,
que vai fazer seu sonho se realizar
É só você, acreditar
que uma nova estrela vai poder brilhar
[...]
Há uma luz que não se vê
Brilha o tempo todo dentro de você
Há uma luz, em algum lugar
Que vai fazer seu sonho se realizar

Para a primeira apresentação desde que eu e a Babi assumimos os ensaios, não foi nada mal. Confesso que vou sentir saudades dessa galerinha, principalmente do Gustavo.

Aconteceram mais algumas apresentações e a “Reluz” foi a última a se apresentar. Havíamos ensaiado bastante para essa apresentação e... Foi um sucesso! “Existe Reluz após Victor” e provamos isso da melhor maneira. As pessoas se juntaram ao nosso redor após a apresentação que encerrou o evento.

— Tio Gabrieeeeel!!! Você é o melhor! — Gustavo correu até mim e me deu um abraço.

— Um dia será você, Gustavo. — sorri e perguntei: — Quer conhecer o resto da banda?

— Claro que quero.

Acompanhado pelo garoto, fui até Mattheus e Rafael.

— Brothers, quero que conheçam o meu novo amigo, Gustavo.

— Oi Gustavo, tudo bem amigão? – Mattheus o cumprimentou.

— Tudo sim. – ele sorriu

— Fala aí, irmãozinho. – Rafael o cumprimentou também.

— Vocês são muito incríveis, muito incríveis! – os olhos dele brilhavam.

— E você tem muito potencial pra ficar assim também. – dei-lhe forças.

— E quando chegar lá, não se esqueça da gente. – Mattheus falou.

— Não vou esquecer nunca dessa melhor banda do mundo.

— Já temos um fã número um. – Rafael falou e todos nós rimos.

Gostei muito dessa alegria que eu e meus brothers conseguimos levar á essa criança. Espero que ele não olhe para as dificuldades e persiga seu sonho, assim como eu faço. Quero ser uma inspiração completa.

E a Babi... Deu para notar de longe, que estava morrendo de vontade de se aproximar e falar comigo, mas como ela simplesmente me ignorou, eu fiz o mesmo.

Depois de tudo o que me disse, eu não queria mais sentir o que eu sinto, mas ela consegue despertar em mim coisas que eu nunca tinha sentido antes, nem mesmo pela Karina.

BABI

Precisava muito esquecer o Gabriel, mas uma semana depois do fato ocorrido entre nós, ele apareceu no evento do galpão, até porque tínhamos uma apresentação com as crianças.

Achei lindo o carinho que ele recebeu do Gustavo e de sua mãe. Gabriel tem um grande coração e merece muito viver momentos felizes. Minha vontade era abraçá-lo e dizer que estava feliz por ele, mas... Não pude! Não pude porque entre nós tudo acabou mal e sei o quanto ele está magoado comigo, já que ele mal me dirigiu a palavra.

Meu coração acelerou quando ele subiu no palco com sua banda. Percebi que estava faltando integrante, devia estar doente. Nunca vi o Gabriel tão lindo e atraente como hoje. Me estressei com as meninas que foram pra cima dele e eu não pude falar nada. Ai, que raiva!

Sem alternativa, o ignorei e fingi que não o conhecia. Fazer isso foi uma tarefa um tanto difícil, pois era impossível não olhar pra ele.

Logo assim que acabou o evento, fui embora, não havia motivos pra eu ficar lá assistindo ele ser bajulado, pois não seria como antes. Ele não viria atrás de mim e me convidaria pra dar uma voltinha como sempre fazíamos. Ótimos tempos que não voltam... Como sinto sua falta, amor! Pena que você não é capaz de me corresponder.

GABRIEL

No dia seguinte, eu e meus brothers marcamos um ensaio para a banda. Mattheus era o mais empolgado e tentou nos contagiar com pensamentos positivos.

— Viram só? As pessoas se amarram no nosso som! Mesmo sem o Victor, conseguimos manter o ótimo nível da Reluz. Um dia não muito distante, conseguiremos enfim gravar o nosso tão sonhado CD.

Ainda pra baixo, respondi: — Concordo, mas até lá, vou ter que aturar meu pai no consultório todos os dias. — lamentei.

— Brother, pensa nisso como algo passageiro. Nós vamos dar certo. — Rafael tentou me animar.

— É, assim espero.

— Ficou bem legal aquela apresentação que você fez ontem com as crianças. — Mattheus elogiou.

— É, eu gostei também, ficou melhor do que eu pensei. — falei. — Pena que eu não vou poder prosseguir com esse projeto.

— Falta de tempo é fogo. — Rafael disse, completando: — E como vão as coisas com a Babi?

— É por causa dela que vou largar os ensaios com as crianças. Nós nem nos falamos mais.

— E você vai deixar as coisas assim? — Mattheus perguntou.

— Acho que não tem mais volta, ela entendeu tudo errado e não acreditou em nada do que eu disse. Só lamento o fim da nossa amizade.

— A mina vacilou nessa parada de não confiar em você, mas... Gabriel, ela viu você beijando a Karina, a viu na porta da sua casa, ela estava presente quando você se recusou a cantar por lembrar da sua ex... Cara, você queria que a Babi pensasse o quê?

— Sei disso, Rafael, mas eu queria que no mínimo ela desse mais valor ao que eu disse.

— Você não tem que dizer, tem que demonstrar. Chama ela pra conversar. — sugeriu Mattheus.

— De novo?

— É. Agora que já se passou mais de uma semana, vocês não estão mais de cabeça quente e talvez se entendam.

Refleti sobre essa ideia por alguns segundos e logo depois conclui: — Bem pensado Mattheus, mas eu acho que vou deixar as coisas exatamente como estão.

— Por que brother?

— Porque agora só quero pensar em mim. — afirmei, mesmo que no fundo não pensasse desta forma. Queria tê-la comigo.

— Mas ela vale a pena. — alertou Rafael.

— É claro que vale, mas... Talvez não seja mesmo pra ficarmos juntos.

— conclui tentando me conformar.

BABI

Estou sem conseguir dormir direito desde quando terminei com o Gabriel. Passo noites e noites em claro rolando na cama, sem conseguir pregar os olhos.

Hoje, porém, não queria ficar deitada. Eram quatro horas da manhã, quando resolvi me levantar e sentar no sofá da varanda, para ficar á sós com meus pensamentos, enquanto esperava começar o lindo espetáculo que é o nascer do Sol.

Em minha casa todos dormiam serenos. O silêncio somente interrompido pelo canto de alguns pássaros e uns ruídos de automóveis agia á meu favor.

Quando a lembrança de tudo o que Gabriel significava pra mim invadiu minha mente, não pude conter o meu choro.

Deixei a lágrima rolar á vontade, tudo o que eu queria mesmo era chorar para aliviar meu coração e ver se assim conseguiria me sentir melhor de alguma forma. Pura ilusão!

Sofria! Como eu sofria! Distraída com tudo o que rondava minha cabeça, dei um pulo do sofá, quando senti uma mão tocar meus ombros.

Assustada e ofegante, arregalei os olhos ao ver que era minha mãe. Mais que depressa, enxuguei as lágrimas e perguntei entre soluços: — Mãe, porque a senhora está acordada á essa hora?

— Te faço a mesma pergunta.

Abaixei a cabeça e fiquei sem palavras. Ela segurou minhas mãos e se sentou comigo no sofá.

— O que está acontecendo, minha filha?

— Eu não quero falar sobre isso.

Ela olhou para mim, passou a mão sobre meu rosto e disse de modo terno: — Não posso te ver assim, querida. É por causa do seu namorado, não é?

Quando ela disse a palavra “namorado”, não aguentei, voltei a chorar e confessei: — Sim.

— O que houve, amor?

— Eu terminei com ele. — contei com nós na garganta.

— Terminou? Por quê? Pareciam estar felizes e apaixonados.

— Aconteceram umas coisas e... Eu preferi me afastar dele.

Minha mãe me abraçou e me fazendo um cafuné, falou: — Não sei o que esse rapaz fez, mas... Dependendo do que for, pode ser resolvido na conversa. Ele parece ser um bom moço, e sei que gosta muito de você.

— Apenas gostar não resolve nada, mãe. — discordei soluçando.

— Minha flor, a felicidade não pode ser jogada fora assim, por causa de um simples desentendimento. — ela levantou o meu rosto e olhou em meus olhos. — Às vezes perdemos as melhores coisas da vida, por não sabermos perdoar quem amamos. Pense nisso, mas... Se ele te faz sofrer tanto assim, tenta esquecê-lo. Faça o que é melhor pra você, mas não pense no agora e sim no futuro.

Sorri tristonha e nos abraçamos bem forte. Essa conversa com ela me fez refletir de modo diferente.

Após esse fato, ela me convenceu a voltar pra cama, e foi isso mesmo que eu fiz, pois tinha que me levantar às sete para ir trabalhar.

As horas se passaram e alguns dias também. Entre minha rotina de casa, trabalho, trabalho, casa, chegou o dia do ensaio das crianças no galpão. Fui, imaginando como seria estranho o clima entre o Gabriel e eu. Se eu pudesse prever que perderia um grande amigo, iria tentar de todas as formas não me apaixonar por ele.

Cheguei ao galpão e apreensiva caminhei até a sala das crianças. Quando entrei, Caio estava lá com elas, mas Gabriel não estava presente.

— Oi Babi, que bom que chegou. — Caio falou.

— Desculpa pelo atraso. — olhei em volta e estranhei o fato do Gabriel não estar lá, já que ele nunca se atrasava. — Onde está o Gabriel?

— O Gabriel não virá mais. Ele disse que está com falta de tempo.

Senti um forte aperto no coração quando ouvi isso. Eu tinha quase certeza de que o motivo do Gabriel sair, era eu. Dizer que estava com falta de tempo, foi só uma desculpa que ele inventou.

— Pensei que você soubesse. — Caio disse mediante ao meu silêncio.

Preferi não comentar sobre isso e apenas disse: — Melhor eu começar logo o ensaio, porque já está ficando tarde.

Caio concordou e me deixou á sós com as crianças. Eu fiquei um pouco perdida porque não entendia de música como o Gabriel e também, não tinha graça sem ele.

O ensaio foi um verdadeiro desastre! Pensei numa música na hora, e não sabia direito o que fazer, já que o Gabriel que cuidava dessa parte. Ele podia pelo menos ter me avisado que tinha saído.

— Tia Babi, é sério que o tio Gabriel não vai mais ensaiar a gente? — Gustavo perguntou.

— É sim. — lamentei.

— Sem ele esses ensaios não tem graça!

“Eu também acho”. – pensei.

Não dava pra continuar com isso sozinha, então no fim do ensaio, chamei o Caio para conversar e disse que eu não entendia de música como o Gabriel, portanto, não daria pra ensaiar as crianças. Ele concordou e disse que encontraria um professor de canto para prosseguir com os ensaios.



Capítulo 23 - Ciúme + Inimizade = Amor

BABI

Anualmente em uma importante instituição beneficente da cidade, acontecia a “Disputa dos Casais Apaixonados”. A cada prova, os participantes tinham que demonstrar o quanto eram apaixonados um pelo outro. O casal que mais pontuasse, ganhava grandes prêmios. Para participar, cada pessoa deveria doar uma cesta básica completa e brinquedos.

Durante o ano, essa instituição arrecadava dinheiro só para esse evento, e o casal vencedor levava uma parte do dinheiro arrecadado.

Esse evento era realizado num enorme salão de festas que era caprichosamente decorado com corações, flores, quadros com poemas e pinturas, fotos de casais apaixonados, cascatas de chocolate, laguinhos artificiais com direito a patinhos, luzes coloridas e cantinhos românticos com sofá vermelho em forma de coração, exclusivo para os casais.

As inscrições podiam ser feitas até a hora do evento começar.

Me inscrevi porque além de querer ajudar a instituição, os solteiros participavam de um sorteio para conseguir um par e era bastante divertido. Participei duas vezes com o Leandro, mas nunca ganhamos o prêmio máximo.

Uns dias se passaram e chegou o dia desse evento. Vesti um vestidinho branco de alças finas e calcei uma sandália preta de salto alto que comprei justamente para essa ocasião. Deixei meus longos cabelos soltos.

O salão estava lotado, acho que foi o maior público dos últimos dois anos. O que eu não esperava, era que o Gabriel fosse ter essa mesma ideia de participar. Por azar ou sorte, nos esbarramos.

— Gabriel!

— Babi.

Confesso que quando o vi, meu coração disparou, minhas pernas tremeram e minha vontade era abraçá-lo forte e beijá-lo muito, mas ao mesmo tempo me lembrei de tudo o que tinha acontecido e não consegui fazer nada do que pensei, até porque ele ficou tão magoado com o que houve, que poderia me ignorar, então não quis correr esse risco.

— Só assim pra você falar comigo, né? – eu disse, pelo fato dele estar me evitando desde o nosso término.

— Não é isso. – ele coçou a cabeça. – Eu só queria dar um tempo.

— Sei que ficou chateado comigo.

Ele puxou o ar, pensou um pouco e confirmou: — É, fiquei sim. Se eu disser que não, estarei mentindo.

— Dizer a verdade é sempre o melhor. – afirmei um pouco ressentida, por ele ainda estar chateado, mas eu também estava e por

razões muito maiores.

— Com certeza. — ele falou.

— E a amizade...?

Gabriel me interrompeu: — Babi, não sei se as coisas entre nós poderão voltar a ser como antes.

Meu coração doeu ao ouvir isso, ainda mais pelo modo frio como ele falou. Irritada, rebati: — Mas da tal de Karina você é amigo, né?

— Isso é o quê? Cobrança ou uma crise de ciúmes? — ele franziu a testa.

— Eu? Com ciúmes de você? — ri com ironia, para não demonstrar meu desapontamento, pela forma como ele estava me tratando: — Não viaja, tá?

— Se não é ciúme, é o que então? Pode me explicar?

— Eu não te devo explicações. — falei com fisionomia fechada.

— Eu também não te devo. — Gabriel cruzou os braços.

GABRIEL

Querendo distrair a cabeça e conhecer pessoas diferentes, me inscrevi só por curiosidade na “Disputa dos Casais Apaixonados”. Ouvi dizer que é um evento super legal e além de me divertir, estarei colaborando com a instituição.

No dia do evento, caprichei no meu look, vesti uma calça preta e um blusão social azul claro, já que queria tentar esquecer a Babi e quem sabe conhecer um novo amor.

O engraçado é que a vida prega umas peças inesperadas. Quem diria que eu iria encontrá-la por lá? Tivemos uma recepção nada amigável, como era de se esperar. Mas ao vê-la, notei que nenhum dos meus sentimentos mudaram em relação á nós dois.

BABI

Ainda tentávamos entender a presença um do outro ali, quando um dos organizadores subiu no palco e anunciou: — Vai começar agora o sorteio para formar os pares dos solteirinhos.

— Tomara que eu não fique com você. — desejei.

— Idem. — ele concordou sem hesitar.

O organizador pegou duas caixas com os nomes dos solteiros inscritos. Na caixa cor de rosa, estavam os nomes das mulheres e na caixa azul, os nomes dos homens.

Simultaneamente, ele retirava um nome de cada caixa e anunciava o casal formado. Esses se juntavam no centro do salão para esperar o início da competição.

— Nathália Ramos ficará com... José Duarte; Mayana Costa com... Wagner Andrade; Ana Silva fica com... Álvaro Torres; Bárbara Fratelly com... Gabriel Santos...

Ao ouvir nossos nomes formando um casal, nos olhamos espantados e nem acreditamos que isso estava mesmo acontecendo. Se conhecêssemos os organizadores, diríamos que isso não passou de uma armação deles.

— O quê? Não é possível! — fingi que lamentei, porque na verdade, era tudo o que eu queria.

— Isso é sério? — Gabriel parecia estar perplexo.

— É um absurdo! Pena que não dá pra trocar. — continuei meu teatrinho, finalizando segura: — Mas eu estou a fim de vencer.

— Eu também, mas você torna tudo tão difícil...

— Eu?

— Vamos esquecer o que aconteceu só por algumas horinhas, pode ser? — Gabriel propôs, esticando a mão para entrarmos em acordo, com

aquele sorriso encantador, que eu fiz de tudo para não ficar balançada.

— Vou me esforçar, espero que eu consiga. — ignorei o aperto de mãos, dando-lhe os ombros.

GABRIEL

Fiquei super feliz em fazer par com a Babi, porém não demonstrei. Vi ali a chance de uma possível reconciliação.

Por mais que fizesse jogo duro, sei que no fundo ela também gostou, afinal, mesmo sendo num jogo, ficaríamos juntos de novo e assim como sinto falta dos nossos momentos, tenho a certeza de que ela também sente.

Antes da competição começar, outro organizador enumerou cada etapa da qual participaríamos. Ele subiu no palco do salão, pegou o microfone e informou:

— Vai começar agora a disputa para conhecermos o casal mais apaixonado do ano. Na primeira etapa, vocês terão que dançar uma valsa bem abraçadinhos; Na segunda prova, vocês trocarão juras de amor; Na terceira e última prova, vocês irão trocar um beijo apaixonado e tudo isso no maior clima de romance. Lembrando que esse ano, conseguimos arrecadar 100 mil reais, por isso o prêmio para o casal campeão será nada menos que... VINTE MIL REAIS!!!

Quando ele disse “20 mil reais”, houve um burburinho de êxtase entre os participantes. Teve até quem pulasse de tanta empolgação.

— Estão preparados? — perguntou o organizador num tom animador.
— Peguem o seu par e vamos começar!

Os cinco jurados se posicionaram na bancada e os casais foram juntos para o centro do salão para iniciar a valsa, inclusive eu e a Babi.

O prêmio de 20 mil reais me deixou bastante balançado, então tentei engolir o meu ego pra contar com a ajuda dela. Daí, não poderia fazer nada que deixasse a madame nervosinha.

— Dez mil reais me ajudaria muito. Eu gravaria meu CD com a “Reluz”. – comentei enquanto colocava minhas mãos em sua cintura.

— Me ajudaria também, eu pagaria uma parte das contas lá de casa. – concordou a moreninha colocando as mãos no meu ombro, para logo discordar: — Mas já vi que iremos perder a última prova.

— Pode ser, mas... Pela amizade que um dia já tivemos, vamos tentar ajudar um ao outro. – pedi.

Ela me olhou, pensou um pouco e disse: — Eu vou tentar.

— É só fingirmos que estamos apaixonados e pronto.

— Fingir ser o que não é, é uma especialidade sua né Gabriel? – Babi reprovou minha sugestão.

— Tem certeza de que quer mesmo voltar nesse assunto? – perguntei chateado.

— Sim. Você fingiu estar apaixonado por mim. – me acusou emotiva.

— E por que eu faria isso? – questioneei perplexo, não sabia que ela pensava dessa forma.

— Para esquecer a tal da Karina.

Percebi que por mais que eu tentasse, meus esforços para tê-la de volta seriam em vão, já que pelo jeito como estava me tratando, ela não conseguiu engolir mesmo a história do abraço e da ligação.

Para deixar a conversa que estávamos tendo, ainda mais “amigável”, colocaram a música “Eu sei”. Com tanta música para colocarem, tinham que colocar justamente essa? Só podem estar fazendo hora com a minha cara!

Assim que a música começou, Babi olhou pra mim de cara fechada:
— Aposto que você...

— Eu não estou pensando nela, se é isso que está imaginando.

Diante dessa linha de pensamento difícil de entender que ela tinha, tentei tirar isso de sua cabeça, esclarecendo de modo terno: — Eu nunca menti pra você, Babi. Fui seu verdadeiro amigo e realmente gostava muito de você.

Nos entreolhamos e ela perguntou receosa, levantando as sobrancelhas: — Gostava?

— Muito.

— O verbo está no passado. — ela rebateu, me levando a entender o sentido de sua pergunta.

Não queria, mas tive que falar: — Tem coisas que acontecem, que acabam mudando os sentimentos.

Visivelmente abalada, ela debateu minhas palavras: — Você fala como se eu fosse a errada da história. Pode não ter sido nada de mais como você disse, mas você não sabe como me senti. Eu confiava demais em você, Gabriel.

Detalhe: Todos os outros casais dançavam coladinhos, no maior Love, uns até se trocavam beijos e carinhos, e eu e a Babi estávamos ali naquele dilema.

Chateado com o rumo que essa conversa estava tomando, mandei uma real: — Foi um grande erro namorarmos, éramos bons amigos.

— Também acho, mas agora tudo acabou. — Babi abaixou a cabeça magoada.

— Acabou porque você quis. — contestei num tom sério.

— Nunca daríamos certo. — ela afirmou parecendo estar conformada com nosso rompimento.

— É claro que daríamos, se você tivesse mais maturidade.

— Está me chamando de imatura? – ela se revoltou, retirando minhas mãos de sua cintura e se afastando uns centímetros.

— Tô sim. – confirmei sem hesitar.

— Esquece os 10 mil reais! – falou embravecida.

— Idem. – concordei contrariado, pois notei que não dava mesmo pra chegar a um acordo com ela.

— Fim da primeira prova! – anunciou o organizador, prosseguindo: — Os juízes observaram os casais que dançaram com mais paixão e estão fazendo suas anotações. Agora vamos iniciar a segunda etapa. Cada casal irá trocar declarações de amor. Abra o coração, minha gente! Vou fazer um sorteio aqui pra ver qual casal será o primeiro a começar.

Ele pegou uma caixinha, sacudiu, retirou um número e anunciou: — O primeiro casal é o número quatro: Alice Shild e Paulo Medeiros.

Eles foram até o palco um pouco retraídos, pegaram o microfone e começaram. A primeira foi Alice. Ela olhou nos olhos de Paulo e declarou:

— Amor, você é a melhor coisa que já me aconteceu. Eu sei que já te disse isso muitas vezes, mas não me canso de dizer e quero dizer isso pra sempre, porque é no sempre que eu quero ficar com você. Quando não estamos juntos, sinto que me falta algo, me sinto vazia sem você por perto. Todos os dias agradeço á Deus por ter unido nossos corações... Te amo demais!

Aplausos e gritos de aprovação ecoaram no salão. Paulo sorriu emocionado, abraçou sua amada e iniciou a sua declaração: — Tudo começou de uma simples amizade, e quem diria que de uma amizade, nasceria um amor tão lindo como o nosso?

BABI

No momento em que Paulo começou a dizer que o amor entre ele e Alice nasceu de uma amizade, eu e o Gabriel nos entreolhamos instantaneamente, enquanto continuávamos a ouvir a declaração.

— Às vezes penso que estou sonhando por viver um amor tão perfeito ao seu lado. Tendo você comigo, não preciso de mais nada.

Eles sorriram e se beijaram entre aplausos. Depois, desceram de mãos dadas do palco e o organizador prosseguiu com a prova, retirando mais um envelope da caixinha.

— Tá aí, muito lindo esse casal apaixonado! Agora o próximo casal é o número... cinquenta e sete: Bárbara Fratelly e Gabriel Santos.

— Nós? Já??? – arregalei os olhos surpresa.

Ficamos estáticos.

— Cadê o casal? – os olhos do organizador passeou no meio da galera, procurando por nós. — Venham! – chamou gesticulando e abrindo um sorriso. — Não precisam ficar acanhados.

Gabriel deu uns passos até lá, e quando viu que eu continuava parada no mesmo lugar, voltou para me buscar.

— Vamos logo. – ele pegou a minha mão e me conduziu até o palco.

Já lá em cima, Gabriel parou na minha frente e ficou me olhando como se estivesse ansioso para me ouvir.

Com as mãos tremendo, peguei o microfone e fiquei o encarando sem saber o que dizer. Na verdade, eu queria falar: “Amor, me perdoa por não ter acreditado em você. Volta pra mim?” Era isso o que eu queria dizer pra ele, mas...

— Gabriel... Eu... – comecei a falar, suando frio. — Eu... – olhei nos olhos dele, tentando criar coragem, porém, não consegui. Com a voz trêmula, e o coração batendo desenfreado, só consegui balbuciar: — Eu não consigo dizer.

Larguei o microfone e desci do palco. Gabriel veio atrás de mim.

— Nossa, isso que é amor! A menina é tão apaixonada, que não conseguiu falar nada. — disse o organizador, que prosseguiu com o evento sorteando o próximo casal.

— O que você ia me dizer? — Gabriel perguntou, quando fomos para um canto do salão.

— Nada. — respondi dando-lhe os ombros.

— Nada? — ele indagou esperando no mínimo uma justificativa.

— Você conseguiu me irritar quando me chamou de imatura, então não queira saber o que eu ia te dizer.

Ficamos em silêncio, mas uma dúvida me consumia: “O que Gabriel iria falar pra mim, caso tivesse oportunidade? Eu não podia voltar pra casa, sem saber essa resposta. Puxei o ar, olhei pra ele e perguntei sem demonstrar tanto interesse em saber: — E você? Me falaria o quê?

Ele abriu aquele sorriso mais lindo do mundo e respondeu querendo se engraçar, como sempre: — Que sei que te deixa crazy, baby.

Que resposta mais tosca! Ainda bem que meu cérebro pensou rápido e eu com um toque de ironia, rebati na mesma hora: — É, você me deixa tão crazy, que eu terminei com você, baby.

Ele me olhou por breves segundos e não disse nada. Então mais que depressa, provoquei: — Ficou sem palavras, gatinho?



Capítulo 24 – Já que não tem outro jeito...

GABRIEL

Confesso que a Babi realmente me deixou sem palavras, eu não tinha argumentos para rebater. Mas, para minha salvação, meu telefone começou a tocar e eu atendi ali mesmo na frente dela, pois tive uma ótima ideia.

— Oi linda! Como você tá, meu amor?

Do outro lado da linha, minha mãe estranhou meu modo de falar: — Filho? Por que está falando assim?

— Depois eu te explico, querida. — eu disse num tom de voz bem carinhoso. — Daqui á pouco eu chego aí para conversarmos. Beijos, te amo!

Desliguei o celular. Foi notória a carinha de enciumada que a Babi fez. Só não esperava que ela tiraria pergunta comigo, fato que me animou bastante.

— Depois você diz que não tinha nada a vê. — Babi cruzou os braços emburrada.

— Não tinha mesmo, mas agora tem. Algum problema? — provoquei me aproximando dela.

— Nenhum, eu não tô nem aí pra você. — desconversou com aquela expressão de dor de cotovelo.

— Pra quem disse que não está “crazy” por mim, você ficou bem enciumadinha, baby.

— Mas é claro que não!

— Eu na verdade, estava falando com a minha mãe. — confessei. — Falei daquele jeito para ver como você reagiria e agora sei que se você não se importasse mais comigo, como diz, não tiraria pergunta.

— Você é irritante! — ela fechou a cara.

Sorri e rebati sem pensar: — A Karina me acha atraente.

Foi a gota d’água pra ela, ouvir isso. Com a voz muito alterada, Babi me detonou, fazendo eu me arrepender de ter feito essa provocação:

— Quer saber de uma coisa? Eu me arrependo amargamente de ter terminado com o Leandro, ele é bem mais homem que você!

Tentei não demonstrar que me abalei com isso e falei com tom de frieza : — Então porque não volta com ele?

— É isso mesmo que eu vou fazer.

— Vai em frente! — eu disse isso, só porque no fundo sabia que ela não voltaria.

Ficou estampado em seu rosto, que não era bem isso que ela queria ouvir.

— Agora eu sei quem você é na verdade. — Babi se lamentou.

— É verdade amor, estamos nos descobrindo.

No momento em que encontrei a Babi aqui por acaso, eu criei a expectativa de que poderíamos nos acertar e voltar a ser como era, porém, nada saiu como eu imaginei. Mas mesmo assim, com toda essa desavença que estávamos tendo, parecia que o que eu sentia por ela só crescia dentro

de mim e não diminuía como pensei que iria acontecer. A Babi é uma pessoa difícil, mas vale a pena reconquistá-la e recomeçar.

Algum tempo depois...

— Fim da segunda etapa! – anunciou o organizador. — Iniciaremos agora, a terceira e última prova. É galera, chegou a hora da verdade. Qual casal levará o grande prêmio de 20 mil reais? – perguntou com alto astral.

Os casais bastante empolgados e ansiosos gritaram “NÓS” e aplaudiram animados, exceto eu e a Babi.

O organizador prosseguiu: — Agora vocês trocarão o beijo mais apaixonado que já deram na vida. Estão prontos?

— SIM!!! – responderam os participantes.

— Então... Podem começar!

Eu e a Babi nos olhamos de banda e ela disse: — Eu não vou beijar você.

— Eu também não. – concordei para não ficar por baixo e justifiquei: — Já perdemos o prêmio mesmo.

Demos as costas e já íamos saindo um para cada lado, quando um dos organizadores nos chamou e perguntou: — Ei! Onde estão indo?

Paramos, nos dirigimos a ele e eu respondi: — Estamos indo embora.

— Lamento, mas não podem ir.

— E por que não? – perguntei com certa indiferença.

— Se não cumprirem todas as provas, serão penalizados. – explicou perguntando: — Não leram no regulamento?

— Não! – eu e a Babi respondemos juntos e surpresos.

— Pois é, mas... Estão bem explicadas as regras, podem conferir depois se quiserem.

— Quer dizer então que eu terei que beijar ele? – perguntou Babi desolada, apontando pra mim.

— Exatamente! – confirmou o homem sem perder a paciência com a gente.

— É né, não tem outro jeito. – fingi que estava conformado em fazer uma coisa que eu não queria, quando na verdade, eu acho que ela queria tanto quanto eu. Estávamos fazendo jogo difícil um com o outro e nenhum de nós dois queria dar o braço a torcer.

— Vamos acabar com isso de uma vez, eu quero ir embora. – afirmou ela, como se não estivesse dando a mínima.

Sem outra opção (Ainda bem que não tinha), nos aproximamos sem cerimônia, fechamos nossos olhos e demos um selinho muito do sem graça. Mas aos poucos, o lance foi ficando mais intenso e começamos a nos beijar de verdade com muito amor e paixão.

Coloquei uma mão em sua cintura e com a outra afagava seus cabelos de leve, enquanto ela carinhosamente acariciava meu rosto e pescoço. Nossos corações com certeza acelerou tanto, como nossa respiração. Ficou claro que isso era tudo o que queríamos, pelo menos, era o que eu mais queria.

Depois desse intenso e longo beijo, nos olhamos sem jeito, sem palavras e Babi foi embora. Queria pedir que ela ficasse, mas não consegui. Eu fiquei num misto de sentimentos: Estava desolado por ela ter ido embora e feliz por tê-la beijado de novo. Sem ter mais o que fazer, fui pra casa, nem fiquei pra ver quem ganhou o prêmio, mas com certeza nós dois é que não fomos. Apesar de tudo o que aconteceu, achei que o dia terminou super bem.

Enquanto dirigia até minha casa, mantive meu pensamento voltado á Babi. Me sinto um idiota por não tê-la compreendido, e pensando bem, ela

tinha toda razão. Eu não gostaria de vê-la abraçada com o Leandro e muito menos de ficar sabendo que ela recebe telefonemas dele. Só agora me liguei que dei mancada.

Definitivamente, não quero perder a garota mais incrível que já passou pela minha vida. Tenho que fazer alguma coisa e vou fazer. Determinei!

BABI

No meu quarto, deitada em minha cama, me derramava em lágrimas pensando nele, somente nele. Não sabia se ficava feliz por ter beijado o Gabriel de novo, ou se ficava triste porque sentia que tinha o perdido para sempre, por causa de um ciuminho besta. Como eu queria que ele estivesse aqui, comigo.

Gosto demais do Gabriel, e as perguntas que perambulavam na minha cabeça naquele instante, eram: Será que eu não estou exagerando? Estou fazendo tanto estardalhaço por uma coisa tão sem importância, como ele mesmo disse? Sinto que estou afastando de mim a melhor pessoa que já conheci.



Capítulo 25 - Se me esqueceu...

BABI

Na manhã seguinte, já acordei de olho no celular. Quem sabe o Gabriel me ligue? Liguei meu rádio no quarto e para piorar meu estado de tristeza, estava tocando a música *"Because you loved me"* da cantora **Céline Dion**.

*Por todas aquelas vezes que você me apoiou
Por toda verdade que você me fez enxergar
Por toda alegria que você trouxe para a minha vida
(...)*

*Por todo amor que encontrei em você
Eu serei eternamente grata, meu amor.
(...)*

*Você foi minha força quando estive fraca
Você foi minha voz quando eu não podia falar*

***Você foi meus olhos quando eu não podia ver
Você enxergou o melhor que havia em mim.***

Foi impossível conter minhas lágrimas. Como um clipe em minha mente, relembrava todos os momentos lindos que vivi ao lado dele... Gabriel... Acho que o amo!

Se ele gosta tanto de mim como dizia que gostava, esse telefone irá tocar e ele voltará para minha vida. Sinto que aquele beijo, foi muito mais que um simples beijo.

GABRIEL

Olhando pela janela do meu quarto, pensava: “Ligo pra Babi agora ou depois? Será que irá me atender?” Decidi ligar, como uma última tentativa. Se a Babi não quisesse falar comigo, darei essa história por encerrada, mas não posso desistir sem tentar pela última vez.

Peguei meu celular no bolso da calça, e ainda debruçado na janela, disquei seu número.

— GABRIEEEEEL!!!!

Ouvi um grito desesperador da minha mãe. Nem pensei duas vezes, larguei meu celular no chão e mais que depressa, corri até onde ela estava.

Uma semana depois...

BABI

Esperei pelo Gabriel, mas ele... Simplesmente sumiu e nem deu sinais de vida. É, realmente o perdi... Pra sempre!

La do trabalho para casa, de casa para os projetos do galpão... Toda vez que eu ia para os ensaios do coral, carregava a esperança de encontrá-lo por lá, mas ele sumiu mesmo, ninguém tinha notícias dele. Será que é

por minha causa? Será que o magoei tanto assim? Será que ele está pensando que eu voltei com o Leandro, como eu disse que voltaria?

Eu fazia de tudo para esquecê-lo e perdi minhas forças. Sentia dor até ao respirar. Procurava alguma distração, não podia ficar desse jeito.

Meus pais e minha irmã se preocuparam comigo, mas eu expliquei que estava bem. Os fiz entender que todo final de namoro é assim (Acreditem ou não, meus pais nunca sofreram por amor. Se conheceram, se apaixonaram e se casaram... Gente antiga é assim mesmo). Os convenci de que era só uma fase difícil e que logo iria passar.

O Leandro... Parece que ele sempre advinha o que acontece na minha vida. Prova disso, é ele apareceu aqui em casa. Não sei porque minha mãe o deixou entrar. Quando vi, ele já estava dentro do meu quarto. Eu estava deitada na cama, despenteada, com minha roupa surrada de ficar em casa. Acho que eu estava com febre emocional.

— O que você está fazendo aqui? — me sentei quando ele se aproximou com aquela jaqueta de couro preta e calça jeans.

— Não pode ficar assim. — ele sentou-se ao meu lado.

— Assim como? Eu estou bem. — desconversei tentando desfazer minha cara de pobre vítima do amor.

— Não precisa mentir pra mim. — Leandro pôs sua mão, sobre minha mão. — Se eu um dia vacilei com você, aquele carinha convencido vacilou muito mais. Ele te esqueceu, Babi. Não acha que deve fazer o mesmo?

Me irritei com essas palavras e debati: — Ai a Pâmela! Juro que mato ela por ter contado o que acontece comigo pra você.

— Calma! Ela e seus pais só estão preocupados, linda. — ele segurou em meu queixo. — Babi, pensa comigo. Se ele te esqueceu e seguiu com a vida dele, está na hora de você seguir com a sua, não acha? Não faz sentido ficar desse jeito por uma pessoa que nem se importa com você.

Respirei, e parei pra pensar. O que ele disse fazia total sentido. Eu estava acabando comigo mesma, enquanto o Gabriel está por aí curtindo a vida ao lado da tal de Karina, aposto.

Com certa dificuldade em admitir, acabei dizendo: — Você tem razão.

Leandro sorriu e me abraçou. Com minhas lágrimas sob controle, retribuí o abraço.

— Aceita sair comigo amanhã? — Leandro perguntou ao pé do meu ouvido.

— Sim. — respondi sem pensar.



Capítulo 26 – Isso não pode ser verdade

BABI

Acordei! Me despreguicei e bocejei com a boca bem aberta. Não, eu não dormi bem, apenas peguei no sono, depois de tantas noites mal dormidas. Sentada na cama, pensei na vida e durante a pilha de pensamentos que invadiam minha mente desordenadamente, me lembrei que tinha que trabalhar.

Me levantei, tomei meu banho, me arrumei, preparei meu café... Estranhei o fato de ninguém em minha casa estar de pé a essa hora. Ok, depois de toda essa rotina matinal, peguei minha bolsa, meu celular e... 8:30! JÁ SÃO 8:30??? Surtei, morri! Meu horário de entrar no trabalho é às dez para às oito. Droga, tô ferrada! Acho que nunca corri tanto em minha vida, quanto hoje. Eu corri literalmente. O pessoal na rua me olhava, devem ter achado que eu sou doida. Também, pudera, né? Minha sandália já era barulhenta e eu correndo então, parecia um cavalo de carga. Nessa manhã, ventava bastante e meus cabelos voavam... Estava descabelada, horrorosa! Como sou irresponsável!

O pior aconteceu quando cheguei no trabalho. A diretora da escola me esperava na porta da minha sala e meu deu a maior bronca na frente dos alunos.

— Me desculpe, senhora...

— Você tem que ter horário! – me interrompeu. — Acha que aqui é bagunça? Todos os dias você chega cinco minutos atrasada, mas hoje você passou de todos os limites.

Os alunos bagunceiros, até pararam com sua bagunça, para ouvir. Ela disse isso num tom de voz tão alto, que pude ver as cabecinhas das outras

professoras na porta de suas salas.

Ôh mulheres fofoqueiras!

— Isso não vai mais acontecer. — me retratei vermelha de vergonha.

— Mas é claro que não! Da próxima vez que você chegar atrasada, irei descontar cada minuto do seu salário. Fui clara?

— Eu já entendi.

Entrei pra minha sala e fechei a porta. Que droga de vida essa minha! Não durmo, nem como direito, tomo fora na frente de geral, minha irmã é uma linguaruda, essas crianças torram o pingo da paciência que ainda me resta e o Gabriel... Desapareceu!

Decidi! Vou ir á casa dele assim que sair daqui. Ele nunca some assim, preciso saber o que está acontecendo.

— Tia, você tomou um forão da diretora. — minha aluna debochou de mim, cortando ao meio meu raciocínio.

— Alice, vai sentar! — ordenei irritada.

— A tia tomou um fora, a tia tomou um fora... — as crianças começaram a dizer isso em forma de musiquinha, batendo na mesa.

Que raiva!!!! Posso sair correndo?

Descontrolada, gritei: — PAREEEEEEEEEEM!!!!

Assustados, eles pararam. Que abuso, gente! Vem cá, não me lembro de ter dado toda essa liberdade pra eles.

Fim de expediente! Graças ao bom papai do céu!

Peguei minha bolsa, me tranquei no banheiro e me arrumei para ir á casa do Gabriel. Mesmo que não fôssemos mais ficar juntos como namorados, quero ao menos ter a amizade dele de volta. Sinto muita saudade do sorriso, dos abraços e das longas conversas inacabadas que tínhamos.

Ao deixar a escola, caminhei até o ponto do ônibus. Ainda bem que o busão não demorou. Entrei, aproximei meu cartão da maquininha, e passei pela roleta com todo estilo, mas...

— Minha bolsa ficou presa! — me desesperei, fazendo força para soltá-la. Quero nem imaginar a minha cara.

Nesse ônibus, não tinha trocador para me ajudar. E os passageiros? Ninguém nem se levantou. Uns garotos adolescentes sentados nas últimas cadeiras, faziam hora com a minha cara.

Puxava minha bolsa com toda força, até que... O motorista deu a partida de maneira brusca e esse ato, me fez voar longe, com bolsa e tudo. Caí deitada no meio do busão. É, tem coisas que só acontecem comigo.

Ali, deitada no chão, algumas pessoas se levantaram para me acudir e me ajudar a levantar. Ok, quando eu precisei de ajuda com a bolsa, ninguém se dispôs a me ajudar, né?

Me levantei, sentei morta de vergonha, e passei as mãos para limpar minha roupa que ficou completamente russa. Respirei fundo e pensei: “Calma linda, você vai ver o Gabriel, então coloca um sorriso nessa cara, e pensa nele”! Assim me consolei e aliviei o meu “micasso” tamanho família.

O trânsito estava intenso... Lento... Parecia estar tudo contra mim. Muito tempo depois, finalmente cheguei! Puxei a campainha e o ônibus parou. Desci e fui andando bem rápido até a casa do meu amor. Andei tão depressa, que meu pé acabou entrando dentro de um buraco.

— AAAAiiiiiii!!! — gritei de dor. Torci meu pé. — O que mais pode acontecer pra esse dia ficar pior? — pensei alto.

Um carro passou por cima de uma poça d'água, despejando um jato em cima de mim.

— Pra quê eu fui perguntar? — choraminguei, olhando desacreditada para minha roupa.

Me arrumei e fiquei tão bonitinha para ver o Gabriel, e olhem o trapo que estou. Mas tudo bem, eu não vou desistir. Eu e ele ainda riremos muito de tudo isso. Mesmo mancando, segui meu caminho. Tomara que tudo se resolva e meu loirinho me leve em casa.

Minutos depois, ao chegar á casa do Gabriel, vi sua mãe sentada no jardim chorando muito. Olhei para o lado e vi Rafael e Mattheus encostados na parede com cara de desolados.

Ai, o que houve? Com os nervos á flor da pele, suor brotando em minha testa, mãos tremendo e os batimentos cardíacos descontrolados, fui até eles.

— Mattheus, Rafael... O que está acontecendo aqui? – perguntei sentindo um intenso embrulho no estômago.

— Você não ficou sabendo?

— Sabendo do quê, Mattheus? – meu coração apertou.

— O Gabriel, ele... – Rafael respirou fundo, fez uma longa pausa e continuou: — A guitarra estava ligada e ele saiu do banho todo molhado, então...

— Então o quê? – perguntei com o coração na mão e lágrimas já escorrendo.

Mattheus fitou seus olhos em mim e disse de uma vez: — O Gabriel morreu eletrocutado.

Desabei ali mesmo e senti que morreria junto.



Capítulo 27 – Apenas um susto

BABI

Acordei ofegante, suando! Meu travesseiro chegava a estar molhado. Com o coração disparado, olhei para as paredes do meu quarto e constatei:

Foi um pesadelo! O pior pesadelo que eu já tive! Olhei o relógio e ainda eram quatro horas da manhã.

Preciso falar com o Gabriel, saber se está bem, mas não a essa hora. Me levantei e fui até a cozinha pegar um copo d'água. Minhas mãos ainda tremiam, estava muito nervosa. Voltei para minha cama, mas não consegui pegar no sono. Era madrugada de sábado. Me virei pra cá, pra lá e nada! Só vou conseguir ficar em paz, quando falar com o Gabriel.

Amanheceu!

Esperei ansiosa o relógio começar a marcar 8 horas da manhã. Me sentei no sofá da varanda e digitei seu número. Receosa, esperei aquele imenso silêncio que se segue antes dos toques. Mordi meus lábios, com coração na mão, mas infelizmente, ouvi:

“O número chamado está desligado, ou fora da área de cobertura”.

Quase surtei ao ouvir isso. Será que meu pesadelo foi um retrato da realidade? Fiquei tão nervosa que até senti dor de barriga. Entrei no face, e nada do Gabriel online. Com a respiração sufocada pelo nervosismo, telefonei para sua casa.

— Alô! — uma voz masculina atendeu. Não era a voz do Gabriel, só podia ser o pai dele.

— Oi. — respirei fundo, me encorajando. — Aqui é uma amiga do Gabriel. Eu gostaria de saber se ele está bem.

— O Gabriel? — o homem falou num tom, como se pensasse: “Como assim”? — Ele está bem sim, que eu saiba.

— Tem certeza? — insisti hesitante.

— Claro, por que não estaria?

— Onde ele está? — perguntei.

— Sábado de manhã, ele só pode estar no quarto dormindo.

Respirei aliviada com o que ouvi.

— Quer deixar recado? — o pai dele perguntou.

— Não, obrigada!

— Quer que eu peça para ele te retornar? Qual é seu nome, moça?

— Não precisa pedir para ele retorna, eu ligo de novo mais tarde. —

justifiquei, encerrando a ligação: — Obrigada pela atenção.

Desliguei na cara do pai dele, não tive alternativa. Não queria dar esse gostinho ao Gabriel, dele pensar que estou me rastejando por ele. Se o Gabriel me esqueceu, vou fazer o mesmo. Pelo menos sei que ele está bem, mas isso não diminui a minha dor. Ele realmente não quer saber mais nada de mim.

Não pude conter minhas lágrimas. Se fosse verdade aquele mito que os adultos diziam para as crianças que quem chora muito, envelhece mais rápido, eu já teria virado uma idosa só nesse último mês. Se ele seguiu com a vida dele, também seguirei com a minha. Vou mesmo sair com o Leandro e ver no que vai dar.

GABRIEL

Na manhã de sábado acordei cedo, tomei um banho e comecei a programar o meu dia.

— Acordado á essa hora? — meu pai entrou no meu quarto. Ele tem que parar com essa mania de entrar no meu quarto sem bater na porta.

— Tenho coisas pra fazer. — me limitei a dizer.

— Já estava tudo certo pra você voltar á clínica semana passada. Por que não voltou?

— Tinha umas coisas pra resolver, volto semana que vem.

Se fosse em outros tempos, meu pai arrancaria o sapato do pé e arremessaria em mim, mas como ele estava no vermelho depois de tudo o

que aprontou comigo, reclamou de maneira civilizada.

— Espero te ver por lá mesmo na semana que vem e também de volta á faculdade. — ele falou, mas eu não respondi. — Uma moça te ligou. — ele disse quebrando o silêncio.

— Deve ser a Karina. — falei sem dar a mínima.

— Não era a Karina, eu conheço a voz dela.

— Se for importante, ligam de novo. — arfei sem paciência.

— O Victor está aqui e quer conversar com você.

— Mas eu não quero conversar com ele.

— Não vai esquecer o que aconteceu nunca, Gabriel?

— Não. — respondi sem sentimentalismo. Para cortar a conversa fora de hora que estava prestes a começar, falei: — Eu tô ocupado e preciso terminar minhas coisas.

Meu pai olhou pra mim por uns segundos, suspirou... Parecia que iria dizer algo, porém, desistiu e saiu do meu quarto.

Anoiteceu!

BABI

Vesti um tomara que caia rosa, até o joelho. Fiz prancha nos cabelos e tentei não carregar na maquiagem, afinal, Leandro nunca dizia aonde iria me levar. Não tinha um pinga de vontade de estar com ele, mas também não queria ficar deitada na cama sofrendo pelo Gabriel.

Às oito horas em ponto, Leandro chegou de carro para me buscar.

— Oi minha rainha! — o recebi no portão, e ele me abraçou cheio de sorrisos.

— Onde vamos? — tentei sorrir.

— É uma surpresa. Vem.

Leandro pegou minha mão e abriu a porta do carro pra mim. Esse gesto me lembrou o Gabriel. Que saudade daquele loirinho chato e

irritante! Por que não consigo esquecê-lo?

Entramos no carro e Leandro deu partida.

— Está melhor?

"Não tá vendo que não"?! Tive vontade de responder, mas fui educada, afinal, ele estava tentando me ajudar e realmente se preocupava comigo, ao contrário do Gabriel.

— Estou sim. — respondi.

— Que bom, meu amor!

Epa! Devagar! Não tem nada de "meu amor" aqui! Preferi não falar nada, para não falar besteira.

Durante o trajeto, o sinal fechou. Até aí nada de mais. Não teria nada de mais, se...

— Babi, você está uma gata essa noite! — Leandro me elogiou, segurou no meu rosto e tentou me dar um beijo.

— Para! — me debati em seus braços, enquanto ele continuou me agarrando, apertando meu rosto.

— Me solta! — consegui me desprender e o empurrei. — Perdeu a noção, cara?

— Qual é o problema? Éramos namorados. — Leandro disse se sentindo o ofendido.

— Disse certo, éramos! — bufei cruzando os braços. — Isso foi ridículo!

— Pensei que você queria.

— Pensou errado! Não gosto de ser forçada a nada e já que você acha que me conhece tão bem, deveria saber.

— Me perdoa! — ele levou as mãos á cabeça, com cara de arrependido.

— O sinal abriu. — avisei num tom rude.

Meu desejo era descer do carro e ir embora. Só fiquei porque queria distrair minha mente e sei muito bem me defender de caras como o Leandro. Seguimos o caminho em silêncio. Quase uma hora depois, chegamos ao destino.

— Uma casa de shows? – levantei as sobrancelhas.

— É, você vai amar! – ele disse estacionando o carro.

"Tomara que não seja um show com músicas românticas". – pensei.
"Será completamente nostálgico, só porque me lembra o Gabriel".

Nos direcionamos á entrada da casa de shows de braços dados e quando entramos lá, outra surpresa:

— Show de Heavy Metal? – reprovei.

— Sim, linda. – Leandro sorriu.

— Leandro, você sabe muito bem que eu não gosto desse tipo de coisa.

— Você vai gostar.

— Não vou! – me indignei. — Quero ir pra casa agora! Não gosto dessa barulhada, dessa gritaria...

— Vamos ir embora quando o show acabar. – ele disse irritado.

— Eu quero ir agora, não ouviu?

— Tinha me esquecido do quanto você é beata.

Isso me irritou de verdade. Quem ele pensa que é pra falar assim?
Detesto casa de shows e Heavy metal, muito mais.

— Me arrependi de aceitar sair com você! – eu falei alto.

— Babi, quando você se acalmar, a gente conversa.

Ele se afastou de mim e se misturou no meio do pessoal que estava por lá. Fiquei parada, sozinha, como um peixe fora d'água. Respirei, controlei minha revolta e caminhei no meio da multidão para procurar Leandro.

— Esse cara vai ver só! Eu ainda estraçalho ele. — balbuciei entre os dentes.

Andei de um lado pro outro e nada! Casa de shows não tem muita iluminação e a quantidade de pessoas, também não facilitava minhas buscas. Minhas sandálias apertavam meus pés, uns caras bêbados gritavam no meu ouvido... Maior loucura!

Muitos e muitos minutos depois, encontrei o Leandro de costas, fazendo um movimento estranho, num canto. Me aproximei e vi... Ele estava no maior amasso com uma garota. Como pôde! Me trouxe aqui e fez isso! Queria chorar de raiva, gritar, bater nele... Me virei para não ver a cena e dei de cara com quem eu menos esperava...

— Gabriel? — arregalei os olhos e franzi a testa ao mesmo tempo.

Ele olhou para o Leandro, olhou para mim e perguntou: — Quer que eu te leve em casa?

É miragem??? Gabriel! Gabriel na minha frente!

— Tá fazendo o que aqui? — eu perguntei.

— Vim trazer minha prima no show. — ele respondeu com um sorriso.

— Mas... Vai deixar ela aqui, sozinha?

— Meu tio virá buscá-la, ela está acostumada com esse tipo de diversão. — ele explicou, me perguntando em seguida: — Você não quer ficar aqui, certo?

— Certo. — respondi com os olhos brilhando.

— Vamos?

— Claro. — assenti hipnotizada pela presença dele.



Capítulo 28 – Novamente nós dois

BABI

Para eu não me perder dele, Gabriel me deu a mão e saímos juntos da casa de shows. Gabriel é tão cavalheiro! Não consigo descrever o que eu estou sentindo. Ele está aqui, perto de mim! Espero que não seja um sonho.

Caminhamos em silêncio até o estacionamento. Queria que ele estivesse fazendo hora com a minha cara, como sempre fazia. Olhando

pelo lado positivo, pelo menos estou ao lado dele. Chegando ao carro, ele sorriu e abriu a porta pra mim.

O agarrei e dei nele o maior beijão. Ele correspondeu com a mesma paixão... Imaginação! Não tive coragem de fazer isso, por mais que essa vontade me corroesse. Que ele abriu a porta pra mim, isso aconteceu mesmo.

Entrei, ele entrou.

Quando saímos do estacionamento, estava caindo um baita temporal. Nossa! Quanta chuva! Ainda bem que já estava indo pra casa, senão meus pais ficariam preocupados. E aquele otário do Leandro... A hora desse idiota vai chegar! Ele vai ver só! Se bem que devo agradecê-lo por ter me trazido aqui, afinal, revi o meu loirinho lindo que está cada dia mais lindo.

Enquanto ele dirigia, o olhei... Vestia uma camisa social preta listrada, dobrada até o cotovelo, calça jeans, um perfume maravilhoso...

— O que foi? — ele tirou os olhos da estrada e olhou pra mim.

— Nada. — respondi sem graça, abaixando a cabeça envergonhada.

Gabriel me pegou olhando pra ele com essa cara de lesada. Mais um mico para minha inacabada lista de micos.

GABRIEL

Como a vida prega peças! Sempre encontro com a Babi nos lugares menos prováveis. Quem diria que eu a veria toda linda essa noite? O problema é que ela não estava sozinha e parecia estar muito abalada por ver seu ex, atual, sei lá, beijando outra.

Sinto que todo encanto que existia entre nós, morreu de vez. Vou levá-la em casa e depois... Depois vou continuar com minha vida. Tenho que lembrar que tudo passa e nada é para sempre.

Passado algum tempo, foi bom revê-la. Fico triste porque agora nos tratamos como dois estranhos. Dividíamos tantas coisas, conversávamos durante horas seguidas, e agora? Sobraram apenas lembranças.

Achei engraçado o modo como a Babi me olhava. Virei para o lado e ri. Não imagino o que estava pensando, mas sua cara de abobalhada... Talvez ela me ache apenas um rosto bonito, só isso, e eu não queria que ela me visse assim.

Ela estava tão linda...! A grande diferença, é que consigo disfarçar minhas olhadinhas.

Estava chovendo demais, devia redobrar minha atenção ao volante e me esquecer um pouquinho dessa bela moça que estava ao meu lado. Nesse lugar, o asfalto é péssimo, fato que só pioram as coisas. Estava difícil conduzir o carro nessas condições. Nunca tinha vindo nesse lugar antes, então estava meio perdido. Passamos por um local esburacado, cheio de lama, com árvores nos dois lados. Nem sabia se ainda estava na estrada. Droga! Passei na toda por cima de um buraco e...

— Não acredito! – reclamei tentando dar partida.

— O que houve? – Babi perguntou, levando a mão á testa.

— Você está bem? – perguntei me aproximando dela, ao ver que sua testa estava com um pouco de sangue.

— Estou, não se preocupe comigo.

— O carro está atolado. – avisei preocupado.

— E agora? – Babi me olhou assustada.

— Vou telefonar para o reboque. – peguei meu celular. — Tá de brincadeira! – resmunguei olhando para a tela. — Está completamente sem sinal.

— Vou ver o meu. – disse Babi, pegando seu celular na bolsa. — Sem sinal... – lamentou. — O que vamos fazer, Gabriel?

— Bom, essa não é a resposta que você espera, mas... Eu não sei. — abaixei a cabeça. — Talvez passe alguém por aqui.

— Talvez? — Babi riu ironicamente da situação.

— Acho que não foi uma boa ideia eu ter te oferecido carona.

— Tudo bem. — ela sorriu. — A culpa não foi sua.

Fiquei feliz pelo fato dela não ter dado um ataque. Se fosse há uns dias atrás, com certeza eu seria xingado, torturado...

BABI

O carro está atolado, estamos sem sinal, sozinhos. Posso parecer uma maluca por pensar isso, mas a noite não poderia estar melhor. Quem sabe agora finalmente...

— Vamos para o banco de trás? — sugeriu o loirinho, interrompendo meu pensamento. — Lá é mais confortável.

"Tá bom, sei..." — pensei.

— Vamos. — concordei, pensando: "Assim ficaremos bem juntinhos"!

Gabriel foi para o banco de trás e de lá me deu a mão para que eu pudesse passar.

— Tem certeza de que não está doendo? — ele quis saber, colocando a mão em meu rosto, como se estivesse examinando minha testa.

Estava um pouco dolorido e essa era uma ótima hora para eu valorizar esse machucadinho.

— Tá doendo um pouquinho. — fiz careta de dor.

— Desculpa. — ele beijou meu rosto, me fazendo estremecer dos pés á cabeça.

— Já disse que a culpa não foi sua. Acidentes acontecem.

— Eu sei, mas me sinto responsável por isso. — lamentou.

— Calma Gabriel, é só um corte! Acredito que não que não fraturei meu crânio. — eu disse com bom humor, o fazendo rir.

"Me dá um beijinho na boca que passa". — pensei, apenas pensei.

— Não gosto que se machuque e muito menos por minha causa.

Nos entreolhamos e eu perguntei: — Falando em machucar, por que você sumiu?

— Eu sumi? — Gabriel se fez de desentendido.

— Achei que depois do... — fiquei sem jeito, mas respirei e continuei, enquanto ele me olhava com aqueles lindos olhos azuis. — Achei que depois daquele evento dos casais apaixonados, você me ligaria.

Ele me olhou pensativo, mas logo respondeu: — Você também poderia ter me ligado. Por que só eu que tinha que telefonar pra você? — fez cara de discórdia.

— Porque esse é o papel do homem.

— Ah tá bom. — ele riu. — Olha, eu até iria te ligar, mas...

— Mas...? — franzi a testa receosa. Será que ele já tem outra pessoa?

— Minha mãe passou mal, sofreu um AVC.

— Nossa! — boquiaberta, levei as mãos a boca. — Eu não sabia. Como ela está?

— Está se recuperando, mas está com a mão esquerda paralisada.

Terá que fazer algumas sessões de fisioterapia, mas o pior já passou.

— Graças á Deus! — respirei aliviada. — Gabriel, eu achei que você...

— Que eu o quê? — ele se aproximou.

— Tinha morrido.

— Nossa! — ele arregalou os olhos espantado. — Por que pensou isso?

— Tive um pesadelo horrível. No pesadelo, você morreu eletrocutado por sua guitarra.

Gabriel caiu na risada.

— Tá rindo do quê? — me irritei.

— Cara, isso foi engraçado. Eu, morrer eletrocutado por minha guitarra? Muito surreal!

— Não teve graça nenhuma! — o repreendi.

Ele continuou rindo como se tivesse acabado de ouvir a piada mais engraçada do mundo.

— Gabriel! — dei um tapinha em seu braço, o fazendo cair na real. — Eu acordei suada, tremendo, desesperada, achando que era verdade, e você fica rindo? Eu quase passei mal só de imaginar que isso podia ser verdade.

— Me desculpa. — ele engoliu o riso. — Não morri eletrocutado, estou bem.

Gabriel me olhou nos olhos e me deu um abraço apertado. O abracei mais forte ainda.

— Tive muito medo de perder você. — eu disse quase emocionada.

— Babi, você está gelada.

— Estou com muito frio.

Ele olhou pra mim, abriu um sorriso e disse: — Eu aqueço você.

Continuamos abraçados e durante esse abraço, nossos olhares se encontraram...



Capítulo 29 – Cuidado com o fantasma

BABI

— Pensei que estava com a tal de Karina. — fechei a cara cortando o clima. Fiquei chateada só de me lembrar dela.

— Você cismou com isso! — ele se afastou um pouco. — Eu já falei mais de não sei quantas vezes quem é que me interessa.

O encarei esperando que continuasse.

— E também, eu não falo mais com a Karina. Nem tenho mais o número dela na minha agenda. Resolvi que agora o passado irá ficar no passado, não quero mais flashes negativos no meu presente.

— Resolveu esquecer todo o passado? — eu quis saber com receio. Acho que não vou suportar se ele disser que sim.

— Nem todo... Algumas partes.

Sorri aliviada. Não consegui disfarçar.

GABRIEL

Carambolas! A Babi não vai esquecer nunca dessa história? Isso já tá chato, namoral. Fala tanto de mim, mas bem que saiu com o ex.

— Mas e você? — perguntei.

— Eu o quê?

— O que sentiu quando viu o seu namorado beijando outra?

— Ele não é meu namorado! — Babi negou. — E eu não senti nada por ele porque...

— Porque...? — me reaproximei.

Ela desviou o olhar, puxou o ar e disse num tom mais baixo: — Porque na minha vida inteira, eu só amei uma pessoa.

Concordei com a cabeça, mas preferi não comentar essa frase, mesmo sentindo que poderia ser pra mim.

BABI

Fui bem clara ao dizer essa frase. Esperei, mas Gabriel não me respondeu... Será que não entendeu ou eu sou o passado que ele quer esquecer?

GABRIEL

— Seus pais devem estar preocupados com você. — eu disse acabando com essa conversa mole, que não dava em nada.

— Com certeza! — Babi levou as mãos á cabeça, demonstrando preocupação. — O que eles irão pensar? Vão pensar que aconteceu alguma coisa grave...

— Tenta ficar calma. — segurei em sua mão para passar-lhe tranquilidade. — Se desesperar não vai adiantar nada, não iremos sair daqui tão cedo mesmo. — dei os ombros.

— Obrigada, Gabriel! — ela ironizou chateada.

— Só disse a verdade.

— Eles irão telefonar para o Leandro e ele vai dizer que eu sumi. — choramingou. — Gabriel, como eles vão ficar? Irão passar mal e...

— Assim que sairmos daqui, eu te levo em casa e converso com eles.

— interrompi o drama, continuando: — Vou explicar tudo o que aconteceu.

— Legal! — ela riu. — Saio com um e volto com outro.

— Se preferir que o tal de Leandro te leve...

— Nem me fale daquele traste! — Babi cruzou os braços indignada e se explicou: — Não estou chateada com você, é que... Eu saí de casa com o Leandro e agora vou voltar com você. Não acha que isso fica meio estranho?

— Não. — respondi num tom sério.

— Não? — ela me olhou, como se esperasse uma boa resposta.

— Não temos mais nada, então não tem porque pensarem mal de você.

BABI

Doeu muito ouvir isso. Não temos mais nada! Infelizmente, é verdade.

Me encolhi de frio dentro de mim mesma. Depois do que ouvi, não tive coragem de encará-lo. Olhei para o outro lado, olhei para cima, olhei para frente e...

— GABRIEL!!! — gritei assustada. — O que é aquilo? — literalmente o agarrei.

— Aquilo o quê? — perguntou sufocado pelos meus braços, que agarravam seu pescoço.

— Ali. — apontei. — Do lado de fora.

— Não sei. — o loirinho franziu a testa. — Fica calma. — ele pediu segurando meus braços com delicadeza. — Vou lá fora ver o que é.
— Não, por favor! — o segurei pela mão. — Não sabemos o que é...
— Vou descobrir.
— Gabriel, não! — implorei sem o largar. — E se acontecer alguma coisa com você?

GABRIEL

Tive vontade de rir dessa situação, mas me controlei. Babi me agarrou e quase chorando me implorava para ficar. Tá, né?

— Se eu não voltar em meia hora, você sai do carro e corre o mais longe que puder. — pilhei zoando.

— Gabriel, para! — ela me deu um tapinha no braço. Já é o segundo essa noite. — Tô falando sério.

— E eu também. Não sabemos se quem está lá é um poltergeist, uma assombração, a Annabelle, Carrie, Gasparzinho... — enumerei.

— Isso não tem graça!

— Se eu morrer, foi um prazer ter te conhecido.

— Gabriel!

Abri a porta e saí do carro.

BABI

Irracional! Pirado! Desajuizado! Que medo! Sempre fui medrosa, mas nunca fiquei sozinha no meio da pista numa noite chuvosa, depois de avistar uma coisa muito estranha.

Me lembrei de todos os filmes de terror que já assisti e me senti em um: O namorado sai do carro e a namorada é morta logo em seguida, após

ver o corpo do namorado ensanguentado, pendurado de cabeça para baixo.

Gabriel... Olhei pelas janelas e não o vi. Cadê você? Passou-se dois minutos, cinco minutos... Comecei a me desesperar... Um silêncio pairou no ar... Abri a janela bem devagar, olhei para fora e não vi nada. Apreensiva, senti uma mão tocar em meu ombro, mas não tive coragem para me virar.

— Voltei! – ele disse bem alto, me fazendo estremecer dos pés a cabeça.

— Gabriel! – me virei para ele assustada. — Por que fez isso? Eu estava preocupada, sabia?

— Pelo menos sabe que eu não morri. – ele riu.

Que vontade de matarrrrr!!!!

— Não faz essa cara. Eu não queria te assustar, só avisei que voltei. Você se assustou porque estava distraída olhando pela janela.

— Tá, Gabriel. – tive que concordar. — Mas você está todo molhado, pegou muita chuva. – o observei. Ele estava com os cabelos e com a roupa completamente molhados.

— Por sorte, tenho uma blusa aqui dentro do carro. – ele foi até o banco da frente, abriu o porta-luvas, pegou uma blusa azul marinho e voltou para o meu lado.

— Você não se incomoda, né? – Gabriel me perguntou desabotoando lentamente os botões de sua camisa.

— Claro que não. – sorri.

A cada botão que ele abria, ficava á mostra seu peitoral definido... Lindo, sarado, perfeito... Me controlei para não babar. E seus cabelos molhados caídos no rosto... Estava tão sexy! Gabriel é lindo demais da conta!

Parecia que ele estava fazendo de propósito. Ao me ver o admirando, ele continuou o que estava fazendo, mas num processo bem lento. Melhor pra mim, fiquei olhando mesmo e quase tive um troço quando ele sorriu. O que me deu na cabeça para terminar o namoro com um muso desse? Gabriel podia ser modelo.

GABRIEL

Acho que nunca me diverti tanto como nessa noite. Primeiro me encontro com a Babi por acaso, depois meu carro cisma de morrer bem no meio da lama, aí aparece um troço lá fora e Babi me agarra feito louca. Agora... Me sinto um streaper. Ver a Babi babando, foi hilário.

Chega de sessão tortura! Vesti minha blusa e encerrei o show.

— Você pode ficar resfriado. — ela disse um tanto desconsertada.

— Só não posso ficar sem voz, tenho que cantar.

— É mesmo. Você é cantor e não dublador do pato Donald. — Babi ri.

Ri também e concordei: — Tem razão.

— Você tem que secar pelo menos a cabeça.

— Eu sei, mas não tenho nenhum pano aqui.

— Tenho uma toalhinha dentro da bolsa. Quer que eu te ajude a se secar?

— Se não for te incomodar...

— Claro que não me incomoda.

Babi abriu a bolsa e pegou a toalhinha. Nos olhamos um pouco sem jeito.

— Você vai ter que abaixar um pouco a cabeça. — ela disse.

Fiz o que Babi pediu e lentamente ela passou a toalhinha em meus cabelos. Depois, começou a secar também o meu rosto, me fazendo

levantar a cabeça e olhar para ela.

— Não vai ficar sequinho, mas também não vai ficar tão molhado.

— Obrigado! – agradecei abrindo um sorriso.

— De nada. – Babi retribuiu o sorriso, passando a toalha pelo meu pescoço. — O que tinha lá fora?

— Não era um fantasma. – eu ri. — Era um cavalo.

— Um cavalo?

— Exatamente. E eu vi daqui de dentro que era um cavalo.

— E por que não me disse?

— Babi, não precisa se fazer de desentendida. Sei que você fingiu que se assustou só para me agarrar.

— O quê? – ela me olhou boquiaberta. — Eu me assustei, nem sabia o que era aquilo.

— Ah, tá bom... Vou fingir que acredito, tudo bem?

— Estou dizendo a verdade, não sabia mesmo o que era. Acha mesmo que eu iria te fazer sair nessa chuva, se eu soubesse que era um

cavalo? Seja menos convencido, Gabriel.

Me liguei que estava me comportando feito um idiota. A Babi estava sendo tão legal comigo, que eu não queria que isso acabasse. Quero pelo menos ter a amizade dela de volta.

— Desculpa, eu só estava brincando.

— Desculpado. – ela sorriu e não me deu um fora. Estamos evoluindo...

— Babi, posso te fazer uma pergunta? – me aproximei novamente.

— Pode sim.

— O que é o amor pra você?

BABI

Fiquei surpresa com essa pergunta. O olhei nos olhos e respondi com todo o sentimento que havia guardado por ele, em meu coração.

— Eu sou aquela pessoa que acredita no príncipe encantado, no amor pra toda vida e no felizes para sempre.

— Se descreveu. Palavras tão sensíveis e doces que combinam perfeitamente com seu jeito. — Gabriel passou de leve seu dedo pela maçã do meu rosto.

— E pra você? — perguntei suspirando e viajando em seu carinho.

— Depende...

— Depende de quê?

— Também quero ser feliz para sempre e viver um amor para toda vida, se você me permitir ser seu príncipe encantado.

Nem preciso dizer que meu coração acelerou tanto, á ponto de me fazer sentir cada batimento...



Capítulo 30 – A primeira vez que eu disse: Te amo!

GABRIEL

Cheguei ao ponto que eu queria chegar e espero ouvir a resposta que preciso. Me surpreendi porque...

BABI

Não pude resistir ao escutar o que Gabriel me disse. A quem eu quero enganar? O fato é que eu tenho certeza que o amo e me cansei de me comportar feito uma tonta. Com milhões de borboletas explodindo dentro de mim, um pouco retraída, eu disse: — Vou te responder cantando, tudo bem?

— Como quiser, princesa. — o loirinho deu um beijo em minha mão.

Mesmo tímida, consegui encará-lo. Passei as mãos carinhosamente por seus braços e cantei emocionada:

***"Eu não vou saber me acostumar
Sem suas mãos pra me acalmar
Sem seu olhar pra me entender
Sem seu carinho, amor, sem você.
Vem me tirar da solidão
Fazer feliz meu coração
Já não importa quem errou, o que passou, passou...
Meu amor!"
(Música "Amor Perfeito" – Robson Jorge)***

Assim que eu acabei de cantar, Gabriel foi muito carinhoso comigo e me deu vários beijos pelo rosto. Depois, fechei meus olhos e senti o beijo... O beijo que há tanto tempo não sentia. O abracei o mais forte que pude e retribuí. Nem acredito que tenho o meu amor de novo na minha vida. Dessa vez não o perco por nada!

GABRIEL

Ouvir a Babi cantando e se declarando pra mim, foi perfeito! Como resposta, só consegui beijá-la. Beijeí sua testa, suas bochechas, a ponta de seu nariz, seu queixo... E finalmente beijeí seus lábios. Passei a mão por seu pescoço e subi até seu rosto, o acariciando de modo carinhoso. Babi acariciava meu peitoral. Foi indescritível tê-la novamente em meus braços.

— Eu te amo! — Babi balbuciou durante nosso beijo.

Quando Babi disse “Eu te amo”, confesso que fiquei sem palavras. Se eu colocar na balança tudo o que eu sinto por ela, acho que também a amo, mas não pensei que declararíamos esse sentimento tão cedo.

— O que foi? — ela olhou pra mim, quando permaneci em silêncio. — Eu disse algo de errado?

— Não, claro que não, Babi. Eu só...

— Só...?

Mordi seu lábio de leve e respondi com segurança: — Eu só queria dizer “Eu te amo”, primeiro.

Babi sorriu e disse: — Pensei que ia dizer outra coisa.

— Que outra coisa eu diria?

Para ela não ficar insegura, a olhei nos olhos e sussurrei em seu ouvido a frase que ela queria ouvir: — Eu te amo, meu amor! Te amo demais e nunca mais quero ficar sem você.

Ela me abraçou e afirmou apaixonada: — Também não quero ficar sem você. Espero que tenha gostado da música.

— Claro que eu gostei. — sorri. — Vai ficar gravada pra sempre no meu coração e... Você canta muito bem, não precisa se esconder do mundo.

Babi olhou pra mim e debateu: — Não Gabriel, cantar não é pra mim. Eu só cantei pra você porque eu disse que cantaria em um momento especial, e esse foi, muito.

— Foi sim. — sorri.

— Senti muito sua falta. — ela disse, ainda grudadinha em mim.

— Eu sei que sentiu.

— Gabriel, você é mesmo um convencido!

— Nem sou.

— É sim.

— Você que me fez ficar assim. — falei brincando.

— Eu? — Babi me olhou de banda.

— Pensa que não vi você babando no meu tanquinho.

— E-eu... Só estava olhando pra ver se estava molhado. — ela ficou corada.

— É, eu sei... — dei uma piscadinha.

— Tá, ok! Eu admito! Eu olhei mesmo! — confessou sem se importar.

— Você tem o corpo bonito e acho que não tem nada de errado nisso, ou tem?

— Não, nada. — dei-lhe um selinho. — É que você não curte muito me elogiar.

— Por que será?

— Também não entendo.

Rimos.

— As crianças sentiram sua falta nos ensaios. — Babi falou.

— Sentiram? Mas eu fiquei pouco tempo ensaiando com eles.

— Crianças se apegam muito rápido, Gabriel, e você foi um tio que conseguiu conquistá-los.

— Tio. — ri. — Essa palavra tem um peso, né? Qualquer dia eu vou visitá-los.

— Tá bom.

— Eu sei que já te perguntei isso, mas... O que você iria me dizer no evento dos “Casais Apaixonados”?

— Eu já te respondi essa pergunta.

— Qual é, Babi, eu sei que não era verdade.

— Tá bom, você venceu. Eu iria... Te pedir desculpas e perguntar se você queria voltar a ser meu namorado.

— E por que não perguntou?

— Porque fiquei com medo de você dizer que não.

— Bom, você podia ficar tranquila, porque lá no palco eu iria dizer que sim, mas depois que a gente descesse...

— Você iria dizer não?

— Não. — rimos e eu continuei: — Eu não imaginava que você diria isso e tinha quase certeza que você não iria aceitar me beijar na última prova, então...

— Então...? — Babi perguntou curiosa.

— Enviei um zap para um colega meu que estava por lá e pedi ajuda.

— Ah, então... — perplexa, Babi tentava entender: — Aquele cara que literalmente nos “obrigou” — ela fez aspas com as mãos. — a cumprir a última prova, não era um dos administradores do evento e não existia regra nenhuma?

— Exatamente. E eu achei que você recusaria mesmo assim.

Ela sorriu e afirmou: — Eu recusaria se fosse com outra pessoa.

Me aproximei para beijá-la, mas ela interrompeu com uma pergunta.

— Vem cá, você teve alguma coisa a ver com a parada de nós ficarmos juntos no evento?

— Não, eu nem sabia que você estaria lá. Agora chega desse assunto e vamos fazer uma coisa melhor? – mordisquei a orelha dela e a fiz se arrepiar.

— Vamos! – ela concordou me agarrando e me beijando muito!
Ficamos juntinhos, pelo resto da noite.

Por volta das seis horas da manhã, o dia já estava claro. Babi cochilava deitada no meu ombro, e eu a acordei.

— Amor! – a sacudi de leve.

— Oi. – ela levantou a cabeça, esfregando os olhos.

— Vou tentar encontrar ajuda para sairmos daqui.

— Eu vou com você. – ela despertou.

— Me espera aqui, não vou demorar.

— Gabriel, não quero ficar aqui sozinha.

— Babi, está tudo cheio de lama. – tentei convencê-la em vão.

— Não tem problema. Quero ir com você.

— Ok, sua medrosa! – apertei a ponta de seu nariz.

— Não estou com medo, só não quero ficar sozinha.

— Tudo bem. – ri. – Vamos?

— Vamos, mas...

— Mas...?

— Mesmo tendo sido uma noite muito louca, foi a melhor noite que eu já tive. – Babi me olhou nos olhos.

— Eu também. – coloquei uma mexa de seus cabelos, por trás de sua orelha. – Espero que a partir de agora tudo seja diferente, amor.

— Vai ser sim, porque nós nos amamos e eu não sei mesmo viver longe de você.

Babi me deu um beijo. Eu retribui e depois perguntei: — Podemos ir agora? Eu preciso ir pra casa tomar um banho, estou com cheiro de água de chuva. — eu ri, ela riu. — Tenho que me arrumar para sairmos juntos hoje.

— Onde nós iremos?

— Digamos que é uma surpresa.

— Tá bom. Vamos então. Meus pais devem estar preocupados comigo.

— É verdade. Vou te levar em casa e explicar o que aconteceu.

Eu abri a porta e saí do carro. Depois, estiquei minha mão, para ajudar Babi a descer.

— Nossa, isso aqui está cheio de lama. — ela se espantou ao olhar para o chão.

— Eu avisei... Quer ficar aí?

— Não, vou com você. — Babi é muito teimosa, mas tudo bem.

— Segura minha mão.

A ajudei a sair do carro, e logo que saiu, ela enfiou os pés na lama.

— Ai!!! Não acredito! — choramingou. — Essa sandália era nova...

— Amor, não foi falta de aviso. — a segurei pela cintura, para ajudá-la a se equilibrar na sandália que ficou escorregadia.

— Não diz isso Gabriel, assim eu só me sinto pior.

— Vamos pra beira da estrada que é mais fácil conseguirmos ajuda.

Andamos para a estrada e ficamos esperando alguma alma boa passar, para que pudesse nos ajudar a conseguir sair de lá. Passou um carro, fizemos sinal e... Ele passou direto. Outro carro e... Nada!

— Gabriel, ninguém quer nos ajudar, o que vamos fazer agora?

— Calma! — ri. — Alguém vai nos ajudar. Não se desespere!

Alguns minutos depois, um carro passou, fiz sinal e... O carro parou!

— Obrigado por parar. — agradei quando o motorista saiu do carro.

— O que houve? — ele perguntou vindo até mim.

— Meu carro entalou aqui na lama, e preciso de um reboque. Estou sem sinal no celular. — expliquei.

— Tem um barzinho aqui perto. Posso telefonar para o reboque e dizer sua localização, tudo bem? — disse o simpático homem.

— Ótimo! Muito obrigado!

O motorista abriu um sorriso, entrou em seu carro e se foi.

— Viu amor, não precisava se desesperar. Em breve estaremos em casa. — a beijei na cabeça.

— Que bom! — ela me abraçou feliz. — Quero lavar meus pés.

— Sério, pimpolha? — sorri.

A encostei em uma árvore, a olhei nos olhos, dei-lhe um beijo de esquimó, e logo depois já estávamos nos beijando com intensidade.

— Você não faz ideia do quanto eu queria estar assim com você novamente. — eu disse, com a testa colada na testa dela.

— Eu sonhava com você toda noite, no fundo eu sentia que nossa história não havia acabado.

— Nunca irá acabar.

Ficamos no maior love por muito tempo. Reboque geralmente demora um pouco a chegar.

BABI

Ao mesmo tempo que eu queria ir embora, queria ficar aqui. Está sendo perfeito ficar assim com o Gabriel, longe de todo mundo. Fechei os olhos para curtir mais um beijo. O beijo, porém, foi interrompido quando o celular do Gabriel começou a tocar.

— Ué! — estranhei. — Seu celular está tocando. Já tem sinal.

— Acho que estava sem sinal por causa do temporal. Provavelmente voltou porque agora a chuva passou.

— Deve ser. Vou telefonar para os meus pais.

— Isso! – ele concordou.

— Não vai atender sua ligação? – puxei seu celular do bolso de trás de sua calça.

Quase passei mal ao olhar a tela.

— Gabriel...

— O que é? – ele pegou o celular da minha mão.

— Por que a tal de Karina está te ligando? – perguntei esperando ouvir uma boa justificativa.

— E- eu... Eu não sei.

— Não sabe? Você disse que não tinha nem mais o número dela em sua agenda. Você mentiu pra mim!

Foi impossível controlar as lágrimas. Leandro e Gabriel me fizeram de palhaça em menos de vinte e quatro horas.



Capítulo 31 – Uma mensagem, uma discórdia

GABRIEL

Mas que droga! Por que a Karina tinha que me ligar logo agora?
Tenho que resolver isso.

— Amor, eu não menti pra você. — segurei em seu rosto, a fazendo olhar pra mim.

— Ah, não? — Babi se irritou. — Imagina...

Perdi a fala. Não encontrei palavras para responder e tentei falar do modo mais convincente possível: — Babi, tudo bem! Eu confesso que menti quando disse que não tinha mais o celular dela na agenda. — suspirei e continuei explicando, enquanto ela me olhava. — Mas isso não é importante. Posso ter até o número dela, mas isso não significa nada.

— É, eu sei... — ironizou, cruzando os braços. — Sabe o que eu faço com pessoas que não são importantes pra mim? Eu as ignoro, as esqueço... Muito ao contrário do que você faz!

— Amor, não vamos brigar por isso, por favor! — aproximei meu rosto do rosto dela. — Por esse motivo te perdi uma vez e não quero te perder de novo.

— Tem razão. — consegui acalmá-la. — Acredito que você realmente me ama, mas... Não minta mais pra mim.

— Eu te amo, te amo... — acariciei seu rosto.

— Eu também te amo! — Babi me deu um selinho.

— Não vou mais mentir, tem a minha palavra.

— Eu sei que não. — Babi me abraçou bem forte.

— A Karina deixou uma mensagem gravada. — falei olhando para a tela do meu celular.

— Insistente ela, né?

— Demais! — concordei. — E para provar que eu realmente não tenho nada com ela, vou colocar a mensagem pra você ouvir.

— Não precisa, Gabriel. Eu acredito em você.

— É só pra acabar de vez com essa história, pimpolha.
Mexi no celular e coloquei na tal mensagem.

MENSAGEM GRAVADA DE KARINA

"Bom dia Gabriel! Como você tá, meu amor? (Perguntou com a voz manhosa) Porque não me atendeu? Está dormindo, né? (Karina riu) E aí, nós vamos mesmo viajar nesse final de semana? (Eu corei ao ouvir essa pergunta) Quando acordar, me liga pra confirmar. Ah, e eu adorei aquele cartão que você me enviou. Beijinhos, amor! Estou com saudades, te amo!"

Eu sou idiota! Um completo idiota! Nem preciso falar que a Babi fez uma cara que até me deu medo.

— Amor... — tentei começar minhas justificativas.

— Então ela não é importante e não significa nada pra você... — me empurrou, se afastando de mim. — Imagina se significasse!

— Eu enviei esse cartão no período em que estávamos brigados. — a segurei pelo braço. — Achei que a gente não daria mais certo e tentei seguir com a minha vida. Você também fez o mesmo, não fez? — lembrei que na noite anterior, ela estava com o tal de Leandro.

— Mas eu nunca menti dizendo que o Leandro não significa nada na minha vida. — Babi rebateu aumentando a voz.

— E ele significa?

— Claro que não, Gabriel. Só me expressei mal. — desconversou, sem se acalmar.

— Amor... — me aproximei na tentativa de domar sua revolta.

— O que estava escrito no tal cartão?

— Eu nem me lembro.

Babi me deu as costas, e para amenizar a situação, decidi falar o que eu escrevi.

— Foi um cartão de amizade. — eu disse, e ela se virou pra mim. — No cartão eu agradei ao apoio que ela me deu enquanto minha mãe ficou internada, foi só isso. A Karina que entendeu tudo errado.

— Tá bom. — Babi concordou balançando a cabeça. — E a viagem que vocês irão fazer? Ela só está esperando sua confirmação.

— Não é nada de mais.

— Ah não? — cruzou os braços.

— Não. É que eu comentei com ela que vou viajar para visitar minha família e ela pediu pra ir junto comigo.

Nessa hora, o carro do reboque chegou, interrompendo assim minha conversa com a Babi. Fui até o homem conversar e resolvemos tudo. Ele rebocaria meu carro até a oficina onde trabalha. Depois de tudo pronto, eu e Babi entramos no carro.

— Vamos deixar meu carro na oficina, depois eu pego um táxi e te levo pra casa.

— Não precisa, eu vou sozinha.

— Babi...

— Gabriel, eu quero que você resolva de uma vez a sua vida sentimental. Acho que na verdade, você não sabe bem o que quer.

— Claro que eu sei! — olhei para ela. — Eu quero você.

— Eu também quero ficar com você, mas não desse jeito todo complicado. — Babi me encarou e disse com firmeza: — Será que você não percebe? Nunca iremos ser felizes se não nos desprendermos de uma vez do passado.

É, ela tinha toda razão, mas tive que perguntar: — O seu ex não significa mesmo nada pra você, né?

— Lógico que não. Eu tô até agora tentando entender porque aceitei sair com ele. Ainda bem que teve um lado bom.

— É. — me limitei a dizer.

— Você acredita, não é?

— Acredito sim, Babi. Eu sinto sinceridade nas suas palavras.

— Só quero que você entenda que é muito difícil pra mim, aceitar sua amizade com uma pessoa que está querendo ficar com você também.

— Claro que te entendo. Eu reagiria da mesma forma se fosse o contrário, e... Pra mim é difícil também, Babi, então...

— Eu entendi.

Babi compreendeu que assim como ela queria que eu me afastasse da Karina, eu queria que ela se afastasse do Leandro, senão nos desentenderíamos sempre pelos mesmos motivos.

BABI

— Tem certeza que não quer que eu te leve em casa? — Gabriel me perguntou, ao descermos do carro já na oficina.

— Não quero, vou sozinha. Espero que tudo dê certo com seu carro.

— Mas amor... — ele se aproximou e segurou na minha mão.

— Gabriel, por favor, não venha atrás de mim. Eu preciso ficar sozinha e refletir.

Dei-lhe as costas e fui embora. Por incrível que pareça, consegui conter minhas lágrimas. Sinto que o Gabriel me ama de verdade, mas também acho que ele está confuso e não sabe muito bem o que realmente quer.

Peguei um táxi, e fui direto para minha casa. Antes de tudo, precisava conversar com meus pais. Céus! Como eles estão? Fiquei tão preocupada

em me resolver com o loirinho, que até me esqueci de telefonar para eles. Com as mãos tremendo de nervosismo, peguei meu celular dentro da minha bolsa para ligar pra eles e dizer que estou bem, estou viva. Droga! O celular estava completamente descarregado, para o meu desespero.

— Motorista, dá pra ir mais depressa? – pedi nervosa.

— Já estou á 60 KM, moça.

— Então vai á 80 KM, por favor. Eu tenho que chegar logo em casa.

Ele concordou com a cabeça e acelerou o táxi. Meu estômago revirava de nervosismo. Meus pais... Como eles estão?



— Mãe, pai! – gritei assim que pisei meus pés na porta de casa.

— Filha... – minha mãe correu até mim chorando desesperada e me abraçou com toda força.

— Meu anjinho! – meu pai também veio me abraçar.

Choramos os três juntos.

— O que aconteceu, meu amor? – mamãe quis saber, segurando em meu rosto.

— Fizeram alguma coisa com você, minha filhinha? – meu pai se pôs a me examinar de cima a baixo, de baixo à cima.

— Eu estou bem, não se preocupem. Ninguém fez nada comigo. – enxuguei minhas lágrimas com as mãos.

— Que gritaria é essa? — minha irmã saiu do quarto, esfregando os olhos. — Mana, você apareceu! — Pam sorriu ao me ver e veio até nós.

— Apareci. — sorri.

— Filha, nós fomos até a delegacia para informar o seu sumiço e eles nos pediram que aguardássemos 48 horas.

— Mãe, não precisava...

— Não precisava? — meu pai me interrompeu. — Filha, tentamos te ligar e não conseguimos. O Leandro disse que você desapareceu...

— Bom, é que... O lugar onde o Leandro me levou estava muito cheio e acabamos nos perdendo um do outro. — menti, já que a verdade era muito constrangedora.

— Mas e aí? Onde você passou a noite? — minha mãe tocou em meu ombro.

Tive um pouco de receio ao dizer, mas não queria mais mentir para meus pais.

— Por sorte o Gabriel estava por lá e por acaso nos esbarramos. Ele me ofereceu carona até aqui em casa, e eu aceitei porque não sabia voltar sozinha.

— E aí seu coração bateu mais forte e vocês ficaram de love pelo caminho. — Pámela disse em tom de deboche.

— Mas é claro que não! — desmenti como se isso fosse uma coisa repugnante. — Estava chovendo demais e o carro do Gabriel ficou entalado na lama. Não telefonei pra vocês porque fiquei sem sinal no meu celular. Só conseguimos sair de lá agora pela manhã, o carro teve que ser rebocado.

— Mas e o Gabriel? Ele está bem?

— Está sim, mãe. Ele ficou na oficina resolvendo os assuntos do carro dele e eu peguei um táxi para vir embora.

— Hum... Ficaram sozinhos a noite inteira, né? Vai dizer que não rolou nem um beijinho...

— Pâmela! – chamei sua atenção.

— Não fala assim da sua irmã, Pâmela! – meu pai a repreendeu. — Babi agora está com o Leandro, e o Gabriel é apenas um bom amigo. Não é, filha?

— Claro que sim. – afirmei com o coração na mão.

Leandro não é mais meu namorado, Gabriel não é apenas um amigo. Ainda bem que meus pais não pensam que eu fico com os dois.

— Está pensativa, maninha. Está pensando em que? Em como vai tirar essa lamaceira dos seus pés?

Olhei para meus pés e vi a lama seca sobre ele. Incomodada com isso, após os devidos esclarecimentos, avisei: — Preciso de um banho.

Fui para o banheiro para acabar de vez com o interrogatório, antes que eu confessasse: "Minha noite ao lado do loirinho foi maravilhosa, pena que as coisas acabaram mal quando amanheceu...".

GABRIEL

Conversei com o mecânico e ele me informou que no dia seguinte meu carro já estaria pronto. Saí de lá, passei em casa para tomar um banho e depois fui para o ensaio da "Reluz".

— Tentei te ligar a noite inteira, onde você estava? – Matheus perguntou, logo que cheguei á sua casa para ensaiar.

— Bom dia, pai. – ironizei. Às vezes fico sem paciência para aturar esse jeito mandão e autoritário que ele tem.

— Aproveitou para curtir o show ao lado da sua prima? – perguntou Rafael.

— Meu carro deu problema na hora de voltar para casa. Ficou entalado no meio da lama.

— Que sorte hein! Ficar preso na pista com a priminha mimada do lado.

— Não fiquei preso com minha prima, Mattheus. — suspirei e completei: — Fiquei preso com a Babi.

— Com quem? — Rafael arregalou os olhos, largando as baquetas em cima da bateria.

— Com a Babi. — repeti, me sentando em um banquinho.

— Mas... Como? Ela estava lá? — Mattheus enterrou as mãos no bolso da calça.

— Estava sim, com o tal de Leandro. — pronunciei esse nome com repulsa.

— O ex namorado dela, né?

— É aquele mané que estava com ela no dia do concurso de bandas.

— respondi a pergunta do Rafael.

— Espera aí, se ela estava com o Leandro, porque foi embora com você? — quis saber Mattheus sem entender.

— Porque ele vacilou com ela e eu estava no lugar certo, na hora certa, porque eu fui consolá-la e...

— E... — perguntaram os dois, com os olhos fitados em mim.

— Nós nos acertamos, ficamos juntos...

— Se ficaram juntos, porque você está todo jururu? — Rafael perguntou com uma cara, como se imaginasse que algo havia dado errado.

— Porque eu sou um idiota! Eu estraguei tudo. — me revoltei comigo mesmo. — Eu já tinha que ter mandado a Karina ir para o espaço há muito tempo.

— O que a Karina tem a ver com isso?

— Nada, Mattheus. — passei a mão pelo meu rosto, preocupado. — Na verdade a culpa foi toda minha, não vou culpar ninguém pelos meus erros. Agora só tenho que pensar em um jeito de reverter todos os efeitos negativos.

Depois de contar-lhes minha triste história, tentei esquecer o que aconteceu para ensaiar. A Reluz também é minha vida e preciso equilibrar todas as áreas.



Capítulo 32 – Mundo desabado

BABI

Tomei um banho quente, precisava relaxar. Tentei tirar a palavra "homens" da minha mente. Eu estava bem feliz sozinha, antes de voltar com o Leandro e conhecer o Gabriel. Acabei de concluir por mim mesma que 70% dos problemas que as mulheres têm, se devem á presença de homens.

Quero ser feliz e ainda que eu fique ou não com o loirinho, não quero que minha felicidade dependa dele. Tá aí, tomei uma decisão muito importante em minha vida: Decidi me valorizar independente do que aconteça. Minha felicidade dependerá apenas de mim e de mais ninguém!

GABRIEL

O relógio marcava mais ou menos quatro horas da tarde e após o ensaio, fui pra casa. Se eu pudesse adivinhar o futuro, eu não teria ido.

— A noite foi boa, né? — meu pai, que estava sentado no sofá, tirou olhos do jornal que estava lendo, ao me ver entrar.

Preferi não responder, não estava a fim de confusão. Me dirigi até a escada para subir para meu quarto, mas o velho veio atrás e me segurou pelo braço.

— Você é mesmo um incompetente, não serve pra nada! NADA!

Eu não queria discutir, mas não pude ouvir isso e ficar quieto. Me virei para ele, puxei o ar e respondi num tom bem calmo.

— Pai, continua me ignorando como estava fazendo. Só nos daremos bem assim. O senhor nunca irá pensar como eu e muito menos aceitará minhas escolhas, então...

— Você disse que essa semana voltaria para a faculdade e que iria trabalhar na clínica da nossa família, tá lembrado? — disse apertando meu braço com força.

— Claro que me lembro, e se eu não fiz o que disse, foi porque mudei de ideia. — afirmei puxando meu braço de sua mão.

— Mudou de ideia? — meu pai riu num tom de deboche. — Nossa clínica está falindo, e você não tá nem aí. Nem sabia disso, e muito menos faz questão de saber, não é?

— Falindo? Como assim? — fiquei surpreso.

— Como assim? Como assim? — ele aumentou o tom de voz. — Eu luto dia e noite para pagar nossas dívidas e você faz o quê? Não sabe nem o que acontece! Você acha que essa merreca que recebe para fazer esses showzinhos idiotas, serve para alguma coisa?

— Mas o senhor não me contou nada disso, então não me culpe...

— Eu não te contei? — ele me interrompeu, fechando a cara. — E você alguma vez se preocupou com os assuntos da sua família? Naquele dia em que conversamos, eu tentei, tentei consertar as coisas, mas olha o que eu tenho... — me olhou de cima a baixo e disparou com ar de revolta: — Um filho irresponsável que pensa apenas em si próprio. Se não vai fazer nada por mim, faça pelo menos pela sua mãe.

Ele me deu as costas e agora eu realmente me senti mal. A clínica estava falindo e eu nem sabia disso. Meu pai deu duro para construí-la, colocá-la pra frente... Tenho que ajudar minha família de alguma forma. Realmente não posso ignorar esse fato.

Depois de tentar refletir e não conseguir chegar á conclusão nenhuma, fui até o quarto da minha mãe, precisava conversar com ela. Bati na porta e ela pediu que eu entrasse.

— Oi mãe, sou eu.

— Eu imaginei que viria aqui.

— Escutou minha conversa com meu pai? — perguntei me sentando ao lado dela na cama.

— Pelo tom que vocês usam para se comunicarem, até deficientes auditivos os escutam. — abriu um meio sorriso.

— É verdade. — eu ri sem graça. — Por que não me contou sobre nossa clínica, mãe?

— Filho, você sempre quis viver distante, sempre quis seguir seus sonhos. Seu pai estava certo em dizer que você nunca se preocupou com o que acontece com sua família.

Me doeu, me doeu demais ouvir isso.

— Mãe, eu sinto muito! Não era pra ser assim. Eu só queria...

— Eu sei! — ela acariciou meu rosto. — Você quer seguir seus sonhos, viver sua própria vida, mas... Nunca se esqueça de seus pais.

— O que faço, mãe? — perguntei quando lágrimas começaram a brotar em meus olhos.

— Você sabe o que deve fazer. Faça o que puder, amor. Sei que você é bom em tudo o que faz.

— As mães sempre acham bom tudo o que os filhos fazem.

— Nem sempre. Sei que sou suspeita pra falar, mas acredito que você fará o que é certo.

A abracei emocionado.

Me abraçando forte, ela me fez um pedido: — Por favor, não se sinta culpado pelo que está acontecendo. Você não tem culpa de nada e quero que isso fique bem claro.

Concordei com a cabeça, enxuguei as minhas lágrimas e fui para o meu quarto a deixando descansar.

É bomba atrás de bomba! Não sei o que fazer. Que droga de vida complicada! Soquei o ar para não socar a parede, ainda preciso das minhas mãos. Está tudo ruim, péssimo! Será que pode ficar pior?

A campainha tocou e uns minutos depois, alguém bateu na porta do meu quarto. Quando abri a porta, vi que era a Karina. Por que eu fui perguntar se poderia piorar?

BABI

Depois de cochilar por algumas horinhas, (É, eu consegui!) levantei, lavei meu rosto e o enxugava, quando Pâmela entrou correndo no banheiro.

— Manaaaa!!! — gritou vindo até mim.

— O que foi, garota? — olhei pra ela assustada. — O que aconteceu?

— Ele veio te ver! — Pam disse pulando.

— O Gabriel? — sorri sem conseguir disfarçar minha alegria.

— Ah, eu sabia que ainda rolava sentimento. — riu me dando um tapa no ombro.

— E onde ele está? — perguntei largando a toalha no chão.

— Está lá fora, mas... Sinto te informar, que não é o loiro delícia que está aí e sim o sem graça do Leandro.

— Leandro? — me decepcionei, me irritando logo em seguida. — O que aquele traste veio fazer aqui?

— Veio te ver, ué. — ela revirou os olhos. — Não são namorados?

— Vou atendê-lo e você, encha um balde com água e leve-o pra mim.

— O quê? — Pâmela me olhou desentendida. — O que você está pensando em fazer, manuxa?

— Me obedece!

Pâmela fez cara de deboche e disse: — Você não me manda!

— Mas eu sou a mais velha. — rebati.

— E daí? — ela pôs as mãos nas cadeiras, se balançando de um modo irritante.

— Digamos que será bem divertido. — sorri na tentativa de convencê-la.

— É pra já!

Enquanto ela foi fazer o que eu pedi, fui atender aquele... Ai, é melhor eu nem falar, sou uma moça decente! Quando abri o portão, minha vontade era quebrar a cara daquele crápula. Segurei minha ira, só por uns míseros instantes.

— Onde você estava ontem á noite? — Leandro se aproximou, assim que eu apareci.

— Não é da sua conta!

— Para de ser criança! – ele me repreendeu. — Eu estava preocupado, você desapareceu...

— Desapareci? – ri com ironia. — Não desapareci, seu otário! Eu simplesmente fui embora porque enjoei da sua companhia.

— Pois você deveria ter me avisado. – Leandro fechou a cara. — Seus pais me ligaram desesperados e eu nem sabia o que dizer. Onde você estava? Veio embora com quem?

— Ai, quantas perguntas! – cruzei os braços fazendo cara de asco. — Como se eu te devesse alguma explicação.

— E você deve. Esqueceu que estava comigo?

— Prefiro não me lembrar, porque você é um idiota! Pensou que eu não iria te ver se agarrando com outra?

— Amor... Você viu? – ele colocou a mão na testa com fisionomia de preocupado. — Fiz isso porque você me tirou do sério. Coisas que acontecem nesses tipos de lugares, ficam por lá mesmo. São fatos sem importância.

— Sem importância... Aí você pega uma, fica com outra, e pronto! Nada aconteceu. – indignada, levantei a voz. Não pude acreditar no que ouvi.

— Isso é normal. Somos jovens, amor. Minha namorada é você, mas tanto eu quanto você, podemos nos divertir com outras pessoas também. Não vejo mal nenhum nisso. – ele prendeu meu rosto entre suas mãos.

— Mas eu vejo! Tá pensando que eu sou o quê? – revoltada, estapeei as mãos dele.

— Amor, os tempos mudaram e você também deveria mudar, ter outro pensamento. Homem nenhum fica preso a uma mulher só, portanto, não se iluda!

Eu não sabia se chorava, não sabia se batia nele... Pam chegou por trás de mim e sussurrou no meu ouvido: "O balde está aqui". Concordei com a cabeça.

— Oi Leandro! – minha irmã disse disfarçando, após deixar o balde atrás do portão.

— Oi. – ele a cumprimentou desconfiado, pois já havia falado com ela. Foi Pâmela que o atendeu.

Pam piscou pra mim num sinal de cumplicidade, e entrou para dentro de casa.

— Então Leandro, acho que você tem razão.

— Claro que tenho. – ele abriu um sorriso.

— Vamos esquecer esse mal entendido. – o abracei.

— Vamos sim, amor.

O abracei forte, levantei o meu joelho e... O acertei bem no meio das pernas.

— Aiiiiii!!!! – Leandro gritou, colocando as mãos lá. – Você ficou maluca?

— Não vai fazer o que quiser comigo, e vai ficar por isso mesmo. – falei alto.

Fui atrás do portão, peguei o balde d'água e despejei na cabeça dele. Pâmela é cruel, acho que tirou essa água da geladeira, de tão gelada que ela estava.

— Você é imatura! – Leandro tornou a gritar. – O que eu vi em você?

Se eu ainda sentisse algo por esse traste, essas palavras me machucariam, mas como eu não sinto absolutamente mais nada, isso nem fez diferença. O deixei lá se contorcendo de dor, todo molhado. Isso foi um planinho meio infantil, mas não sou uma pessoa vingativa, só quis fazê-lo pagar de alguma forma.

Não sou homem, mas sei que pancada lá na coisa, dói. Julgo pelas caras e bocas que os homens fazem quando são atingidos no lugar. Não me senti melhor com isso, mas também não me senti mais tão trouxa.

GABRIEL

— Meu amor! — Karina se pendurou no meu pescoço, logo que me viu.

— Karina. — retribuí o abraço, para não deixá-la sem graça.

— Por que não me ligou? Fiquei preocupada.

— Karina, eu não te liguei porque estava ocupado. — me afastei, a encarando de modo sério.

— Ocupado com o quê? Com a sua banda? — deduziu se aproximando.

Antes que ela ficasse imaginando coisas, cortei de uma vez todo tipo de sentimentalismo que poderia rolar de sua parte: — Com minha namorada.

— Namorada? — ela perguntou engasgada.

Não era minha intenção fazê-la sofrer, nunca foi. Ela que não aceitava que nosso lance havia acabado e ficava andando atrás de mim.

— Karina, eu te disse que havia uma pessoa na minha vida.

— Mas vocês tinham terminado. Tanto é que fui eu que fiquei ao seu lado, quando sua mãe passou mal.

— Sei disso Karina e eu já te agradei.

— Mas nós ficamos tão próximos, amor. — Karina tocou em meus ombros. — Nós sempre estamos juntos nos bons e nos maus momentos.

— É mesmo, Karina? — a ironizei, lembrando do que ela havia feito comigo.

Ela se ligou sobre o que eu estava falando e tentou se justificar: — Aquilo foi uma exceção, Gabriel, por favor, tenta esquecer.

— Esquecer é impossível, mas eu já superei e mais uma vez te agradeço pelo apoio que me deu...

— Você estava tão carente, precisava tanto de mim...

— Eu não estava carente, estava triste pelo que estava acontecendo com a minha mãe. Não confunda as coisas.

— Mas e a carta? — choramingou.

— Não tinha nada demais escrito nela, não inventa, Karina! Olha... Nós fomos muito felizes juntos, tivemos momentos lindos, mas... Lembre-se que nada terminou bem e a culpa foi sua. — eu disse um pouco magoadado. — Se fosse outro cara, eu duvido que ele ainda manteria a amizade com você, portanto se conforma porque isso é tudo o que posso te oferecer.

Com as lágrimas percorrendo seu rosto, ela declarou: — Eu errei demais e você não sabe o quanto me arrependo do que eu fiz, Gabriel. Acho que nunca poderei amar alguém, como amo você.

— Vai sim. Karina, eu acredito que tudo o que acontece é para acontecer, e se não deu certo, foi porque não era mesmo para ficarmos juntos, porque se fosse, nós nunca nos separaríamos.

— Você acha que um dia, nós poderemos...

— Baseado nos meus sentimentos de agora, eu acredito que não. Não fica presa em suposições que podem não acontecer. Tenta se desprender do passado.

Chorando muito, ela saiu do meu quarto.

Quando ela foi embora, tive total certeza de que agora meu coração pertencia mesmo à Babi. Percebi que eu a amava de verdade. No

momento em que eu retribuí o “Eu te amo” dentro do carro, não estava realmente certo disso, mas agora estou.

Nossa, como eu estou mal! As coisas deram errado com a Babi, meus pais precisam de mim mais do que nunca e a Karina... Insiste que tem que voltar comigo. A presença dela só me traz más recordações e ainda atrapalha minha vida.

BABI

Á noite, meus pais e minha irmã foram se deitar cedo, porque ficaram acordados a noite anterior inteirinha preocupados comigo. Às vinte horas, todos já estavam dormindo. Eu, mesmo com um baita sono, decidi ficar acordada por mais um tempo, já que dormir cedo não era minha praia.

Sentei para assistir televisão, e comecei a procurar um filme romântico. Estava a fim de chorar pensando no Gabriel. Nossa, como o loirinho é diferente do Leandro. Ele sim é homem de verdade! Caçava minuciosamente na TV por assinatura, o filme que derramaria minhas lágrimas e esvaziaria meu coração, quando ouvi duas vozes masculinas potentes me gritar:

— BABI!!!

Assustada, fui atender, bastante receosa.

GABRIEL

Não vou conseguir dormir desse jeito. Pelo menos uma parte da minha vida, tem que ficar bem. Com a Babi ao meu lado, sei que tudo será mais fácil, porque suas palavras sempre me acalmam, me tranquilizam. Amor, como preciso de você!

Troquei de roupa, peguei minha BMW e parti para sua casa. Precisávamos conversar. Tenho que deixar bem claro que ela é meu grande amor, minha vida, minha respiração, meu mundo, meu tudo.

Ao chegar, estacionei meu carro na calçada e me direcionei á casa dela.

— O que pensa que está fazendo aqui? – disse uma voz atrás de mim. Me virei depressa e vi o tal de Leandro.

— O que eu faço aqui? – me revoltei. — Você deveria é tomar vergonha nessa sua cara e esquecer a Babi de uma vez.

— Ela é minha namorada, e é comigo que ela vai ficar.

— Então é melhor deixar ela mesma decidir isso.

A chamei e ele a chamou junto. Droga! Já até imagino que isso não vai acabar bem...



Capítulo 33 – Um desastre que “Refuz”

BABI

Abri o portão e fiquei surpresa ao ver Gabriel e Leandro.

— Gabriel... – só consegui olhar pra ele. – Você...

— Babi, nós temos uma conversa pendente! – Leandro me interrompeu.

Quem o Leandro pensa que é? Ele acha que pode aparecer na minha casa a hora que quiser pra saturar ainda mais minha paciência? Tive vontade de entrar e pegar outro balde d’água, mas fiquei com receio de piorar as coisas, já que o Gabriel estava aqui.

— Não temos mais nada para conversar. – foi o que eu disse, queimando de raiva por dentro.

— Ouviu otário? – Gabriel olhou para ele com olhar de revolta. – Ela não quer te ver aqui.

— E você não se mete! – Leandro aumentou o tom de voz e me segurou pelo braço. – Isso é entre eu e ela.

— Me larga! – tentei me desvencilhar.

— Larga ela! – Gabriel se aproximou dele, o intimidando. – Larga ela agora!

Leandro me largou e foi pra cima do meu loirinho.

— Ou você desaparece daqui agora, ou eu...

— Você o quê? – Gabriel o desafiou sem medo.

— PAREM! – eu gritei. – Olha o escândalo que estão fazendo na frente da minha casa!

Fiquei envergonhada, porque alguns vizinhos colocaram a cara na janela, no portão, só para verem o que estava acontecendo.

— Desculpa, princesa! – Gabriel se aproximou de mim.

— Não se aproxime dela! – Leandro falou alto.

Droga! Que vergonha!

— A Babi é quem decide. – o loirinho se pronunciou. — Quer conversar com quem, amor?

Com você, amor... – pensei. Porém, quando eu iria dar minha resposta...

— ELA VAI CONVERSAR COMIGO, PORQUE O NAMORADO DELA SOU EU! – Leandro disse isso aos berros.

Por mais que eu quisesse falar com o Gabriel, preferi encerrar esse assunto, pois sabia que o Leandro não iria aceitar e continuaria fazendo escândalo. E se meus pais acordassem? A ultima coisa que eu queria, era que todos pensassem que eu tinha dois namorados. Não, isso não é legal. Dois homens brigando por mim... Ai, ai, depois a imatura sou eu!

— Vão embora os dois. – falei decidida.

— Mas Babi... – o loirinho me olhou com discórdia.

— Gabriel, por favor! – pedi olhando nos olhos, e acho que ele entendeu que o Leandro nos atrapalharia. — Às vésperas do meu aniversário e vocês aqui, fazendo esse show. Que belo presente!

— Vésperas do seu aniversário? – Gabriel franziu a testa, ele não sabia. Conversávamos sobre tantas coisas, mas nunca falamos sobre isso.

— Você é tão importante na vida da Babi, que nem sabia que o aniversário dela é depois de amanhã. – Leandro riu com deboche.

Me senti mal pelas palavras do Leandro, mas preferi não defender o Gabriel. Não sou covarde, só não queria mais escândalos. Nem preciso dizer que o gatinho ficou sem palavras. Eu queria abraçá-lo, beijá-lo até o dia amanhecer... Mas, o Leandro insiste em ferrar com minha vida.

— Estou indo. – avisei, cansada de ser a protagonista da novela que os vizinhos amam assistir “A vida dos outros”. — Tentem não se matar.

Dei-lhes as costas, fechei meu portão e entrei com o coração apertado. Gabriel estava tão perto, mas ao mesmo tempo, estava tão longe...

GABRIEL

Que ódio desse tal de Leandro! Quase fui atrás da Babi quando a vi entrar por aquele portão. Ela não queria confusões e estava certa, teremos tempo para conversar em um momento mais apropriado.

— Depois dessa, eu iria embora. — o nojento do Leandro teve que abrir a boca.

Não dei a mínima para o que ele disse, o ignorei e caminhei em direção ao meu carro.

— Todo ano, a Babi faz uma festa pra comemorar o aniversário. — ele veio atrás de mim. — Você se acha o “grande amor da vida dela” e nem sabia. — riu, continuando: — Por que você não sabia? Ela não te convidou, não é? E serei eu que estarei lá, ao lado dela.

Parado na porta do meu carro, respirei fundo para não quebrar a cara daquele desse sem caráter e rebati: — Você não vai ser tão cretino á esse ponto...

— Não está pensando em vir aqui, não é loirinha? — ele me interrompeu. — Eu fui convidado e você não.

— Ah é? — cruzei os braços. — Mas não é com você que ela quer ficar.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza.

— Mas eu tenho. — afirmei com a convicção do amor que ela sente por mim.

— Pobre iludido! Mas enfim... — ele arfou e prosseguiu com suas afrontas: — A Babi detesta confusões, e não vai dar muito certo nós dois

no mesmo lugar.

— Você não vai estragar a noite dela, senão... — falei entre os dentes.

— Tudo bem, você tem razão! — ele levantou as mãos em gesto de rendição. — Tenho uma proposta pra você.

— Eu não quero saber de proposta nenhuma! — peguei a chave do meu carro no bolso da calça, mas novamente ele veio atrás de mim.

— Tá certo, então. Você é mesmo um covarde!

— Como é? — já estava perdendo minha paciência com esse cara.

— Um covarde, é isso que você é! — ele aumentou a voz. — Fica bancando o valentão, mas não é nem metade do que diz!

Por mais que eu quisesse retribuir essas palavras com um soco bem dado na cara desse crápula, eu estava na frente da casa da Babi e não podia de forma alguma dar motivos para pensarem mal dela. Principalmente seus pais. Babi é uma menina que zela por sua boa reputação e eu não posso destruir isso, caindo nas provocações desse cara.

— Pensa o que quiser, eu não tô nem aí. — foi o que respondi.

— Vamos apostar uma corrida amanhã de madrugada, no campo abandonado da cidade. Quem vencer, fica com a Babi.

— O quê? — não acreditei no que eu ouvi. Coloquei o dedo na cara dele e repreendi essas palavras. — Eu não vou disputar a Babi com você como se ela fosse um troféu.

— Sempre soube que você era mesmo um fraco, um medroso! A Babi merece um homem como eu, um homem que tenha atitude.

— Eu não me importo com nada do que você diz. — me mantive firme diante dessas provocações.

— Pelo modo como se comporta, eu realmente achei que você era capaz de fazer tudo pela Babi.

— Cara, na boa, você está fazendo um papel ridículo. É a primeira vez que vejo um cara tão desesperado assim, a ponto de ficar tirando pergunta com o namorado de sua ex.

Ele me olhou com o olhar sobrecarregado de raiva. Quando achei que tinha o deixado sem palavras, ele resolveu partir para o golpe baixo: — Eu nunca vou me desprender da Babi e muito menos vou deixar o caminho dela livre para algum intruso, então...

— Vai viver sua vida e deixa a Babi viver a dela! — me indignei.

— Aposto comigo a liberdade dela. Se você vencer, ela estará livre.

— Isso é obsessão!

— Então, o que vai ser? — ele me encarou.

— Eu já dei minha resposta. — respondi com firmeza.

— Coitadinha da Babi, depender de um covarde para poder ser livre e feliz. Não vou te pressionar, porque eu te entendo. Depois daquele fiasco com sua banda, é normal ficar com todo esse medo. Se eu fosse um perdedor como você, saberia exatamente como se sente.

Definitivamente não! Ele passou de todos os limites! Mesmo contra minha vontade...

— Você não vai fazer o que quiser com a vida da Babi. — puxei o ar e afirmei: — Eu vou te mostrar como é que se joga.

— Então você aceita o desafio, loirinha?

— Que horas? — fechei a cara.

— Duas horas da manhã.

— Você vai se arrepender de ter inventado isso.

— Veremos.

Entrei no meu carro e dei partida. Não acredito que cedi a essas provocações, mas pela Babi eu faço tudo, ou melhor, quase tudo.



BABI

Dormi bem. Que bom! O fato de ter visto o Gabriel tão lindo ontem á noite brigando por mim, me deixou radiante. Despertei, tomei meu banho, me vesti e fui trabalhar. 49% do meu cérebro pensava no meu niver, 50% pensava no Gabriel e 1% pensava no trabalho. Normal, né?

Ainda bem que o dia correu tranquilo. As dificuldades normais de uma sala de aula, não passaram dos limites. Menos mal.

GABRIEL

Pela manhã, uma cena rara aconteceu: Eu, meu pai e minha mãe, sentamos á mesa juntos para tomarmos café.

— Onde está o Victor, Gabriel? – minha mãe perguntou. — Há dias que não o vejo por aqui.

— O Victor, ele...

Percebendo que eu não tinha o que responder, meu pai tomou a palavra: — Ele foi passar um tempo em Portugal com a tia dele.

— Sério? – minha mãe ficou surpresa. — E nem se despediu da gente?

— Ele veio aqui ontem, Elizabeth, mas você não estava em casa. – me pai respondeu.

— Você vai sentir muita falta dele, né filho?

— Claro mãe, a senhora não faz ideia. – ironizei, porém ela não entendeu, já que não sabia de nada.

Receoso com esse assunto, meu pai começou a puxar outras conversas com ela.

Para acabar um pouco com o marasmo que estava em minha vida, fui ao galpão visitar as crianças, principalmente o Gustavo. Devia essa visita á eles. Disse-lhes palavras de força e pedi que continuassem se esforçando para que se saíssem cada vez melhor. Gustavo me abraçou e pediu que eu voltasse. Confesso que fiquei balançado, mas preferi deixar as coisas como estavam.

Ele me prometeu que daria o seu melhor e disse que estava fazendo aulas de guitarra. Fiquei feliz com isso e prometi que os faria uma próxima visita.

Á noite me arrumei e fui para a casa do Mattheus. Essa noite nossa banda se apresentaria num evento importantíssimo e antes de irmos, combinamos de nos encontrar para acertarmos os últimos detalhes.

— Galera, vamos dar o nosso máximo hoje. — Mattheus falou. — Essa é a nossa primeira grande apresentação sem o Victor.

— E por falar em Victor, ele foi embora. — avisei.

— Foi embora? Pra onde? — Rafael perguntou.

— Para Portugal. — respondi indiferente. — Tomara que fique bastante tempo por lá.

— Gente, eu estou com um frio na barriga hoje, um mal pressentimento... — Rafael disse, enquanto colocava o teclado na capa.

— Porque estamos sem o Victor, mas temos que aprender a continuar a Reluz sem ele.

— Relaxa Rafael, o Gabriel tem razão. Sempre nos apresentamos bem e não será agora que tudo dará errado. — Mattheus o acalmou.

— Quando você vai viajar mesmo? – Rafael me perguntou, mudando de assunto.

— Não vou mais viajar. – respondi.

— Desistiu?

— Vocês nem imaginam o que aconteceu. – eu disse cabisbaixo, colocando minha guitarra nas costas.

— O que aconteceu? – Mattheus se preocupou.

— É uma longa história, conto pra vocês depois, pode ser? Não podemos nos atrasar. – desconversei, não queria lembrar dos meus problemas naquele momento.

— Mas está tudo bem? – Rafael me olhou, como se tentasse decifrar meus sentimentos.

— Está sim, claro! – sorri passando tranquilidade para meus amigos.

Entramos cada um em seu carro, e partimos para o tal evento. Esse evento era realizado numa praça pública e havia muitos convidados. Era o aniversário de cinco anos da reforma da praça. O local estava bastante enfeitado, decorado com flores, estrelas, luzes coloridas... Havia também muitas barraquinhas de lanche.

— Galera, essa é uma chance de ouro. – Mattheus cochichou comigo e com o Rafael, um pouco antes de nos apresentarmos. — Descobri que o dono de uma gravadora está aqui e essa é a nossa chance.

— Vamos arrasar! – Rafael se empolgou.

— Daremos o nosso melhor. – reforcei a animação.

Nos preparamos, pisamos no palco e começamos a tocar nossa música. Para o momento, ensaiamos a música **"Wherever Will You Go"** do **"The Calling"**, onde eu e o Rafael dividíamos o solo.

Então, ultimamente, tenho me perguntado:

Quem estará lá para ocupar meu lugar?

Quando eu me for, você precisará de amor

Para iluminar as sombras no seu rosto

Se uma onda enorme caísse

E caísse sobre todos nós

Então, entre os escombros

Você conseguiria sobreviver sozinha?

(Tradução)

Mal começamos e a galera que nos assistia atentos, se animou. Agitamos o pessoal.

Eu, porém, não me sentia bem. Mãe, pai, Babi, corrida... Comecei a suar frio só de lembrar e... Droga! Esqueci de cantar minha parte na música e quando caí na real, me deparei com Rafael e Mattheus me olhando com os olhos arregalados. Geral olhava pra mim, como se eu tivesse acabado de cometer um crime grave, e eu realmente cometi. Ficou aquele espaço vago na música. Rafael se recompôs do susto e me cobriu como pôde.

Ele conseguiu contornar, mas o furo já tinha acontecido. O pior, porém, aconteceu logo depois. Nessa música, nós introduzimos um solo de guitarra, que eu faço e... Consegui errar quase todas as notas, a música ficou um desastre, e o resultado: Saímos do palco vaiados, um fato inédito para nós.

Olhei para os meus amigos e não sabia o que dizer, o que fazer... Não conseguia acreditar no que havia acontecido.



Capítulo 34 – Éramos três

BABI

Após o trabalho, nem esperei minhas colegas para ir embora, tranquei minha sala, me arrumei e fui correndo para casa. Precisava resolver os últimos detalhes do meu niver.

Ao chegar em casa, tomei um banho, fritei um pão para comer com café e fui para o meu quarto.

— Mana, eu estava revendo sua lista de convidados e dei falta de dois nomes. — Pâmela disse, sentando ao meu lado na cama, enquanto eu comia.

Eu já sabia de quem ela estava falando, mas mesmo assim perguntei: — Deu falta de quem?

— Do Gabriel e do Leandro, é claro. — ela respondeu revirando os olhos.

Coloquei uma mexa de cabelo por trás da orelha e afirmei: — Pois é, mas a lista está fechada, ninguém mais entra.

— Não vai convidá-los? — Pam franziu a testa surpresa.

— Não. — respondi com naturalidade.

— E porque não? — Pâmela não mudava de assunto, então resolvi explicar a minha complicada situação.

— Primeiro, os dois não podem em hipótese alguma estar juntos no mesmo lugar.

— Ah, então você está com o coração dividido e não sabe quem escolher... Normal mana, eu também não saberia, os dois são muito gatos. — ela supôs me dando um corte.

— Não é nada disso! Não tenho dúvida nenhuma... — suspirei e confessei com cara de tonta: — Quem eu amo é o Gabriel!

— Uhum! — Pam balançou a cabeça positivamente. — Até parece que isso não é notório. — riu. — Mas se o ama, porque voltou com o Leandro?

Não mente hein! Eu sei que você e o loiro delícia ficaram no maior love dentro do carro dele, no dia em que você desapareceu.

Depois da minha mãe, quem me conhecia melhor era a Pâmela. Precisava mesmo desabafar, então foi isso que eu fiz, já que ela se mostrou disposta a me ouvir.

— Ok, eu vou abrir o jogo pra você, mas não conta pra minha mãe.

— Eu não sou fofqueira! Quantos segredos seus eu já guardei?

— É, tem razão. — respirei fundo e contei tudo pra ela: — Depois que eu e o Gabriel terminamos, eu fiquei muito mal porque ele sumiu da minha vida e nem me deu uma explicação. Eu estava vivendo uma fase muito difícil, aí o Leandro apareceu jurando amores por mim e eu vi que precisava recomeçar e esquecer o meu loirinho.

— Então foi por esse motivo que você decidiu voltar com o Leandro?

— Exatamente! Aí o Leandro cismou que queria me levar á um lugar bem divertido, e chegando lá, era uma casa de shows, eu odeio esse tipo de lugar. Daí eu me irritei, nós discutimos e ele desapareceu no meio da multidão. Eu fiquei sozinha e assustada, e comecei a procurá-lo por toda parte. Quando finalmente o encontrei... — dei um tom de suspense à conversa.

— O que houve? — Pâmela se aproximou, vidradinha na história.

— Ele estava se agarrando com uma garota. — cruzei os braços ainda chateada, por ter feito papel de trouxa.

— Não! Ele te chifrou? — Pam ficou pasma.

— Sim. Fiquei revoltada, não porque eu sinta alguma coisa por ele, mas pelo fato de eu ter bancado a idiota.

— Te entendo. — ela fez cara de compreensiva. — Mas, e depois?

— Depois, aconteceu o que eu menos esperava. O Gabriel estava lá e se ofereceu pra me trazer em casa. Daí, começou aquele temporal, o carro

dele atolou na lama e...

— E...? — ela abriu um sorriso, completamente empolgada com a história.

— Nós conversamos, nos entendemos, nos declaramos... — fiz cara de apaixonada.

— Tá bom, entendi. — riu. — E porque ele não foi convidado para sua festa?

Meu semblante mudou. A fisionomia de apaixonada, deu lugar á fisionomia entristecida.

— Porque ele... — suspirei ressentida. — O Gabriel mentiu pra mim.

— Mentiu?!?! — ela se indignou. — Mas como...?

— Pam, eu não quero falar sobre isso porque esse assunto me deixa muito triste e eu preciso ficar bem, preciso estar feliz.

— Agora eu entendo você. — ela acariciou meus cabelos.

— É, as coisas do coração, machucam demais.

— Fica assim não maninha, tudo vai se resolver.

Ela me deu um abraço bem forte e foi inevitável conter as lágrimas.

GABRIEL

Vontade de desaparecer para me esconder de tudo o que estava dando errado! Foi essa vontade que tive, quando fechei essa fase complicada que estou vivendo, com chave de ouro. Eu não sabia se chorava, se largava tudo... O fato é que, eu não podia sair correndo e deixar tudo como estava, tinha que enfrentar de frente mais esse momento difícil, que foi causado por mim e o pior, acabei refletindo meus problemas em meus brothers, já que todo vexame que a Reluz pagou hoje foi por minha culpa.

Descemos do palco estarecidos, constrangidos, envergonhados... Não havia palavra certa para definir o que sentíamos. Entramos em um camarim reservado para nossa banda, e eu mal conseguia encarar os meus amigos.

— Galera... — eu tentei desculpar assim que entramos e fechamos a porta, mas...

— O que deu em você, Gabriel? — Mattheus perguntou irritado, aumentando o tom de voz.

— Eu não sei. — respondi quase sem palavras.

— NÃO SABE? — Mattheus gritou. — Você não sabe? Graças á você passamos o maior vexame num evento importante! — ele disse essa última frase, me apontando com o dedo.

— Tira esse dedo da minha cara! — ordenei no mesmo tom de revolta, dando um tapão na mão dele.

— Gente, na boa, chega! — Rafael entrou no nosso meio. — Já aconteceu, não vale a pena brigar por causa disso, temos que levantar a cabeça e seguir em frente.

— NÃO SE METE, RAFAEL! — Mattheus continuou com o mesmo tom de voz.

— Cara, abaixa esse tom. — pedi, tentando me acalmar. — Você está alterado demais.

Mattheus riu e disse com ar de deboche: — Eu estou alterado... Concordo! Mas eu tenho um ótimo motivo pra isso. Você, Gabriel, sempre levou tudo na brincadeira, nunca levou a Reluz á sério, a verdade é essa, porque se você se importasse mesmo com a banda, não teria nos envolvido em seu desentendimento com o Victor, e agora ele estaria aqui. Com certeza ele não nos faria passar essa vergonha.

— Mattheus... — novamente Rafael tentou interferir.

— Rafael, tudo bem. Isso é entre eu e ele. — voltei meus olhos para o Mattheus, que estava irreconhecível com esse tipo de atitude. — Você percebeu a idiotice que acabou de dizer? A Reluz é minha vida, sempre coloquei essa banda em primeiro lugar, passei por cima do meu pai para estar aqui e você me diz que eu não levo a banda á sério? — agora me indignei de verdade.

— Isso, joga tudo na cara. O que mais você fez?

— Está impossível conversar com você hoje. — cocei minha cabeça, desacreditado dos fatos.

— Seu lugar não é na Reluz. — Mattheus fez gesto negativo com a cabeça.

— Como é? — franzi a testa.

— Enlouqueceu, Mattheus? — Rafael o sacudiu pelo braço.

— Então tá, tudo bem... — abaixei a cabeça entristecido. — Se eu não dou valor a banda e não levo nada á sério, acho melhor mesmo eu ir embora.

— Gabriel, fica aí! Você não vai á lugar nenhum! — Rafael pronunciou-se desesperado. — Vocês estão de cabeça quente, vamos pra casa e amanhã conversamos sobre o que houve.

— Boa sorte pra vocês, desejo muito sucesso e espero que encontrem um novo integrante á altura da banda. — peguei minha guitarra, dei-lhes as costas e fui embora.

— Gabriel... — Rafael me chamou antes que eu fechasse a porta.

— Conversaremos depois. — respondi me retirando de lá, com o coração completamente despedaçado.

O que está acontecendo? Nada mais parece dar certo na minha vida e eu não aguento mais isso! Nada de positivo acontece, me sinto o pior dos lixos.

Cheguei em casa por volta das onze horas da noite, ignorei o frio que estava fazendo e entrei embaixo do chuveiro, precisava sentir a água gelada caindo sobre meu corpo. Fechei os olhos e deixei a água cair sobre minha cabeça, talvez assim eu relaxe e consiga pensar em alguma saída para tudo o que tem acontecido.

BABI

É amanhã!

Amanhã finalmente completo vinte anos de idade. Mesmo com todos os problemas que já tive, posso dizer que apesar de tudo, sou muito feliz. Aprendi muito com minhas atitudes certas e mais ainda com as erradas, fiz amigos para toda vida e encontrei meu grande amor. Um dia, sei que vou realizar meu grande sonho de me casar.

Alguém bateu na porta do meu quarto e interrompeu a reflexão que eu fazia deitada na cama, olhando para o teto.

— Entra.

— filhinha!

— Mãe! — me sentei na cama quando ela entrou. — O que houve?

— Serei a primeira a desejar-lhe parabéns. — ela me deu um beijo na testa e sentou-se na cama ao meu lado.

— Mas ainda nem é meia-noite. — contestei sorrindo.

— Por isso mesmo. — minha mãe se ajeitou, deitou minha cabeça em seu ombro e afagando meus cabelos, disse: — Há vinte anos atrás, eu e seu pai comemoramos dois anos de casados. Só que não havia motivos para comemorar, porque nossa situação financeira não estava nada boa. Seu pai estava desempregado, não era chamado para emprego nenhum, mas o amor que sentíamos um pelo outro, nos fez resistir á esses momentos difíceis.

Sentindo sua respiração, perguntei: — Estava tudo tão ruim assim?

— Se eu disser muito, ainda é pouco.

— Nossa! – franzi o cenho.

— Por muitas das vezes, nossa refeição era farinha com água e sal.

— E vocês não pediam ajuda a ninguém?

— Eu e seu pai éramos muito orgulhosos e preferimos passar por isso, sem que ninguém ficasse sabendo.

— Vocês eram bem cabeças duras, hein. – eu ri.

— Éramos mesmo. – ela riu. — Então, um certo dia eu passei mal, muito mal. Seu pai gritou os vizinhos, um deles apareceu com um carro e me levou ao hospital.

— E o que a senhora tinha? – olhei para ela preocupada.

— Você.

— Eu?

— Descobri que estava grávida e esse fato nos trouxe muita alegria, foi nosso presente de casamento. Mas a nossa felicidade não durou por muito tempo.

— Por que não? – me surpreendi com essa afirmação.

— A gravidez era de risco, eu estava anêmica porque não tinha boa alimentação. Filha, – minha mãe me olhou nos olhos: — Eu quase te perdi. Tive sangramentos, passei por diversos tratamentos, fiz tudo por você, porque não suportaria te perder. – ela se emocionou e me fez chorar.

— Mãe... – a abracei.

— Você e sua irmã, são os tesouros da minha vida e... Tudo o que eu desejo é que encontrem a verdadeira felicidade.

— Somos felizes mãe, muito felizes.

— Mas você não é mais do jeito que era. – ela segurou meu rosto. — Sei que você cresceu, está seguindo seus caminhos, mas... Não permita que ninguém quebre o seu coração, não deixe que ninguém te faça sofrer.

Faça com que sua felicidade dependa somente de você, porque se você sofrer, minha princesa, eu sofrerei junto.

Eu já me derramava em lágrimas, quando prometi: — Eu vou ser muito feliz sim mãe, tem a minha palavra. Não vou mais permitir que ninguém me machuque e vou ser mais forte, eu te prometo, mãezinha.

— Eu te amo filhinha! Você será pra sempre a minha bebê, a minha menininha, a minha princesinha. — ela me beijou no rosto.

— E a senhora será para sempre a minha melhor amiga, a melhor pessoa da vida, meu amor maior.

Nos abraçamos emocionadas. Como eu amo minha mãe! Se não fosse pela força que ela tem, eu certamente hoje não existiria.

GABRIEL

Fiquei debaixo do chuveiro por longos minutos. Depois que comecei a me sentir melhor, ou melhor, depois que achei que já estava bem, desliguei o chuveiro, me enxuguei, me vesti e sentei na ponta da cama, para continuar refletindo.

Durante meu momento de pensamento, meu celular tocou, era o Rafael.

— Fala cara. — atendi.

— Tava dormindo não, né? — ele perguntou.

— Como se alguém com os problemas que eu tenho, conseguisse dormir.

— Ótimo, abre a porta pra mim.

— O quê? — levantei as sobrancelhas surpreso.

— Anda, tá frio aqui fora.

— Tô indo brother.

Desliguei o telefone e rapidamente abri a porta para ele.

— Tá fazendo o que aqui a essa hora? — perguntei logo que o vi.

— Vim olhar pra sua cara. — debochou. — Temos que conversar e eu não consegui esperar até amanhã.

Sentamos um de frente para o outro, no sofá da sala.

— Nem preciso adivinhar que você veio falar sobre o que aconteceu com a Reluz, com o Mattheus e etc...

— Sim, mas primeiro, quero saber o que aconteceu com você. Gabriel, você é meu melhor amigo e dá pra notar á quilômetros de distância, que você não está bem.

— E não estou... — abaixei a cabeça, deixando clara a minha tristeza.

— Obrigado por ter vindo aqui, eu preciso mesmo conversar com alguém.

— Sabe que pode contar comigo. — sorriu. — Mas agora me conta tudo o que está acontecendo.

— A clínica da minha família está falindo. — o encarei com os olhos marejados.

— O quê? — Rafael arregalou os olhos.

— Tive essa mesma reação. — suspirei e continuei: — Tenho que fazer alguma coisa, isso é um fato que não pode ser ignorado.

— Nossa brother, se eu puder ajudar com alguma coisa...

— Sua amizade, é o suficiente.

— E o que você pensa em fazer?

— Ainda não sei bem, mas acho que vou trabalhar na clínica pelo menos por um tempo e ver no que posso ajudar.

— Vai dar tudo certo, não desanima não.

— Nada está dando certo, Rafael! Parece que está tudo contra mim.
— me levantei e comecei a andar de um lado para o outro, na tentativa vã de encontrar alguma solução. — E agora, por causa dos meus problemas,

quem pagou foi a Reluz. – suspirei, demonstrando o cansaço que estava sentindo devido a tantos problemas.

— A culpa não foi sua.

— É claro que foi, não tenta amenizar isso, Rafael.

— Ok, tem razão, mas você teve motivos, não fez por mal e eu não concordei com uma só palavra que o Mattheus te disse.

— Já passou, espero que consigam seguir...

— Para com esse assunto! – Rafael se levantou e veio até mim. — A Reluz não vai seguir sem você. O Mattheus estava de cabeça quente, tudo vai se resolver.

— Ele ficou irreconhecível, e talvez tenha me dito tudo o que tinha vontade de me dizer, mas não teve coragem.

— Fica frio, o Mattheus falou sem pensar. Assim que você saiu, ele se mostrou bastante arrependido.

— Saber disso me dá mais tranquilidade para focar na corrida.

— Que corrida?

— O traste do Leandro, ex namorado da Babi, me desafiou e eu aceitei.

— Como é que é? Endoidou de vez, Gabriel? – Rafael reprovou minha atitude, levando as mãos á cabeça.

— Eu simplesmente não podia deixar aquela cara ditar as regras do meu relacionamento com a Babi, então eu vou até lá acabar com essa história de uma vez por todas. Será um problema a menos.

— Vem cá, você está se ouvindo? Apostar corrida? Isso é uma coisa irracional...

— Já está decidido, Rafael. – afirmei irredutível.

— E quando vai ser isso? – ele perguntou com fisionomia de discórdia.

— Daqui a pouco, às duas horas da manhã. — respondi transparecendo calma.

— Onde?

— No campo abandonado daqui da cidade.

— Isso é muito perigoso, o tempo está chuvoso, você não está emocionalmente bem...

— Relaxa, eu não vou morrer.

— Toma muito cuidado, é sério.

— Não se preocupe comigo. — eu ri.

— Vem cá, a Babi não sabe disso, né?

— Claro que não e nem pode saber.

— Foi o que eu imaginei. Depois me liga pra contar como foi. — Rafael disse, já caminhando até a porta, para ir embora.

— Pode deixar.

— Vou nessa brother, boa sorte.

— Valeu!

Fui para meu quarto pensar um pouco mais e me preparar para a tal corrida. Não deixei a tensão me dominar, tentei me manter calmo e me preparei para tudo.

Por volta das 1h30min, entrei no meu carro e segui para o campo abandonado da cidade.

Às duas horas da madrugada...



Capítulo 35 – Olha a linha de chegada!

GABRIEL

Cheguei ao campo abandonado da cidade com minha BMW, e não foi surpresa ver que o crápula já estava lá com seu carro, um Peugeot vermelho. Saí do meu carro e ele veio até mim.

— Então você veio... — ele se aproximou, querendo me provocar.

— Por que eu não viria? — cruzei os braços, fechando a cara.

— Bom... Me surpreendeu! — suspirou. — Pensei que fosse mais covarde.

— Vamos acabar logo com isso. — dei-lhe as costas.

— Se eu vencer... — ele começou a falar e eu voltei meu olhar para ele, contrariado. — Quero que você fique longe, bem longe da minha namorada. Não quero que se aproxime dela em hipótese alguma. — disse Leandro autoritário.

— Tudo bem, combinado! Sou um homem de palavra. — respondi com segurança, porém com certo receio do que estava prometendo.

— Espero que seja mesmo.

— E se eu vencer, quero que você desapareça da vida da Babi, você não é homem pra ela. — impus minha condição.

— E você é? — ele riu com deboche. — Ok, também sou um homem de palavra.

Trocamos um aperto de mãos em sinal de acordo.

Uma chuva fina caía. O campo estava coberto por lama. Confesso que me arrependi do que estava fazendo, afinal, a felicidade da Babi estava em jogo e ela nem fazia ideia, mas era tarde demais para voltar atrás.

Demarcamos o local de onde sairíamos. Combinamos que daríamos três voltas completas no campo inteiro e o vencedor seria o que chegasse primeiro no local de partida.

Entrei no meu carro e Leandro entrou no carro dele. Nos posicionamos para assim iniciar aquela tensa corrida.

BABI

Tive um sonho meio perturbador, que não consigo me lembrar direito e acordei às duas horas da madrugada, morrendo de vontade de falar com o loirinho, mas já estava tão tarde... Na certa ele deve estar dormindo e se eu ligar para ele á essa hora, ele vai achar que é uma má notícia.

É, porque eu sou dessas. Se alguém me ligar depois das dez, já acho que é tragédia, já imagino que alguém morreu e até penso na mensagem de luto que vou escrever nas minhas redes sociais. Não sou muito normal.

Olhei pela janela do meu quarto e vi que estava chovendo. Sei que penso no Gabriel o dia inteiro, mas agora o pensamento está mais intenso, não consigo explicar. Amanhã, talvez, eu telefone pra ele.

GABRIEL

Sentado no meu carro, respirei fundo e me dei conta de que era tudo ou nada. Tudo ou nada mesmo, porque ultimamente a Babi tem representado o "Tudo" na minha vida e agora estou mais certo do que nunca, de que eu a amo. E foi a força do amor que tenho por ela que me fez ficar focado nessa corrida.

Quando aceleramos nossos carros, veio á minha cabeça tudo o que vivi nesses últimos dias. Foi inevitável não pensar nos problemas. As gotas da chuva respingavam no meu para-brisa. Liguei o limpador, para melhorar minha visão e tentei me concentrar ao máximo. A lama atrapalhava bastante e mesmo o Leandro estando na minha frente, não podia acelerar

demaís, senão corria o risco derrapar. Lembrei que a vistoria do meu carro estava três meses atrasada e não podia me arriscar tanto.

Enquanto eu dirigia, surgiu em minha mente a última e conturbada conversa que tive com meu pai.

"Você é mesmo um incompetente, não serve pra nada! NADA! Nossa clínica está falindo, e você? Nem sabia disso, e muito menos faz questão de saber, não é?"

Estava tão perturbado com meus pensamentos, que o resultado foi: Fim da primeira volta, Leandro na frente!

Iniciamos a segunda volta, e Leandro fazia um zig zag, como se estivesse fazendo hora com a minha cara. Engoli minha raiva, e mantive a cautela.

Tentei novamente não pensar em nada, mas... Para o meu desespero, me lembrei da "Reluz".

"Você, Gabriel, sempre levou tudo na brincadeira, nunca levou a Reluz a sério, a verdade é essa, porque se você se importasse mesmo com a banda, não teria nos envolvido em seu desentendimento com o Victor e agora ele estaria aqui. Com certeza ele não nos faria passar essa vergonha!"

Devido a minha distração, Leandro terminou mais uma vez na frente, e partimos para a terceira e última volta. E se eu perder... Se eu perder, vou entregar a Babi de bandeja pra ele.

Pisquei meus olhos rapidamente, senti minha pulsação aumentar freneticamente. Lembrei de tudo o que é importante pra mim e me liguei,

a ficha caiu, eu havia dado a minha palavra de que se eu perdesse, sairia pra sempre da vida da Babi. Como eu pude vender a felicidade da garota que eu amo, desse jeito? Caso eu perca, não poderei vê-la novamente e ainda a darei de presente para um cara que não a valoriza e não a trata como ela merece.

Tenho que fazer isso por ela, tenho que vencer por nós. Jamais me esquecerei das palavras de amor que trocamos.

— Babi, pra você o que é o amor? – lembrei de nossa conversa dentro do meu carro.

— Eu sou aquela pessoa que acredita no príncipe encantado, no amor pra toda vida e no felizes para sempre.

— Também quero ser feliz para sempre e viver um amor para toda vida, se você me permitir ser seu príncipe encantado.

— Eu te amo, Gabriel.

— Eu te amo, Babi.

Babi é especial demais pra mim e eu não posso, não aceito perdê-la assim. Leandro estava quase chegando ao destino final e com certeza já cantava vitória. Partindo para o tudo ou nada, pisei fundo, acelerei minha BMW na velocidade máxima e...

VENCI!!!!!!!!!!!!!!!

Ainda nem acredito que consegui virar o jogo no finalzinho. Saí do carro para falar com meu rival e ele fez o mesmo.

— Eu venci! – bati no peito. — Agora exijo que fique bem longe da Babi.

— Pode ficar com ela. — Leandro deu os ombros. — Ela é toda sua. Sou homem e quero uma mulher, não uma garotinha cheia de frescuras como ela.

Eu finjo que acredito. Por que ele decidiu apostar corrida então? Discurso de perdedor!

— Meça suas palavras antes de falar dela. — a defendi.

— E quem é você pra me dar ordens? — fechou a cara. — Curta sua vitória e comemore enquanto pode.

— Não me ameace!

— Não estou ameaçando, só estou dando um aviso. — ele jogou a chave de seu carro pro alto e abriu um sorriso de deboche ao dizer: — Passar bem!

Confesso que fiquei com um pé atrás por causa desse comentário. Esse cara não é nada confiável e sei que pode aprontar alguma.

Voltei para dentro do meu carro e antes de dar a partida, meu celular tocou.

— Fala, Rafael. — eu disse assim que o atendi.

— Só liguei pra saber se está vivo, que bom que está.

Eu ri.

— Estou aqui, não precisa se desesperar.

Ele riu.

— Mas e aí brother, como foi? Conseguiu?

— Claro! Tinha dúvidas disso?— abri um sorriso de orelha a orelha.

— Esse é meu amigo! — Rafael vibrou.

— É, esse sou eu. Escuta, a conversa está muito boa, mas preciso desligar.

— Ok brother, vou me enrolar no meu edredom porque tá um frio... — rimos.

— Até mais tarde. — me despedi.

— Até.

Encerrei a ligação, dei partida e fui para casa.

Manhã do dia seguinte, na garagem de ensaios da banda Reluz...



RAFAEL (CENA EXTRA)

— Conversei com o Gabriel e ele está com sérios problemas. — cocei a testa preocupado.

— Sério? — Mattheus fez uma careta. — O que ele tem?

— Problemas com a família. Olha, vou deixar ele mesmo te contar.

Você vai ir falar com ele, não vai?

Mattheus ficou pensativo, em silêncio.

— Mattheus? — o chamei para o mundo real. — Você precisa resolver as coisas, somos amigos desde sempre e com certeza o Gabriel vai te escutar. Antes da banda e independente de qualquer problema, está a nossa amizade.

— Eu sei, mas... Vou pensar. — disse indeciso.

— Pensar em quê? É do Gabriel que estamos falando, engole o ego!

— me aproximei dele, que estava posicionado em frente à bateria.

— Mattheus, você sempre foi o cara que coloca tudo no lugar. Você nos dá força, nos dá conselhos, é como um irmão mais velho, mas você não é perfeito e também erra. Agora o que você deve fazer é reconhecer seu erro.

— Eu peguei pesado demais. — ele abaixou a cabeça se lamentando.

— Então repare o seu erro, Mattheus. A Reluz só é Reluz com o Gabriel aqui.

Acho que minhas palavras o comoveram. Sei que ele vai consertar isso, por mais que resista e teime um pouco. Então, nosso dia foi assim: Sem o Gabriel, sem ensaio da Reluz.



BABI

Seis horas da manhã, eu já estava de pé. Finalmente chegou o dia do meu aniversário! Salão, ok! Manicure, ok! Cabeleireiro, ok! Só falta o Gabriel...

— Manaааааааа!!!!!! — minha irmã invadiu meu quarto gritando. — Feliz niver!!!! — ela me agarrou, com um abraço de urso.

— Obrigada maninha. — sorri feliz, a apertando da mesma forma.

— Hoje é seu dia, 20 aninhos! — Pam me olhou nos olhos e pediu: — Tenta não ficar triste, tá?

— Eu não estou triste, estou bem.

— Não, não está. É o Gabriel, não é?

— Ai mana, eu queria convidá-lo para minha festa, mas... — me joguei na cama.

— Mas...? — ela sentou-se ao meu lado.

— O meu aniversário é hoje e como eu vou convidá-lo no dia, de última hora? É claro que ele não vai querer vir. — lágrimas rolaram por meu

rosto.

— Está certa, ele não vai querer, e com razão. Você teve tanto tempo para convidar aquele gato supremo e... Nada! Então maninha, se divirta no seu niver e pensa no loiro delícia depois.

Me segurei para não chorar. Queria passar os meus 20 anos ao lado do meu amor, mas nem tudo é como a gente quer. Infelizmente!



Capítulo 36 - Homem que é homem, não faz isso!

GABRIEL

Mesmo não tendo sido convidado para o aniversário da Babi, resolvi ir. Como eu não sabia onde seria a festa, tive uma ideia: Telefonei para a casa dela e fiquei na torcida para que sua irmã atendesse.

— Alô! — Babi atendeu, impossível não reconhecer sua voz.

Droga! Se eu responder, ela saberá que sou eu. Pensei rápido e consegui contornar a situação: Apertei meu nariz com o dedo, para ficar com a voz fanha.

— Oi, posso falar com a Pâmela? — pedi.

— Com minha irmã? – com certeza ela arregalou os olhos e não entendeu nada.

— Sim, sou um amigo dela.

— Tá bom, um minuto.

"Pamelaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!!" – escutei ela gritando. Babi não é nada escandalosa, né?

"O que é?" – a irmã dela perguntou também gritando.

"Telefone pra vocêeeee".

"Quem é?"

"Sei lá, é um cara com uma voz muito estranha."

Se minha voz fosse assim mesmo, eu ficaria magoado rs. Onde já se viu atender o telefone e gritar assim com ele na mão? Será que ela não sabe que do outro lado da linha é possível escutar tudo? É, aos poucos estou conhecendo a Babi.

— Oi, quem tá falando? – Pâmela me atendeu.

Parei de pressionar o nariz e respondi: — Sou eu, Gabriel.

— Gab...

— Não fala meu nome alto. – pedi com medo da Babi ouvir.

— Ah... Já saquei! – ela riu. — Pode contar comigo para fazer o que eu sei que você quer fazer.

— Beleza! – vibrei.

Conversei com ela sobre o meu "grande plano" e contando com sua ajuda, comecei a agir.

BABI

Minha festa não seria lá grandes coisas, mas também não seria assim tão simples, afinal, eu estou completando vinte anos.

Às treze horas, fui para o salão de beleza fazer unhas e cabelos. Coloquei acrígel e a manicure fez uns desenhos artísticos lindos em minhas unhas, que tinha o fundo prateado. Hidratei meus cabelos e retirei as mechas loiras. Fiquei linda! Aproveitando que estava lá, fiz também minha maquiagem.

Por volta das 18 horas, eu fiquei pronta e meu pai foi me buscar de carro. De volta à minha casa, me vesti e dei em mim mesma os últimos retoques.

Às 19:30h, cheguei ao salão, à minha festa... Tudo estava deslumbrante! Escolhi o tema "**Bollywoody**" e fui vestida à caráter, assim como a maioria dos meus convidados. Vesti uma fantasia de odalisca verde musgo e me adornei com acessórios indianos. Quando coloquei meus pés no salão, fui aplaudida por todos. Me senti famosa, até.

O salão estava in-crí-vel!!! Todo decorado com véus coloridos que iam de uma parede à outra. Contratei uma banda e eles tocavam ao vivo minhas músicas favoritas.

Estava um sonho! Decidi me divertir e esquecer meu loirinho por enquanto. Espero que eu consiga. Passada essa parte da minha chegada, alguns convidados se aproximaram para me dar os parabéns.

— Parabéns, garota talentosa! — o líder do coral me abraçou.

— Obrigada! — sorri, retribuindo o abraço.

— E o Gabriel, onde está?

Meu coração apertou e respirando fundo respondi: — Ele não vem.

— Me desculpa pela pergunta. — ele riu sem graça.

— Tudo bem.

Me afastei dele e fui cumprimentar meus outros convidados. Para o meu azar, dei de cara com o quarteto Tamara, Juliana, Ellen e Kelly.

— Parabéns, Babi. — Kelly disse sorrindo.

— Obrigada! — forcei um sorriso.

— E o Gabriel, tá aonde? — Ellen perguntou.

— Ele não vem? — quis saber Tamara.

Abaixei a cabeça e respondi entre os dentes: — Não.

— Por que não? Terminaram por acaso? — Juliana indagou.

É sério que estou tendo essa conversa com elas? Prefiri não responder.

— Pelo seu silêncio... Quer dizer que aquele gato está livre? — Tamara comemorou.

Revirei meus olhos e saí de lá. Era demais pra minha cabeça escutar um comentário desses.

— Mana, mana! — minha irmã me gritou, vindo até mim.

— Fala. — me virei para ela, que estava acompanhada por um carinha lindo. Moreno, alto, sarado...

— Quero que conheça o Thales.

— Oi Thales! — sorri e o cumprimentei com um aperto de mãos.

— Parabéns, Babi! — ele disse.

— Obrigada! Então foi você que telefonou pra minha irmã hoje?

— Eu...? — Thales franziu a testa.

— Foi ele sim. — Pam o interrompeu.

— Estava resfriado? — eu perguntei, me lembrando da voz estranha que ele estava ao telefone e que agora estava normal.

— Ele estava, mas já passou. — Pâmela respondeu por ele, que a olhou desentendido. E eu, não entendi nada.

Ainda conversava com eles, quando as luzes do salão se apagaram. Alguns convidados gritaram e isso me deixou assustada.

— O que está acontecendo? — entrei em desespero. — Não acredito que acabou a luz. — choraminguei. — E a minha festa?

— Calma maninha. — Pâmela tentou me acalmar.

— Calma??? Pamela, se a luz não voltar, a minha festa...

Antes que eu pudesse terminar de falar, as luzes do palco onde estava a banda se acenderam e todos, inclusive eu, voltamos os olhares para lá.

— Quero chamar aqui na frente a aniversariante. — convidou um dos músicos.

Um pouco retraída, caminhei até lá e subi no palco.

No fundo, eu sabia que aconteceria alguma coisa. Surpresas sempre me deixam nervosa. Quando eu já estava lá em cima, uma voz... Uma voz começou a cantar uma música. A voz era conhecida, será que é ele?

Uma lágrima não, várias lágrimas escorreram dos meus olhos, quando Gabriel saiu de trás de uma cortina e apareceu bem na minha frente cantando essa música:

Em meu coração

Muito além do que uma simples explosão de amor

Bate forte o coração, não posso te perder

Numa lágrima eu vou lembrar você

Em meu coração

Muito além do que uma simples explosão de amor

Bate forte o coração, não posso te perder

Me perdoa se eu não soube entender você, amor.

(CANÇÃO DE AMOR – BANDA PRIMEIRA ESSÊNCIA)

Enquanto ele cantava, eu chorava. Tê-lo em minha frente fazendo uma declaração dessas, era mais importante que tudo. Não me importei nem um pouco em passar o resto da minha festa com a maquiagem borrada, só pelo fato de ter o Gabriel aqui comigo.

Quando entrou no refrão, ele segurou em minhas mãos e cantou me olhando nos olhos. Acho que essa é a cena mais linda que já vivi na vida. Agora o amo mais, muito mais.

No fim da música, muitos aplausos. Eu o abracei tão forte, que se eu pudesse, não o soltava nunca mais.

— Babi...

— Gabriel... – trocamos olhares.

— Eu amo você! – falamos juntos e sorrimos emocionados.

O loirinho me deu a mão e pediu: — Vamos conversar em um lugar mais calmo?

— Claro! – concordei na hora.

Quando descemos do palco, as luzes se acenderam e os aplausos continuaram.

— Mandou bem Gabriel! – alguém gritou.

— Babiiiiii lindaaaaaaa!!! Casal mais que perfeito! – Minha irmã gritou.

Como o salão estava cheio e havia muito barulho, fomos conversar do lado de fora.

— Gabriel, olha o que você fez comigo. – eu disse respirando rápido, ainda nervosa. — Sente só os meus batimentos. – coloquei a mão dele na direção do meu coração.

— Nossa! – ele riu. — É bom saber que faço o seu coração acelerar tanto assim, porque só você é capaz de me fazer sentir um misto de sentimentos ao mesmo tempo.

— Sentimentos bons, né?

— Claro princesa. – ele colocou meu cabelo por trás da minha orelha.

— Você me faz sentir felicidade, amor... Me faz o homem mais feliz do mundo.

— Amor... – balbuciei emocionada.

— O que foi? Não chora mais, Babi. – ele passou com carinho, a mão por minhas lágrimas.

— É que... Você me fez essa surpresa toda e eu não merecia. Nem te convidei para o meu aniversário – justifiquei o motivo do choro, me sentindo mal por ter sido tão rude com ele.

— Esquece isso.

— E eu nem te defendi naquele dia em que o Leandro ficou te provocando...

— Babi, não pensa mais nisso, tá certo? O importante é que estamos juntos de novo.

— Quero muito que você fique na minha vida, Gabriel.

O loirinho me abraçou por longos segundos, depois me olhou nos olhos, acariciou meu rosto e me beijou. Com os braços em volta do seu pescoço, retribui. É inexplicável a sensação que sinto quando estou com ele.

— Bravo! – alguém disse isso aplaudindo, interrompendo de forma brusca o nosso beijo.

Olhamos para o lado e vimos Leandro se aproximar de nós.

— Você disse que eu não era homem pra Babi, mas e você...? Você aceitou usá-la como prêmio da nossa corrida.

— CALA ESSA BOCA! – Gabriel ordenou com uma fúria que me assustou.

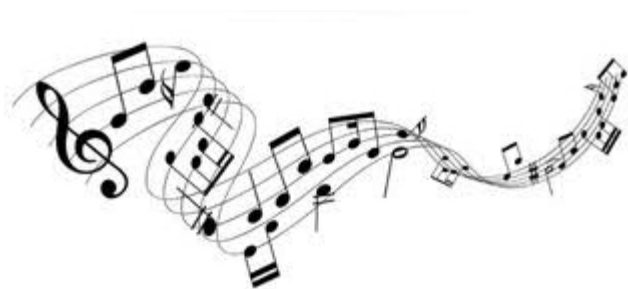
— Vamos Gabriel, seja homem e fala. Conta pra Babi onde você estava na madrugada de hoje.

— Gabriel, o que está acontecendo? Do que o Leandro está falando?
— perguntei com medo de ouvir uma resposta que acabasse com todo esse momento que estava perfeito há minutos atrás.

— Babi, não é nada de importante. – Gabriel desfez nosso abraço e segurou na minha mão. — Vamos entrar.

— Eu posso esclarecer tudo. – Leandro disse com um sorriso malicioso nos lábios.

— Então me explica. – pedi olhando para o Leandro.



Capítulo 37 - Irmãs, irmãs, namorados á parte

GABRIEL

Em poucas horas, organizei minha homenagem para á Babi, e aproveitei a ocasião para me reconciliar com ela. Durante a fase de organização, acabei ouvindo um sermão da Pâmela, minha futura cunhada.

— Olha Gabriel, se estou te ajudando com isso, é pela minha irmã que eu sei que te ama e quer muito ficar com você.

— Você acha que ela vai gostar? — perguntei apreensivo, enquanto saíamos do salão, depois de passarmos uma parte da tarde planejando tudo em mínimos detalhes.

— Claro que vai! A minha irmã é uma manteiga derretida, e com certeza ela vai amar, quanto a isso não se preocupe. — disse Pâmela toda espevitada.

— Espero que ela possa me perdoar...

— Ela vai te perdoar. Fica tranquilo loirinho delícia.

— Me chamou de quê? — eu ri.

— Esquece. — ela riu meio sem graça.

— Tá certo. — preferi deixar pra lá. — Então vou nessa, obrigado pela ajuda.

— É como eu te disse, Gabriel, faço isso pela minha irmã que fica toda jururu quando briga com você. — ela zoou a Babi fazendo cara de triste, para logo depois me assustar com um olhar fatal: — Só mais uma coisa: Eu fiz isso por ela, então Gabriel, faça tudo direito e não pisa mais na bola com minha irmã, porque caso contrário, eu mesma vou fazer de tudo para que ela nem pense em te ver na vida de novo. Já está avisado, agora sim, até mais tarde.

Pâmela me deu as costas e me deixou sem direito de resposta. Ela é uma fera! É claro que não vou mais magoar a Babi, prometi a mim mesmo nunca mais dar motivos para que ela sofra.

Escolhi uma música que expressasse o que eu sinto, e assim esperava resolver as coisas e voltar a ficar ao lado dela. Tudo estava acontecendo melhor do que eu imaginei. Babi se emocionou, me perdoou, me beijou...

— Bravo! — essa voz era inconfundível. Sentia raiva só de escutá-la. Olhei para o lado só para ter certeza.

— Você disse que eu não sou homem pra Babi, mas e você? Você aceitou usá-la como prêmio da nossa corrida.

Meu sangue ferveu! Nós combinamos que o perdedor sairia da vida da Babi de vez, mas não foi isso o que ele fez e estava claro o que ele estava querendo fazer. Se ele não iria ficar com a Babi, também não permitiria que eu ficasse. Eu sou um idiota e deveria saber que ele não é de confiança.

— CALA ESSA BOCA! — ordenei furioso. Se esse cara não sumir daqui, não sei o que poderá acontecer.

— Vamos Gabriel, seja homem e fala. Conta pra Babi onde você estava na madrugada de hoje.

— Gabriel, o que está acontecendo? — Babi me olhou com um olhar aflito. — Do que o Leandro está falando? — perguntou respirando com dificuldade.

— Babi, não é nada de importante. — segurei em sua mão e com medo do que esse cara sem escrúpulos poderia dizer, pedi: — Vamos entrar.

— Eu posso esclarecer tudo. — aquele mau caráter abriu um sorriso malicioso.

— Então me explica. — Babi pediu, olhando para ele.

Não acreditei no que ouvi. Ela queria escutá-lo!

— Amor, esquece esse imbecil. Ele é mentiroso, só te fez sofrer...

— Se é mentira, porque você está tão nervoso? — Babi me olhou confusa com essa situação.

— Isso mesmo Gabriel, se você não tem nada a esconder, deveria estar tranquilo. — Leandro debochou rindo.

— Fala logo Leandro! Acaba logo com isso. — Babi pediu numa mistura de irritação com nervosismo.

— Esse loiro sem graça que você chama de "Meu amor"... — ele apontou pra mim com desprezo. — Te usou como um troféu. Ele te apostou comigo numa corrida.

— Babi... — eu tentei me pronunciar em vão, enquanto Leandro ainda destilava seu veneno e eu nada pude fazer para impedi-lo.

— Quem vencesse, ficaria com você e o outro sairia da jogada. — tornou a rir com deboche, para dar o golpe final: — Tá vendo, ele te ama tanto que apostou sua felicidade sem ao menos se importar com os seus sentimentos. — ele me olhou com um olhar de ódio e disse finalizando: — E ele ainda tentou me subornar para que eu não te contasse a verdade.

— IDIOTA! — gritei perdendo o controle, para logo depois tentar acalmar a Babi, que já estava em lágrimas. — Babi, minha princesa, eu tenho uma explicação pra isso.

— Não encoste em mim, Gabriel! — ela disse num tom rude, se afastando uns passos.

— Boa sorte pra vocês. — Leandro nos deu as costas e foi embora com um sorriso de orelha a orelha.

— Amor, me escuta, por favor. — tentei me aproximar de novo. — Esse cara só quer nos separar, ele não aceita o fato de ter te perdido.

— É mesmo é? — Babi cruzou os braços fechando a cara, enquanto as lágrimas ainda escorriam. — Então tá, vou deixar você me explicar. Se o Leandro quer nos separar, provavelmente ele inventou essa história toda. — ela se aproximou me olhando nos olhos. — Se é assim, não houve corrida nenhuma, não é, amor?

Respirei fundo, não sabia o que dizer, mas por fim, preferi dizer a verdade, até porque mais cedo ou mais tarde, ela apareceria.

— Amor... — pausei uns minutos para criar coragem e confessei: — A corrida aconteceu, mas...

— Mas o que, Gabriel? O prêmio era eu???

Fiquei em silêncio, não pude responder.

— Me responde! — pediu com os olhos molhados.

— Sim. — abaixei a cabeça, sem coragem para encará-la.

— Gabriel, você não vale nada! — ela me deu um tapão na cara. Um tapa bem dado e merecido, que fez meu rosto arder. — Como pôde fazer isso comigo sabendo que eu te amo? E se o Leandro vencesse? Você simplesmente iria sumir e me deixar assim? Você não se importa mesmo com meus sentimentos!

— Babi, eu fiz as coisas no impulso, sem pensar. — olhei para Babi, me sentindo péssimo por estar lhe causando mais sofrimento e logo numa noite tão importante para ela.

— Você é um...

— Acho melhor eu ir. — a interrompi. — Depois conversamos. — eu disse sem graça.

— Não vai haver depois. Agora acabou, Gabriel! Acabou pra sempre! — avisou chorando muito. — Não me procura mais. Desde o dia que te conheci, minha vida está de cabeça pra baixo.

— Mas eu te amo... — segurei seu rosto.

— Se me ama tanto quanto diz, desaparece de uma vez e me deixa tentar ser feliz... Com outra pessoa.

— Amor... — não dava pra aceitar o que ela dizia.

— Por favor, Gabriel. Você só me traz tristeza.

— Então é isso que eu sou pra você, Babi? — passei a mão no meu rosto desacreditado. — Eu só te trago tristeza?

Soluçando, ela respondeu: — É sim. E agora eu acabei de concluir que jamais poderei ser feliz ao lado de uma pessoa tão complicada como você.

Meu coração se repartiu em milhões de pedaços e mesmo eu estando errado, não concordei com nada do que ela me disse.

— E os nossos momentos felizes, ficam aonde? — perguntei contendo meu choro de decepção.

— Vou fingir que nunca existiram.

— Vai fingir? — levantei as sobrancelhas surpreso.

— Vou. — confirmou secamente.

— Tá certo. — balancei a cabeça num gesto positivo. — Então eu não sirvo mesmo pra você, já que nem ao menos pude te fazer feliz de verdade, porque se tudo o que você diz que sente fosse verdadeiro, você jamais esqueceria.

— Eu disse que vou fingir, não disse que esqueci. — debateu indignada.

— Tudo bem, mas dá no mesmo. — dei-lhe os ombros.

— Gabriel, não se faça de vítima tá legal? Só me faz um último favor.

— Qual? — perguntei já sabendo a resposta.

— Me esquece, porque eu vou te esquecer.

Babi tirou seu celular do peito.

— Estou excluindo seu telefone dos meus contatos e vou te excluir de todas as minhas redes sociais. Não quero mais ver um cara que me trata como um objeto.

— Eu cometi um péssimo erro. — lamentei, querendo bater em mim mesmo por ter cedido às provocações daquele cara.

— Vai embora! — Babi ordenou, sem hesitar.

— Tem certeza disso? – tentei me reaproximar. — Se eu for, eu não volto.

— Não quero mesmo que volte. – ela virou o rosto.

Com os olhos marejados, acabei concordando. Entrei no meu carro e fui embora. Pelo retrovisor, pude vê-la chorar.

Por não saber controlar os meus impulsos, acabei indo longe demais. Se eu estraguei mesmo a vida da Babi, o melhor a se fazer era ficar fora dela. Não quero ser um peso, uma pessoa que só trás tristeza, como ela mesma disse. Prefiro me afastar agora, porque pode ser que depois eu não possa esquecê-la. Se ela quer assim, assim será. Dirigi o meu carro até minha casa.

BABI

Me senti sem chão! O que era pra ser um dia feliz, acabou se transformando em um dia triste, horrível. Quando pensei que iria cair porque minhas pernas ficaram bambas, uma mão amiga me segurou.

— Está tudo bem?

— Thales... – olhei para ele.

— Desculpa, mas eu escutei mais ou menos o que aconteceu entre você e seu namorado, e você não pode voltar pra sua festa nesse estado.

— Eu não quero voltar. – eu disse com nós sufocando minha garganta.

— Mas tem que voltar. Seus convidados estão todos aqui e não podem te ver assim. Vamos. – ele pegou na minha mão. — Eu te dou cobertura. Você vai no banheiro lavar o rosto e se alguém te perguntar alguma coisa, diz que ainda está emocionada e também está triste porque seu namorado teve que ir embora. Ninguém precisa saber de nada.

— Obrigada por me ajudar, acabamos de nos conhecer...

— Podemos ser grandes amigos.

— Quem sabe.

Thales entrou comigo no salão de mãos dadas e me acompanhou até o banheiro feminino. Já entrei no banheiro lavando o rosto e as meninas que estavam lá, perguntaram se eu ainda estava emocionada. Eu apenas confirmei.

Saindo do banheiro, dei de cara com minha irmã.

— Aí está você. — com as mãos na cintura, ela batia o pé.

— O que foi? — perguntei sem entender a cara de brava com que ela me olhava.

— Vem aqui! — Pam me arrastou para um canto vazio do salão.

— O que foi, Pâmela? O que aconteceu?

— Você tinha o Leandro, tem o Gabriel e agora também quer o Thales?

— O quê?

— Eu vi vocês entrando juntos. — ela fez cara de zangada e me deu um tapa no braço.

— Claro que não! Tá viajando, garota?

— Só porque é a mais bonita e a queridinha de todos, não quer dizer que pode ficar com quem quiser. Escuta bem, Babi, você não vai me roubar o Thales, como me roubou o Leandro.



Capítulo 38 - Sua amizade é o que importa

BABI

— Como assim? – fiquei estática com o que ouvi. — Eu te roubei o Leandro? – perguntei sem entender nada.

— Agora não é o momento, em casa conversamos.

Pâmela deu as costas e me deixou lá sozinha, perplexa. Que pesadelo! Esse aniversário não está nem perto de ser como eu imaginei.

— Babi! – Thales me chamou, se aproximando.

— Thales, não sei se importa, mas eu quero ficar sozinha, até porque acabamos de nos conhecer e eu... Não estou muito á vontade com você.

Ele arregalou os olhos surpreso com o que eu disse, mas acabou por concordar: — Claro, tudo bem, tem razão. – ele abaixou a cabeça por

alguns segundos, mas logo depois me olhou e perguntou: — Você viu a Pam?

— Ela estava aqui agora mesmo, deve estar por aí com os amigos.

— Valeu, vou procurá-la. — Thales se misturou no meio do pessoal e se afastou de mim.

É claro que eu não queria falar assim, mas pelo que eu vi, minha irmã gosta dele e ficou super chateada só de pensar no fato de que eu e ele poderemos vir a ter alguma relação. Mas essa de que eu roubei o Leandro dela, é nova. Em casa teremos muitas coisas para conversar.

GABRIEL

Cheguei em casa arrasado! Minha noite foi horrível, péssima! Só de pensar que tudo estava bem e eu e a Babi estávamos tão felizes... Minha vontade era socar a cara daquele Leandro, até o nariz dele entrar. Guardei meu carro na garagem, peguei a chave de casa em meu bolso, e ao entrar...

— Filho, você tem visita. — minha mãe disse, assim que pisei o pé na sala.

Olhei para o sofá e pensei: "Hoje a noite será longa!".

BABI

Era minha festa de aniversário e todos estavam se divertindo, menos eu. Meus convidados dançavam, sorriam, curtiam e eu aqui, parada com lágrimas nos olhos e com o coração partido.

— Filha! — era a voz da minha mãe. — O que você tem, meu amor?

— Nada. — abri um sorriso, passando depressa as mãos pelas lágrimas.

— Como se eu não te conhecesse. — ela segurou no meu queixo e me encarou.

— É que... Fiquei emocionada com a surpresa que o Gabriel fez pra mim, mas agora acabei ficando triste porque ele teve que ir embora.

Menti. Detesto mentir pra minha mãe, mas o que eu iria dizer? Mãe, estou triste porque o Gabriel me apostou com o Leandro como se eu fosse um objeto. Não! Isso não é coisa para se dizer. Dói só de lembrar. Do Leandro, eu posso esperar tudo, mas não do Gabriel.

— Tem certeza que está triste por isso mesmo, minha flor? — ela perguntou desconfiada. Como dizem, a mãe entende os filhos mais do que ninguém.

— Claro mãezinha, por qual outro motivo eu estaria triste numa noite tão linda? Mas pra falar a verdade, já passou. — abri um sorriso ainda maior. — Tenho aqui comigo minha família, meus amigos... Não tenho motivos pra ficar triste, não é mesmo?

— Claro que não tem. — minha mãe me abraçou. — Afinal, o Gabriel teve que ir embora hoje, mas amanhã com certeza vocês estarão juntos.

Não estaremos... Meu coração doeu!

— Estaremos sim mãe, é claro. — respondi disfarçando a angústia.

— Te amo filha.

— Te amo mais, mãe.

Me senti muitíssimo mal por mentir, mas não tinha outro jeito, infelizmente. Só espero que algum dia tudo volte ao seu lugar, assim como os pedaços do meu coração.

GABRIEL

Eu e o Mattheus nunca nos desentendemos á ponto de ficarmos sem jeito para falar um com o outro. Sem o clima amigável, que foi perdido devido ao que aconteceu, o cumprimentei apático: — E aí, Mattheus.

— Gabriel. — ele cumprimentou com a cabeça.

— Está tudo bem meninos? — dividindo os olhares entre nós, minha mãe perguntou ao perceber esse clima meio estranho.

— Está sim mãe. — respondi segurando na mão dela. — Eu levo a senhora até seu quarto. — me virei para o Mattheus e disse: — Já volto.

Mattheus permaneceu sentado no sofá, enquanto eu subi as escadas, segurando dona Elizabeth.

Entrando no quarto, a ajudei a se deitar na cama.

— Obrigada Bielzinho.

— Mãe... — eu ri. — A senhora e esses apelidos que eu não gosto.

— Filho, você pode ter cinquenta anos, mas pra sempre será meu filhinho. — ela acariciou meu rosto.

— É, eu sei. — dei um beijo na testa dela e já me levantava pra sair, quando ela me chamou:

— Gabriel, senta aqui um pouquinho.

— Quer alguma coisa, mãe? — sentei ao lado dela na cama.

— Estou te achando triste. O que houve meu príncipe?

Como vocês viram, não adianta muito eu reclamar desses apelidos que minha mãe coloca em mim. O jeito é aceitar.

— Não aconteceu nada, eu estou bem. Só estou um pouco cansado.

— Você e o Mattheus brigaram?

— Posso dizer que foi um desentendimento entre amigos, logo se resolve.

— Hum... — pelo modo como disse esse "hum", ela não acreditou muito no que eu falei. — E sua namorada?

— Eu e a Babi não somos mais namorados. — respondi sem rodeios.

— E a Karina? Não pensa em voltar com aquela mulher, né?

— Não, Mãe. A senhora tá com sono? — desconversei.

— Não. — não era essa resposta que eu queria ouvir.

— Mas tenta dormir um pouquinho, vou lá ver o que o Mattheus quer comigo. Conversamos depois, pode ser? — pedi para fugir dessa conversa mole.

— É verdade, você tem visita. Coitado do rapaz, está esperando a maior tempão.

Me levantei para sair e mais uma vez ela me chamou: — Gabriel, essa conversa não terminou.

— Eu sei que não.

Abri a porta e saí depressa, antes que dona Elizabeth me chamasse de novo.

Suspirei forte, antes de seguir pelo corredor e descer as escadas, para conversar com o Mattheus. Só de pensar que éramos tão amigos...

— O que foi, Mattheus? — perguntei me aproximando.

— Temos que conversar. — ele se levantou e veio até mim.

— Pode falar. — fiz cara de poucos amigos.

— Eu cometi um erro. — ele abaixou a cabeça encabulado. — Eu peguei pesado, disse coisas que não devia...

— Você deveria aprender a medir suas palavras. — cruzei os braços ainda magoado com tudo o que ele havia me dito. — Tem coisas, Mattheus, que não se resolvem só com um simples pedido de desculpas.

— Eu sei disso, Gabriel. Mas sei também que todos tem o direito de errar, reparar seus erros e serem perdoados.

— Depende do erro. — rebati irredutível.

— Olha, eu sei que você está um pouco magoado...

— Um pouco? — interrompi levantando as sobrancelhas.

— Eu reconheço que errei, mas tenta me entender. Eu estava de cabeça quente e acabei não medindo minhas palavras.

— Reconhecer os erros é um bom começo.

— Então Gabriel, talvez não tenhamos mais a amizade que tínhamos antes e eu lamento muito por isso porque você é muito importante na minha vida, mas volta pra Reluz.

Não fiquei surpreso com esse pedido, sabia que ele estava ali pra me pedir exatamente isso.

— Voltar? — eu ri com ironia. — Não sei se é uma boa ideia, já que eu não levo a banda á sério. — repeti o que ele havia me dito.

— Eu já disse que estava de cabeça quente. Agora tenta esquecer o que eu disse e volta pra banda, por favor. Não tem como colocar outro músico no seu lugar. Faz isso pela nossa banda, a banda que criamos juntos.

Olhei para ele pensativo. É lógico que eu queria voltar, mas ao mesmo tempo fiquei receoso pelo que havia acontecido. Mattheus conseguiu me magoar demais com suas palavras.

BABI

Permaneci no meu canto, isolada de todos. Torcia para que a noite mais esperada por mim, acabasse logo.

— Babi. — Tamara parou na minha frente, interrompendo os meus pensamentos. — Por que está aqui sozinha?

"Porque eu quero, oras!" Tive vontade de responder isso, mas preferir zelar por minha bela educação.

— Não estou me sentindo muito bem. — respondi entre os dentes.

Fala sério! Tamara nunca falava comigo, só a convidei para a festa porque ela também faz parte do coral, e se eu não a convidasse, pegaria

mal.

— Ah é? — ela disse com sarcasmo. — E por causa de que não está se sentindo bem?

"Por causa da sua presença!" Ai, que vontade de ser indelicada com essa garota inconveniente!

— Porque não.

— Hum... Deixa eu pensar... — ela bateu com o dedo indicador na bochecha. — Brigou com o Gabriel de novo? — riu com deboche. — Porque só quando briga com ele, que você fica com essa cara.

— Tamara, namoral, minha vida não interessa á você. Vai caçar seu rumo, garota! — me irritei.

— Calma florzinha! — ela voltou a rir com aquela cara irritante. — Você sabia que brigas desgastam qualquer relacionamento? Se não sabia, fique sabendo. Um dia, o Gabriel vai acabar enjoando de você e advinha quem vai estar aqui esperando por ele... — ela apontou para si própria e disse com segurança erguendo a cabeça: — Eu! Então abre os olhos queridinha, ele não vai ficar rastejando atrás de você pra sempre. Feliz aniversário, gracinha! — desejou me dando as costas.

Oi? Eu ouvi isso mesmo? Não tô acreditando...

GABRIEL

— E aí, a Reluz pode voltar a contar com você? — Mattheus quis saber, me olhando com olhar fixo.

Respirei fundo, soltei forte o ar, cocei a cabeça e respondi meio na dúvida, mas também com uma alegria que não deixei transparecer, afinal, a Reluz faz parte da minha vida.

— Pode sim.

— Obrigado! — ele sorriu ainda super sem graça.

Eu e Mattheus parecíamos dois desconhecidos conversando. Nunca imaginei uma situação assim entre nós, porque eu, ele e o Rafael sempre fomos muito amigos e nos conhecemos há anos.

— Não precisa me agradecer como se eu estivesse fazendo um favor.

Eu não sou desse jeito, mas precisava fazer o Mattheus sentir seu erro, porque assim, acredito que isso não irá mais se repetir e ele certamente aprenderá a medir suas palavras.

— Agradeço mesmo assim. – sorrindo, ele tentou puxar assunto. — Mas e aí, está tudo bem com você?

— Está. Na medida do possível. – respondi não querendo render conversa, pelo menos não hoje.

Com certeza o Rafael contou pra ele sobre os meus problemas. Não me importo com o fato d’ele ter contado, muito pelo contrário, só não estava mesmo a fim de conversar e também queria dar um gelo no Mattheus.

— Que bom. Então eu já vou.

— Boa noite. – desejei de forma séria.

— E... Gabriel... – ele se virou pra mim e disse antes de abrir a porta e sair: — Os ensaios continuam acontecendo nos mesmos dias e horários de antes.

— Valeu. – agradei subindo as escadas e indo pro meu quarto.

BABI

Quando eu pensei que já tinha visto tudo, ouvi uma conversa entre minha irmã e o Thales, já no final da minha tão sonhada e sofrida festa. Não que eu seja fofoqueira, só ouvi porque estava próxima.

— Obrigada por ter vindo! – Pâmela o agradeceu com um largo sorriso.

— Que isso Pam, eu é que te agradeço pelo convite.

— Sabe Thales, eu me diverti muito essa noite com você. — ela acariciou o braço dele.

— Eu também. — ele respondeu sem o mesmo entusiasmo que ela.

Minha irmã não perde oportunidades. Sem pensar muito, ela se aproximou dele, ficou na ponta dos pés, se apoiou em seu ombro e roubou-lhe um beijo.

Deu pra notar que o Thales ficou surpreso e infelizmente não retribuiu da mesma forma.

— Depois conversamos. — ele disse desconcertado e foi embora, a deixando lá sozinha e desolada.

Só espero que minha querida mana não pense que ele se comportou assim com ela por causa de mim. Chega! Problemas eu já tenho demais da conta e eu acabei de fazer apenas vinte anos...

Acordei às 14 horas na tarde de domingo, também pudera né, só saí do salão às três da manhã. Me levantei com uma dor de cabeça que corroia meu cérebro. Olhei para os meus pés e vi que estavam inchados, fiquei muito tempo em pé e a sandália que usei apertou todos os meus dedinhos.

Fui até meu guarda-roupa, peguei uma roupa confortável e fui tomar um banho. No meio desse trajeto, esbarrei com minha irmã no corredor.

— Pâmela...

— Depois eu falo com você. — ela disse de modo frio, me ignorando completamente e entrando para seu quarto.

Pelo jeito como se comportou, ela estava muito chateada comigo e por esse motivo, fui atrás dela. Nem bati na porta, abri e entrei.

— Babi, eu disse depois! — ela se irritou.

— Mas eu quero falar com você agora!

Ela revirou os olhos, bufou, mas por fim aceitou: — Ai, tá bom! Mas que não seja nada longo.

— Mana, eu só quero que me responda uma coisa.

— Já até sei o que vai me perguntar. — ela cruzou os braços e me olhou com cara séria.

— Por que você disse que eu tomei o Leandro de você?

— Porque foi isso que aconteceu, Babi. Você lembra de como foi que o conheceu?

— Você nos apresentou.

— Exatamente! Eu e o Lê éramos amigos e eu sonhava com ele todas as noites, mas quando ele te conheceu...

— Eu não sabia que você gostava dele, você nunca nem comentou nada comigo. Pra mim vocês eram apenas amigos.

— Amigos como você e o Gabriel.

Me senti mal por ser responsável pelo sofrimento da minha irmã.

— Mana, me desculpa...

— Tudo bem Babi, já passou e eu não quero mais o Leandro há tempos. — Pam deu os ombros. — Sei que ele não é a pessoa boa que eu pensei que fosse.

— E não é mesmo. — abaixei a cabeça desolada. — Constatei isso da pior maneira. Mana... — segurei nas mãos dela. — Eu não quero te roubar o Thales, não pense isso de mim. Ele só veio conversar comigo porque...

— Por que...?

— Ele escutou uma discussão minha com o Gabriel.

— Eu não acredito! — ela arregalou os olhos de queixo caído. — De novo? Por que brigaram depois daquela homenagem linda que ele fez pra você?

— Eu tive motivos muito fortes, pra terminar com ele de vez. — choraminguei triste, só de lembrar do que aconteceu.

— De vez? Não vão voltar nunca mais?

— Pam, ele me apostou com o Leandro, como se eu fosse um objeto.

— Apostou com o Leandro??? — ela se surpreendia com cada coisa que eu dizia.

— Foi numa corrida maluca que eles inventaram. Quem vencesse, ficaria com a otária aqui.

— Deixa esse loiro aguado comigo! — ela disse revoltada.

— O quê?

— Eu avisei pra ele, deixei bem claro que se ele voltasse a te fazer sofrer, iria se ver comigo. — ela bateu no peito.

— Pam, deixa pra lá, esquece. Eu já até apaguei o número do telefone dele da minha agenda.

— Apagou mesmo?

— Na verdade, eu só apaguei porque sei o número de cabeça.

— Eu sabia. — ela riu. — Mas... Mana, vocês brigam demais e isso pode acabar afastando vocês.

— Acredita que a Tamara disse a mesma coisa? — coloquei as mãos na cintura, respirando com o coração apertado.

— Bom maninha, sinto lhe dizer, mas aquela tonta tem razão. E aí, vai fazer o quê?

— Eu não sei, Pam.

— Mas eu sei! Eu vou lá, dou uma surra bem dada naquele loiro delícia, depois você fica com ele e fim.

Eu comecei a rir.

— Ah Pâmela, fala sério!

— Ok, agora falando sério, cuidado para não perdê-lo pra sempre. O Gabriel é lindo, é músico, é engraçado, carinhoso... Ele é um cara bem legal e pretendentes não irão faltar. A vantagem é que é você quem ele quer. Ele te ama de verdade, mana. Tem certeza mesmo que não quer perdôá-lo?

As palavras da Pam, assim como as palavras da Tamara, me fizeram pensar de forma diferente, apesar do meu loirinho ter vacilado feio comigo. Mas o fato é que eu não quero perdê-lo, não posso perdê-lo. Nem o imagino ao lado de outra pessoa.

GABRIEL

— Filho! – minha mãe bateu na porta do meu quarto.

— Pode entrar. – me espreguicei na cama.

— Você tem visita. Entra, minha filha.

O quê? Só pode ser miragem! Babi entrou no meu quarto sorrindo pra mim.

— Oi amor. – ela me deu um beijo no rosto e se sentou ao meu lado.

— Babi, o quê...

— Você fica ainda mais lindo com essa carinha de sono. – ela acariciou meu rosto.

Eu a abracei e disse: — Como eu amo você!

— Eu também te amo e não quero que fique longe de mim.

Nos olhamos como nunca nos olhamos antes. Senti que esse momento iria ser eterno. Beije a ponta do nariz dela, o queixo, a boca...

Droga! O meu bendito celular começou a tocar e...

Eu estava deitado na cama, babando em cima do meu travesseiro. Olhei para os lados e... Nada da Babi! Aos poucos caí na real e me dei conta de que tudo não passou de um sonho. Desolado, peguei meu celular que estava no criado-mudo tocando sem parar e o atendi.

— Alô... – ainda despertava, enquanto escutava alguém falando do outro lado da linha, uma notícia que me fez perder o chão.

— O quê??? Como assim? A Karina sofreu um acidente?

**ESSA HISTÓRIA CONTINUA NO LIVRO “4
CORAÇÕES E ALGUMAS DECEPÇÕES”, LIVRO
2 DA SÉRIE CORAÇÕES APAIXONADOS.**



MENSAGEM FINAL

Viver um grande amor. Quem não sonha com isso?

Todas as pessoas necessitam de amar e serem amadas, mas, para que isso aconteça de forma pura e intensa, deve-se abrir o coração e expressar todos os sentimentos sem medo nenhum.

Você já sonhou em ter alguém que se preocupe, cuide e te ame como se você fosse todo o motivo de sua felicidade?

Alguém que sorria e chore com você, divida seus segredos, seus problemas, sua vida...

Alguém com quem você possa compartilhar exatamente tudo sem ter receio, pois sabe que será compreendido.

Alguém que te abrace, te beije, te ame, te ouça sempre, todos os dias.

Alguém que te ligue, que sinta saudades mesmo que tenha acabado de te encontrar.

Alguém que permaneça ao seu lado, não importa o que aconteça.

No mundo de hoje, muitos dizem que é difícil encontrar um amor assim. É difícil sim, porque tudo o que é precioso, não é achado em qualquer lugar, é cultivado no coração e encontrado na hora certa.

Não entregue o seu coração a quem não te dá valor, preserve seus tesouros e Deus no tempo certo enviará a pessoa que te fará feliz por toda sua vida.

Momentos difíceis sempre aparecem, mas um casal unido e com a vida estruturada vence qualquer obstáculo que surgir ao longo do caminho.

A pessoa especial pra você existe sim, e você irá encontrá-la, e se já a encontrou, a faça feliz e a valorize.

Esperar às vezes pode ser entediante, mas você verá que no final, sua espera será recompensada:

VAI VALER A PENA!

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

BARBARA STEFANE:



Engraçado, dramático, assustador, romântico.

BÁRBARA STEFANE

BARBARA STEFANE

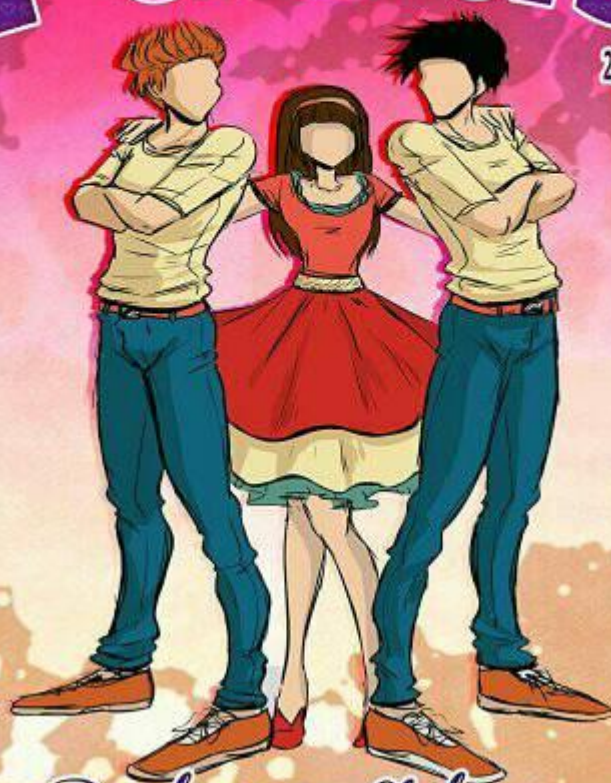
vida de estrela 1

os encantos da estrela esquecida

2ª Edição

meu conto *Não* é de
Fadas

2ª edição



Barbara Stefane

IRMÃS POR INCONVENIÊNCIA



BARBARA STEFANE



PLAYLIST

- Depois da guerra – Banda Oficina G3
- Um anjo veio me falar – Rouge
- Nunca deixe de sonhar – KLB
- Eu sei – Papas da Língua
- Because you loved me – Céline Dion
- Right here waiting for you – Richard Marx
- Wherever you will go – The Calling

CONTATOS:

- FACEBOOK: ESCRITORA BARBARA STEFANE
- GRUPO NO FACE: LIVROS DA BARBARA STEFANE
- EMAIL: b.stefane.oliveira@gmail.com
- WATTPAD: BARBARA STEFANE
- INSTAGRAM: [barbarastefaneescritora](#)

CURIOSIDADE:

Essa obra é uma versão completamente modificada do meu primeiro livro lançado, “Amor entre amigos”, que alcançou 150 mil visualizações no site “Wattpad” e foi publicado pelo “Clube de Autores” em 2014.

